





EDITOR  
Publisher  
INSTITUTO CULTURAL  
do Governo da Região Administrativa  
Especial de Macau

CONSELHO DE DIRECÇÃO  
Editorial Board  
Ung Vai Meng, Chan Peng Fai,  
Wong Man Fai, Luís Ferreira  
rci@icm.gov.mo

EDITOR EXECUTIVO  
Executive Editor  
Sofia Salgado  
SofiaSalgado@icm.gov.mo

COORDENADOR  
Co-ordinator  
Luís Ferreira  
LuisF@icm.gov.mo

DIRECTOR GRÁFICO  
Graphic Director  
Vong Vai Meng  
vvmeng@icm.gov.m

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
Graphic Design  
Grace Lei Iek Long

SEPARAÇÃO DE CORES  
Color Separation  
Tipografia Macau Hung Heng Ltda.  
hhengpcl@macau.ctm.net

IMPRESSÃO  
Printing  
Tipografia Macau Hung Heng Ltda.  
hhengpcl@macau.ctm.net

TIRAGEM  
Print Run  
800

REDACÇÃO E SECRETARIADO  
Publisher's Office  
INSTITUTO CULTURAL  
do Governo da R.A.E. de Macau  
DEIP - Divisão de Estudos, Investigação e Publicações  
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural, Macau  
Tél: (853) 83996381  
Fax: (853) 28523660  
Email: rci@icm.gov.mo  
Internet: <http://www.icm.gov.mo>

**RC** é uma revista de Cultura e, domínio do Espírito, é Livre. Avassalada ao encontro universal das culturas, servente da identidade cultural de Macau, agente de mais íntima relação entre o Oriente e o Ocidente, particularmente entre a China e Portugal. RC propõe-se publicar todos os textos interessantes aos objectivos confessados, pelo puro critério da qualidade. Assim, as opiniões e as doutrinas, expressas ou professas nos textos assinados, ou implícitas nas imagens de autoria, são da responsabilidade dos seus autores, e nem na parte, nem no todo, podem confundir-se com a orientação da RC. A Direcção da revista reserva-se o direito de não publicar, nem devolver, textos não solicitados.

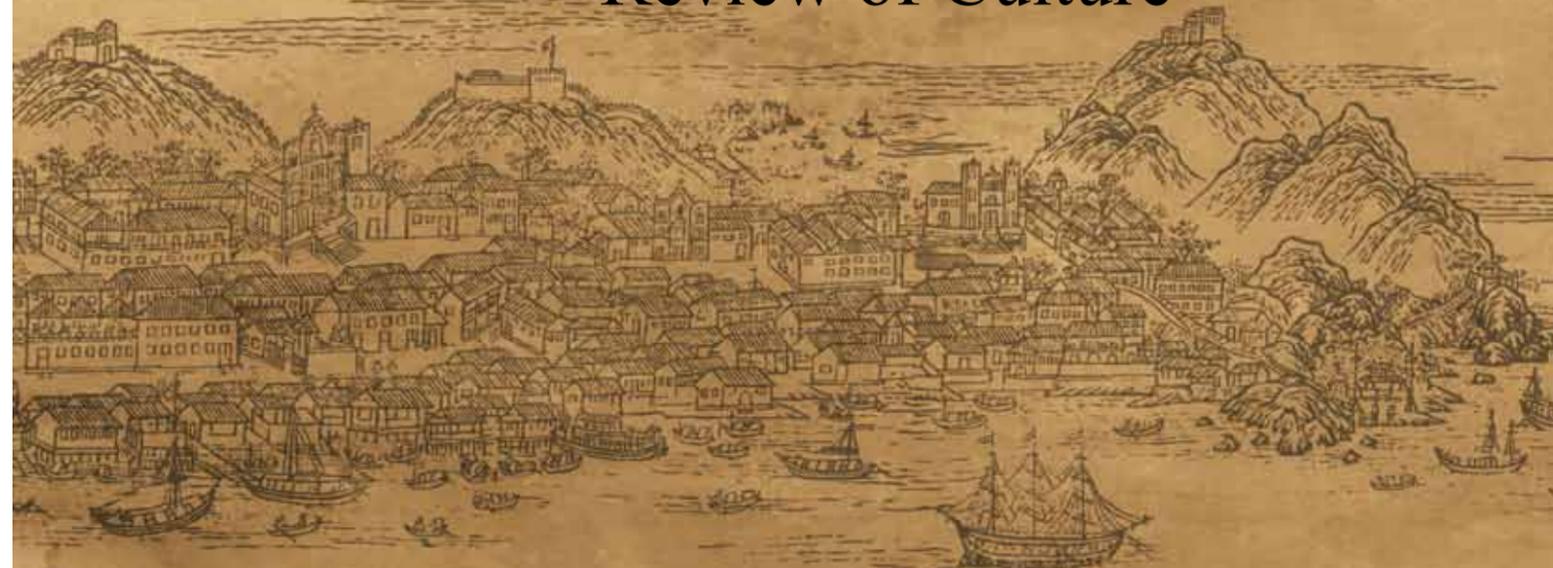
**RC** é uma revista trimestral, simultaneamente publicada nas versões Chinesa e Internacional (em Português e Inglês). Buscando o diálogo e o encontro francos de Culturas, RC tem na limpidez a vocação e na transparência o seu processo.

**RC** is a cultural magazine published quarterly in two versions — Chinese and International (Portuguese/English)—whose purpose is to reflect the unique identity of Macao. The magazine also seeks to promote freedom of expression and through the articles published we hope to stimulate ideas and discussion of topics related to Western/Eastern cultural interchange, especially between China and Portugal.

**RC** publishes articles covering an extensive range of topics expressing a diversity of views. However, RC is not responsible for ideas and opinions voiced in these articles and thus they cannot be taken as editorial opinion. In addition, we reserve the right to withhold any unsolicited text from publication and the right not to return any unsolicited text.

# Assine a Revista de Cultura

Subscribe to **Review of Culture**



## Preços / Rates

### Exemplar Avulso / Single Copy

Macau  
MOP 80,00

Ásia / Asia  
via aérea / air mail  
US\$ 23,00

via marítima / surface mail  
US\$ 14,00

Outros países / Other countries  
via aérea / air mail  
US\$ 29,00

via marítima / surface mail  
US\$ 16,00

### Assinatura / Subscription

(4 números / issues)

Macau  
MOP 160,00

Ásia / Asia  
via aérea / air mail  
US\$ 72,00

via marítima / surface mail  
US\$ 36,00

Outros países / Other countries  
via aérea / air mail  
US\$ 96,00

via marítima / surface mail  
US\$ 44,00

A globalização do conhecimento começou em Macau no século XVI quando os *saberes* do Oriente e do Ocidente se cruzaram nesta terra singular do Sul da China.

No século XXI, o intercâmbio cultural entre os *dois mundos* continua a ser a vocação de Macau.

A *Revista de Cultura* é o veículo dessa vocação.

Knowledge entered into an age of globalisation in Macao in the 16<sup>th</sup> century when the *wisdoms* of East and West met in this unique part of South China.

In the 21<sup>st</sup> century, Macao remains dedicated to cultural interchange between *both worlds* in a vocation maintained by *Review of Culture*.

Para fazer a assinatura ou para a compra de números atrasados, s.f.f. preencha e envie o formulário destacável que encontrará nas últimas páginas desta edição.

To subscribe or to purchase back issues, please fill in and mail the form available at the end of this issue.

## CONTACTOS

### Contacts

Email: [rci@icm.gov.mo](mailto:rci@icm.gov.mo)  
Tel: 853-83996381  
Fax: 853-28523660



**COLABORARAM NESTE NÚMERO**  
Contributors to this Issue  
RC, n.º 50, IIIª Série, 2.º Trimestre 2015  
RC, no. 50, III<sup>rd</sup> Series, 2<sup>nd</sup> Quarter 2015

**TEXTO**

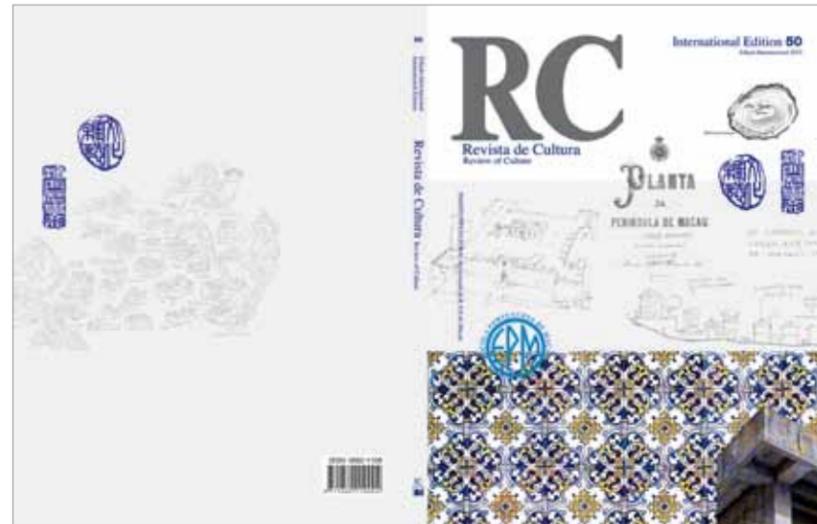
**Texts**

- Diogo Teixeira
- Filomena Vicente
- Francisco Vizeu Pinheiro
- Jorge Figueira
- Maria José de Freitas
- Matthew Williams
- Non Arkaraprasertkul
- Rui Leão
- Tiago Saldanha Quadros
- Vitor Teixeira

**REVISÃO**

**Proofreading**

- Chao Siu Fu (Chinês),
- Luís Ferreira (Português),
- Jennifer Ann Day (Inglês)



Design Vong Vai Meng

**A NOSSA CAPA**

No ano em que se comemora o 10.º aniversário da inscrição do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial da UNESCO, *Revista de Cultura* regressa à temática do património cultural e arquitectónico da cidade, sua preservação e desafios.

Um número com uma abordagem ecléctica, onde Francisco Vizeu Pinheiro analisa o ADN cultural da cidade, Filomena Vicente enquadra Macau na arqueologia urbana e enuncia propostas de manutenção do património histórico e Jorge Figueira divaga pelo legado de Manuel Vicente, analisando-o no contexto de uma cidade em constante mutação.

Os arquitectos Maria José de Freitas e Rui Leão, dissecam dois edifícios de relevo histórico na cidade, o "Leal Senado de Macau" e a "Escola Portuguesa de Macau", respectivamente, suas tipologias arquitectónicas, influências europeias, passado, presente e futuro.

Mas esta edição especial vai mais além, com académicos locais e estrangeiros a tecerem considerações sobre preservação e planeamento baseados em exemplos de Hong Kong, Taipé e Xangai, nos artigos assinados por Diogo Teixeira, Non Arkaraprasertkul e Matthew Williams.

A finalizar, Tiago Saldanha Quadros apresenta um ensaio que reúne excertos de 9 entrevistas, reflexões sobre os desafios da vida urbana em Macau, e Vitor Teixeira, um estudo sobre o Património Industrial de Macau, através das extintas fábricas de panchões.

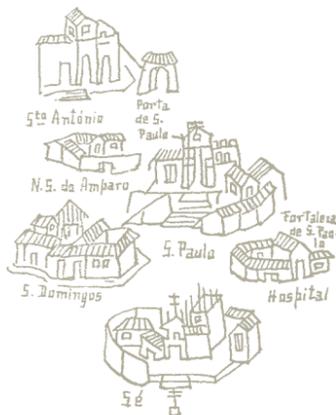
**OUR COVER**

TIn the year that marks the 10<sup>th</sup> anniversary of the inscription of the Historic Centre of Macao on the UNESCO World Heritage List, *Review of Culture* returns to the theme of cultural and architectural heritage of the city, its preservation and challenges.

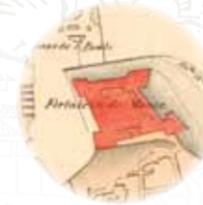
This issue of *Review of Culture* offers an eclectic approach beginning with Francisco Vizeu Pinheiro's analysis of the cultural DNA of Macao and Filomena Vicente's contextualisation of Macao within urban archaeology and suggestions for the maintenance of heritage sites. In addition, Jorge Figueira journeys through the legacy of Manuel Vicente, analysing this architect's work within the context of an ever-changing city, while architects Maria José de Freitas and Rui Leão each propose a dissection of prominent historical buildings, the "Leal Senado of Macao" and the "Portuguese School of Macao", their architectural typologies, European influences, past, present and future.

This special edition goes even further by including articles by foreign as well as local academics Diogo Teixeira, Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams, who offer insight on preservation and planning drawing from the examples of Hong Kong, Taipei and Shanghai.

The issue closes with an essay by Tiago Saldanha Quadros that brings together 9 interview excerpts, reflections on the challenges of urban life in Macao, and an essay by Vitor Teixeira on Macao's industrial heritage through an analysis of the now-closed fireworks factories.



SUMÁRIO  
Index



**6 PATRIMÓNIO CULTURAL \* CULTURAL HERITAGE**  
MACAO HERITAGE: A SURVEY OF THE CITY'S TRADITIONS AND CULTURAL DNA  
澳门文化遗产：城市传统与文化基因的探讨  
Francisco Vizeu Pinheiro

**28 A ARQUEOLOGIA URBANA: UMA ABORDAGEM PARA MACAU**  
城市考古学之澳门个案  
Filomena Vicente

**45 O PODER DO FRACO NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: ACUPUNCTURA E OUTRAS TERAPIAS PARA MACAU**  
城镇建设的脆弱及其针对澳门的“疗法”  
Diogo Teixeira

**72 ARQUITECTURA EM DIVAGAÇÃO: MANUEL VICENTE EM MACAU**  
马努埃尔·维森特在澳门：独特的建筑风格  
Jorge Figueira

**84 DESIGN ACTIVISM IN THE CONTEXT OF MACAO: ADDING LAYERS TO ARCHITECTURAL INTENT**  
澳门背景下设计的能动性：为建筑意图加添层次  
Rui Leão

**92 MACAO: 9 INTERVIEWS AND THE eXISTENz CONTEXT OF UNCERTAINTY**  
澳门：九个访谈道出前景未明的现状  
Tiago Saldanha Quadros

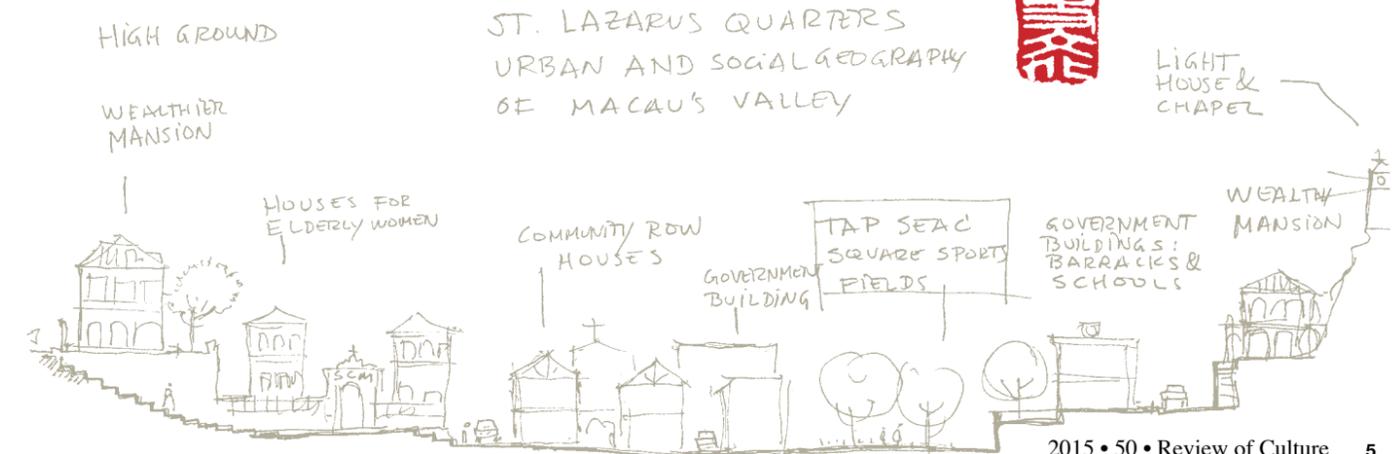
**104 DAS CASAS DE CÂMARA E CADEIA AO LEAL SENADO DE MACAU: UM PERCURSO DE RECIPROCIDADES**  
澳门市政厅大楼与监房的关联性研究  
Maria José de Freitas

**124 O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DE MACAU (ATÉ 1999). ESTUDO DAS FÁBRICAS DE PANCHÕES**  
澳门1999年之前的工业遗产：炮竹业研究  
Vitor Teixeira

**136 THE DEATH AND LIFE OF SHANGHAI'S ALLEYWAY HOUSES: RE-THINKING COMMUNITY AND HISTORIC PRESERVATION**  
上海里弄的生与死：社区及历史保育的重新思考  
Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams

**151 RESUMOS**

**154 ABSTRACTS**





## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

early Qing reign, the descendents of Ming loyalists in Macao played an important role in the liberation war against the Dutch occupation of Taiwan. Late 19<sup>th</sup>-century Protestant protagonists in Macao were the factor of influence in Hong Xiuquan's leadership dream, which drove the founder of the Taiping Revolution.

Buildings alone are useless if man did not operate them in a relationship like that of hardware and software. The first western university established in Macao provided the environment for men like Matteo Ricci and other great scholars who cooperated in the development of Science and Arts in China. Macao's universal contribution, 'World Heritage', can only be understood through Chinese-Portuguese comparative history, in order to understand how the city developed, how building typologies and architectural traditions were created, and how we are continually replicating the traditions in our cultural DNA in order to protect them against the threats of globalisation and the fast urban development of machine-like cities.

## THE LONG HISTORICAL JOURNEY TO ASIA

Portuguese oceanic expansion started in 1415 with the conquest of Ceuta, in North Africa, a step further in the long struggle to liberate or re-conquer, 'Reconquest', (Reconquista was the term used) the Mediterranean world from the Arab Muslim invaders, in a race with Castile, the most powerful neighbour, that would unify Spain in 1492 with the fall of Granada, the last Muslim kingdom on the Iberian peninsula. The designed maritime peace treaty at Tordesillas, with a map dividing the world of discoveries between Portugal and Spain, prompted the Portuguese to 'discover' and reach as fast as possible lands and trade opportunities to the East before the coming of their Iberian competitors.

Iberian medieval society was deeply influenced by the German tribes that invaded the Roman Empire in the 5<sup>th</sup> century. Among the barbarian groups, the Western Goths, known as 'Visigoths', subjugated all the Iberian Peninsula, in 507AD making Toledo the capital of the Iberian Peninsula. The Visigoth social organisation and rule is the cornerstone to understanding Portuguese and Spanish medieval society (from 5<sup>th</sup> to 15<sup>th</sup> centuries). The Goths were a military aristocracy speaking a different language and following a different belief (Arianism) from the Latin Hispano-Roman catholic population. Visigoths shaped society but have practically no contribution to

architecture, with only a few stone churches surviving of byzantine influence, apparent in the horseshoe arch and walls of rammed earth formed by clay soil, lime and pebbles known as 'taipa', erected on stone foundations a tradition that is visible in the earlier constructions in Macao. The educated and academic link between the barbarian Visigoth rules and the local population was the Church. The Visigoth military tradition and centuries of struggling with Muslim invaders led to the formation of military orders that shaped the Portuguese expansion.

The Arab influence is apparent in rural areas with new agricultural irrigation methods; the increase of orchards that favoured some economic and social independence from the military overlords, thus giving power and representation to common people. In the Muslim cities, the street is mainly a private lane for the neighbours' living quarters, creating many dead end streets. The main road in a Muslim city links with the main public spaces formed by the city gates and the bazaar market areas.

With the liberation of the peninsula from the Muslim domination, the Iberian feudal system crystallised not only in the social structure—nobility, clergy, and commoners—but also in the architecture and urban forms resulting from different layers of contributions accumulated through the centuries. All these above elements are apparent in the formation of Macao, which was largely modelled from the Portuguese paradigm city: Lisbon, capital of Portugal, linked by a maritime network of cities, spreading from Africa to India and Asia, with a far-reaching influence in Nagasaki in Japan. We can say that Macao and the Portuguese vision of a permanent contact and friendship with China started in Malacca in 1511 when the Portuguese admiral, Alfonso de Albuquerque, conquered that city with the support of Chinese traders and a community isolated from mainland China after the Ming Dynasty decree to self-withdraw from the sea. The Portuguese explorers followed the paths of the great Chinese admiral Zheng He, but in the opposite direction, from West to East, coinciding in many settlements' port cities in Africa, India and Asia. Catholic Christianity was the cement that 'converted' and adopted all the cultural layers mentioned above and, most relevant, allowed people of different social, ethnic and cultural backgrounds to live together in peace for centuries. This was apparent in the construction of many facilities such as universities,

seminaries, hospitals, schools and markets, open to all and giving Macao the brand of 'Christian City' (Cidade do Santo Nome de Deus de Macao). The same catholic 'cement' from Macao was pioneered in promoting the inculturation approach; to adapt the culture, language and arts of local people, thus initiating a very different approach from the 'apartheid' of peoples and culture practiced in other western settlements. The mixing of races through marriage was strongly opposed by the Dutch and British, but widely practiced by the Portuguese since the 16<sup>th</sup> century.

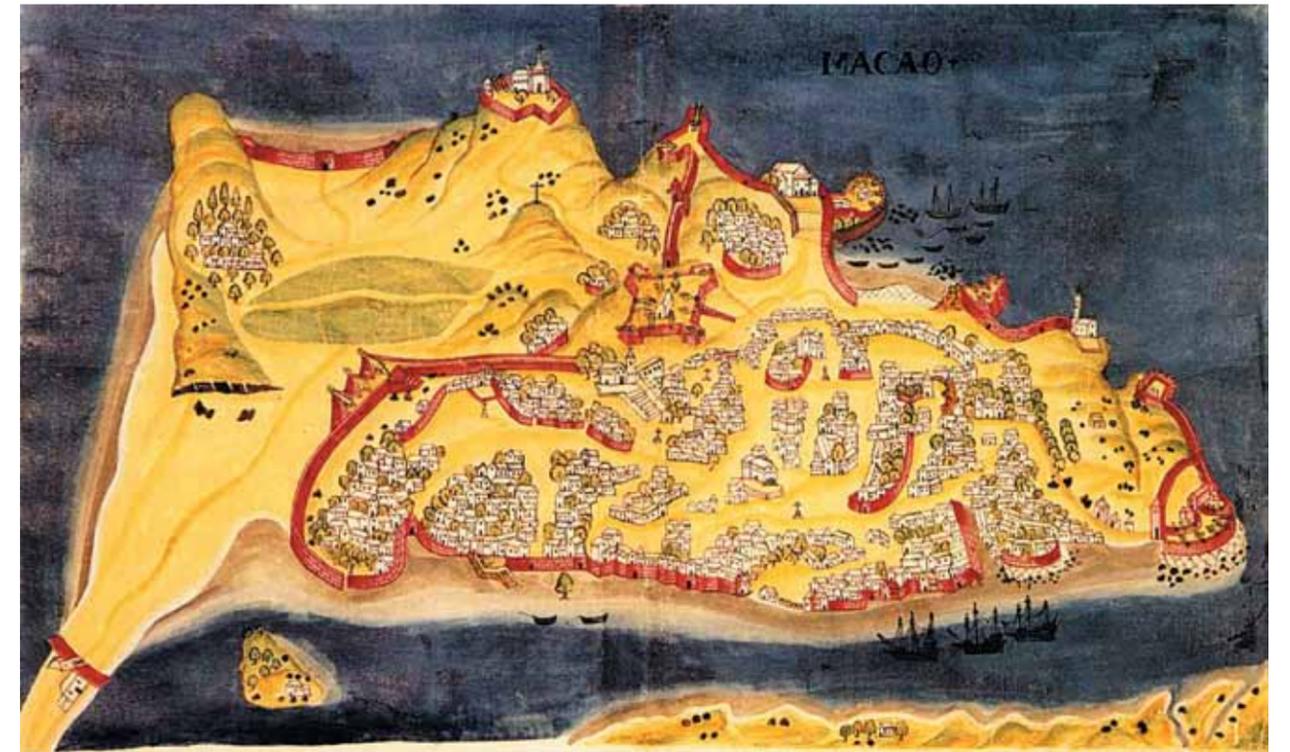
## THE PORTUGUESE IN ASIA AND THE FOUNDATION OF MACAO

In 1511 the contribution of Chinese traders to the conquest of the sultanate of Malacca made the Portuguese admiral Alfonso de Albuquerque hopeful of military and trade cooperation with China, such as that which was achieved with Persia (Iran), where the Portuguese conquered and built a base in Ormuz. Albuquerque, like the great admiral Zheng He, saw the importance of establishing a trading base in Malacca

for the trade between East and West. From Malacca, Albuquerque sent an emissary to negotiate cooperation with the Chinese authorities. However, successful negotiations with Chinese authorities only took root in the 1550s after decades of misunderstanding promoted by Malaysian rulers. In 1554<sup>7</sup> Captain Leonel de Sousa reached an agreement with Wang Bo (the *haidao fushi* or *aitao*), the Deputy Superintendent of Maritime Affairs of Guangdong, to rent the Macao peninsula for an annual fee of 500 silver taels. With the perspective that only time can give, this was a good real estate deal considering that there was little value in that piece of empty land but a prospect of business at the gate of the Chinese empire.

The Portuguese society which came to Macao was hierarchical and stratified into three different social layers that produced different buildings typologies: A) Military feudal aristocracy, dominant from the Visigoth period which developed the fortification network; B) religious orders and diocesan clergy who built convents and churches; and C) common people who built dwellings and civil and commercial structures. The difference between the Portuguese settlements overseas and in mainland Portugal was the large number of

Fig. 1. Resende's Map in Bocarro's book to the king with the representation of Portuguese overseas settlements.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

people from other races and cultures, formed either by local citizens or slaves and servants that followed the nobility and soldiers of fortune of the discovery period.

Macao was described by Portuguese navigators as a deserted island, that soon flourished<sup>8</sup> by being the middleman of the new 'Sea Silk Road' linking China and Europe for the first time by sea without the Arabs or other middlemen.

The location of the Portuguese settlements was chosen from the sea; considering the natural geographic conditions, such as the geo-strategic position, like the Greek city-states, in which trade and survival depended on the safety of maritime communications. Pirates and foreign competitors were the common threats.

Before building a permanent settlement the protection came from temporary wooden structures erected near the ships in a safe harbour, preferably with a high ground for observation and to entrench defences easy protected by a small garrison, as was the case of the Camoes Garden in Macao. Once a strong point is secure, it is then possible to develop the city, which in the medieval and renaissance culture meant a walled city. The city was built in a hurry, in less than three decades, making it a faithful example of implanting a Mediterranean model of a medieval-renaissance city in a Chinese environment. Father Gregorio Gonçalves, one of the first settlers (Boxer, 1997) who arrived in the first decades of Macao's foundation, mentions that there were already 500 houses in 1570:

'...a very large settlement with three churches and a hospital for the poor, and house of the Santa Misericórdia, which nowadays form a settlement of over five thousand Christian souls'.

Earlier maps, like Resende's of 1635 (Fig. 1), show the layout of Macao within walls, denominated a Christian City in China, separated by a rice field from the Chinese village of Mong Ha and the isthmus to the border's gate.

Macao's skyline and layout had many common elements with a seashore Mediterranean town at the foot of the hills. Institutional buildings like churches and the fortress are prominent on high ground. The main street sneaks near to the ridge of the hills.

The Christian city was contained within walls, separated by rice fields from the Chinese village of Mong Ha. Within the city walls, in the natural land reclamations of the inner harbour that accumulated silt from the river, were located industries, shops and storage related to maritime trade, which were progressively

invaded by 'emigrants' from Mainland China who developed their shops and industries, centred in the Bazaar at the frontier of the Christian city.

## EARLIER TYPOLOGIES AND CITY ORGANISATION

The Christian city was structured along the 'Rua Direita', which literally means 'right', 'straight' or 'direct' street. It was directed towards a central place or institutional building, like the cathedral, then connected with the nearby Dominican monastery and further north with the imposing Jesuit St Paul College, the first university in Asia. This long route is punctuated by piazzas such as the Cathedral and Senate squares.

Most early western buildings in Macao were simplified versions of traditional Portuguese medieval 'plain architecture' so characteristic in the Mediterranean, with one or two storey buildings, with no balconies or arches, and whitewashed facades covered with a tiled roof. Institutional buildings like churches, mansions of the wealthy or municipal buildings were the exception. The 'plain' architecture progressively faded away during the late 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> century under the influence of other 'tropical' foreign colonies (British India and Spain's Manila).

The monasteries are the most recognisable Portuguese typology in Macao, some having been erected before a defensive network of forts and walls was developed. The evolution of the Portuguese rulers from a medieval Catholic society to a dictatorship (and anti-Catholic) absolutist government led to the expulsion of friars and priests, first emptying the convents, which suffered some ruin, then filling them with military or police units. This was the fate of St Paul, St Francis, St Dominic and St Augustine monasteries, which lost most of their centuries-old facilities.

An example of the religious compounds architecture is St Dominic's monastery. A congregation of Spanish friars initiated in 1587 the erection of the first building in timber. The current version of the church is from 1721. The church interior organisation and bell tower is from a medieval matrix, but the façade has mannerist and neoclassic inspiration with a baroque outlook, adapted to the local weather by including

Macao, vista da Penha (finais do século XIX). In Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Album Macau - 3* (Macao: Livros do Oriente, 1993).

## CULTURAL HERITAGE



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

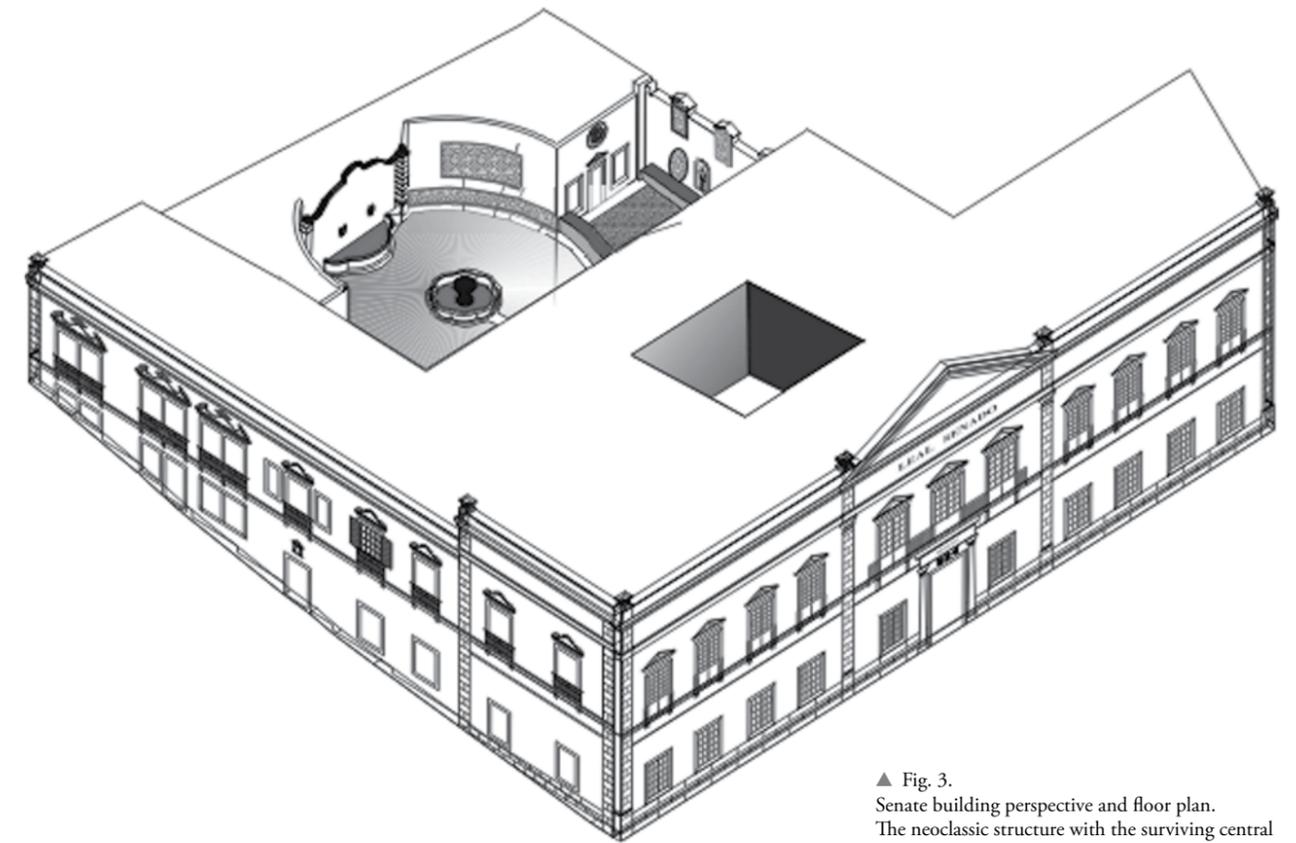
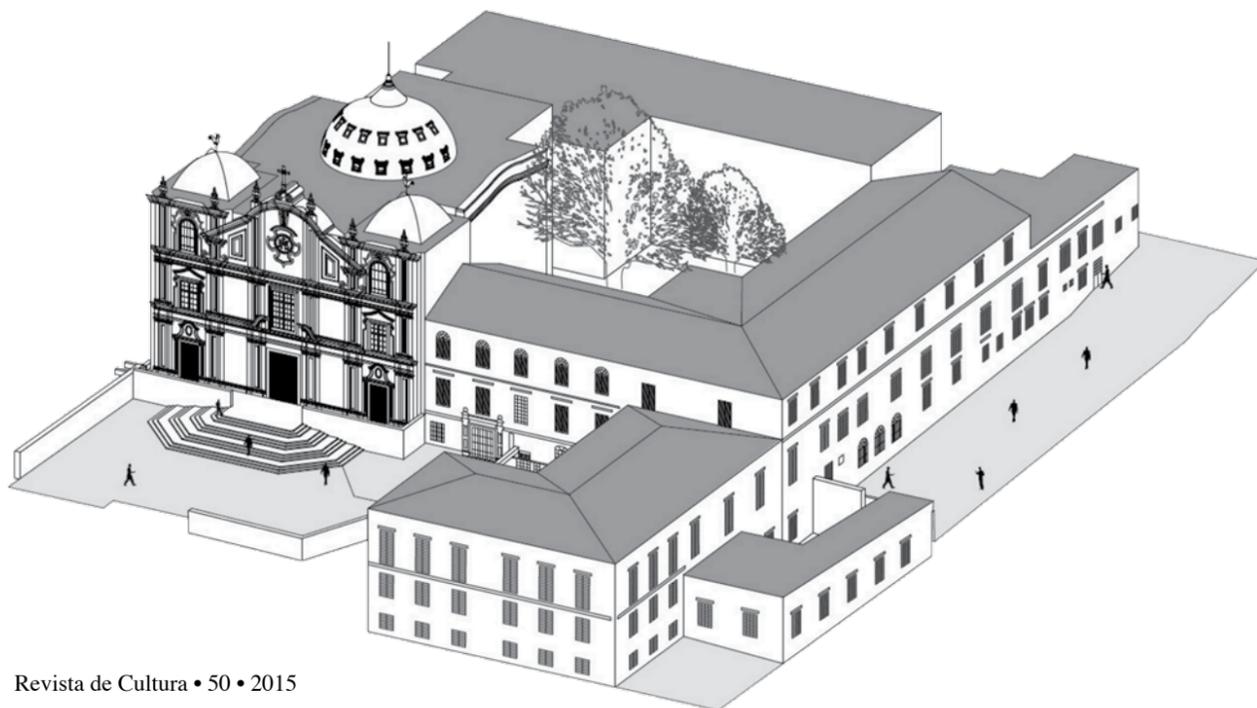
large windows and doors for natural ventilation on all floors. In 1835 the friars were expelled and the monastery used by the police in 1867, and later by the fire department. Tragedy struck on 9 May 1874 when a thunderbolt hit the bell tower, igniting a fire there that spread to the high chapel, incurring repairs and reconstruction afterwards. The old cloister side entrance is linked with the bell tower by a covered gallery supported by arches. The old well in the centre of what remains of the cloister is now a small courtyard covered in cement. The only building surviving intact with few modern additions is the Seminary of St Joseph (Fig. 2), also called the Small St Paul, where the old university-level classes still function, provided by the University of St Joseph.

As institutional building typologies, the Portuguese developed mostly churches, fortifications and civic buildings for the city administration. The Senate (Fig. 3) was the public civic institution formed in 1582 for ruling the civic affairs of Macao, and in its near-400 years of existence had also functioned as the diplomatic interface with the imperial government in Canton and Beijing as well as Goa (India) and Lisbon (Portugal) and many cities in South East Asia. Through negotiations, the Senate helped the city sea trade survive, even in the difficult period of piracy infestation, when the Senate in cooperation with Canton organised

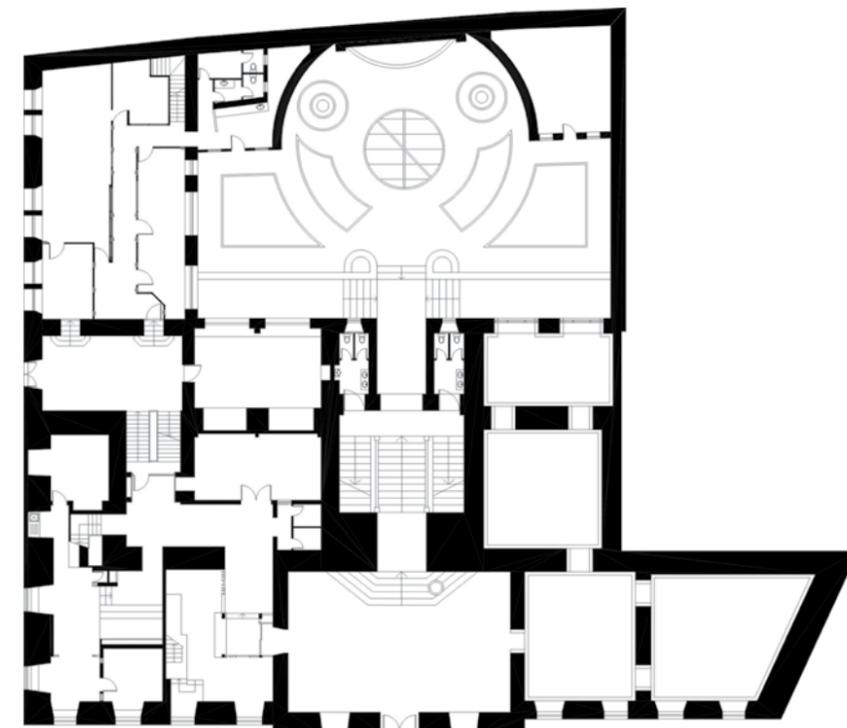
a fleet that defeated a large pirate fleet in 1809 with 20,000 rebels. This action earned the Senate the title of 'Leal' Loyal, which can be seen in the entrance hall of the Senate building. The cloisters were predominantly reserved for the community as a place for recollection. The concept of the cloister was influenced by the metaphor of the 'garden of paradise'. Religious orders compounds were places for worship but also schools and workshops, hospitable places with agrarian areas (orchards). St Paul's College, St Francisco, St Augustine and St Dominic monasteries were walled compounds, like citadels within the city.

The Senate had different versions, many changes and reconstructions, evolving from a small mansion in a U-shape to an entrance-open courtyard to the future baroque extensions that survived until the current layout, dated at the main gate from 1876, then designed by a priest called Patricio de San Jose. The building receiving several improvements and modifications in 1939, and afterwards, in order to accommodate the evolution and transition from the Portuguese Leal Senado (Loyal Senate) to the present Institution for Civic and Municipal Affairs (IACM).

▼ Fig 2. St. Joseph Seminary, crystallises the monastery's typologies, walled compounds with a dominant public church, with several workshops, hospitality and education facilities developed around a courtyard. Drawing by the author and a team of USJ students.

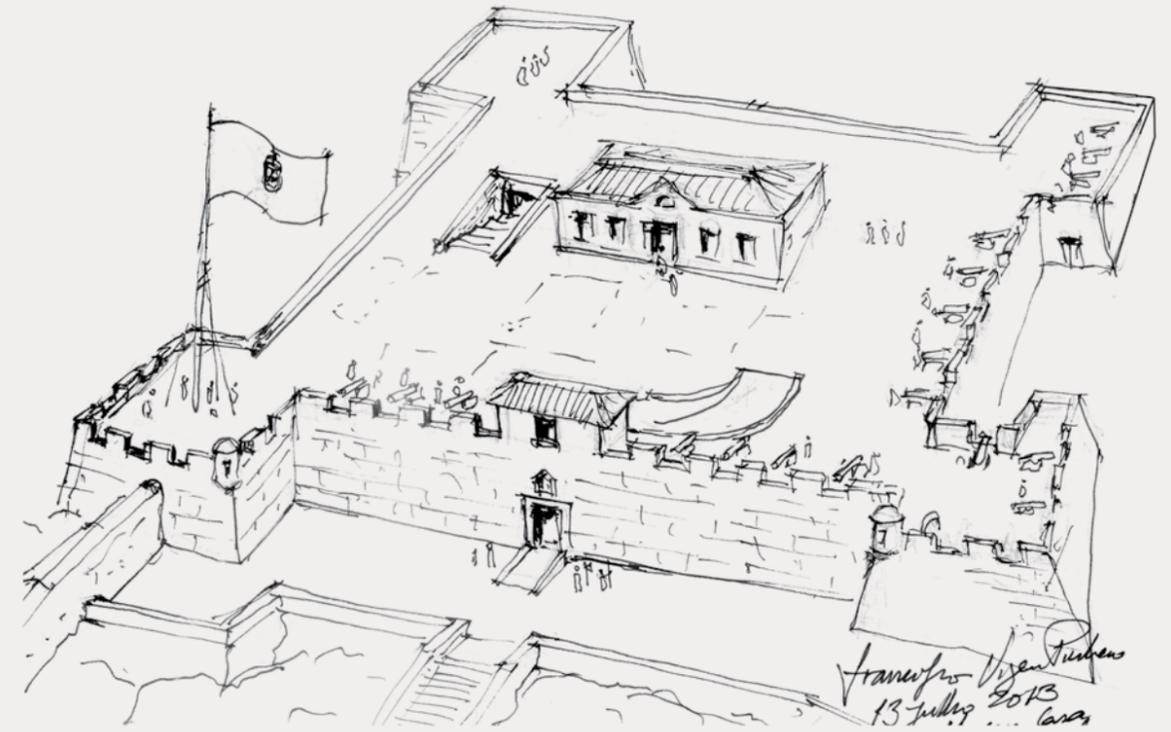


▲ Fig. 3. Senate building perspective and floor plan. The neoclassic structure with the surviving central and backyard courtyards. Drawing by the author and collaborators.



PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



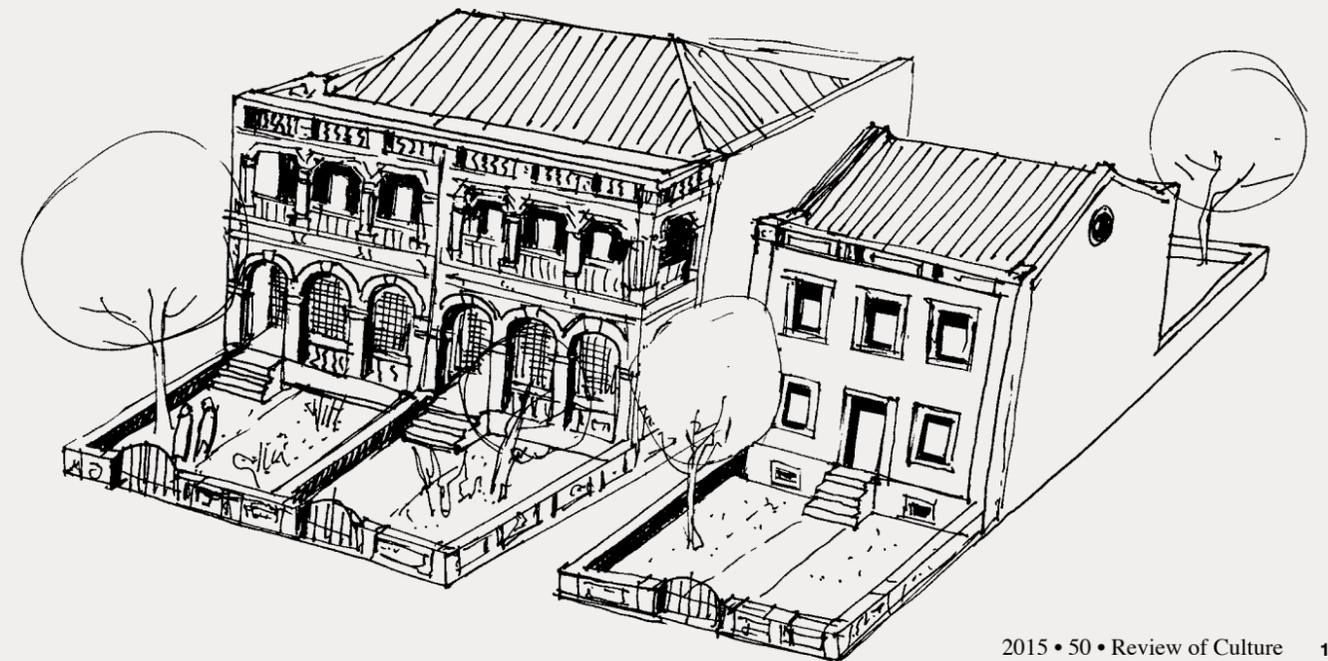
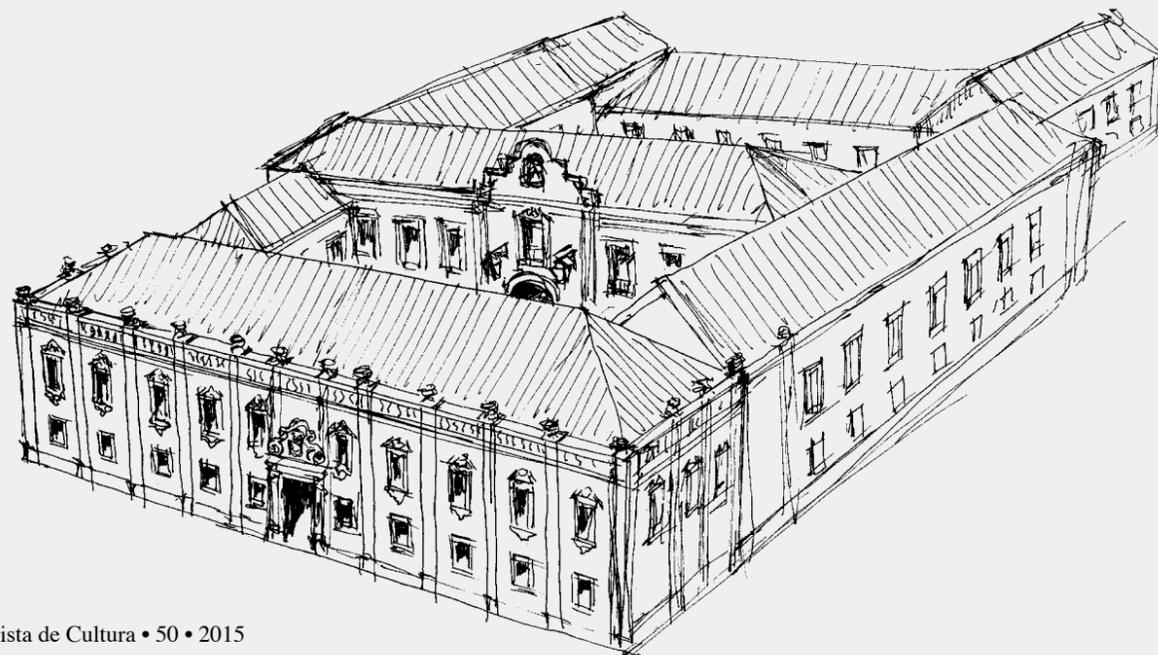
These drawings by the author identify different buildings' typologies, religious, military and civilian, that have in common the use of the courtyard-orchard.

▲ Fig. 4. Conjectural reconstruction on St Francisco's Monastery and fort based in contemporary drawings and maps. The large church is the taller building, forming the public and entrance wing of the compound.

▼ Fig. 5. Conjectural layout of the 1880's municipal headquarters, the 'Loyal Senate', based on old maps and drawings. This was the most versatile building in Macao, which throughout history accommodated multiple functions ranging from foreign office to commercial brokers, school, clinic, post office, museum, court of justice, and jail.

▲ Fig. 6. Monte Fort. The center of the high ground walled platform served as a courtyard, a pattern inherited from the medieval castles. Ammunition and water reserves were kept underground. The arrow-shape bastion corners were an influence of the 'Italian' design to help provide cross fire to the main walls.

▼ Fig. 7. Portuguese mansions outside the old city walls. Wealthy to middle class in earlier 20<sup>th</sup> century developed two storey mansions, some with balconies, with front and back courtyards representing the attachment to nature of a rural society, as well the buffer zone between the family and the public space of the street.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Fig. 8. Conjectural typology, based on Macao's Museum model, of the first reclamation at the inner harbour. Drawing by the author.

Military typologies are well known; there is no space in this paper for their analysis, just brief graphic references.

#### SOCIAL AND CULTURAL DIVISION OF THE CITY

For centuries Macao was mostly formed by a Portuguese and Creole (Portuguese-Asian mixed-blood) society with little participation by the Chinese due to restrictions imposed by Ming and Qing authorities. The Chinatown at the Inner Harbour of Macao developed separately from the Christian city that ended in the gates of St Anthony and Campo at Camoes Square and Rua do Campo. St Lazarus quarters for lepers was outside the city limits.

Amaro (1996) mentions that Macao developed geographically and administratively into two separate areas. As late as 1867, a police report stated that, 'twenty years ago Macao constituted two separate quarters which were like two different cities; Chinese... and Christian... both [were] without police, completely separated with unequal rights and without reciprocity

of interests'.<sup>11</sup> The lack of policemen in the Chinese quarter (Inner Harbour) was a constant factor for centuries under the Portuguese, resulting in the division of jurisdiction on Chinese and Portuguese subjects between the Mandarins and the Senate. This shows the flexibility of Macao that adopted different urban models, Chinese and Portuguese, sharing the narrow peninsula. Chinatown developed on top of the muddy silt beaches in the inner harbour that faces, a few metres across the river, the hills of Mainland China. By the end of the 19<sup>th</sup> century a sea wall and land reclamation transformed the concave beached in straight line piers (Fig. 8), promoting commerce and urban development, creating spaces for housing, workshops, temples, hotels, restaurants and 'small casinos' (then called Fan Tan Houses).

The dominant typology in the Inner Harbour is the shop house, with a four to five metre-wide façade, with lengths that can reach 30 metres. The main structure is formed by two parallel brick walls that support a two-sided gable roof. A steep stair connects the wooden floors that are supported by standard round wooden beams. Kitchens and



Fig. 9. Gated communities with rows of houses like this one representing the Pátio das Seis Casas (Six Houses Courtyard). Drawing by the author.

bathrooms are progressively occupying the courtyard space. Between the gable walls a narrow door is often the alternative access to the building. There are many alleys that contain gated communities, like the six houses courtyard (Fig. 9) where several families lived, supplied by a well. The gates of the alley were closed in the evening.

Nowadays, the Chinese courtyard typology is more relevant in Chinese temples, particularly the larger ones on flat ground like Ling Fong and the Kun Ian temples, both at the foot of Mong Ha Hill. Pavilions and courtyards aligned from the hill towards a body of water represented by rice fields and the beach, are now filled and occupied by new construction.

In 1793 the restrictive measures for Chinese living in Macao were removed, a policy that contributed to increasing the Chinese population and improved the city trade. However, after the founding of British Hong Kong in 1842, there was an exodus of the foreign community of Macao, which moved decisively to the new British colony, abandoning many of the large mansions rented by the Macanese to the foreign western community.

The first colonial governor, Ferreira do Amaral, was sent to Macao in 1847 to implement a model similar to Hong Kong, to contain the economic and social decline of Macao. As a dictator he opposed the Loyal Senate methods of constant negotiation with the Chinese mandarins. He ordered expel Chinese rulers in the city, planning the city expansion to the border's gate and absorbing St Lazarus and Mong Ha settlements.

#### HYGIENIC REASONS FOR DEVELOPING NEW TYPOLOGIES

The organisation of different urban fabrics in Macao is the result of the settling of different social and cultural communities. Outside the city walls were the people expelled from the Christian or Chinese towns, who were made 'untouchable' by the disease of leprosy, needing to live in a separate walled community called lazaretto in the St Lazarus quarters, where Macao priests assisted with medical and spiritual care.

St Lazarus church was a large building with a hospice for lepers. Nearby an unhealthy surrounding landscape developed, known as Volong Orchard, in this

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

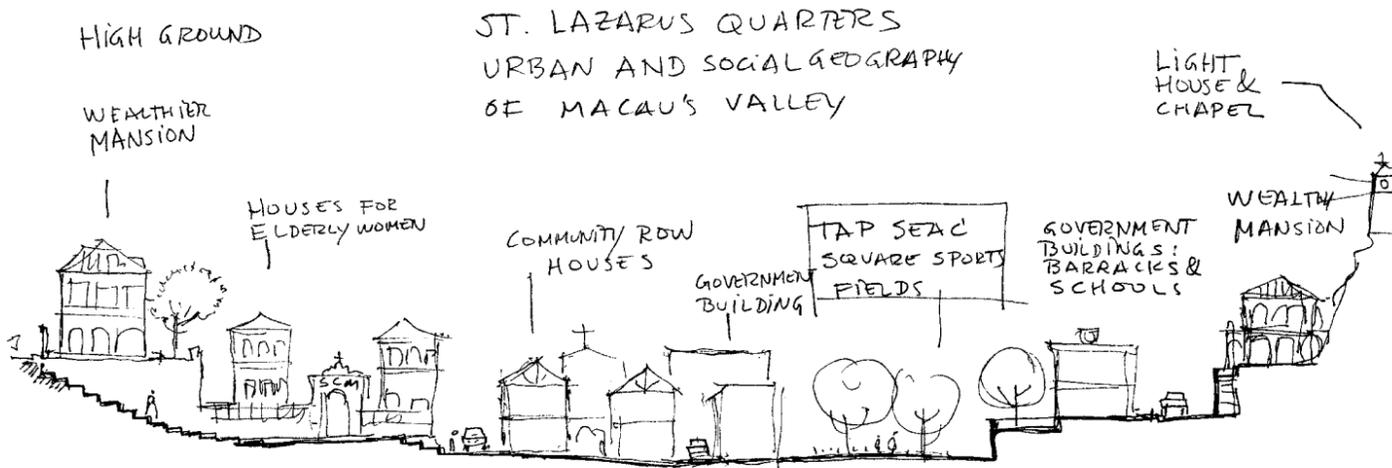


Fig. 10. The geographic and social structure of Macao's Valley (St Lazarus area). Drawing by the author.

'Macao's Valley', between Guia and Monte Fort hills. On this side of the valley as well in the opposite Mitra area (on the northern slopes below St January Hospital) semi-rural communities settled in wooden and straw buildings, where people lived mixed with animals and the accumulation of sewage and rain waters. This valley was a breeding ground for epidemics, such as the bubonic plague that took several victims in 1895, like in Hong Kong, due to the poor sanitary conditions of buildings and lack of infrastructure in the organic developed and self-organised Chinese quarters.

Continuing epidemic devastations were the motive for the demolition and construction of the new

quarters of St Lazarus that took place in 1903, with the elaboration of probably the first social house experiment in Asia, a project by architect Caruso. First the place was levelled and organised in different platforms layers, the higher ground (developed later) having mansions for the wealthier. On the lower ground, oriented towards St Lazarus Church, were the social houses owned by the Holy House of Mercy (at that time a Catholic charity institution) that often collaborated with the government in providing education and medical facilities for the benefit of the population.

On the southern part, the higher ground was also occupied by mansions, then in a lower platform by

Fig. 11. The hybrid Chinese-Portuguese social housing, probably the first western model in Asia. Drawing courtesy of Tam Ian Kan.



Fig. 12. The current adaptation and revitalisation of the houses with the introduction of a square and a large amphitheater volume in the opposite corner. Drawing courtesy of Tam Ian Kan.

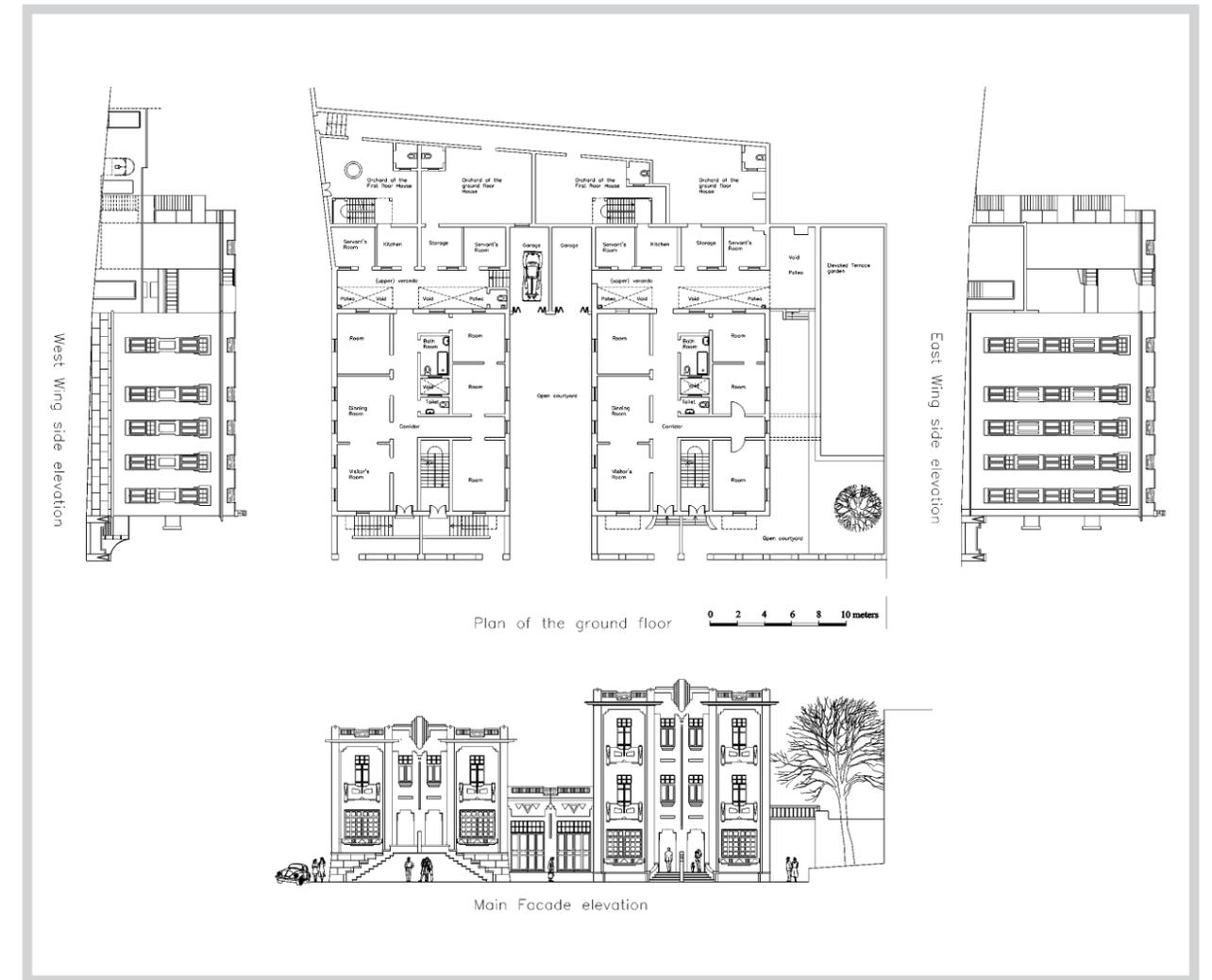
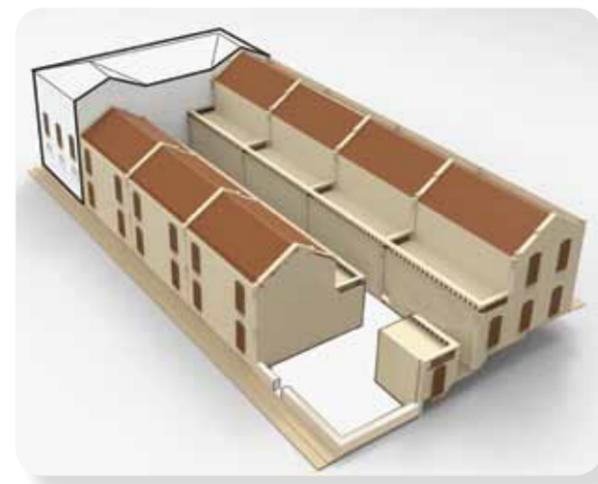


Fig. 13. Floor plan and elevations of the 1937 Art Deco Mansions at Lilau Square. Drawing by the author based in a copy of the original plan.

public spaces for gardens, schools and military facilities. Thus the geographic morphologic organisation reflected the social stratification of the city (Fig. 10).

The St Lazarus social quarters created a new urban and architectural typology with hybrid Portuguese and Chinese typologies probably influenced by the long central corridor (Chinese alleys and courtyards, 'patios' or 'travessas') and the Portuguese elevated balcony and flat or plain architecture (Fig. 11), with a well and toilet incorporated in the house, with separate rooms for servants. This is an interesting case of mixing the Chinese public space concept with the Portuguese house organisation.

The recent intervention to open an entrance square in the St Lazarus housing facilities (Fig. 12), now used as a music academy, and the planned large volume of an auditorium in the opposite corner, will change and adulterate the original corridor typology of this earlier social housing model.

The Hygienist ideas of the late 19<sup>th</sup> century still influenced the interior layout of government and private housing through the middle of the 20<sup>th</sup> century, as observed in Lilau Square the only surviving case, the 1937 art deco residence (Fig. 13), designed by Canavarro Nolasco, that we can designate as the 'bridged house' where the residential parts for the

## PATRIMÓNIO CULTURAL

families are connected by bridges and corridors to a backyard annex facility serving as kitchen, storage and servants' quarters. Another unique feature of this building type is that each family flat had a separate garden in the backyard.

## MACAO'S URBAN TRADITION OF PUBLIC SQUARES

In the Portuguese urban tradition, the important institutional buildings like churches and municipal government buildings, have a square in front, called a 'largo' which means 'wide' in Portuguese. 'Largos' often originated by adapting an empty place or enlarging part of a street for community use. Squares have a very important role as places for informal meetings, for execution of justice, for holding seasonal markets, for playing games and popular entertainment, and for religious processions or military parades.

Senate Square was home to several shops and important institutions such as the Holy House of Mercy, founded in 1569 by Macao's bishop as an institution to support the needy. Many buildings in this square kept their facades unchanged, but their interior layouts changed in order to accommodate new functions. This was the case of the so-called Ritz building, on the corner opposite to the Holy House. It was the former Ka Pan Hotel, later used as the headquarters of the Electric Company of Macao until the late 1980s. The building was divided in two parts, one commercial, the other for government use, then used as the headquarters of the Tourism Department,

Fig. 14. Senate Square before the rehabilitation. Postcard by Lei Chiu Van.



and a few years ago adapted to be a Tourism Business Centre. The Pharmacia Popular near the Holy House of Mercy is one of the oldest commercial buildings in the square, probably dating from the end of the 19<sup>th</sup> century, designed in a simple style with no decorations, so common of the traditional whitewashed Portuguese Mediterranean buildings.<sup>13</sup> The simplicity of the pharmacy contrasts with the eclectic decoration of the cornices, arched windows, colonnades and archways of the surrounding buildings, which display a uniform rhythm that contributes to the holistic classic ambience of the square. The two-storey buildings at the corner of the square were demolished, giving way in 1931 during the pre-war construction boom, to the majestic Post Office,<sup>14</sup> with its massive volume overwhelming the surrounding buildings elsewhere in the square, thus announcing an international trend to de-characterise the human-scaled Mediterranean urban environment so common in the squares of Macao. The introduction of cars in squares, which were mostly designed for pedestrian use, further removed the citizens from their traditional community use. In the 1980s the Senate Square was popularly known as 'fountain pool' (Pan Seui Chi) after the construction of a trapezoidal fountain that resembled a swimming pool, with vehicular traffic controlling the use of the square.

In order to rehabilitate and bring back the square to its original use, cars and the 'pool' were removed and replaced by a sea of Portuguese cobblestones. In the place of an old well, removed decades before, a circular fountain was installed, decorated with an armillary sphere, a traditional symbol of the 16<sup>th</sup> century

Fig. 15. Senate Square after 1994. Photo courtesy of Macao Government Information Bureau.

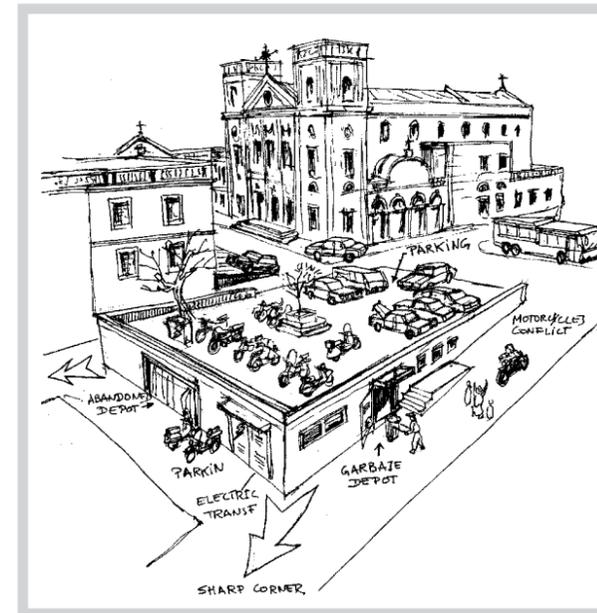


Fig. 16. Cathedral Square before the intervention with several *feng shui* and functional problems. The square was mostly used as a car park.



Fig. 17. Cathedral Square after the 2004 rehabilitation, removing the car park, incorporating trees and fountains and cobblestones, traditional elements of Macao's urban DNA.

Portuguese discoveries. Paving squares and sidewalks with the mosaic of Portuguese cobblestones was done, in general, with five-by-five centimetre squares of white limestone and black basalt, a recyclable and highly reusable material that breaks the ugly monotony of grey cement, which is a 'modern' high-pollution composite. Macao pavements are often decorated images of the Portuguese-Chinese link with the sea.

In the first years of the 1990s, following similar policies in Portugal, there was an intent to restrict traffic in the Senate (Fig. 14 and 15) and St Domingo's squares and transform them for pedestrian use, meeting strong opposition from the local business community who believed that parking and traffic are necessary for business survival. However, the political will prevailed and the square was closed to traffic and parking totally removed during the 1993-34 rehabilitation.

The whole design process, approximately 20 years old, is a contemporary intervention that followed Macao's cultural DNA, the city tradition, and as such was incorporated in the last edition of UNESCO's list of places that are representative of Macao's World Heritage.

Considering that Macao was officially a Christian city, 'City of the Holy Name of God in Macao', the Cathedral Square was the centre of Macao's diocese that was established in 1576, with the gigantic task of

providing missionary support in many countries in Asia, including Korea, Thailand, Japan, and Vietnam. In the 19<sup>th</sup> century, the diocese of Macao was still in charge of the Catholics in Heung San (Canton Province), Hainan Island, the Parish of St Pedro in Malacca, Malaysia, and St Joseph's Church in Singapore.

The facade of the previous cathedral faced the end point of the old central street (Rua Direita), starting near the A-Ma Temple and running along the hilly ridge all the way to the Christian downtown. The first cathedral on this site, like most primitive churches in Macao, was made of unstable materials like the previously mentioned 'taipa' wood, and thatched straw for the roof, later replaced with larger and more solid components.<sup>15</sup> The 1850<sup>16</sup> cathedral is dedicated to the Nativity of Our Lady, the Baby Mary, as represented in the stained glass window at the centre of the high chapel.<sup>17</sup> (Fig. 16 and 17)

After World War II, most squares in Macao were invaded by cars, which occupied the better places that had previously been used for centuries for pedestrians. After a public consultation with the local community the square was rehabilitated in 2004 with the intention of returning it to its original function as well as to dignify the Cathedral Square, following similar principles and practices to the ones applied in

## PATRIMÓNIO CULTURAL

Senate Square. Cars were removed, trees were added, and a fountain was installed, inspired by Portuguese tradition. Decorative elements in the square are related to the meaning of the Church or Christian history, such as the seven sacraments in the seven-fold shape of the fountain, the image of the mother of Jesus, and so on. A replica was made of the fragmented stone cross that was broken during a strong typhoon. In 2005, both the Cathedral and the Cathedral Square were included in the UNESCO list recognising this part of the Historic Centre of Macao as World Heritage; unique inheritance for Macao and China because this project, like the ones in the Senate and Lilau squares, followed Macao's urban and architectural traditions, not 'contemporary' re-interpretations.

The project addressed modern interventions that contradicted Chinese culture connected with bad feng shui represented in Fig. 16. At the intersection of the square with the two alleys going toward St Dominic's Square (St Domingo's and Bishop's Alley) there were two sharp corner walls in poor structural condition and inconvenient in terms of local principles for an auspicious and comfortable ambience.<sup>18</sup> The two sharp edges of the square's two lower corners, which threatened St. Dominic's Alley and Bishop's Alley, were chamfered by two fountains, related to the history of Macao as a Christian city. The two fountains (Fig. 17) have motifs related to the beliefs and traditions of Macao as a Christian city. Decorative blue tiles were used to raise the low wall, making the place safe for children as well as providing new seats. Two new trees were planted, providing shade during sunny days. Between the two above-mentioned alleys there are several decorative Portuguese blue tiles, called *azulejos*, with views of this neighbourhood in the 1830s painted by George Chinnery. Garbage refuge and power units have been concealed behind landscaped screens.

The first fountain at Bishop's Alley has an enlarged and reinforced structure to sustain a large tree in the corner. The frame of the tiles panel was conceived as a 'Time Gate', where the observer can contemplate a 17<sup>th</sup> century tiled Bocarro's map (Fig. 1) of Macao showing the location of the religious, military, civic, and residential buildings of the period. The corner toward St Dominic's Alley received a new fountain wall, carved by Fujian Province masons (a Macao tradition), with an image of Our Lady with child Jesus in her arms, and a lion symbolic of the tribe of Judah. The dove represents

the Holy Spirit of Love, and the Sun and Moon, common in Macao as representing the effusion of divine grace reflected in the moon (Our Lady) that distributes light representing grace and blessings to the people passing by. The use of squares in Macao is a century-old tradition, a heritage that is successfully kept alive by contemporary interventions respectful of our cultural DNA code.

## LAND RECLAMATIONS AND NEW TYPOLOGIES

Due to its territorial boundaries and high density (19,000/km<sup>2</sup> inhabitants per square kilometre) Macao could only grow by expansion of waterfront land reclamations, or by 'jumping' to neighboring islands like Taipa, Coloane and, in the 21<sup>st</sup> century, to neighbouring Hengqing Island (University of Macao Campus). The lack of land for expansion and development was critical by mid-19<sup>th</sup> century. In 1912 Macao Territory (with Taipa and Coloane islands) had 11.6 square km; it currently<sup>20</sup> has 30.3 square km. First narrow strips were reclaimed at the Inner Harbour, then the areas near the Border's Gate, Hac Sa Van and Fai Chi Kei, followed by a more organised plan for the larger land bank: the Outer Harbour. This harbour reclamation developed in two phases; the ZAPE (Zona de Aterros do Porto Exterior; Zone Reclamation of the Outer Harbour) followed by the construction of NAPE (Novos Aterros do Porto Exterior; New Land Reclamation at the Outer Harbour) and the closure of Praia Grande Bay, creating two artificial lakes. New land reclamations were free of the typical constraints of the old city, like narrow streets, low density buildings in order to respect the law of shadows,<sup>21</sup> congested facilities and lack of green areas and public facilities.

The NAPE started with an international competition, being developed by the well-known architects Siza Vieira (winner of the Pritzker price) and Fernando Távora (Lima, 2009). The plan incorporated the concept of portico-covered streets elaborated previously in San Ma Lou Avenue, as well as the rectangular grid quarters characteristic of Lisbon and other Portuguese cities after the 1755 earthquake and tsunami, followed by a fire that destroyed the historical organic fabric of the downtown centre of Lisbon (Fig. 18).

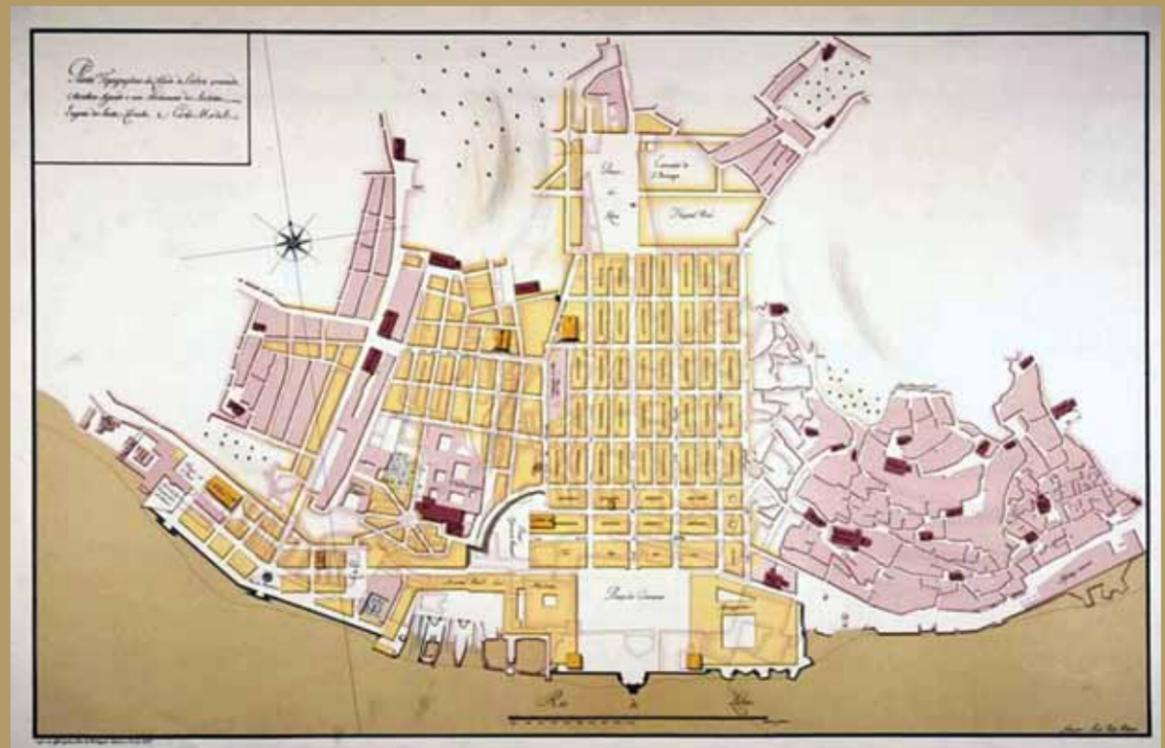
The new layout for the city centre reconstruction followed an orthogonal matrix with high-density buildings and small courtyards (Fig. 19). This urban

## CULTURAL HERITAGE



Fig. 18. The medieval organic developed downtown of Lisbon until its destruction in the 1755 earthquake.

Fig. 19. The plan of an orthogonal urban matrix for the reconstruction of Lisbon downtown by Carlos Martel.



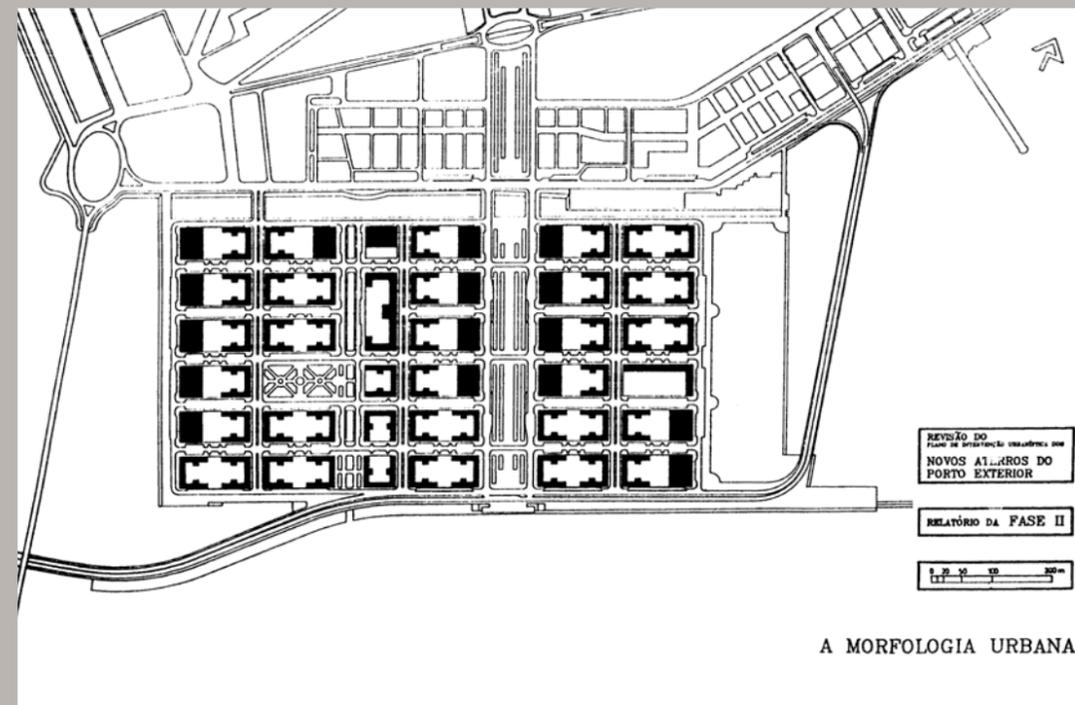
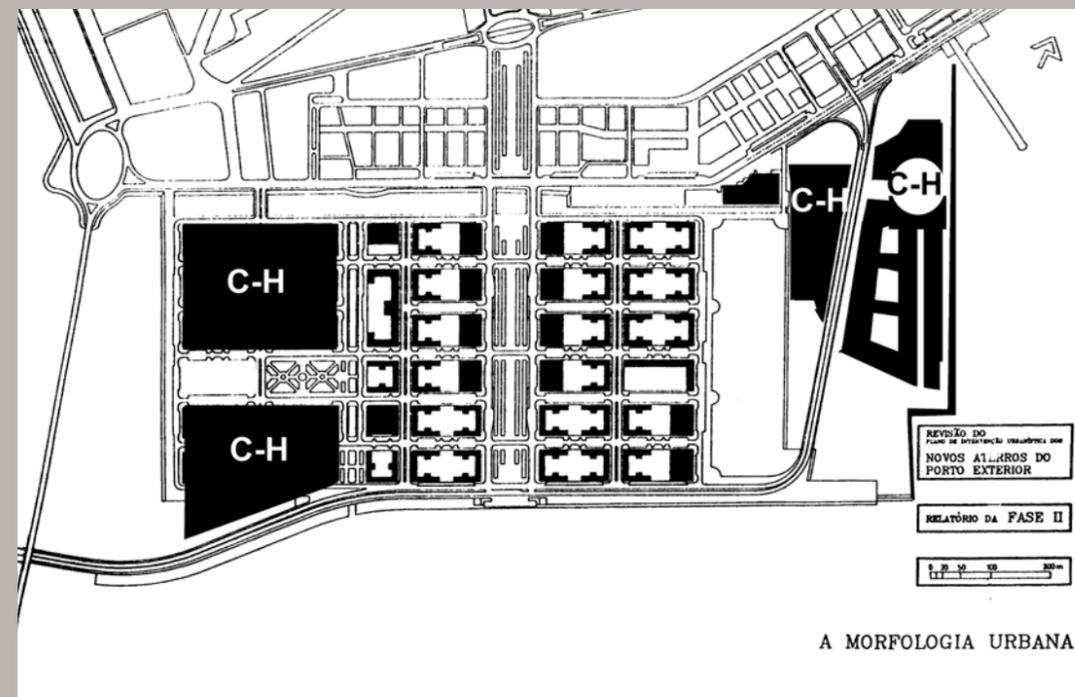


Fig. 20. The NAPE area, mostly for residential areas, with urban park, market and public swimming pool. Image from Government's Gazette (B.O.M) with NAPE Master Plan.

Fig. 21. NAPE after the gambling concession liberalisation. The large Casino Hotels (C-H) integrated resorts have a larger footprint in the urban fabric.



pattern was influential not only for the 19<sup>th</sup> century plan for the St Lazarus quarters, but also, on a larger scale, for the plan of NAPE (Fig. 20), that was organised in a reticulated grid centred in a large north-south central park for office buildings and residential units developed from east to west. The buildings follow a rigorous typology, with podium size 120 by 54 metres<sup>22</sup> long for parking and retail, which support U-shaped residential towers an average of fifteen floors high. The NAPE plan<sup>23</sup> had several areas for canals, parks, and a number of public facilities.

The 1920s ZAPE<sup>24</sup> was temporarily used as a military aviation (sea-planes) restricted area after 1941, then for several decades as farm land until the casino mogul Stanley Ho decided in the late 1960s to raise his flagship casino the Lisboa. The land, roads and blocks structure was ready in 1964 but urban blocks were developed only in the 1980s by having a mixed formula of Portuguese mansions at the hill side, institutional buildings that followed Lisbon's modern architecture (Liceu High School, Jet foil Terminal), iconic casinos like 'Lisboa' and Jai Alai, and the new typology of residential towers.

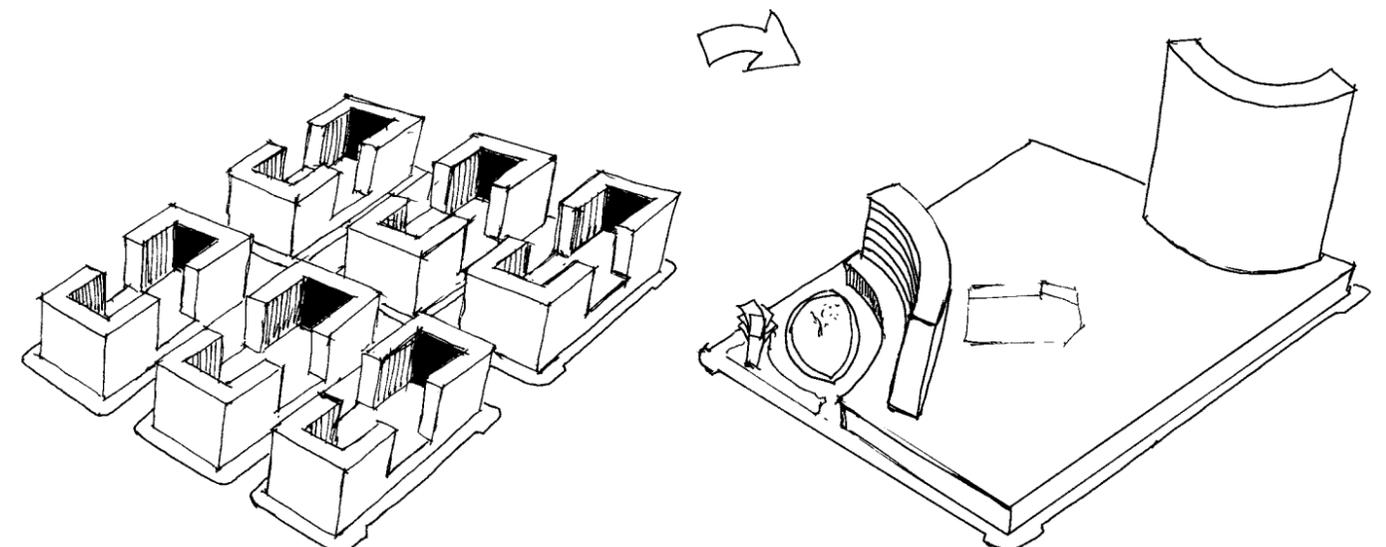
The dominant typology in the 20<sup>th</sup> century is the residential high-density tower imported directly from Hong Kong with a medium height of 20 floors, which by the early 21<sup>st</sup> century jumped above 45 floors, following Hong Kong practice.

At NAPE a grid layout was implemented with moderated high-rises in the central park style area. (Fig. 20. and 21)

The NAPE plan purpose was to provide in an organised and balanced way,<sup>25</sup> well-integrated residential areas with social and public facilities with green areas parking, etc. The original plan was foreseen as an investment ground for real estate development, which could liberate the old part of the city from overcrowding and growth density, a plan that never worked well<sup>26</sup> due to the speculative forces. However, with the liberalisation of the casino-gaming industry, there was a boom of construction for new casinos in NAPE that did not follow the height regulations and plot ratio of the master plan, thus creating some conflicts that led to the cancellation of NAPE plan regulations in 2006.<sup>27</sup>

Due to the time constraints of the gambling contract concessions to six different operators, there was a race for the construction of new casinos with a design influenced by the mega malls type (Las Vegas) and tall towers (Hong Kong) maximising the use of space for mass tourism, creating a mega-plot size, that soon absorbed large urban areas in NAPE and COTAI (land reclamation between Coloane and Taipa Islands). The invasion of the new Las Vegas Casino-Hotel typology, technically called Integrated Resort (I.R), is shown in NAPE urban morphology, replacing six residential and

Fig. 22. Replacement of dominant typologies. Six residential and commercial blocks (left), double U shape; courtyard oriented, and streets in NAPE area in to (right) were replaced by a large Integrated Resort (Wynn casino and hotel compound), with an autistic urban behaviour disconnected from the urban environment and natural landscape. Drawing by the author.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

mixed-use blocks (Fig. 22) in the Wynn and MGM compounds.

Casinos' mega-plots changed the previous 'walkability' condition of the city, which suffered different phases of transformations; from a human scale inherited from medieval urban practices towards an automobile-dominated but unsustainable city like Los Angeles as described by Newman and Kenworthy (1999), where public transportation plays a key factor in moving and managing throughout the city. Is this the last paradigm of Macao? Can the long Chinese-Portuguese cultural DNA identity survive the inflow of international-style megastructures? Knowing the past is the best answer to preserve the future as recommended by Confucius: 'Study the past, if you would divine the future'.

## CONCLUSION

During the 20<sup>th</sup> century we observe an invasion and dominance of Hong Kong residential typologies, which grew in size and shape in the 21<sup>st</sup> century under the influence of Las Vegas models. In order to preserve the historical Chinese and Portuguese urban fabrics,

there should be better landscaping and reduced density in the historical centre, and expansion of the new towns of the city in a sustainable and fast way in direct cooperation with Zhuhai, particularly with Hengqing island. There is no possibility to improve the quality of life in the overcrowded historical centre without a commitment to create new pedestrian-exclusive areas, squares, alleys and streets, which should be rehabilitated in accordance with the city's cultural DNA by following the 'code', the typologies and traditions that constitute the city's 'World Heritage' legacy. **RC**

**Author's Note:** For the suggestions and text revision contribution of Dr Ian Chaplin of the University of Macau. The enthusiastic support in typology research from Christopher Lee (Harvard Graduate School of Design). For the discussion on heritage authenticity and protection of tradition I am grateful to Dr Vitor Teixeira (UCP-Porto), to Professors Zhu Rong and Wu Yao (Jiang Nam University), Miki Korenaga and particularly to Professor Kogi Yagi, my thesis supervisor at the Tokyo Institute of Technology. Finally to the graphic support and curiosity of my students of architecture at the University of St Joseph; Tam Kan Ian, Ma Choi Peng, Ma Ka U, Ao Un I, Kam U Len and Tiago Cheong.

## NOTES

- 1 The Azuchi tower typology built by the unifier Daimio Oda Nobunaga was influenced by his friend, the Portuguese Jesuit Luis Frois.
- 2 Zheng Zhilong 郑芝龙 (1604-1661), the father of Koxinga (Zheng Chenggong 郑成功), the liberator of Taiwan, was baptised in Macao as Nicholas Gaspar.
- 3 Iberian society suffered deep transformations from the semi agrarian Celts villages of clustered round stone houses agglomerated without streets on top of hills surrounded by walls in the 2<sup>nd</sup> century B.C. Roman Euclidian orthogonal matrix of well-organised streets, squares and city blocks built in stone, bricks and tiles, inhabited by a mix formed by a society of slaves and rulers, with some free citizens.
- 4 A technique common in North Africa
- 5 As the ones founded in the archeological remains of Recopolis
- 6 The Church was the only institution that preserved the Latin language, culture and education of the Roman civilisation, which survived in monasteries. The Visigoths form the nobility that have ruling and military functions until 711AD when an army of the Muslim Caliphate invaded Spain and defeated the Visigoths. A few survived in small strongholds in northern Spain, then spread to the peninsula with the construction of geo strategically located castles on top of hills.
- 7 Detailed described by in Guo Ping and Wu Zhiliang (2007) several other missions, either official or by private initiative of Portuguese explorers and soldiers of fortune meet positive and negative results.
- 8 Pedro Dias, *A Urbanizacao e a Arquitectura dos Portugueses em Macau, 1557-1911*. Lisbon: Portugal Telecom, 2005, p. 16.

- 9 Between the buffer zone from the Portuguese city to the Chinese Village, was built in late 16<sup>th</sup> century St. Lazarus quarters, the town for lepers.
- 10 A.M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macao (1750-1800)*. Macao: Instituto Português do Oriente, 1997.
- 11 *Boletim Oficial da Provincia de Macao e Timor*, 1867, p. 225.
- 12 One of them has a well, which is historically significant because it is the place where Coronel Mesquita died in 1880. The building where Mesquita lived was demolished and replaced.
- 13 This was a 15<sup>th</sup> century rule in Portugal, applied to all colonies and overseas settlements.
- 14 The Maritime Post Services existed since 1884, depending on the Senate and Hong Kong Post Office. The 2<sup>nd</sup> headquarters were in Praia Grande Avenue, near the court of justice.
- 15 After several repairs and reconstructions of the original church, it was decided to build a new and larger church, rotated 90 degrees clockwise to better fit the available space and provide room for the bishop's palace. Promoted by Bishop Dom Jeronimo da Matta, the new construction begun in 1844, was designed in a neoclassical style by the Macanese architect Jose Thomas de Aquino (1804-1852), who also designed St Lawrence's Church, the Government Palace and Residence, and the interiors of St Augustine's monastery (for use as a Military Hospital).
- 16 Pedro Dias, *A Urbanizacao e a Arquitectura dos Portugueses em Macao, 1557-1911*, p. 136.

- 17 During the super typhoon on 24 September, 1874, the two crowning pinnacles of the Cathedral bell towers were destroyed, the 'Zimborios', (the columns supporting a small dome) collapsed, piercing the roof, falling over the choir and smashing the wooden floor. This typhoon not only destroyed hundreds of buildings, but also thousands of ships and human lives. The church underwent several repairs, losing the gracious columns and cupolas in the side towers, as well as losing the vivid and cherished yellow coloration, which was plastered over in 1937 with an imitation of stone called Shanghai Plaster.
- 18 This is related to *feng shui* geomancy, which considers sharp corners to be creators of negative energies.
- 19 From Wikipedia, Macao entry.
- 20 Ibid.
- 21 The law of shadows was implemented on 15 November 1963 (Law Decree 42/80/M) determining the angle of 76 degrees from the top of the building to the street opposite, avoiding touching the opposite building in order to protect the right of all to receive natural light and ventilation.
- 22 Measure based on CAD maps.

- 23 The careful and detailed 175 pages of master plan of NAPE were elaborated in 1985 and published in 1991, was intended to provide for sustainable growth.
- 24 Both NAPE and ZAPE were isolated from the old city and Mong Ha Village by the formidable natural defense of Guia Hill that was a military facility. The Guia hill barrier is only transverse to ZAPE-NAPE area by a tunnel built two decades ago and by roads in land reclamations at both ends of the foot of the hill.
- 25 Decree Law N. 68/91/M published in the Government Gazette in April 18, 1991. 68/91/M and 69/91/M, dated from April 18, 1991, that approved the (Guidelines and Urban) Regulations for the Plan of Urban Intervention (PIU) of the New Reclaim Land of the Outer Harbor (NAPE), (PIUNAPE) and the (Guidelines and Urban) Regulation of the Urban Detail Plan of Reordering of Praia Grande Bay (Nam Wan) respectively.
- 26 Campina Ferreira on the origin of NAPE plan in *Arquitectura Macau*, no. 10, August 1995, p. 38.
- 27 The cancelation was done by an executive order of Macao's Governor (CEO) on August 16, 2006.

## CULTURAL HERITAGE

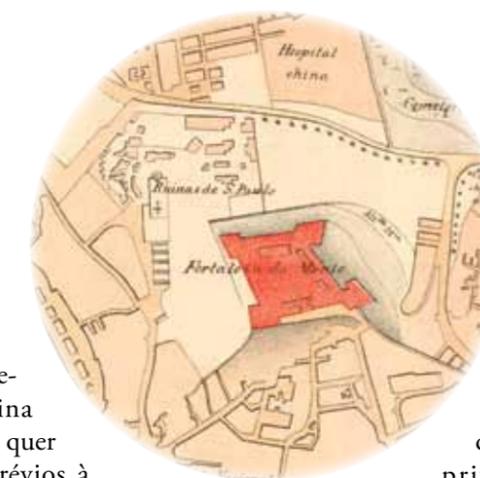
## BIBLIOGRAPHY

- Afonso, José da Conceição (1999). 'Macao: Uma experiência de urbanismo estratégico e higienista, dos finais do séc. XIX aos começos do séc. XX'. *Revista de Cultura*, Macao, no. 38/39, 1999, pp. 221-247.
- Al, Stefan (2012). *Factory Towns of South China: An Illustrated Guidebook*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Amaro, Ana Maria (1998). *Das Cabanas de Palha às Torres de Betão: Assim Cresceu Macau*. Lisbon: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas / Livros do Oriente.
- Balsas, Carlos (1999). 'A Story of Land Reclamation'. *Portuguese Studies Review*, vol. 7, no. 2, pp. 80-92.
- (2013). 'Gaming Anyone? A Comparative Study of Recent Trends in Urban Development in Las Vegas and Macau'. *Cities: The International Journal of Urban Policy and Planning*, Vol. 31, April, pp. 298-307.
- Bocarro, António (1992). *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental [1635]*. Introdução e transcrição de Isabel Cid. Vol. II, pp. 260-272. Lisbon: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Boxer, Charles (1997). *O Senado da Câmara de Macau*. Macau: Leal Senado de Macau. Translation of a chapter of *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macau, Bahia and Luanda, 1510-1800*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.
- Conim, C. & Teixeira M. (1998). *Macao e a Sua População, 1500-2000. Aspectos Sociais, Demográficos e Económicos*. Macao: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos.
- Construction Department of Guangdong Province, Department Bureau of Hong Kong Special Administrative Region, Secretariat for Transport and Public Works of Macao Special Administrative Region (2009). *Building Coordinated and Sustainable World-class Townships (Public Digest)*.

- Direcção dos Serviços de Solos, Obras Públicas e Transportes [DSSOPT] (2008). 'Uma Abordagem sobre o Estabelecimento de um Sistema de Planeamento Urbano Moderno e Científico'. Public Consultation document elaborated by a Government group for researching the Urban Planning of Macao S.A.R. Published by DSSOPT.
- Jin Guo Ping; Wu Zhiliang (2007). *Revisitar os Primórdios de Macau: Para Uma Nova Abordagem da História*. Macao: Instituto Português do Oriente / Fundação Oriente.
- Lee, Pui-Tak (2013). 'Colonialism versus Nationalism: The Plague of Hong Kong in 1894'. *The Journal of Northeast Asian History*, Vol. 10, no. 1, pp. 97-128.
- Lima, Miguel (2009). 'Losing the Connections of Hills and Sea: A Review of Macao's NAPE Planning'. *World Architecture*, 234, pp. 35-39
- Lopes, Gilberto (1998). 'Projects for the 21<sup>st</sup> Century'. *Macao*, Special Edition 1998.
- Newman, P. & Kenworthy, J. (1999). *Sustainability and Cities: Overcoming Automobile Dependence*. Washington D.C.: Island Press.
- Oliveira, Celina Veiga de; Rosário, Rui (1999). *Building Macao: A Legacy for the Future*. Macao: Gabinete Secretário-Adjunto Transportes e Obras Públicas.
- Tso, A. 'Guia Lighthouse in the Dark' (2006). *Macao Business*, December 2006.
- Lima, Miguel (2009). 'Losing the Connections of Hills and Sea: A Review of Macao's NAPE Planning'. *World Architecture Year*, no. 12, pp. 35-37.
- Tcheong-Ü-Lâm; Ian-Kuung-Iâm (1979). *Ou-Mun Kei-Leok. Monografia de Macao*. Lisbon: Quinzena de Macau.
- Woo, Mathias (2012). *Hong Kong Style*. Hong Kong: Cite Publishing Group.

# A Arqueologia Urbana Uma Abordagem para Macau

FILOMENA VICENTE\*



## 1. ARQUEOLOGIA URBANA

A arqueologia urbana refere-se ao exercício desta disciplina praticada em contexto citadino, quer para o estudo de elementos prévios à cidade, quer para o estudo da própria cidade. Este tipo de intervenção tem um método específico, devido à diversidade de apropriações humanas do espaço físico. Por um lado, a arqueologia urbana tem de lidar com vários problemas provenientes da cidade e da sua “mutação” constante, sendo uma especialidade obrigatoriamente menor em espaço e em tempo. Por outro, a arqueologia urbana depara-se com uma grande variedade de presenças temporais, levando a um maior espólio vestigial.

Trata-se de uma arqueologia tecnicamente complexa, altamente visível pelos habitantes e visitantes da cidade, na qual constantes problemas são levantados por perturbarem as rotinas diárias da população.

Aprendeu-se durante os diversos anos que constituem a história da arqueologia urbana que

“Um dos maiores progressos teóricos em arqueologia urbana tem sido a realização de que não podemos estudar a cidade como se esta fosse uma larga colecção de discretos “sítios” (propriedades privadas, ou logradouros, ou até quarteirões), cada um dos quais considerado como um objecto isolado da envolvente. [...] a cidade tem de ser vista como uma entidade, um sistema único, que foi criado por diferentes padrões de comportamento humano interagindo ao longo do tempo”.<sup>1</sup> [tradução nossa]

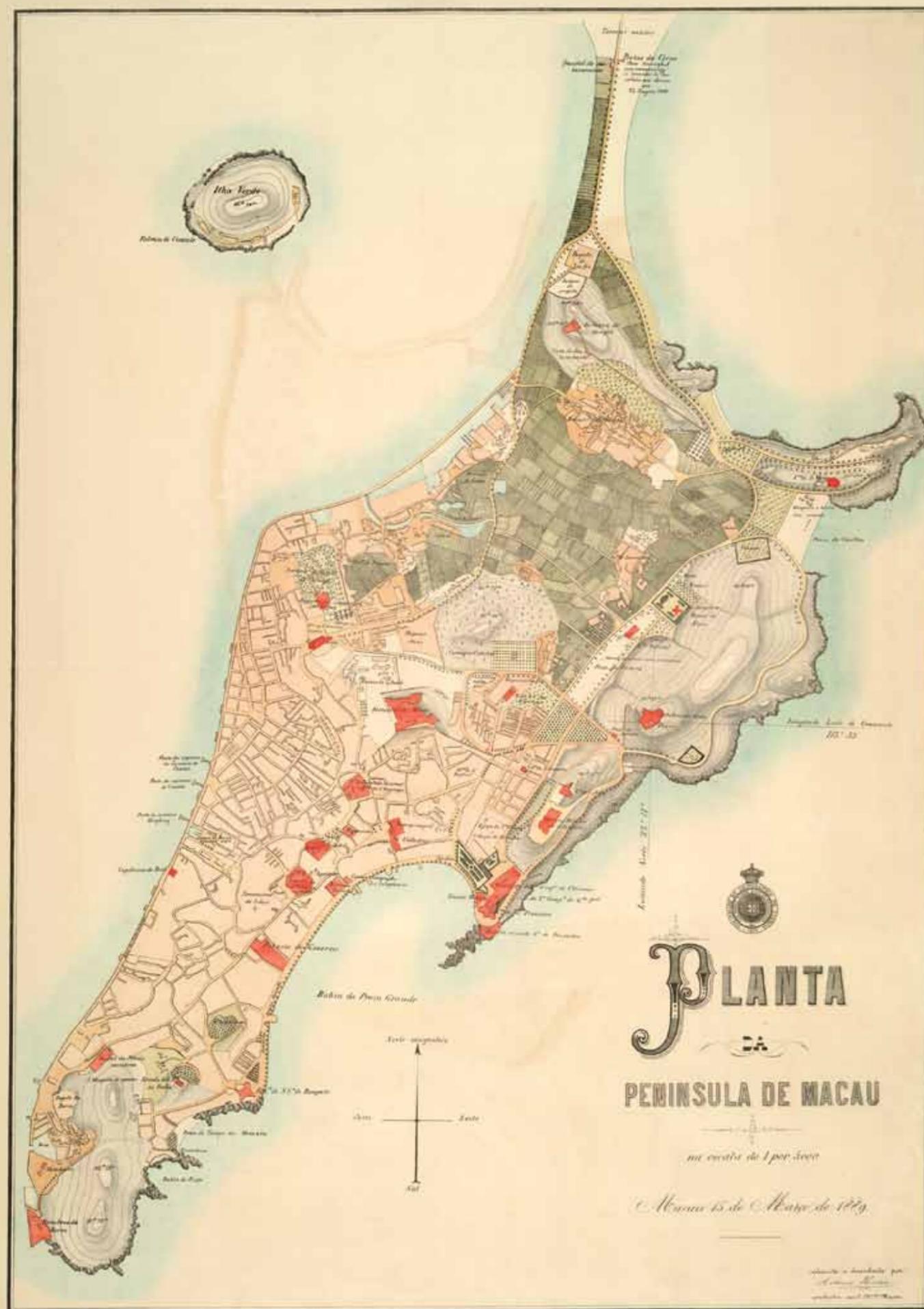
A arqueologia urbana encontra as suas origens ainda no Renascimento, com a procura de artefactos greco-latinos e “orientais” por parte dos grandes senhores desta época, quando a arqueologia ainda se confundia com “saqueamento”. A partir do século xx, a arqueologia urbana já se encontra regularizada (e com uma metodologia própria ou autónoma), em resposta ao grande crescimento urbano do século anterior, mas é apenas após a 2.ª Guerra Mundial que podemos falar numa arqueologia urbana moderna.

Além da intervenção em subsolo, a arqueologia da arquitectura constitui também uma preciosa observação que permite compreender métodos construtivos e alterações nos imóveis, os quais podem garantir uma leitura da história dos quarteirões e dos próprios edifícios.

\* Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Foi a delegada executiva de coordenação do “Projecto global de tratamento e recuperação das Ruínas de São Paulo”. Em 2012, efectuou para o Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau um trabalho de pesquisa sobre o Colégio de São Paulo e as propriedades jesuítas em Macau.

Graduate in architecture from the Faculty of Architecture of the Technical University of Lisbon. She was the team executive-coordinator of the ‘Global Project for the Recuperation of St. Paul’s Ruins’. In 2012, she made a research concerning St. Paul’s College and Jesuit properties in Macao for the Cultural Affairs Bureau of Macao S.A.R. Government.

“Planta da Península de Macau”, desenhada por António Heitor (15 de Março de 1889). Edição da Sociedade de Geografia de Lisboa.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

## 2. ARQUEOLOGIA URBANA EM MACAU

“É amplamente aceite que o conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades humanas é de fundamental importância para a humanidade inteira, permitindo-lhe identificar as suas raízes culturais e sociais.”

Carta Internacional sobre a Protecção e a Gestão do Património Arqueológico, ICOMOS, Lausanne, 1990.

A arqueologia em Macau teve um início tardio. Este “atraso” talvez possa ser explicado por uma dualidade cultural própria (ou específica) desta cidade. O conhecimento dos locais onde o estabelecimento humano teve início, tal como a cultura local, definem a identidade das populações. No caso macaense, a cultura, nos seus múltiplos aspectos, como a língua, as relações sociais, os comportamentos colectivos, assim como os bens patrimoniais, sempre foram objecto de dualidade, entre Portugal e China. Assim também o são a visão, a compreensão e o respeito pelo passado.

Embora Macau não fosse no seu início uma colónia, assim foi compreendida muitas vezes por ambas as partes em questão. Os portugueses no seu pior, com uma presença temporária, de usufruto; e os chineses também na pior interpretação da presença portuguesa, nunca esquecendo a enorme desproporção de número entre as duas populações.

Essa dualidade entre cultura e a cidade, entendida aqui como “contentor de memória social”,<sup>2</sup> apresenta-se como um desafio de dimensão extraordinária, pela dificuldade em harmonizar as partes. E se este desafio já se apresenta em cidades com uma identidade comum (se o entendermos como uma só língua, uma nacionalidade ...), Macau revela-se como um local “exemplar” na perspectiva de um entendimento e solução para a convivência com a sua história.

## 2.1. ARQUEOLOGIA EM MACAU NA ADMINISTRAÇÃO PORTUGUESA

## 2.1.1 Arqueologia vinda de Hong Kong

Membros da Hong Kong Archeological Society iniciaram em Julho de 1972, a convite do então Leal Senado, o que conhecemos como a primeira campanha

arqueológica no território de Macau, mais precisamente na ilha de Coloane.

A escolha de Coloane baseou-se em vários factores. Por um lado, existiam rumores de vestígios da Idade do Bronze nas ilhas de Coloane e da Taipa. Por outro, as zonas ribeirinhas, de fácil acesso a “portos de abrigo”, com uma relação de proximidade a campos aráveis/cultiváveis, tinham sido os locais onde se tinham identificado “depósitos culturais” em Hong Kong.

Finalmente, a localização geográfica de Coloane, sendo a ilha mais a sul do território de Macau e a sua proximidade a Este de Hong Kong, fez com que esta tivesse particular interesse para a Hong Kong Archeological Society.

Em diversas ocasiões, a convite das autoridades de Macau, a Hong Kong Archeological Society regressou ao território e conduziu novas intervenções arqueológicas em Hac Sa.

Foi confirmado que aí existiram duas camadas de épocas diferentes a sul da praia de Hac Sa. Na camada superior, mais recente, foram encontrados nas escavações inúmeros fragmentos de artefactos cerâmicos com diversos motivos decorativos. Alguns dos fragmentos pertenciam a cerâmica de pasta branca com padrões impressos. Ainda se encontram no espólio recolhido anéis de pedra de quartzo, placas de arenito com sulcos, ferramentas em pedra e pedras lascadas.

Na camada inferior, foram encontrados fragmentos de cerâmica vermelha, apresentando pinturas, incisões e, nalguns casos, peças perfuradas.

Os arqueólogos envolvidos na campanha arqueológica calcularam que a camada superior poderia ser datada de há, aproximadamente, 5500 a 4500 anos, na camada inferior encontravam-se vestígios de um período de ocupação datado de há 6000 anos.<sup>3</sup>

O Centre for Chinese Archaeology and Art, Institute of Chinese Studies of The Chinese University of Hong Kong e o Departamento Chinês da Universidade de Macau lançaram em conjunto, durante o ano de 1994, um projecto de âmbito arqueológico com o objectivo de localizar áreas potenciais de estudo nas ilhas da Taipa e Coloane.

As zonas de Cheoc Van e Ka Ho foram apontadas como potencialmente interessantes do ponto de vista arqueológico mas, dadas as variadas condicionantes encontradas em virtude das inúmeras construções que já se encontravam no local nessa data, foram abandonadas como locais de escavação.

A zona Norte de Hac Sa também já apresentava um vasto empreendimento turístico, pelo que, mais uma vez, a área de estudo recaiu sobre a zona sul de Hac Sa, preservada por se encontrar na zona da praia.

O espólio recolhido nesta campanha foi semelhante aos anteriores, tendo sido datado no relatório arqueológico da época como tendo aproximadamente entre 3.500 a 4.000 anos.

Estas campanhas arqueológicas foram sempre localizadas fora do contexto citadino.

## 2.1.2. “Projecto Global das Ruínas de São Paulo”

Em 1988, no decorrer do restauro da fachada da Igreja de São Paulo, o então Presidente da Comissão de Defesa, arquitecto Francisco Figueira, relata que se fizeram escavações na face interior da fachada no sentido de se analisar o estado das fundações. Podemos ler no mesmo relato que essas escavações “revelaram a existência de paredes que, aparentemente partem de uma cota muito inferior à do pavimento da Igreja”. Francisco Figueira termina dizendo que essas escavações já tinham fornecido informações suficientes quanto ao estado dos “alicerces”, mas que estas deveriam ter continuidade, através de um plano que, de uma forma mais sistemática, “permitisse a averiguação de como era, de facto, a planta da igreja”.

Foi a partir desta carta que se iniciou a escavação que possibilitou identificar a original planimetria da monumental igreja, principal ex-líbris de Macau.

Os trabalhos foram executados com o auxílio de técnicos portugueses, coordenados pelo arqueólogo António Cavaleiro Paixão.

A equipa pluridisciplinar responsável pelo chamado “Projecto de Recuperação das Ruínas de São Paulo” era coordenada pelo arquitecto Manuel Vicente e incluía, na disciplina de arquitectura, os arquitectos José Daniel Santa Rita, Manuel Graça Dias e João Luís Carrilho da Graça, o último dos quais acabou por ser o autor do projecto de musealização aí criado. O engenheiro José Matos e Silva, o historiador Fernando António Baptista Pereira e o arqueólogo Cavaleiro Paixão completavam esta equipa que acompanhou a campanha arqueológica, identificou a planimetria da igreja, os diversos espaços que a compunham e que correspondiam com bastante exactidão às descrições dos contemporâneos do colégio.<sup>4</sup>

O projecto terminou com a construção de um núcleo museológico no local da antiga cripta, assim

como a musealização *in situ* dos mais significativos vestígios arqueológicos. (Fig. 1)

Durante a execução deste projecto, muitas estruturas anexas à igreja e na sua envolvente foram postas a descoberto. Por não se encontrarem integradas na área de intervenção do projecto de musealização acabaram por não ser objecto do mesmo nível de interesse e estudo que a zona do corpo da igreja. No entanto, existem registos escritos que as descrevem e nos despertam a curiosidade de as voltar a descobrir, desta vez com o objectivo preciso de as identificar, registar e interpretar. Alguns exemplos: as fundações da Torre Sineira, anexa à fachada; as fundações dos edifícios laterais à escadaria (provavelmente as salas de aula do Colégio) e até a passagem subterrânea/esgoto que atravessa a Calçada de São Paulo em direcção à estrutura da escadaria.

## 2.1.3. Museu de Macau – Fortaleza do Monte

Na última década do século xx, é escolhida a Fortaleza do Monte como um espaço de referência para a instalação do Museu de Macau. A escolha obedeceu a um conjunto de parâmetros, como a carga histórica do sítio, valorização do circuito turístico, dignidade e nobreza do local e sua envolvente, acessibilidade, entre outros.

Esta decisão surgiu em Abril de 1994 quando o então governador de Macau deu directivas no sentido da criação de um museu “dedicado à história da Cidade e das suas gentes”, referência feita pelo arquitecto Carlos Moreno, responsável pela musealização da Fortaleza do Monte (assessorado por Fernando António Baptista Pereira), bem como os seguintes trabalhos de restauro e consolidação da fortificação.<sup>5</sup>

Perante esta opção por um espaço emblemático e histórico, houve que acautelar e salvaguardar valores de âmbito arqueológico presentes na Fortaleza do Monte, já que foi necessário recorrer ao subsolo para a criação de vastas áreas expositivas contempladas no programa museológico.

O desenvolvimento dos percursos de acesso ao museu e ao edifício administrativo, a partir da base da colina junto à fachada da Igreja de S. Paulo, implicaram, em simultâneo e por igual motivo de salvaguarda, uma intervenção arqueológica na área das ruínas do desaparecido Colégio de S. Paulo.

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 1995 e 1997 e privilegiaram, para além da escavação



em área do interior da Fortaleza do Monte e numa zona do antigo Colégio de S. Paulo, intervenções pontuais em dois bastiões e na área externa da fortificação, como a galeria de descarga da cisterna e a vertente norte da colina, onde foi identificado e registado um troço da cerca que delimitava o território da Companhia de Jesus e erigida em 1606.

Atendendo ao volume de terras a remover e às vastas áreas a intervir, a equipa de arqueologia concretizou, num primeiro momento, um conjunto de sondagens logo no Verão de 1995, tanto na área do colégio como no interior da fortaleza. Esta primeira intervenção teve por fim proceder-se a uma avaliação mais realista do potencial arqueológico em presença e quais as implicações e eventuais alterações que estes vestígios iriam suscitar ao nível do projecto de arquitectura, do programa museológico, implantação do edifício administrativo, acessibilidades e percursos pedonais.

Em simultâneo a esta primeira fase, iniciámos uma pesquisa complementar, ao nível da consulta de documentação escrita e da recolha de registos iconográficos e cartográficos, tarefa imprescindível no apoio à interpretação das estruturas entretanto identificadas na sequência das escavações arqueológicas.

Como resultado da vasta campanha arqueológica, foi identificado um muito significativo conjunto de estruturas e de espólio arqueológico. No interior da Fortaleza destacamos a identificação do embasamento da primitiva residência dos governadores, de uma complexa rede de esgotos e o arranque da designada “Torre Cavaleira”, inicialmente com três pisos, e que se encontra muito bem referenciada no desenho de Jean Nieuhoff, de 1665, no momento em que faz fogo sobre a zona da Praia Grande.<sup>6</sup> (Fig. 2)

Mas, de facto, a nota de surpresa foi a identificação de um robusto muro de alvenaria a uma cota inferior às anteriores estruturas identificadas e sem qualquer relação com as mesmas. Atravessava toda a área escavada, num total de 33m de comprimento, e apresentava ainda uma altura de 6m e uma largura de 2m na base e 1,80m no topo.

Este muro apresenta, a nível tipológico, semelhanças com a cerca do colégio, ambos em alvenaria

de pedra. A sua construção pode estar associada a um primeiro momento de fortificação do topo da colina, logo na primeira década de Seiscentos. Esta necessidade de serem criadas condições de defesa urgentes vem na sequência dos ataques regulares a Macau cometidos pelos holandeses, a partir de 1601.

*A arqueologia em Macau teve um início tardio. Este “atraso” talvez possa ser explicado por uma dualidade cultural própria (ou específica) desta cidade.*

Torna-se, assim, pertinente aceitar-se que a construção deste primeiro reduto defensivo seja simultâneo com a construção da cerca da Companhia de Jesus, ou seja, em 1606.

É este testemunho de excepção que implicou a reformulação do projecto de arquitectura, ao nível do átrio de entrada do Museu, com a inclusão, reparação e musealização de um troço da muralha, presumível memória do primeiro momento de fortificação da colina do Monte.

Quanto aos vestígios arqueológicos identificados ao nível do colégio, destaque para um conjunto de estruturas integradas na ala sul do pátio ou claustro, com destaque para dois corredores e uma sucessão de cubículos.

Dada a singularidade e memória da zona da portaria, como dos acessos a diversos equipamentos que integravam o colégio, foi naturalmente aceite pela equipa de projecto do Museu de Macau a necessidade da sua manutenção, conservação, consolidação e integração no percurso de acesso ao museu, a partir da área da antiga portaria do colégio, para usufruto da população.

Para o efeito, foi concebido um passadiço sobreelevado em relação às estruturas, estas devidamente identificadas e legendadas, após a consolidação e reconstituição das mesmas segundo a técnica de construção tradicional em chunambo.

Uma terceira vertente desenvolvida, para além da escavação arqueológica e da conservação e restauro de estruturas, correspondeu à lavagem e inventário

Fig. 1. Ruínas de São Paulo durante a intervenção de limpeza da fachada no decurso do “Projecto Global de Recuperação das Ruínas de São Paulo” 1990/1991.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Fig. 2. Vista de Macau, de autor anónimo, incluída no livro *Het Gezantschap Der Neerlandsche Oost-Indische Compagnie, Aan Den Groten Tartarischen Cham, Den tegenwoordigen Keizer Van China*, de Jan Nieuwhoff (Amesterdão, 1665).

do espólio exumado e tratamento e restauro de um conjunto de peças seleccionadas a fim de integrarem um núcleo expositivo que fosse a memória da ocupação desta colina até à primeira metade do século xx.

O espaço escolhido foi o bastião noroeste e aí se incluiu peças representativas, na sua maior parte, de dois períodos históricos: o período Ming Final/Qing Inicial, momento que coincide com as grandes obras no território jesuíta; e último quartel do século xix e primeira metade do século xx, período de utilização do espaço do desaparecido colégio como lixeira.

Do conjunto do espólio exumado, destaque para um conjunto de porcelana recolhida na Fortaleza do Monte, numa bolsa localizada sob uma das paredes de ampliação da Casa do Governador, obra de meados do século xvii. Esta colecção foi, entretanto, objecto de estudo e integrada no Projecto de Investigação “De Macau a Lisboa – Na Rota das Porcelanas Ming”, projecto desenvolvido por Armando Sabrosa (1965-2006) e, mais recentemente, integrou uma

comunicação apresentada num congresso internacional que decorreu na Universidade Nova de Lisboa.<sup>7</sup>

Por fim, podemos destacar como um dos aspectos com maior relevância, o planeamento atempado e faseado do projecto do Museu de Macau, que incluiu, desde o primeiro momento, a vertente da arqueologia urbana, o que viabilizou a procura de soluções e de alternativas sempre que o património arqueológico o justificava e a segurança e qualidade do imóvel o permitiram, realidade que tem todo o cabimento, em particular, nos projectos de iniciativa pública e privada no Centro Histórico.

## 2.2. ARQUEOLOGIA EM MACAU – RAEM

Em 2002, iniciou-se um processo destinado à musealização do Edifício da Antiga Câmara das Ilhas,<sup>8</sup> na Taipa.<sup>9</sup> Uma equipa, constituída por arquitectos e arqueólogos, conduziu a primeira escavação realizada “unicamente por pessoas de Macau, na história da arqueologia desta região, bem como a primeira

escavação arqueológica depois do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau”.<sup>10</sup> Nessa intervenção arqueológica, no subsolo do edifício de traça portuguesa, construído nos anos 20, para centro administrativo do governo das ilhas – localmente denominado *Yamen* (isto é: repartição do governo) – encontraram-se as estruturas do imóvel que antecedeu o da Câmara. “São relíquias dos primórdios do desenvolvimento da Taipa, na sequência da ocupação portuguesa. Fornecem-nos dados consistentes e significativos para o estudo da história da expansão portuguesa em Macau”.<sup>11</sup>

Além de porcelanas da dinastia Qing e de inícios do período Minguo, também alguns materiais de construção foram identificados, como é o caso de fragmentos de argamassa de parede, ornamentos de edifício, pedra granítica, tijolos e azulejos datados de entre 1851 a 1920. A existência de conchas na areia grossa, usada para construção do imóvel, permite também identificar a proveniência dos materiais de construção.

A intervenção arqueológica terminou em 2005 e o acervo obtido foi integrado na exposição do Museu. Paralelamente, um trabalho de investigação realizado por organizações locais e centros de idosos na Taipa e Coloane, em articulação com instituições académicas de Macau e Hong Kong, permitiu a recolha de peças que possam integrar exposições temáticas do museu.

A agricultura, a construção naval e a indústria da pesca – e também a ostricultura, actividade secundária praticada por todos em Hac Sa, como meio de suplemento às magras receitas familiares – ficaram documentadas e são um dos temas do museu, fruto deste contacto com a comunidade na qual se integra.

Em 2006, à semelhança do que aconteceu em 1994, o Museu de Arte de Macau sob a tutela do Instituto Para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), convidou membros do Centre for Chinese Archaeology and Art, Institute of Chinese Studies of The Chinese University of Hong Kong e Jao Tsung-I Petite Ecole of The University of Hong Kong para, mais uma vez em conjunto, formarem uma equipa arqueológica com o objectivo de conduzir mais uma campanha na zona sul de Hac Sa.

Desta vez numa área mais vasta, a escavação foi interrompida quando foi atingida a camada que tinha sido estabelecida como meta desta escavação: o período Neolítico.

O espólio recolhido nesta campanha forneceu dados suficientes aos arqueólogos envolvidos para que fosse estabelecida a conclusão de que Hac Sa poderia ter sido uma povoação especializada na produção de anéis de pedra de quartzo.

Recentemente o Governo da RAEM tem lançado uma série de projectos no âmbito da arqueologia no território da ilha de Coloane e encontram-se identificados locais, para além da zona sul da praia de Hac Sa, onde vestígios pré-históricos se encontram presentes.<sup>12</sup>

As escavações agora executadas encontram-se já assistidas por Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Estes sistemas são um avanço extraordinário na gestão da informação arqueológica, dado que possibilitam a rigorosa sobreposição de todos os dados disponíveis e introduzidos, facilitando a confrontação entre estes, sua edição e análise.

Em contexto citadino, em 2010, a mais relevante escavação arqueológica decorreu na sequência da demolição de quatro moradias do Montepio, construídas nos anos 60 do século xx, alinhadas com a Rua de D. Belchior Carneiro, nas traseiras da Igreja de São Paulo.

Uma vez que, desde as escavações que precederam a construção do Museu de Macau, na Fortaleza do Monte, se suponha ser essa zona ocupada por estruturas do Colégio de São Paulo, o Instituto Cultural convidou o Instituto de Arqueologia da Academia de Ciências Sociais Chinesa para conduzir o chamado “Projecto de Investigação e Escavação Arqueológica das Ruínas do Colégio de São Paulo”.

Esta escavação teve uma duração de dois anos e decorreu em diferentes etapas, tendo sido descobertos mais de 10 000 artefactos no local, alguns dos quais datados do período final de dinastia Ming a início da dinastia Qing.

Foi também posta a descoberto uma abertura profunda, feita pelo homem, na zona a este do principal claustro do Colégio de São Paulo. Esta estrutura parece corresponder à descrição feita pelo Pe. Montanha de um poço aberto em 1746.<sup>13</sup>

## 3. O DESENVOLVIMENTO URBANO DA CIDADE E A PRESSÃO IMOBILIÁRIA

A exiguidade do território de Macau parece que justifica tudo. O desrespeito pelo centro histórico, a construção em altura, a densidade da construção, a

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

demolição contínua da imagem urbana, a substituição da memória pelo incaracterístico.

A criação de novos aterros será, em princípio, uma solução para o despressurizar das zonas antigas, sem o ser na totalidade. Nem só de grandes investimentos e investidores se compõe o sector imobiliário de Macau. Até mesmo o pequeno proprietário na zona mais antiga de Macau sofre com o aumento da inflação e vê o aumento das rendas como uma fonte apetecível de rendimentos. As pequenas “torres” que se vêm construídas com uma frente de rua onde pouco mais se consegue prever do que a caixa das escadas, são prova disso mesmo.

A tentativa de substituir o prédio antigo por uma construção nova é tentadora e muitas vezes bem sucedida. E, neste contexto de “zona histórica”, é exactamente este o principal problema que se coloca. Como manter a identidade do local sem prejudicar os pequenos proprietários?

Assim, o principal desafio é compatibilizar o uso dos edifícios antigos com as necessidades dos seus proprietários, sem que a solução passe pela demolição e substituição.

3.1. PATRIMÓNIO AMEAÇADO

Não é novidade que a pressão imobiliária ameaça continuamente o património edificado de Macau. A diminuta área do território, o aumento da população, a necessidade da construção em altura, associados ao aumento do valor do imobiliário, do valor das rendas, criam uma pressão constante sobre a cidade antiga, sobre o património de Macau.

Constatando que o património construído está cada vez mais ameaçado pela destruição, não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela acelerada evolução da vida social e económica de Macau, é consensual a noção de que a degradação ou desaparecimento do nosso património edificado constitui um empobrecimento global que nos atinge a todos.

Recentes demolições de conjuntos edificados na zona do Porto Interior, e não classificados, são testemunho de que há ainda por classificar conjuntos, quase “pequenas aldeias” dentro da cidade, com valor patrimonial.

No centro histórico há, decerto, mais conjuntos ou locais por descobrir, por classificar, que, com uma candidatura devidamente documentada, seriam



Fig. 3. Ilha Verde, na “Planta da Península de Macau”, 1889 (vide p. 128).

aceites pelo seu valor, quer pelas técnicas construtivas tradicionais, quer ainda pelo enquadramento físico e visual que proporcionam.

Embora seja comumente aceite que as áreas de interesse patrimonial estão já aproximadamente demarcadas, importa referir que a leitura da história de Macau também se faz extramuros, como por exemplo em Mong-Há, onde existiu uma povoação, ou na Ilha Verde, que foi uma propriedade jesuíta. (Figs. 3 e 4)

Também a muralha ribeirinha, embora tendo sido construída sem a planificação e os recursos teóricos de engenharia militar jesuíta, merecia ser identificada, delineada e estudada. Desta muralha parecem ainda restar muitos troços, detectados como muros de suporte originais da cidade, dispostos de forma irregular e sinuosa acompanhando a antiga linha de costa.

Importa ainda também referir que existiram no passado situações que devem ser identificadas como exemplos a não repetir ou até, quem sabe, exemplos a demolir. Se a actual Lei de Salvaguarda do Património Cultural apresenta artigos onde se identificam as situações em que a demolição de imóveis classificados é possível, porque não complementar a lei com artigos que justifiquem a demolição de edifícios que descaracterizam e afectam negativamente as zonas protegidas?

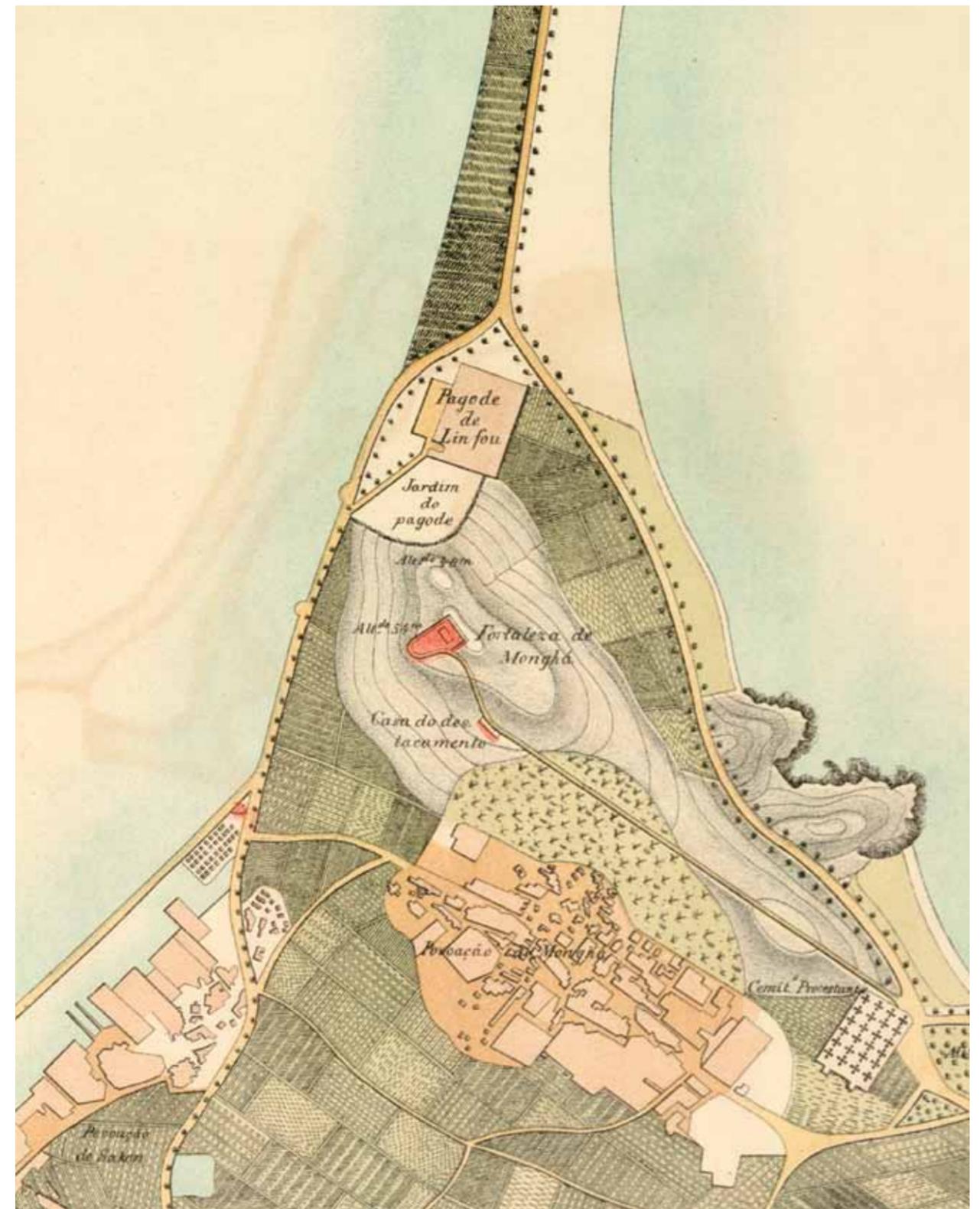


Fig. 4. Povoação de Mong Há, na “Planta da Península de Macau”, 1889 (vide p. 128).

## PATRIMÓNIO CULTURAL

### 3.2. NECESSIDADE DE LEGISLAÇÃO PREVENTIVA, DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

O planeamento urbano deve ser entendido como uma ferramenta de preservação do património cultural num contexto de crescimento económico e urbano.

O planeamento urbano e a integração do que são considerados os monumentos arquitectónicos no quotidiano da cidade e, neste caso mais importante ainda, no seu desenvolvimento económico, são os factores fundamentais para o crescimento do conceito de protecção do nosso património.

A falta de um Plano Director torna o desafio de protecção ainda mais complexo, dado que planos parcelares apenas proporcionam uma visão limitada das intervenções no território.

Associado a esta falta de visão do todo, apresenta-se o conflito entre a conservação do legado patrimonial e o desenvolvimento urbanístico. Agravada pela classe dirigente menos sensível às questões de investigação e conservação do património cultural, encarando a escavação arqueológica em espaço urbano como um constrangimento ao desenvolvimento, provocando a paralisação dos empreendimentos (exceptuando o caso da sua realização na fase de apreciação do projecto), causando interferência nas trocas comerciais até dificuldades de tráfego rodoviário.

É fundamental, pois, o empreendimento de uma estratégia que demonstre que a preservação patrimonial enriquece o lugar. Essa acção deve ser desencadeada com a sensibilização dos habitantes, de modo a que os próprios – progressivamente – compreendam que a arqueologia valoriza o lugar onde moram, a sua casa, o seu quarteirão, a sua cidade. É um processo longo, de renovação de mentalidades, mas urge ser desenvolvido com estratégias de proximidade: nas escolas, nos bairros mais antigos, nas igrejas, junto dos comerciantes, da restauração, de todos quantos recebem turistas nos seus estabelecimentos, incluindo as inúmeras casas de jogo e de penhores.

## 4. CARTA ARQUEOLÓGICA

### 4.1. DEFINIÇÃO

Uma carta arqueológica implica uma compilação de todos os elementos de natureza bibliográfica e cartográfica que permitam construir uma base de dados que possa ser divulgada e que dê a conhecer a evolução histórica de determinada região.

A divulgação desta informação permitirá definir linhas orientadoras para a intervenção nesses bens patrimoniais, sua classificação, a definição de normas para a sua correcta inventariação e uma futura e mais alargada utilização.

### 4.2. A CRIAÇÃO DE UM MODELO ADEQUADO AO TERRITÓRIO

Os Centros Históricos são sítios arqueológicos de relevância excepcional, pelo que é fundamental garantir a preservação de Memórias nesses lugares.

As acções de Arqueologia Urbana desenvolvidas em Centro Histórico visam essencialmente potenciar o registo e salvaguarda dos vestígios patrimoniais que testemunhem a ocupação humana, do passado à actualidade. O registo de tudo o que acontece no solo e nos imóveis permitirá a transmissão do legado cultural às gerações futuras, o que é fundamental para a construção da memória comum, da identidade colectiva. Todos os resultados das intervenções arqueológicas – acompanhamento de obras e escavações arqueológicas – e os dados obtidos através do estudo de materiais e dos contextos arqueológicos são muito significativos.

O tipo de abordagem arqueológica que se pretende ser desenvolvida, em Macau, é a que privilegia as relações entre o homem e o meio ambiente onde se insere, abrangendo as relações sociais e económicas no local onde se dá a pesquisa arqueológica.

Referimo-nos fundamentalmente à arqueologia que se realiza em solo urbano.

O grande desenvolvimento da arqueologia urbana deu-se na segunda metade do século xx, com o desenvolvimento das cidades históricas e a necessidade de o regulamentar no sentido de evitar o progressivo desaparecimento de património cultural no subsolo das cidades.

O grande desafio que se coloca é modificar a crença generalizada de que as escavações arqueológicas no centro urbano, onde se verificam traços históricos e arqueológicos de valor, se traduzem numa limitação de ordem social e económica.

Na mais recente abordagem da arqueologia urbana verifica-se que ao trabalho de campo se associa a criação de instituições de acompanhamento técnico e científico, com competências para acompanhar as intervenções na cidade. Estas instituições apresentam-se como instrumentos fundamentais na gestão do ordenamento do território urbano.

Outro aspecto a ter em consideração acaba por ser a questão do que fazer aos achados arqueológicos: conservar e preservar o legado patrimonial encontrado e, muitas vezes, pertencente a um dos períodos mais marcantes da história da cidade e da Ásia, ou permitir a sua destruição a fim de dar continuidade ao normal desenvolvimento do contexto urbano. Durante uma escavação arqueológica o contexto original dos achados é de alguma forma alterado, exactamente durante a escavação, mas se o objectivo for dá-lo a conhecer aos cidadãos e turistas, o impacto dessa destruição deve ser cuidadosamente controlado.

Trata-se de encontrar um equilíbrio entre o progresso (urbano, social e económico) da cidade e a cultura da cidade.

Há que, antes de tudo, entender Macau. A população verdadeiramente residente é composta por quem? Quem realmente habita o coração da cidade? Qual a percentagem de habitantes “temporários” em contraponto com os “permanentes”? Quem se sente realmente a pertencer a Macau? Quem mantém Macau viva?

Não será essa precisamente uma característica desta cidade única? Que a quantidade de “temporários” sempre foi muito superior aos “permanentes”?

E como manter as pessoas nos locais que se consideram Património? Como manter as pessoas que o fazem ser Património? Como fazer entender a essas pessoas a sua própria importância?

Quem se interessa pela cidade ao ponto de a querer conhecer? De a estudar? De aprofundar o que já se sabe?

Vamos acreditar que ainda existe o que se chama “gente de Macau”.

E mais do que tudo é preciso reconciliar a “gente de Macau” com o seu “contentor de memória social”.

Macau é sinónimo de jogo e isso é, neste momento, indissociável do seu desenvolvimento e sobrevivência. Mas Macau tem potencialidades para se transformar numa cidade destino de turismo cultural devido ao seu legado patrimonial arqueológico, histórico e arquitectónico. Não sendo também essa uma solução perfeita, porque provavelmente não as há.

A perspectiva de uma cidade destino de turismo cultural encontra, no seu próprio conceito, perigos do ponto de vista de conservação. Perigos esses derivados dos milhares de visitantes que a escolhem como destino turístico, dada a dificuldade das frágeis estruturas que constituem um centro histórico se adaptarem à multifuncionalidade assim exigida.

Mas existe certamente um ponto de conciliação entre os trabalhos de melhoria urbana e o preservar do património cultural, se ambos forem considerados fundamentais para o desenvolvimento e para o bem estar da população.

Torna-se assim fundamental a existência de um organismo que faça a sua gestão, garantindo um conjunto de acções programadas com o objectivo de conseguir a conservação dos bens patrimoniais e o seu uso adequado às exigências sociais contemporâneas.

### 4.2.1. Metodologia

#### 4.2.1.1. Compilação exaustiva da informação das anteriores campanhas arqueológicas

A necessidade de divulgação de uma Carta Arqueológica baseia-se no conceito de que a “difusão do Património é a condição básica e essencial para o proteger e conservar”.<sup>14</sup>

A Carta Arqueológica corresponde a um inventário continuamente actualizado e georreferenciado de sítios e vestígios arqueológicos resultantes de anteriores campanhas arqueológicas.

Pretende-se assim divulgar, e de forma sistemática, a totalidade do património arqueológico identificado e registado até hoje. Com o pressuposto da sua continuada actualização.

Este inventário deverá ser acompanhado pela documentação gráfica arqueológica através de grelhas e mapas georreferenciados, informação fotográfica que documente os sítios arqueológicos e informação bibliográfica que reúna todos os registos escritos consultados, fornecendo dados sobre o património arqueológico encontrado e estudado.

Esta Carta Arqueológica tornar-se-á fundamentalmente um banco de dados consultável pelos organismos competentes, por investigadores e público em geral.

4.2.1.2. Pesquisa de fontes escritas e gráficas disponíveis  
“5. O planeamento da salvaguarda das cidades e bairros históricos deve ser precedido de estudos pluridisciplinares. O plano de salvaguarda deve incluir uma análise de dados, designadamente arqueológicos, técnicos, sociológicos e económicos, e definir as principais orientações e modalidades de acção a empreender nos campos jurídico, administrativo e financeiro.”<sup>15</sup>

Todas as “arqueologias” que se dividem pelo período sobre o qual se dirigem, sejam elas a arqueologia pré-histórica, proto-histórica ou arqueologia histórica

## PATRIMÓNIO CULTURAL

(clássica, medieval, moderna e industrial), todas elas, excluindo a primeira, utilizam não só as fontes materiais, de campo, mas também as fontes escritas.

Para ser possível a completa análise de dados, em Macau ainda há muito trabalho de organização de fontes documentais a fazer.

Com a passagem de administração em 1999, muita informação ficou perdida, por catalogar e dispersa.

A título de exemplo podemos referir o arquivo da Direcção dos Serviços de Solos, Obras Públicas e Transportes [DSSOPT], no qual ainda em 1995 se podia consultar cartografia diversa da cidade datada do início do século xx e do qual hoje não há conhecimento do seu paradeiro. Documentos que registavam não só a planimetria de cidade mas também a altimetria de locais hoje muito alterados. Planos parcelares da cidade com o levantamento do então existente sobrepostos com a nova proposta de abertura de vias. Dados que atestavam a transformação da cidade nos primeiros 50 anos do século xx e que forneciam informações precisas sobre a situação da cidade anterior às grandes transformações que se operaram nos últimos 100 anos.

Outro exemplo, os arquivos do Exército que, tendo sido salvos da destruição pelo Eng.º Armando Cação, se encontram num armazém em Lisboa, provavelmente nas mesmas caixas que deixaram Macau. Importa referir que, desde a destruição de grande parte dos arquivos do Leal Senado, as instituições militares em Macau seriam quem possuía a mais antiga e rigorosa documentação sobre o evoluir da cidade, embora sempre dentro do âmbito do interesse militar. Esse âmbito só lhe reforça o interesse, dado que as construções defensivas são o testemunho que mais perdura no tempo.

Para quem vive na cidade, a sistematização da recolha fotográfica, iconográfica e de informação oral encontra-se mais em blogs e sites independentes da internet do que sob o controlo e iniciativa das instituições.

Importa recolher toda a informação, seja qual for a nacionalidade da sua origem e tratá-la de forma a que possa ser consultada e divulgada.

Através da internet é, hoje em dia, permitido aceder a informação e fontes de informação em bibliotecas, centros de documentação, arquivos, fazendo pesquisa em bases de dados, ter acesso a monografias, periódicos,

dissertações, actas de congressos, comunicações e relatórios, enciclopédias e dicionários.

Uma vez encontrada essa plataforma informática que possibilite essa interacção numa base de dados única, a arqueologia e os processos de investigação paralelos podem passar a disponibilizar o máximo de informação através deste meio universalmente aceite.

#### 4.2.1.3. Orientação para a criação de um zonamento e hierarquização de áreas com potencial arqueológico

Primeiro há que estabelecer os critérios gerais e metodologia adequada para avaliação da importância e do potencial arqueológico da área urbana.

Com a criação de uma carta arqueológica e sua análise é possível a identificação de:

- sítios ou indícios arqueológicos existentes, bem como a sua caracterização cultural;
- delimitação espacial das áreas de interesse histórico reconhecidas;
- delimitação de áreas em risco;
- avaliação do potencial de determinadas áreas quanto a probabilidade de ocorrência de sítios arqueológicos;
- definição dos critérios de importância arqueológica;
- avaliação dos recursos culturais segundo a sua utilização para fins educacionais e/ou turísticos;
- orientações para a actuação junto a obras e empreendimentos urbanísticos durante as fases de projecto e construção.

Finalmente, com as orientações obtidas através da criação de uma carta arqueológica, será possível a elaboração de um zonamento arqueológico da cidade, hierarquizado e dotado de legislação e enquadramento legal específico como forma de assegurar o ordenamento e gestão das zonas abrangidas. O zonamento da sensibilidade arqueológica permitirá aos moradores e às autoridades, progressivamente, a constatação que a acção do arqueólogo em articulação com os técnicos de arquitectura e engenharia beneficia a cidade do ponto de vista patrimonial. É fundamental o registo de tudo o que aconteça: o que não tem interesse em manter-se, por ser já conhecido, será registado e/ou levado – caso de justifique – para uma entidade de salvaguarda e investigação patrimonial (exemplo: universidade ou museu); o que é importante constituirá uma mais-valia para o imóvel intervencionado, passando a integrá-lo. Em qualquer dos casos, a transmissão de conhecimento

oriundo da acção arqueológica às populações é fundamental para as consciencializar da importância do local onde vivem.



#### 4.2.1.4. Garantia do acompanhamento das recomendações da UNESCO

A 15 de Julho de 2005,<sup>16</sup> a candidatura de inscrição de “Os monumentos históricos de Macau” à lista do Património Mundial da UNESCO nos termos da “Convenção Relativa à Protecção do Património Cultural e Natural”, foi aceite por unanimidade pelo Comité decisor. Com alteração do título para “O Centro Histórico de Macau”, essa área territorial tornou-se o 31.º sítio designado como Património Mundial da China. O Comité do Património Mundial recomendou – além da alteração da designação do bem classificado – que o proponente fizesse todos os esforços para desenvolver um mecanismo de gestão que garantisse a integridade estrutural e visual do bem e para manter as referências paisagísticas patrimoniais autênticas a par da envolvente contemporânea.

Após uma classificação como Património Mundial, os responsáveis por esse local assumem a obrigação de garantir um equilíbrio entre a protecção do património cultural e o seu desenvolvimento sustentável.

A ausência de um Plano Director para a cidade dá poucas garantias de uma zona de protecção adequada ao objecto de classificação.

A integridade do Centro Histórico não é associada apenas ao seu interior, mas também à sua envolvente.

Dada a proximidade física das várias “paisagens” que constituem a pequena península de Macau, as mudanças de vulto que se operam dentro do exíguo território têm um grande impacto na zona classificada.

O desenvolvimento de um Plano Director daria as garantias necessárias a um maior controlo à preservação adequada do património.

## CULTURAL HERITAGE

Dentro do espírito de conservação, já foram conseguidas a classificação como património imaterial da RAEM o teatro em patuá e a gastronomia macaense. Três bens culturais de Macau foram inscritos, em 2011, no terceiro lote da Lista de Património Cultural Imaterial a nível nacional: o Festival do Dragão Embriagado, a Música Ritual Taoista de Macau e as *Naamyam* Cantonenses (Canções Narrativas).

Pretende-se preservar não só o património edificado, mas as variadas vertentes do ambiente cultural em que se inserem.

Na síntese histórica apresentada à UNESCO é bem evidenciada a característica única de Macau: um lugar de particular fusão cultural, ponte entre o Oriente e o Ocidente desde o século xvi. Aqui, o intercâmbio cultural teceu uma identidade única, não só na arquitectura da cidade – que ainda hoje deixa perturbado, e simultaneamente orgulhoso, qualquer português que aqui chegue e pise a calçada portuguesa, num local onde se falam múltiplas línguas em plena China –, mas na gastronomia, na língua, na diversidade de rituais religiosos, nos objectos que pontuam a cidade: desde os marcos de correio aos nomes de ruas em placas azulejares bilingues.

Subdividido em quatro categorias – monumentos, edifícios de interesse arquitectónico, conjuntos classificados e sítios classificados –, o Centro Histórico de Macau tem ainda um conjunto de zonas-tampão que o envolvem e que com ele devem conviver de forma harmoniosa, impedindo a perda de virtudes da zona classificada.

## 5. CRIAÇÃO DE UMA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR

Importa investir na definição/investigação/aprofundamento da identidade macaense como forma de garantir os laços com o passado. Só assim se pode distinguir, identificar, compreender, integrar o património cultural material (edificado, arqueológico, escrito ...) e imaterial (rituais de fusão, gastronomia ...).

Neste cenário de contínua mudança, faz-se aqui a proposta de criação de uma equipa multidisciplinar estável – combinando historiadores, arquitectos, arqueólogos, antropólogos, urbanistas, professores e técnicos de turismo –, um departamento caracterizado pela atitude dinâmica e pró-activa, com um modelo de gestão próprio que tenha entre os principais objectivos

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

a comunicação entre as diversas entidades responsáveis pelo ordenamento do território. A equipa deve ser coesa e apta a desenvolver estratégias que coloquem no terreno os objectivos que abaixo identificamos, em estreita articulação com os habitantes de Macau: nas escolas, no comércio, nas repartições públicas. Um plano de gestão territorial integrado, capaz de garantir a manutenção da classificação de O Centro Histórico de Macau como Património Mundial, urge e tem de ser garantido com enraizamento comunitário e estratégias legais de salvaguarda e ordenamento do território claras e céleres, que as populações não considerem impeditivas do seu bem-estar.

Uma estratégia que faça uso de estudos sobre a natureza do público, e que existem, é também importante. Os estudos são ferramentas de trabalho que podem questionar e redirecionar fluxos de turismo. Que turistas procuram Macau? Ao que vêm? Como podem ser surpreendidos? Que experiências inesperadas podem levar para os territórios de origem, sejam eles chineses ou de outras paragens? Como motivar os portugueses a conhecerem a RAEM?

Importa ainda, numa óptica de gestão territorial, compreender a capacidade de carga do território. Onde se concentram os habitantes permanentes e os temporários? Quais os pontos culturais mais visitados e que vantagens tira o território dessa visita? O que levam consigo os turistas?

A obrigatoriedade de uma publicação *online* constantemente actualizada criaria uma forma de uma aproximação aos cidadãos, aos investigadores, aos promotores e aos diversos departamentos que gerem a cidade.

## Objectivos:

- Identificação e catalogação da informação existente;
- Promoção de programas de estudos ou objectivos científicos relacionados com as áreas já em estudo e para as áreas potenciais;
- Criação de um modelo que proporcione incentivos reais ao proprietário/promotor para o estudo dos terrenos em causa;
- Dinamização de roteiros turísticos culturais complementares ou alternativos aos existentes, passando a alternativa pela perspectiva da fusão cultural entre o Oriente e o Ocidente;
- Implementação de percursos visitáveis dentro das zonas de intervenção arqueológica, durante o decorrer da própria escavação;

- Criação de centros museológicos e até mesmo painéis interpretativos como referência obrigatória nos roteiros da cidade;
- Maior contextualização do jogo e das casas de penhores que a ele se associam como modo de observar e compreender Macau; a existência da Casa de Penhores Tak Seng On e a Torre Prestamista – estabelecida em 1917, em plena Avenida de Almeida Ribeiro, potencia uma estratégia de circuito museológico que passa pela história do jogo em Macau;
- Melhor articulação da percepção – em roteiros turístico-culturais – entre o que é macaense e o que é claramente de raiz chinesa, numa perspectiva de ligação à Terra-Mãe (ex.: compreensão do Jardim Lou Lim Ieoc e do seu simbolismo);
- Dar visibilidade à literatura criada ao longo das relações seculares entre Portugal e a China, que criou – será? – uma literatura de Macau: de Luís de Camões a Bocage, de Camilo Pessanha a Xie Xiao Ping, de Leonel Alves a António Correia, entre outros.

Um circuito literário por Macau seria um itinerário cultural de fusão a desenvolver, passando pelos sítios e monumentos classificados, pela gastronomia macaense, pelo Festival do Dragão, mas também pelo Museu Marítimo – às portas do Templo de A-Má, anterior ao estabelecimento da cidade –, ou pelo Museu Natural e Agrário de Coloane.

O usufruto de Macau não se confina à zona classificada: é uma paisagem, um ar para viver, uma herança partilhada intercontinental de sabores, rituais e memórias.

Para além dos objectivos atrás referidos, importa lembrar a importância da própria Cultura no futuro de Macau, como demonstra Ngai Mei Cheong no seguinte excerto:

“As pessoas começaram a compreender que somente através de maiores esforços na preservação e no fomento da identidade cultural de Macau seria possível sobreviver na competição regional, e cada vez maior no próximo século, sem que Macau se degrade num apêndice da vizinha cidade de Zhuhai, que se encaminha agora rapidamente para ultrapassar o território economicamente. [...] Macau apenas pode competir baseando-se no seu ponto forte – um

porto franco com uma longa história de mais de quatro séculos, levando um forte aroma latino para a terra chinesa, servindo como uma ponte especial entre a China e a Europa, especialmente o mundo falante latino, uma ponte cultural que pode permanecer durante muitas gerações vindouras, se for bem preservada.”

É de frisar também que a presença portuguesa em Macau não foi conseguida pela violência, nem pelo poderio militar, nem foi pautada por posições de força, que a China no fundo valoriza. Os portugueses foram autorizados a aqui permanecer para que o comércio, que interessava às duas partes, fosse possível. A atitude portuguesa sempre (ou quase sempre) foi de conciliação, inúmeras vezes de subserviência, não sendo uma “potência” senão no início da relação Portugal-China.

A verdade é que a China não valoriza as atitudes que, do lado português, possibilitaram a convivência entre os dois países durante quatro séculos e meio.

Talvez seja por isso que hoje uma grande percentagem da “gente de Macau”, os macaenses, não falam português, mas sim inglês.

Mas o que realmente importa e que se coloca como o grande desafio é aumentar a “auto-estima, o orgulho” macaenses. A herança macaense, tanto nos campos do saber, das artes, dos valores, ou até do lazer, tal como a sua gastronomia, integra, mistura “ingredientes” africanos, indianos, malaios, portugueses e chineses e que irão perdurar no seu quotidiano. **RC**

**Nota da Autora:** Na elaboração deste artigo tive a colaboração de Maria Teresa Rosendo e de Clementino Amaro, responsável pelo Capítulo 2.1.3 “Museu de Macau - Fortaleza do Monte”. Aos dois, os meus agradecimentos.

## NOTAS

- 1 Roy S. Dickens, *Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process*, pp. 14-17.
- 2 Hamilton Jair M.L. Fernandes, “O Património arqueológico no solo urbano: caso Cidade Velha, Património da Humanidade”.
- 3 *Historical Imprints of Lingnan: Major Archaeological Discoveries of Guangdong, Hong Kong and Macau. Exhibition Catalogue*, pp. 385-391.
- 4 Fernando António Baptista Pereira, *As Ruínas de S. Paulo: Um Monumento para o Futuro / St. Paul's Ruins: A Monument Towards the Future*.
- 5 C. Moreno, “Reutilização da Fortaleza do Monte como Museu”. In *Um Museu em Espaço Histórico: A Fortaleza de S. Paulo do Monte*, pp. 158-193.
- 6 Clementino Amaro, “O Colégio de S. Paulo e a Fortaleza do Monte”. In *Um Museu em Espaço Histórico: A Fortaleza de S. Paulo do Monte*, pp. 114-156.
- 7 Amaro, C.; Sabrosa, A. (2012) “Museu de Macau e o Território da Companhia de Jesus. Resultados e integração dos vestígios arqueológicos”. In André Teixeira, José António Bettencourt (coord.), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, p. 419-430.
- 8 Classificado pelo governo da RAEM como edifício de valor arquitectónico e cultural.
- 9 Henry Ma Kam Keong (coord.), *Museu da História da Taipa e Coloane*, p. 30
- 10 Henry Ma Kam Keong (coord.), *Guia de Exposição do Museu da História da Taipa e Coloane*, p. 19.
- 11 *Ibidem*.
- 12 *Historical Imprints of Lingnan: Major Archaeological Discoveries of Guangdong, Hong Kong and Macau. Exhibition Catalogue*, pp. 385-391.
- 13 Amaro, Fernando da Silva, “Acheugas para a Reconstituição Histórica da Fábrica Jesuíta de São Paulo, de Macau”, p. 95.
- 14 Carta Arqueológica de Portugal Concelhos de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim e Alcoutim. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1995, pp. 13-16.
- 15 Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas (Carta de Washington, 1987).
- 16 Vide <http://whc.unesco.org/archive/2005/whc05-29com-22e.pdf>, p. 131.

## BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Clementino. “O Colégio de S. Paulo e a Fortaleza do Monte”. In *Um Museu em Espaço Histórico: A Fortaleza de S. Paulo do Monte*. Macau: Museu de Macau, 1998.
- ; Sabrosa, A. “Museu de Macau e o Território da Companhia de Jesus. Resultados e integração dos vestígios arqueológicos”. In André Teixeira, José António Bettencourt (coord.), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2012.
- Amaro, Fernando da Silva. “Acheugas para a Reconstituição Histórica da Fábrica Jesuíta de São Paulo, de Macau”. *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Col. LIX, n.º 685 (1961), pp. 458-474.
- Carvalho, Karoliny Diniz. “Turismo Cultural e Arqueologia nos espaços urbanos: caminhos para a preservação do património cultural”. *Turismo e Sociedade, Revista Electrónica*. [Online] Abril de 2010. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v3i1.17341>.
- Dickens, Roy S. *Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process*. Nova Iorque: Academic Press, Inc., 1982.
- Fernandes, Hamilton Jair M.L. “O Património arqueológico no solo urbano: caso Cidade Velha, Património da Humanidade”. [Online] [http://www.iipc.cv/ficheiros/1\\_artigo\\_Jair.pdf](http://www.iipc.cv/ficheiros/1_artigo_Jair.pdf).
- Historical Imprints of Lingnan: Major Archaeological Discoveries of Guangdong, Hong Kong and Macau. Exhibition Catalogue*. Hong Kong: Hong Kong Museum of History, 2014.
- Keong, Henry Ma Kam. *Museu da História da Taipa e Coloane*. Publicação comemorativa da inauguração do Museu da História da Taipa e Coloane 7.5.2006. Macau: Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, 2006.
- . *Guia de Exposição do Museu da História da Taipa e Coloane*. Macau: Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, 2006.
- Martins, Manuela e Ribeiro, Maria do Carmo. “A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades”. *Forum*, 44-45, 2009/2010, Universidade do Minho, Conselho Cultural.
- Moreno, C. “Reutilização da Fortaleza do Monte como Museu”. In *Um Museu em Espaço Histórico: A Fortaleza de S. Paulo do Monte*. Macau: Museu de Macau, 1998.
- Pereira, Fernando António Baptista. *As Ruínas de S. Paulo: Um Monumento para o Futuro / St. Paul's Ruins: A Monument Towards the Future*. Lisboa: Missão de Macau em Lisboa / Instituto Cultural de Macau, 1994.

# O Poder do Fraco na Construção do Lugar

## Acupunctura e Outras Terapias para Macau

DIOGO TEIXEIRA\*

### 1. INTRODUÇÃO

O lugar da vida não é o lugar da história.  
Num passa-se o mistério.  
Noutro corrige-se a realidade.  
(Agustina Bessa-Luís)

A globalização, o crescimento urbano acelerado, o aumento da mobilidade e da conectividade virtual, e a resultante redução da atenção ao ambiente físico, põem em risco o nosso relacionamento com pessoas e lugares que costumavam ser importantes para nós. Como resultado, perdemos-nos no processo de adaptação ao ambiente urbano, sentindo-nos cada vez mais desenraizados, e tentamos a sua adaptação ao invés, levantando o problema da ligação entre a construção do lugar e a conservação do património.

Este fenómeno é particularmente agudo no Delta do Rio das Pérolas, que abriga a mais rápida e mais extensa urbanização contínua do mundo: 55 milhões de pessoas vivem na jurisdições de Hong Kong, Shenzhen, Dongguan, Guangzhou, Foshan,

Zhongshan, Jiangmen, Zhuhai e Macau. Além disso, a população urbana da região está confinada a apenas 10 por cento do seu território, tornando a ocupação extremamente densa. Este crescimento rápido e desigual é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade chinesa e põe em causa os modos tradicionais de planeamento de cidades, ampliando a necessidade urgente de estratégias alternativas.

Assumindo que a construção do lugar tem uma forte base afectiva, este trabalho estuda o afecto na experiência do espaço público para identificar as qualidades arquitectónicas que mais contribuem para a ligação ao lugar. A pesquisa combina noções de arquitectura, fenomenologia, psicologia e neurociências a fim de investigar os processos associados à percepção e codificação de pistas espaciais que induzem a ligação ao lugar e uma utilização mais envolvida do espaço público.

A hipótese de trabalho parte das noções de ‘arquitectura fraca’ (Vattimo, 1983; Solà-Morales, 1987; Pallasmaa, 2000) e ‘acupunctura urbana’ (Solà-Morales, 1999; Lerner, 2003; Casagrande, 2009), tendo em vista identificar os meios para facilitar a ligação ao lugar, poupando recursos. O objectivo não é reinventar mais uma vez a forma ou a função, mas a descoberta de uma orgânica situacional – circunstancial e, portanto, essencialmente assistemática – de pistas de interacção indivíduo-ambiente num processo integrado que induza uma reabilitação participativa do tecido urbano.

A análise é baseada no estudo de caso de uma intervenção urbana em Hong Kong e alguns outros exemplos de Taipé e Macau. Foram conduzidas observações comportamentais *in loco* para avaliar os padrões de movimento, as interacções físicas e sociais.

\* Docente nos programas de arquitectura e design da Universidade de São José. É licenciado em Engenharia Civil pela Universidade Técnica de Lisboa, Mestre em Urbanismo pela Universidade de Paris, e, actualmente, doutorando em Arquitectura na Universidade Técnica de Lisboa. Desde 1993, colabora em diversos projectos na Europa, África e Ásia, e é também um investigador activo com um interesse particular em afecto e espaço público, procurando compreender como a arquitectura resulta em lugares significativos.

Senior Lecturer in the architecture and design programs at the University of Saint Joseph. Graduate in Civil Engineering from the Technical University of Lisbon, M.A. in Urban Design from the University of Paris, he is currently a doctoral candidate in Architecture at the Technical University of Lisbon. Since 1993, he collaborates in various projects in Europe, Africa and Asia, and is also an active researcher with a particular interest in affect and public space, namely understanding how architecture results in meaningful places.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

Foram, ainda, realizadas entrevistas para avaliar a atenção e a emoção. O estudo resultou na identificação das estratégias e pistas espaciais que operam dentro e fora da consciência e contribuem para os processos de percepção, emoção, e, finalmente, construção de ambientes urbanos significativos.

## 2. ENQUADRAMENTO

## 2.1 O PODER DO FRACO

O espaço público constitui-se etimologicamente<sup>1</sup> e na prática como espaço de exercício de poder. Procurando a palavra “poder” no dicionário encontram-se duas definições nucleares. A primeira tem a ver com a capacidade ou a faculdade: “ter a capacidade de fazer uma coisa; ter a faculdade de; ter a ocasião ou possibilidade de”. A segunda tem a ver com o domínio ou a posse: “ter força, autoridade, influência para”. É evidente que estes significados estão próximos das duas concepções de poder: expansivo e libertador, por um lado, e condicionante e limitador, por outro. Qual a relação entre as duas? Serão realmente distintas? Ou aspectos da mesma situação ou processo?

O poder libertador da capacidade é o poder visto de dentro, por quem o exerce; enquanto o poder limitante da dominação é o poder experimentado pelos outros, por quem o suporta. Então, a minha capacidade e potencialidade parecem fadadas a ser sentidas por si como dominância e compulsão, o que significa que a minha capacidade é em si eticamente duvidosa, pois só pode ser justificada se não colidir com a capacidade dos outros. Quando colide, corre o risco de tornar-se dominante e aniquilar a potencialidade do outro. O problema é que muito antes de nos apercebermos que atravessámos essa fronteira, seja geográfica ou emocional, os outros já estão cientes da nossa usurpação.

Os estudos de poder têm geralmente sido feitos para benefício dos poderosos. Analistas políticos têm aconselhado príncipes sobre medidas efectivas de governação. Imperadores escreveram memórias para a orientação dos seus sucessores. Revolucionários ambiciosos têm discutido entre si os métodos mais práticos e/ou morais de exercer o poder. Mas, apesar de reconhecida nestes escritos a existência daqueles sobre os quais os poderosos governarão, pouca atenção é dada à sua experiência. Estes estudos são por isso insuficientes. Aspectos menos óbvios, menos conscientes e determinados, alguns deles funcionando

como parâmetros em vez de causas de acção, podem ajudar-nos a evitar a abordagem das relações de poder como sendo limitada a dominação e submissão. Talvez o poder seja parte de um processo partilhado e contínuo, um conjunto de manifestações que podemos designar como poder do fraco.

Os fracos não podem iniciar a acção mas podem recusar-se a participar nela, podem ser silenciosos. A perda de atenção, a falta de interesse, a concentração noutras áreas e, por fim, uma viragem para outras mundividências, são modos de pôr em causa o poder instituído. Ao contrário dos poderosos, os fracos reconhecem o efeito potencial sobre as suas vidas das emoções e reacções dos outros. Na verdade, qualquer pessoa numa posição subordinada aprende rapidamente a compreender as intenções e emoções dos outros. Esta qualidade tem um valor de sobrevivência para o fraco e para quem responde ao fraco. Afinal os poderes dos fracos são mais relevantes do que (os) pensamos, valendo a pena considerá-los também na concepção do espaço público.

O espaço público, como objecto colectivo da experiência humana e, nesta condição, resultante de exercícios de poder de uma infinidade de actores, adquire e exacerba a complexidade própria ao homem na sua humanidade, acentuando contornos fenomenológicos intrincados decorrentes também da sua ambiguidade fundadora: *natura* e *cultura*.

Esta ambiguidade, ou a incapacidade de a traduzir em obra, tem implicações na produção espacial que levam, por um lado, à esterilização do(s) seu(s) sentido(s) pelo excesso de evidência,<sup>2</sup> a predeterminação ‘total’ do *overdesign*, tornando-o, assim, dado, ‘fechado’, cuja interpretação é consequentemente factual, sem mais, pelo seu imediatismo.<sup>3</sup>

Por outro lado, a procura da participação, da autonomia, da ‘abertura’ de que tanto nos fala Eco na sua *Opera Aperta* (1962) leva, por vezes, ao excesso de inevidência, a indeterminação ‘total’ do *underdesign*, condenando o(s) sentido(s) à inacessibilidade: um *nonsense* na sua acepção mais corrente de absurdo.

Em nenhum destes casos existe a possibilidade da apropriação, apenas alienação. Ambos resultam de exercícios de poder que falham na construção do lugar. Das aldeias primitivas ou da *ágora* grega até às grandes metrópoles dos nossos dias, passamos assim de um espaço ‘saturado’ de sentido a uma urbe privada de significância (o sinal está lá mas torna-se



Fig. 1. Shi Tao 石涛, “Dez Mil Borrões de Tinta Feios” (excerto), <http://www.wikiart.org/en/shitao/10-000-ugly-inkblots>.

insignificante pela força do meio) que o homem habita como estrangeiro.

Os campos de polarização acima esboçados são cada vez mais estremados e este binarismo acaba por confinar o pensamento e a acção política a apenas duas alternativas, pondo de lado opções intermédias, mais subtis e por isso envolventes, como a que propõe Shi Tao para a pintura (Fig. 1), desafiando os padrões convencionais de beleza.<sup>4</sup>

Este processo progressivo de degradação teve como principal consequência a implosão do edifício urbano. Uma implosão que é necessariamente semântica, pois implode um todo significativo (a construção colectiva por excelência), atomizando-o e reduzindo-o à insignificância das partes. O espaço público passa, assim, de lugar de passagem e encontro, antecâmara da intimidade doméstica, a espaço de tráfico, meramente utilitário, de circulação e consumo, velocidade e indiferença, tornando-se, simultaneamente, sinónimo de insegurança, desconforto e falta de higiene. Para suavizar os efeitos desta atonia da cidade, o ‘mercado’ responde, criando variantes como as grandes superfícies comerciais com vigilantes, climatização e equipas de limpeza, importando para o espaço privado um pastiche, devidamente assepsizado, de cidade com mobiliário urbano, iluminação pública, e até espaços verdes.

Pior a emenda que o soneto. Mesmo assim há muitos que rapidamente adoptam estes espaços, preferindo que alguns ‘iluminados’ produzam ‘cidade’ e pagar por isso (vejam-se as consequências do desaparecimento do comércio tradicional), a tomar parte nessa realização. Desenvolvem-se, assim, lacunas em três planos da experiência individual da cidade: o da identidade, enquanto reconhecimento da presença de

si próprio na sua realização; o da alteridade, enquanto reconhecimento da presença do outro nessa realidade; e, por fim, o da comunidade, enquanto entendimento da realidade como construção colectiva, do próprio e de outros: aquilo a que podemos chamar património.

## 2.2. CONSTRUÇÃO DO LUGAR

As práticas da arquitectura inscrevem-se no espaço. As intervenções concebidas por arquitectos transformam espaços em lugares quando conseguem veicular sentido(s) e identidade(s). O espaço não é um dado abstracto, universal e absoluto. Bem pelo contrário, participa da nossa percepção sensorial induzida pela nossa subjectividade e pela nossa cultura. O lugar, como espaço vivido e carregado de sentido, é uma construção. Uma construção física, social e cultural, como tem sido maioritariamente estudada, mas também radicalmente pessoal pois o material desta construção é de origem existencial: memórias e expectativas de interacção.

A noção de *place-making* (literalmente, “fazer-lugar” ou “tornar-lugar”) deu uma conotação ainda mais concreta e corpórea a algo que não passava de um conceito da psicologia. *Place-making* foi definido por Schneekloth & Shibley (1995: 1) como “*the way in which all of us as human beings transform the places in which we find ourselves into places in which we live*”. Outra definição de *place-making* sublinha as suas dimensões individuais e colectivas: “*part of an everyday social process of constructing and reconstructing space*” (Burkner, 2006: 2), um processo tão comunicacional (colectivo) como mental (individual).

A concepção de *place-making* permite uma visão ampla das influências e processos exercidos sobre um lugar, e da sua construção no sentido físico, mas também

## PATRIMÓNIO CULTURAL

social, enfatizando que os lugares resultam da agregação de muitas decisões ao longo do tempo (Goodman, 1972: 242). Esta noção capta a natureza incremental do lugar, na medida em que inclui as actividades dos muitos cidadãos comuns que o atravessam, habitam, utilizam, edificam, visitam ou evitam, e são envolvidos, directa ou indirectamente, na sua construção física e social.

A análise de rotinas quotidianas e de eventos pontuais mais estratégicos que constroem lugar é realizada no contexto do estudo de espaços públicos residuais e da revelação dos pressupostos subjacentes às narrativas dominantes sobre esses lugares. Jones & Evans (2012: 2316) sugerem que a construção do lugar “needs to be conceptualised as an embodied experience built on affective connections between people and spaces”. Esta é uma narrativa alternativa à retórica focada no desenho do poder político que explora o modo como as pessoas com um vínculo duradouro a um lugar específico o experienciam como memória e significado.

Esta conceptualização pode muito bem basear-se nas perspectivas da teoria não-representacional (Thrift, 2008), particularmente na ideia de afecto (Massumi, 2002; Pile, 2010; Thien, 2005) que abordaremos mais à frente. O objectivo é compreender os processos afectivos individuais como ponto de partida de processos socioespaciais de construção do lugar, como resposta às lacunas na teoria urbana e à estereotipagem de tipos específicos de lugar estabelecidos pelos processos dominantes de produção de conhecimento. Esta abordagem serve também para enfatizar os elementos criativos da acção e interacção humanas associadas ao movimento que são fundamentais para a construção destes lugares, não só como locais mas também como localizações de sentido.

Friedmann (2007: 259), referindo Clare Cooper Marcus (1995), define a construção do lugar como o processo de apropriação do espaço absoluto a fim de criar um “*mirror of self*”, por exemplo através da colocação de quadros nas paredes ou tapetes no chão de uma casa nova. Ao nível do bairro, concretiza-se na apropriação de um ‘lugar’ já existente através do reconhecimento do espaço físico e dos vizinhos (conversar com o homem do talho, aprender os nomes das ruas), e do envolvimento em actividades locais. Ao reivindicar o espaço com actividades como a nomeação ou a participação em relações sociais e rituais recorrentes, tais lugares tornam-se vívidos, e “*by being*

*lived in, urban spaces become humanized*” (Friedmann, *idem*).

A ideia de lugar como ‘espelho de si’ implica que a identidade é gerada através da construção do lugar, entendendo-o como elemento constituinte da identidade humana. A identidade do lugar tem sido caracterizada como “*the ‘glue’ of familiarity that binds people to place*” (Bruce Hull, Lam, & Vigo, 1994: 110); ou “*a collective understanding about social identity intertwined with place meaning*” (Harner, 2001: 660). Impregnar o lugar de sentido significa promover a construção intersubjectiva da sua identidade e imagem. Esta ideia é particularmente relevante no contexto de assentamentos urbanos informais, onde processos incrementais resultam em autênticos contentores de sentido e memória (Lombard, 2014).

Pode, assim, dizer-se que a construção do lugar é o processo pelo qual se estabelece a ligação ao lugar e que este vínculo que ocorre entre indivíduos e os seus ambientes significativos é reflexivo e identitário. A ligação ao lugar captou muito interesse científico nos últimos anos (por exemplo, Giuliani, 2003; Low & Altman, 1992). Parte deste interesse é uma consequência da consciência da fragilização das ligações pessoa-lugar relacionada com tendências como a globalização, o aumento da mobilidade e da conectividade virtual,<sup>5</sup> e os problemas ambientais que ameaçam a existência de lugares que costumavam ser importante para nós e afectam as nossas relações com esses lugares.

## 2.3. DA LIGAÇÃO AO LUGAR

O interesse em compreender as ligações que as pessoas estabelecem com os lugares pode ser encontrado numa série de disciplinas. A sociologia, por exemplo, enfatiza a forma como os significados simbólicos dos ambientes influenciam o contexto social das interações humanas (Grieder & Garkovich, 1994). A antropologia procura compreender o significado cultural dos lugares na vida quotidiana (Gupta & Ferguson, 1997). A geografia humana tem explorado o conceito de ‘sentido de lugar’ (Relph 1976, 1997; Buttimer & Seamon 1980; Tuan 1977, 1980), que é semelhante à noção de ‘ligação ao lugar’ desenvolvida pela psicologia ambiental (Brown, 1987; Altman & Low, 1992). Quando vista a partir desta última disciplina, a ligação representa uma conexão ou vínculo positivo entre uma pessoa e um lugar específico (Giuliani & Feldman, 1993; Williams & Patterson, 1999). No decorrer dessa interacção,

espaços indiferentes transformam-se em lugares carregados de significado que servem como objectos de ligação (Tuan, 1977).

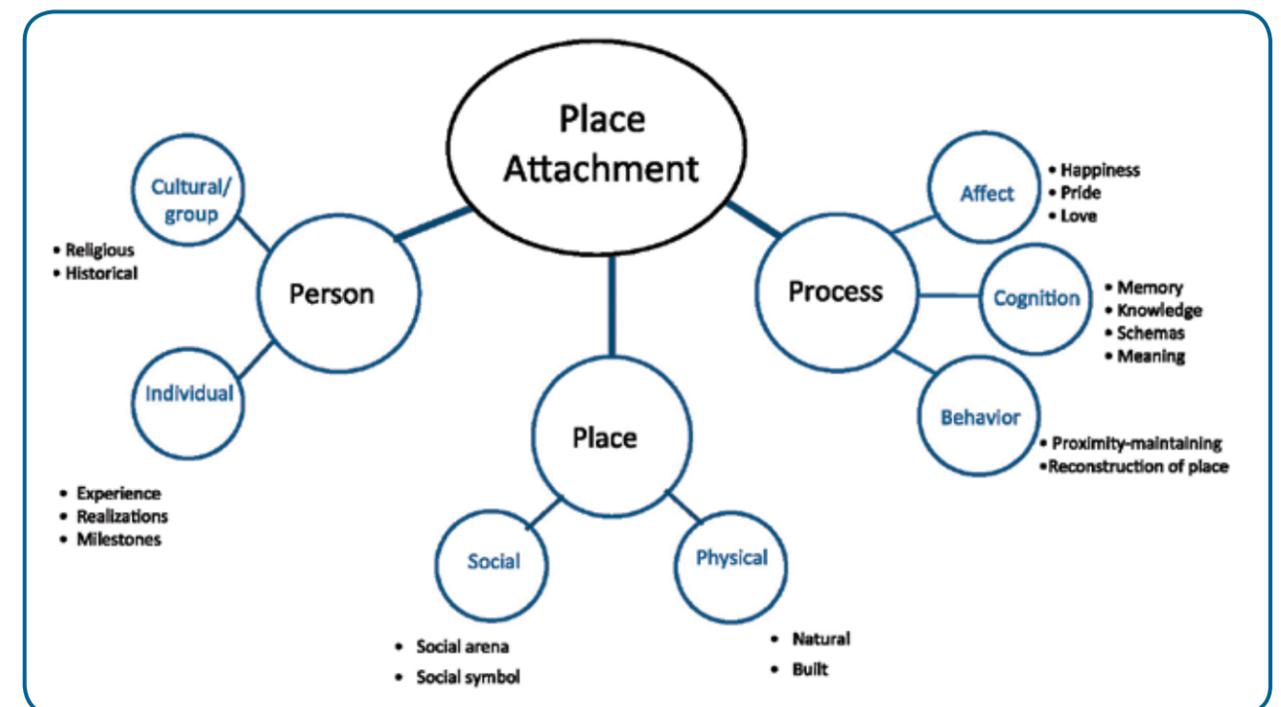
É, sobretudo, nestes dois últimos domínios que tem sido dada mais atenção ao estudo da ligação ao lugar. Este conceito tem sido relacionado com características físicas e psicológicas (Bonnes & Secchiaroli, 1995), e variáveis relacionadas com sentimentos, emoções, e vínculos que as pessoas desenvolvem em relação aos lugares onde vivem (Bagozzi, 1978; Hay, 1998). Pretty *et al.* (2003) e Groat (1995) propõem que as relações individuais com lugares atribuem-lhes sentido e ordem através de processos individuais, sociais e culturais. Riger & Lavrakas (1981) consideram duas características particulares da ligação ao lugar que se relacionam com enraizamento (*rootedness*) e conexidade (*bondedness*). O enraizamento é associado à duração, ao sentido de propriedade e à expectativa de viver no mesmo lugar. A conexidade é associada ao sentido de pertença e à familiaridade do lugar.

Uma coisa é certa: foi demonstrado que a emoção tem uma influência profunda nas relações que as pessoas estabelecem com ambientes específicos. Tuan (1977) sugere que a emoção é um aspecto importante

através do qual as pessoas carregam os ambientes com significado. Eisenhauer *et al.* (2000) mostraram como a interacção com certos ambientes naturais contribui para o desenvolvimento de uma ligação emocional a esses territórios. Casakin & Billig (2009), Jorgensen & Stedman (2001, 2006), e Kyle *et al.* (2004) verificaram que a ligação afectiva recebeu pontuações mais elevadas em comparação com outras dimensões de ligação, tais como a identidade local e a dependência do lugar.

A diversidade das definições reflecte o crescente interesse na ligação ao lugar e pode ser vista como um progresso no estabelecimento de um quadro teórico do conceito. A literatura existente revela diferentes processos, lugares e pessoas envolvidos na ligação pessoa-lugar mas as suas definições permanecem atomizadas e, portanto, o progresso teórico do conceito ainda não foi reconhecido, nem foi estabelecida uma definição mais geral de ligação ao lugar. Ao explorar as afinidades entre os diferentes usos do conceito, podemos começar a delinear e depois estruturar, um entendimento coerente sobre o mesmo. Adoptámos a estrutura tridimensional proposta por Scannell & Gifford (2010). Esta estrutura propõe a ligação ao lugar como conceito multidimensional com

Fig. 2. Modelo tripartido de ligação ao lugar, in Scannell & Gifford (2010).



## PATRIMÓNIO CULTURAL

dimensões relacionadas com a pessoa, o processo e o lugar (Fig. 2). Usaremos este quadro de análise com uma atenção especial à dimensão afectiva (processo) associada à experiência individual (pessoa) de ambientes construídos (lugar).

**A Ligação ao Lugar como Experiência Individual**

A ligação ao lugar tem uma forte componente empírica individual. Por exemplo, é sempre mais forte em ambientes que evocam memórias pessoais, e este tipo de ligação ao lugar pensa-se que contribui para um sentimento de si mais estável (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Da mesma forma, os lugares tornam-se significativos a partir de experiências pessoais importantes como metas, realizações (por exemplo, onde conheci a minha mulher), e experiências de crescimento pessoal. Como Manzo (2005: 74) observa no seu estudo sobre as experiências e lugares que criam sentido de lugar: *“it is not simply the places themselves that are significant, but rather what can be called ‘experience-in-place’ that creates meaning”*. Embora outros teóricos argumentem que as características do lugar são parte integrante da construção do sentido de lugar, o argumento de que as experiências individuais podem constituir a base da ligação é convincente.

**Topofilia: A Ligação ao Lugar como Afecto**

A ligação pessoa-lugar envolve, sem margem para dúvida, um vínculo emocional a um lugar específico (por exemplo, Cuba & Hummon, 1993; Fullilove, 1996; Giuliani, 2003; Hidalgo & Hernández, 2001; Manzo, 2003, 2005; Mesch & Manor, 1998; Riley, 1992). Os geógrafos humanistas descrevem a pertença ao lugar em termos emocionais. Tuan (1974), por exemplo, cunhou a palavra ‘topofilia’ ou ‘amor do lugar’, para este tipo de conexão, e Relph (1976) definiu a ligação ao lugar como o vínculo autêntico e emocional com um ambiente que satisfaz uma necessidade humana fundamental. Os psicólogos ambientais afirmam igualmente o papel central do afecto na ligação pessoa-lugar. Na maior parte das vezes, as suas definições retratam a ligação ao lugar em termos afectivos, como um investimento emocional num lugar (Hummon, 1992) ou *“feelings of pride and a general sense of well-being”* (Brown *et al.*, 2003).

Uma evidência adicional de que a ligação a um lugar se baseia na emoção vem da literatura sobre a migração, quando indivíduos são obrigado a deixar os

seus lugares, como no caso de um desastre natural ou de uma guerra, imigração, ou deslocalização. No seu clássico estudo sobre os efeitos da deslocação, Fried (1963) examinou o projecto de revitalização do bairro do West End em Boston. As ‘melhorias’ previstas para o bairro fizeram com que os moradores perdessem estruturas familiares e contextos sociais, e muitos deles foram forçados a mudar-se. Essencialmente, esta reconstrução traduziu-se no colapso de uma comunidade unida. Depois do sucedido, os moradores lamentaram e exibiram sinais de dor. Fried conclui que a dor não se limita à morte de um ente querido, mas pode surgir após a perda de um lugar importante.

Fullilove (1996) também constatou que as deslocações resultam em sentimentos de tristeza e saudade, e assim concluiu que a ligação é baseada principalmente no afecto. As relações com os lugares podem representar uma série de emoções que vão do amor e contentamento ao medo, ódio e ambivalência (Manzo, 2005). Por exemplo, pode-se experimentar como lugar significativo a casa onde se viveu a infância, mas isso não significa necessariamente que o vínculo seja positivo. Experiências infelizes ou traumáticas num lugar podem criar sentimentos negativos ou até mesmo aversão em relação a esse lugar. Embora se possam criar laços com uma carga muito negativa com lugares importantes, a ligação ao lugar é geralmente definida em termos positivos. O desejo de manter a proximidade de um lugar é uma tentativa de experimentar as emoções positivas que esse lugar pode evocar (Giuliani, 2003).

É também neste sentido (positivo) que se desenvolve o já referido trabalho de Tuan sobre percepção ambiental e atitudes que trata do amor ao lugar: “a minha preocupação principal é com a formação e a natureza das atitudes e valores positivos”. Para tal, Tuan define o neologismo ‘topofilia’ como “elo afectivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 1974: 5). A noção abrange todos os laços afectivos dos seres humanos com o meio ambiente material que diferem profundamente em intensidade, subtilidade e modo de expressão. Segundo Tuan, a topofilia “não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo”. (Tuan, 1974: 107)

Um dos aspectos que sublinha na sua análise é a menor variabilidade da experiência urbana e o reduzido contacto físico com o meio natural nas sociedades des-envolvidas (literalmente, não-envolvidas): “O que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos *hippies* parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo de vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutam”. (Tuan, 1974: 110) Um envolvimento de mente aberta, indiferença por si mesmo e indefinição das regras de beleza. Embora não seja necessariamente a causa directa da topofilia, o meio ambiente fornece os estímulos sensoriais que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais: “aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que actuam em determinada época”. (Tuan, 1974: 129)

Na sua análise da espacialidade em movimento, Giuliana Bruno (2002) atravessa o reino da emoção, retornando constantemente à localidade da topofilia, embora numa perspectiva distinta: *“Although I have found inspiration in this work, my engagement with the notion of topophilia stems from a very different premise. [...] By contrast, I have used the term topophilia to describe that form of cinematic discourse that exposes the labor of intimate geography – a love of place that works together with the residual texture of cineres [cinzas]. Such work is driven by a passion for mapping that is itself topophilically routed not on wholeness but on the fabric of lacunae. [...] This is the site of (in)visible traces, inscribed and laid bare, enduring yet erasable on the white fabric of the screen”*. (Bruno, 2002: 354)

É precisamente este mapeamento dinâmico dos afectos que é explorado neste trabalho, resultante não de um sentido unívoco do lugar mas de aberturas interpretativas, espaços vazios ou rasgos que pedem conserto, remendos imaginários que se sobrepõem sem, no entanto, deixarem marca. Neste sentido, o espaço, tal como a tela cinematográfica, torna-se lugar precisamente quando acolhe as projecções que fazemos daquilo que nos toca, tornando-nos participantes individuais de uma totalidade, afinal a mesma que Tuan almejava.

Várias teorias foram desenvolvidas ao longo das três últimas décadas para explicar respostas afectivas e preferências por determinados ambientes ou características ambientais. Estas podem ser divididas em teorias evolucionistas e teorias da preferência

## CULTURAL HERITAGE

cultural. As teorias da preferência cultural assumem que as circunstâncias sociais e culturais, a motivação, a experiência anterior da paisagem, e outros atributos pessoais do observador, determinam a percepção e a experiência de um ambiente físico (Bourassa, 1990; Home, Bauer & Hunziker, 2010).

Gifford (1980) mostrou que os interiores de edifícios apelam de modo significativamente diferente em função da idade, sexo, nível educacional e disposição. A resposta a um ambiente também depende da familiaridade do visitante com o meio (Conniff, Craig, Laing, & Galán-Díaz, 2010), os seus planos (Ward, Snodgrass, Chew & Russell, 1988; Snodgrass, Russell & Ward, 1988) e as suas expectativas (Bitner, 1992), muitas vezes, parcial ou totalmente formadas antes de encontrar esse ambiente.

Nas teorias evolucionistas, defendidas, por exemplo, por Kaplan & Kaplan (1982, 1989), e Appleton (1975), a percepção da paisagem e respectivas preferências são moldadas pelo instinto biológico de sobrevivência. A teoria do processamento da informação de Kaplan & Kaplan (1989) sugere que os seres humanos preferem ambientes que proporcionam informação rápida e compreensível (Bell *et al.*, 2001). Por outro lado, também apreciam cenários cativantes e que despertam interesse.

Kaplan & Kaplan distinguem coerência e legibilidade como características que facilitam o entendimento do meio ambiente, e complexidade e mistério como factores que aumentam o envolvimento ou interesse pelo meio ambiente. Abordagens mais recentes da estética da paisagem defendem a combinação de forças culturais e biológicas para explicar a preferência da paisagem, argumentando que esta não depende apenas das características físicas do ambiente mas também do relacionamento e envolvimento do indivíduo (Arnberger & Eder, 2011; Tveit *et al.*, 2006).

**3. ARQUITECTURA FRACA: ENVOLVIMENTO FORTE****3.1. CONCEITOS**

Porque é que uma pessoa com óculos escuros chama mais atenção? Não é por causa dos óculos mas por causa dos olhos. Os óculos escuros tapam os olhos de quem vemos e o nosso cérebro é obrigado a preencher o espaço ‘em branco’ para completar a fisionomia da face de que não vê os olhos.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

Este processo demora algum tempo, um segundo ou fracções de segundo, mas esse tempo a mais é atenção a mais. Mais tempo equivale a mais atenção e a uma maior densidade da rede neuronal que é activada no cérebro, gerando uma memória mais rica porque acrescenta traços multissensoriais ao objecto da percepção para o conseguir (re)construir. Quanto menor for a definição informativa, maior é o esforço cognitivo aplicado na sua percepção e maior é o envolvimento.

O mistério, instrumento de ampliação do envolvimento e densidade afectiva, é subtil, aberto, háptico, necessariamente improvável a não ser por quem o experimenta, para quem se torna inevitável. Está aqui a distinção fundamental da abordagem que aqui se propõe. A questão do envolvimento na arquitectura não é só a da informação – “*natural elements, figurative art, or ornament*” (Salinger & Masden 2008) –, nem da sua organização – fractal ou segundo um de 253 padrões –, mas do modo como se apresenta.

A experiência do mistério na cidade, como na teologia, “é de nudez, muitas vezes mudez, de fragilidade, dúvida, silêncio e noite; é uma experiência de não saber, não ver, não conhecer, não ter, não poder... É um não repetido que paradoxalmente acaba por se tornar lugar de encontro”. (Tolentino Mendonça, 2012)

Segundo Juhani Pallasmaa (2000), a cultura ocidental aspira ao poder e à dominância e essa ambição também se reflecte na arquitectura que procura uma imagem e um impacto fortes. Esta abordagem da arquitectura não corresponde à necessidade de mistério, atrás referida, que é, como vimos, associada ao enriquecimento emocional e, conseqüentemente, existencial do ser humano.

O filósofo Gianni Vattimo (1983) introduziu na década de 1980 as noções de ‘ontologia fraca’ e ‘pensamento débil’, com algumas afinidades com o ‘empirismo delicado’ (*zarte Empirie*) de Goethe que identifica a necessidade de esforço para compreender o significado de qualquer coisa através de um olhar empático prolongado com base na experiência directa.

Nesta linha de pensamento, também podemos falar de uma arquitectura ‘fraca’ ou ‘subtil’,<sup>6</sup> ou, mais precisamente, uma arquitectura de estrutura e imagem fracas. Enquanto a arquitectura forte quer impressionar por meio de uma imagem excepcional e da articulação consistente e singular da forma, a

arquitectura de imagem fraca é contextual e ágil, está mais preocupada com a interacção sensorial real do que com demonstrações idealizadas e conceptuais.

Ignasi de Solà-Morales foi um dos primeiros a projectar as ideias de Vattimo na realidade da arquitectura num ensaio intitulado “Arquitectura Débil”, publicado em 1987. Neste oferece uma teoria da situação da arquitectura após a crise do modernismo, designando-a ‘arquitectura débil’, em referência ao ‘pensamento débil’ de Vattimo que enquadra a perda do fundamento e do desejo da representação: “*La interpretación de la crisis del Proyecto Moderno sólo puede hacerse desde lo que Nietzsche llama ‘la muerte de Dios’, es decir, desde la desaparición de cualquier tipo de referencia absoluta que de algún modo coordine, ‘cierra’, el sistema de nuestros conocimientos y de nuestros valores, a la hora de articularlos en una visión global de la realidad*”. (Solà-Morales, 1987: 72-73)

A arquitectura fraca edifica-se, assim, na transição de uma cultura ‘iluminista’, em que o arquitecto ‘iluminado’ expressa a ordem do mundo através da forma arquitectónica, para uma cultura ‘existencialista’, em que cada um constrói a sua realidade, baseada na experiência.

Outras características da arquitectura fraca são a sua condição decorativa e monumental. Decorativa como o que é acessório e não requer uma leitura atenta porque emerge da periferia, da envolvente, da atmosfera. Neste sentido, é difusiva e torna-se a abertura que alarga a consciência. Monumental, não como representação do absoluto, mas na acepção que Foucault lhe dá de vestígio, ressonância, ou indício.

Solà-Morales desenvolve estas ideias a partir de obras concretas de artistas como Duchamp e Serra, e arquitectos como Jujol, Hoffmann e Melnikov, defendendo a experiência estética como modelo mais pertinente de uma construção fraca (da verdade) da realidade. Não pretende ser uma experiência central a partir da qual se pode deduzir a organização de toda a realidade, mas produzir-se de uma maneira subtil, fragmentária e periférica, com a capacidade de insinuar, ao invés de determinar, uma compreensão mais intensa e profunda da realidade.

Outra noção que nos leva ao conceito de arquitectura fraca é a da dobra de Deleuze que nos diz que o subjectivo e o objectivo não são campos distantes e às vezes cruzam-se, dando lugar a dobras de uma mesma realidade. E isso é muito esclarecedor para esta

abordagem da arquitectura porque o devir existencial ocorre precisamente quando o tempo do sujeito e o tempo do objecto se encontram, como uma dobra nos seus próprios trajectos, uma co-moção, um momento de intensidade poética e criativa.

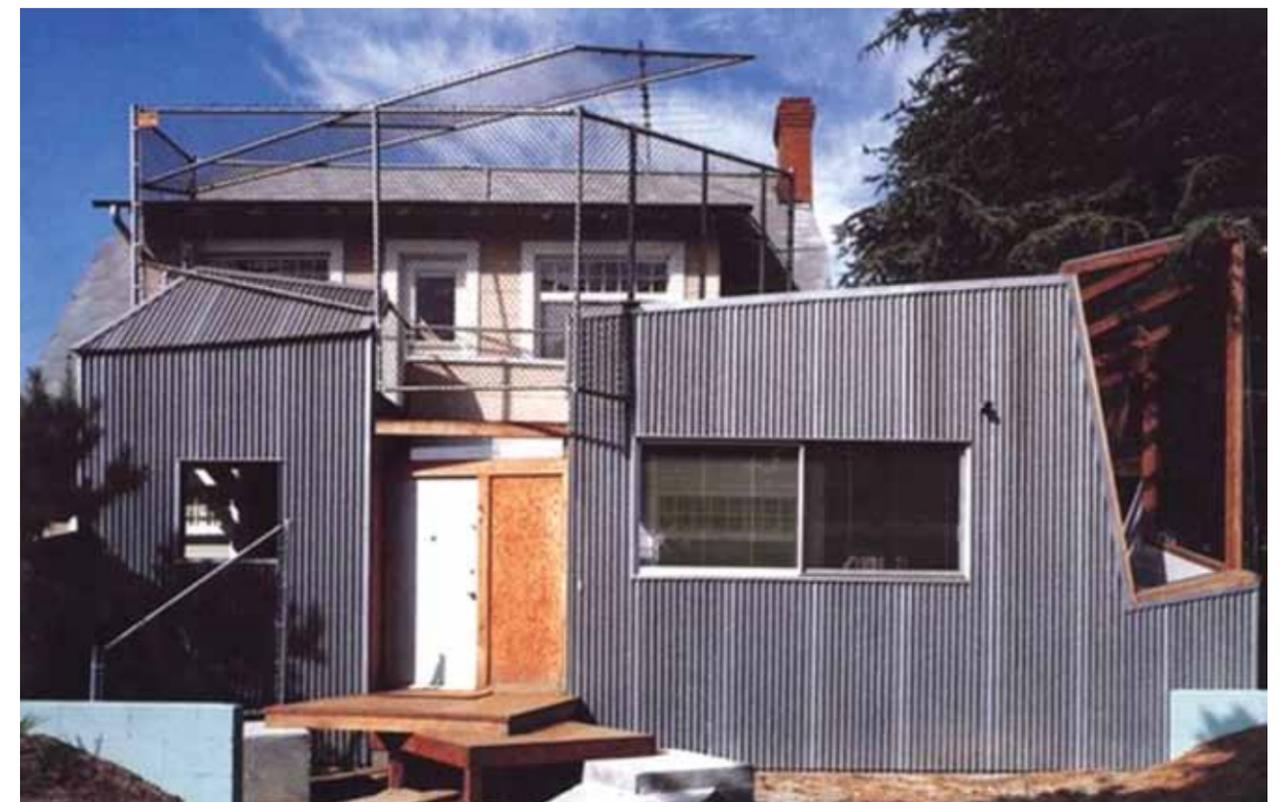
Este conjunto da precariedade do evento e da dobra extemporânea da realidade só pode ser decorativo. No seu sentido mais comum, o decorativo não é essencial, não é substância mas ‘apenas’ acidente. Solà-Morales reforça-o como o que não quer ser central, não quer impor-se. Este reconhecimento do valor tangencial, de uma certa fragilidade, é, possivelmente, a sua condição de maior elegância e no fundo a sua força. É como o ressoar do sino depois de tocar. Tem a ver com o encanto da poesia depois de a ler, o sabor da música depois de a ouvir, o prazer da arquitectura depois de a experienciar: “*Es la fuerza de la debilidad. Aquello que el arte y la arquitectura son capaces de producir precisamente cuando no se presentan agresivas y dominantes, sino tangenciales y débiles*”. (Solà-Morales, 1987: 85)

Podemos identificar, ainda antes de 1980, alguns exemplos de arquitectura fraca: os edifícios bancários de Álvaro Siza ou a casa de Frank Gehry em Santa Mónica (Fig. 3) são referências a considerar. Nestas obras constata-se uma aceitação da relação precária que a arquitectura tem com o meio físico e social que dissipa o heroísmo modernista e facilita uma espécie de convalescência no fragmentário, no momentâneo.

Estes fragmentos constituem-se precisamente como inscrições materiais das possíveis incoerências do meio. Álvaro Siza (1980: 9), numa passagem que parece ecoar na citação que Solà-Morales faz de Goethe,<sup>7</sup> refere: “*an architectonic proposition whose aim is to go deep [...] can't find support in a fixed image, can't follow a linear evolution. [...] Each design must catch, with the utmost rigor, a precise moment of fluttering image in all its shades, and the better you can recognize that fluttering quality of reality, the clearer your design will be. It is the more vulnerable as it is true*”.

O problema colocado por Siza (1980) continua actual e Latour & Yaneva (2008) reconhecem-no: “*the*

Fig. 3. Frank Gehry, *Gehry Residence*, Santa Mónica (CA), E.U.A., 1978. ©netropolitan.org. In Adelyn Perez, “Gehry Residence / Frank Gehry” 05 Jul 2010. ArchDaily. Consultado a 22 de Março de 2014 em: <http://www.archdaily.com/67321/gehry-residence-frank-gehry/>.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

*problem with buildings is that they look desperately static. It seems almost impossible to grasp them as movement, as flight, as a series of transformations*". Percebemos o mundo como um processo, em constante mutação, e não conseguimos atingir qualquer consciência de nível superior e sentido de lugar sem apreender essa dinâmica. Só então temos consciência de nós próprios, do mundo, e da constância dessa inevitável e misteriosa relação.

É esta dinâmica que a arquitectura pode revelar, permitindo ao utilizador compreender a sua experiência profundamente pessoal do espaço e, a partir dela, construir o seu lugar. Precisamos, para isso, de um dispositivo espacial que, ao invés da 'espingarda fotográfica' de Marey, nos dê a síntese multissensorial do fluir de algo que nos aparece estático, um instrumento essencialmente projectivo, imaginativo, cinematográfico, a tal (*e*) *motion picture* explorada por Giuliana Bruno (2002), que possibilite experiências íntimas abertas a múltiplas interpretações: "*a polyphonic instant in the heart of the chaotic metropolis*". (Solà-Morales, 1992)

É precisamente ao cinema que Pallasmaa (2000) vai buscar as analogias necessárias, designadamente aos filmes de Antonioni ou de Tarkovsky em que a narrativa fraca, baseada na ambiguidade e na improvisação, cria uma distância intencional entre a imagem e a história com o objectivo de enfraquecer a lógica da narrativa, gerando um campo associativo de imagens que suscita fortes interpretações pessoais.

Nenhum outro cineasta da era moderna criou imagens tão indeléveis do universo urbano e, com uma ambiguidade deliberada, retém das suas audiências percepções intensas sobre o que move os seus personagens, como Michelangelo Antonioni que escreve: "*We know that under the image revealed there is another which is truer to reality and under this image still another and yet again still another under this last one, right down to the true image of that reality, absolute, mysterious, which no one will ever see or perhaps right down to the decomposition of any image, of any reality*".<sup>8</sup>

Com formação em arquitectura, obcecado pela aparência da cidade contemporânea, Antonioni estava particularmente interessado na presença das figuras na paisagem, urbana ou deserta, e em nenhum filme isso é mais claro do que em *The Passenger* (1975). O que parece um *thriller* é-o apenas na estrutura, pois o *suspense* denso e real é, na verdade, o gancho imaginário

que nos deixa a oscilar entre questões de identidade: o enigma da existência e da solidão. As acções na tela são o meio através do qual se desdobram as imagens. Actores e enredo são peças do cenário. A atmosfera sobrepõe-se a tudo.

Andrei Tarkovsky também é um cineasta que cria atmosferas intensas a partir de ambiguidades multissensoriais, sobretudo na relação entre a imagem e o som. Em *Stalker* (1979), por exemplo, leva-nos numa viagem de descoberta interior onde é mais importante o caminho percorrido, insinuante e misterioso, do que o local onde se chega. Através de uma sensibilização para as possibilidades do som e da imagem no cinema, Tarkovsky mostra-nos que é possível transcender os limites dos seus usos tradicionais e dar ao espectador a liberdade de se envolver que permita à sua sensibilidade e à sua mente subconsciente terem um papel activo na criação de uma conexão pessoal e de um sentido.

Também na arquitectura fraca o que importa é o processo, pois é neste que podemos encontrar o sentido. Conhecemos o ponto de partida e temos a expectativa da chegada, mas é ao longo do percurso que nos podemos desfocar e, neste modo de percepção periférica e consciência alargada, construir o nosso próprio lugar na realidade. Este processo pode acontecer na cidade através da aplicação de estratégias subtis que, com um mínimo de intervenção física, sugiram ao utilizador um novo olhar, difuso, envolvido, para que este deixe de ser um elemento exterior e se torne participante, aceitando uma responsabilidade ética na progressão dos eventos.

## 3.2. PRÁTICAS

*"Whatever space and time mean,  
place and occasion mean more.  
For space in the image of man is place  
and time in the image of man is occasion."*  
(Aldo van Eyck)

Como vimos, a cidade não resulta da acção directa de certos agentes institucionais mas é o produto da interacção complexa de diversos operadores cujos pontos de vista e interesses estão, muitas vezes, em conflito. Indeterminação e ambiguidade (não no sentido da incerteza paralisante mas de uma mobilizadora multiplicidade de certezas) são, por isso, termos inevitáveis que devem ser considerados em qualquer hipótese sobre o futuro da arquitectura e das

cidades. Nas últimas décadas, não aconteceram apenas mudanças nas condições espaciais, económicas e sociais em que o projecto urbano intervém, mas também mudou a maneira como o urbanismo é apreendido e percebido como prática.

O arquitecto que, mais do que ninguém, abraçou a ideia de arquitectura como 'espaço livre' para o desenvolvimento indeterminado foi Cedric Price. Os seus projectos centravam-se numa ideia de arquitectura que mudava com o tempo de acordo com o seu uso. Um aspecto fundamental do trabalho de Price foi a sua preocupação com a possibilidade de 'capacitar' a criatividade humana através de um ambiente desprovido das restrições espaciais habituais na arquitectura tradicional. Um protótipo (não construído) destas ideias foi o projecto para o pólo educacional Potteries Thinkbelt que publicou em 1966, primeiro na revista de sociologia *New Society* e depois na *Architectural Design*. Voltamos, no entanto, ao ponto essencial: não há significado unilateral. A experiência existencial necessita de diálogo. Price parece ter perdido a capacidade de diálogo no projecto Thinkbelt na tentativa de enfraquecer a sua estrutura. Fica a dúvida: qual será o limite da fraqueza na arquitectura?

As qualidades da arquitectura aqui preconizada podem ser obtidas através de diferentes estratégias de projecto que têm, no entanto, algo em comum: baseiam-se na intensidade da experiência, combinando ambiguidade com metáforas corpóreas. Pallasmaa (2000) apresenta-nos vários exemplos: do jardim japonês a Peter Zumthor, passando pelo Paimio Sanatorium de Alvar Aalto (1929-32), os acessos à Acrópole de Dimitris Pikionis (1951-57), as quedas de água abstractas de Lawrence Halprin e os ambientes meticulosamente trabalhados de Carlo Scarpa. Não condena a arquitectura com vigor formal mas critica a arquitectura formalista, sugerindo uma alternativa às estéticas redutivas dominantes no pensamento arquitectónico contemporâneo.

Muitos arquitectos contemporâneos combinam força conceptual com a subtileza sensual aqui preconizada: Tadao Ando, Peter Zumthor, Steven Holl, Rick Joy, ou Kengo Kuma. Também na obra de Luis Barragan a imagem aparentemente forte rapidamente resvala para o mundo ilusório dos sonhos. Estes arquitectos utilizam a condensação e a simplificação para fins contemplativos e meditativos, i.e. como meio de alargamento da consciência, não como mero

estímulo da retina. Procuraremos de seguida retrazar uma genealogia destas práticas na arquitectura.

Tudo começou no quadro da "humanização da vida urbana" do CIAM (Congrès internationaux d'architecture moderne) com a descoberta das relações entre o individual e o colectivo, da espontaneidade, da informalidade, e das actividades nómadas; prolongou-se na crítica da cidade-jardim e da arquitectura racionalista do período entre-guerras, dos modelos de vizinhança e da Unidade de Habitação. A obsessão pelo movimento e pela comunicação, e acima de tudo a ideia de que a indeterminação é a melhor maneira de lidar com a questão urbana foram conceitos fundamentais dos arquitectos que formaram o colectivo Team 10, tais como Alison e Peter Smithson, e Aldo van Eyck, entre outros.

O urbanismo unitário dos situacionistas, muito próximo das ideias de Henri Lefèbvre, parte das transformações da vida quotidiana e da natureza do desenvolvimento urbano para uma crítica ao urbanismo 'capitalista' visto como barreira à extensão espontânea das cidades. As suas ferramentas são as da psicogeografia, em que jogo, deriva e desvio são utilizados como técnicas cartográficas. Guy Debord e os seus companheiros defendem um urbanismo emancipado e emancipador, encorajando a reapropriação através da criação de lugares de encontro cujo poder emana de uma experiência vívida e incorporada do quotidiano: "*UU9 envisages a terrain of experience for the social space of the cities of the future*". (*Internationale Situationniste* n.º 3, 1959)

Uma iniciativa, de índole mais teórica mas que teve importantes efeitos na prática, foi a publicação, em 1969, do manifesto "Non-Plan: an experiment in freedom", de Reyner Banham, Paul Barker, Peter Hall e o incontornável Cedric Price. O documento procurava investigar uma realidade terrena sem condições hierárquicas, incluindo a ideia de humildade, necessária quando se tem de decidir o melhor para outros, numa sociedade caracterizada pela revolução da cibernética, da abundância massificada, e da cultura popular. Na época, o 'Não-Plano' enfureceu muitos arquitectos e urbanistas, porque não só foi extremamente provocativo e controverso, como também foi contra o *status quo* e a uniformidade controlada do ambiente construído.

Um arquitecto que também aborda temas como a inclusividade social e a autonomia é Bernard Tschumi. Influenciado pelos situacionistas e fascinado pelos escritos anti-sistema de Georges Bataille dos anos

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

1920, vê o planeamento funcionalista como alienante. Procura, por isso, libertar a arquitectura de si mesma, desestabilizar e desconstruir a ambição da disciplina de ordenar o espaço e a sociedade. A sua prática presta particular atenção aos espaços de movimento e aos vazios: sítios indeterminados e não programados para eventos transitórios. Trabalha sobretudo ao nível do programa, promovendo a sua instabilidade como contraponto à rigidez arquitectónica. Os pontos, linhas e superfícies do Parc de La Villette (Paris, 1982-1998, Fig. 4) consubstanciam grande parte destas ideias numa manifestação crítica da vida urbana em que espaço, evento e movimento se conjugam num sistema alargado. Um lugar de cultura em que natural e artificial são compelidos a um estado constante de reconfiguração e descoberta. Falha no diálogo contextual<sup>10</sup> e na encarnação metafórica do “maior denominador comum”: *la folie*.

Mais recentemente, a dupla nova-iorquina Elizabeth Diller e Ricardo Scofidio levou as noções de

indeterminação e ambiguidade ao extremo com o Blur Building (literalmente, edifício borrão) construído para a Expo 2002 na Suíça. Trata-se de uma estrutura ancorada no lago Neuchâtel, em Yverdon-les-Bains que surge como resposta à saturação causada pelo excesso de estímulos visuais que nos é imposto diariamente. O (não) edifício é uma nuvem, é nada, é a ausência, sem forma, sem profundidade, sem escala, sem massa, sem superfície, sem dimensões, como o descrevem os seus autores. É uma resposta aos excessos da vida e da arquitectura contemporânea: *“A blurry image is typically the fault of a mechanical malfunction in a display or reproduction technology. For our visually obsessed, high-resolution, high-definition culture that measures satisfaction in pixels per inch, blur is understood as a loss. Yet blur can also be thought positively – as de-emphasis. The Blur Building for Swiss EXPO 2002 is an experiment in the construction of de-emphasis and the immersive potential of blur on an environmental scale: while architecture is dematerialized, media becomes physically tangible”*. (Fig. 5)

Fig. 4. Bernard Tschumi, Parc de La Villette, Paris, França, 1982-98. ©Bernard Tschumi.

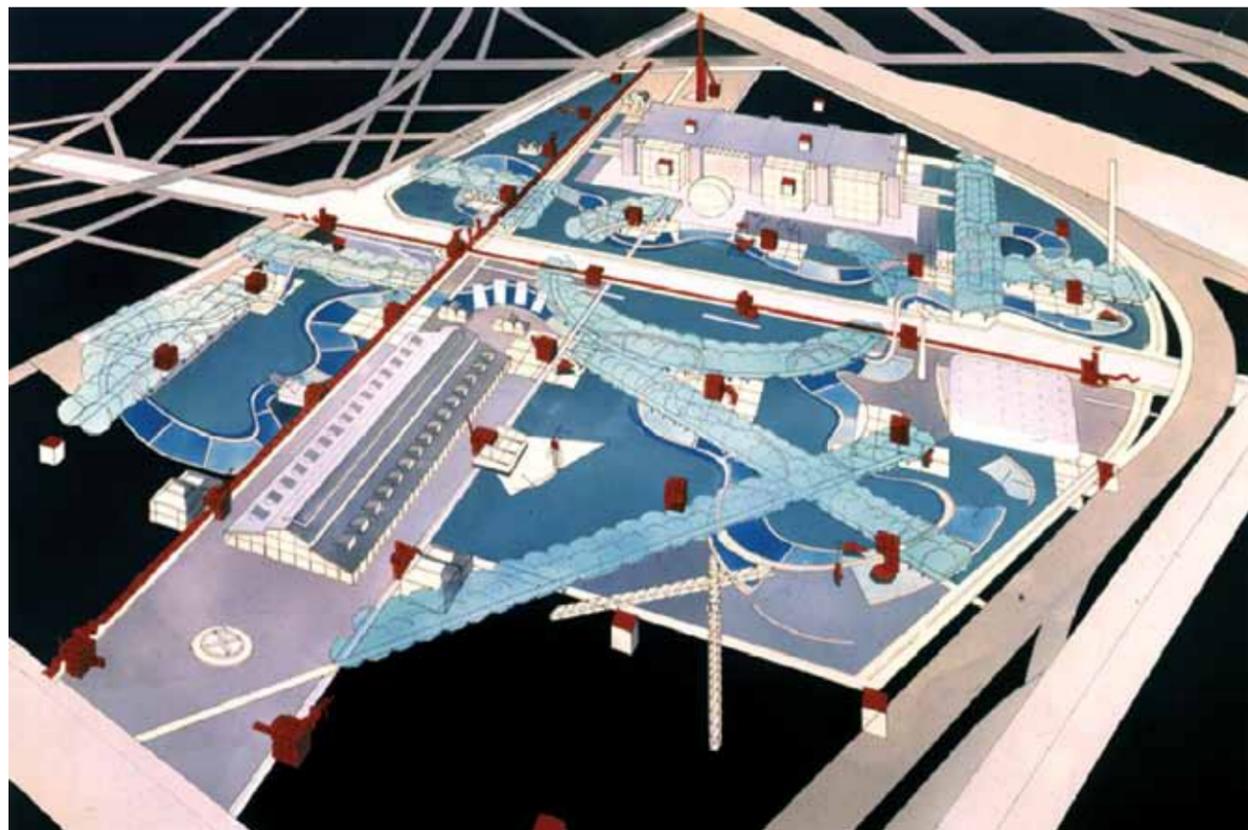


Fig. 5. Diller & Scofidio, Blur Building, Lago Neuchâtel, Yverdon-les-Bains, Suíça, 2002. ©Diller Scofidio+Renfro.

Mais do que um edifício, é para todos os efeitos uma atmosfera: *“It is an immersive environment in which the world is put out of focus so that our visual dependency can be put into focus”*. Apesar de se afirmar sem contexto, está constantemente a medir temperatura, humidade e velocidade do vento para responder às alterações climáticas e, assim, poder continuar a atenuar o espaço. Por fim, trata-se de uma metáfora corporificada que permite múltiplas interpretações: das mais *kitsch* – nuvens, Deus, anjos, ascensão, sonhos, etc. – à *“blank interpretive surface”* proposta pelos autores.

#### Menos é Suficiente

Para além da autonomia, outra questão que se coloca é a da economia. De quanto espaço precisamos? Esta poderá ser a questão fundamental a que Gary Chang tenta responder através da forma como habita/transforma o seu apartamento (Fig. 6) localizado no centro de Hong Kong, com apenas 32 metros quadrados, onde tem vivido desde os

seus 14 anos. Desde que os seus pais se mudaram, Chang experimentou uma série de modificações que reflectem a sua abordagem da arquitectura: maximizar as possibilidades, minimizando os elementos. Para isso, trabalha com um conjunto de conceitos como mudança, escolha, conexão e coexistência, reflectindo

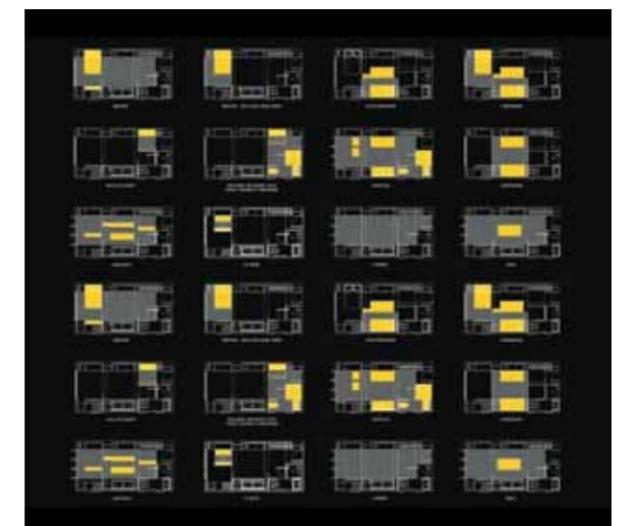


Fig. 6. 24 Modes (Domestic Transformer), Hong Kong, China, 2007. ©Edge Design Institute.



Fig. 7. Lacaton & Vassal, Place Léon Aucoc, Bordéus, França, 1996.  
©Lacaton & Vassal. Consultado a 22 de Março de 2014 em: <http://lacatonvassal.com/index.php?idp=37>.

a natureza improvisada da operação de uma cidade tão densa e intensa como Hong Kong numa arquitectura da necessidade.

O trabalho de Chang leva ao extremo o conceito de instabilidade, a mudança de forma associada à mudança de função, na arquitectura tal como no design e, possivelmente, no cérebro. No seu apartamento, a miríade de opções dissimuladas em 32 metros quadrados é extraordinária. O mesmo pode ser dito sobre as suas intervenções no espaço público, como “Leisure Slice” e “The Cascade” (objecto desta investigação que será dissecado mais adiante), ou os seus objectos, como a bandeja “*trick and treat*” desenhada para a Alessi.

A prática de Gary Chang é uma manifestação crítica dos excessos da sociedade materialista bipolar de Hong Kong, da abundância das sedes das grandes corporações e dos *design hotels* à escassez das habitações partilhadas e das *cage homes*, do capitalismo libertário ao comunismo totalitário, numa cidade onde o espaço é o bem mais caro. Esta arquitectura da necessidade pode ser interpretada à luz das ideias que Pier Vittorio Aureli elabora em *Less is Enough* (2013).

Nos últimos anos, sobretudo desde a recessão económica de 2008, a atitude ‘menos é mais’ tornou-se moda, desta vez defendida por críticos, arquitectos e *designers*, num tom ligeiramente moralista. ‘*Less is more*’, diz o chavão modernista. Mas será que é mesmo? Numa época em que nos pedem incessantemente para fazer ‘mais com menos’ ainda podemos romantizar

as pretensões do minimalismo? Estas são as questões que Aurelio levanta, apresentando-nos o retorno da ‘austeridade *chic*’ como uma perversão do que deveria ser um modo significativo de viver.

Aureli dá conta da ascensão do ascetismo no início do cristianismo e da sua institucionalização com os mosteiros medievais, demonstrando como a unidade básica da vida de recolhimento – a cela do monge – se tornou o fundamento da propriedade privada. A partir daí, segundo Aureli, tudo começa a correr mal e o ascetismo acaba por ser totalmente estetizado (no sentido mais superficial do termo, i.e. da aparência e do imediato) pela sociedade do consumo. Esta ‘estetização’ manifesta-se, por exemplo, nos mosteiros inspirados por lojas Calvin Klein,<sup>11</sup> no estilo de vida monástico de Steve Jobs ou na aura de despojamento da Apple.

Esta forma de resistência bio-lógica e performativa, em que se podem encontrar ressonâncias da fenomenologia de Michel de Certeau (os hábitos e costumes, o quotidiano), de Pallasmaa (o foco na vida e nos eventos), e até de Thrift (a desvalorização da representação), é também um meio de combater a verdadeira escassez dos nossos tempos: “*If there is a real scarcity in the world (which the rhetoric of austerity does not mention at all), it is the scarcity of attention, which has now been consumed by a state of permanent distraction, driven by increasingly sophisticated means of communication and production*”. (Aureli, 2013: 28)

Em suma, para as pessoas terem o controle das suas próprias vidas precisam de se concentrar em si próprios como núcleo da sua actividade, adoptando a *ars vivendi* como forma fundamental de sobrevivência. A arquitectura a conceber no âmbito desta prática deve ser uma arquitectura não focada na imagem mas nos eventos elementares da vida. Esta é, também, a condição da arquitectura fraca.

Como referência de práticas neste registo considera-se a dupla parisiense Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal no projecto de reabilitação da Praça Léon Aucoc, em Bordéus (1996): “*Ici, l’embellissement n’a pas lieu d’être. La qualité, le charme, la vie existent. La place est déjà belle. Comme projet, nous avons proposé de ne rien faire d’autre que des travaux d’entretien, simples et immédiats: refaire la grave du sol, nettoyer plus souvent, traiter les tilleuls, modifier légèrement la circulation,...*, de nature à améliorer l’usage de la place et à satisfaire les habitants.”<sup>12</sup> (Fig. 7)

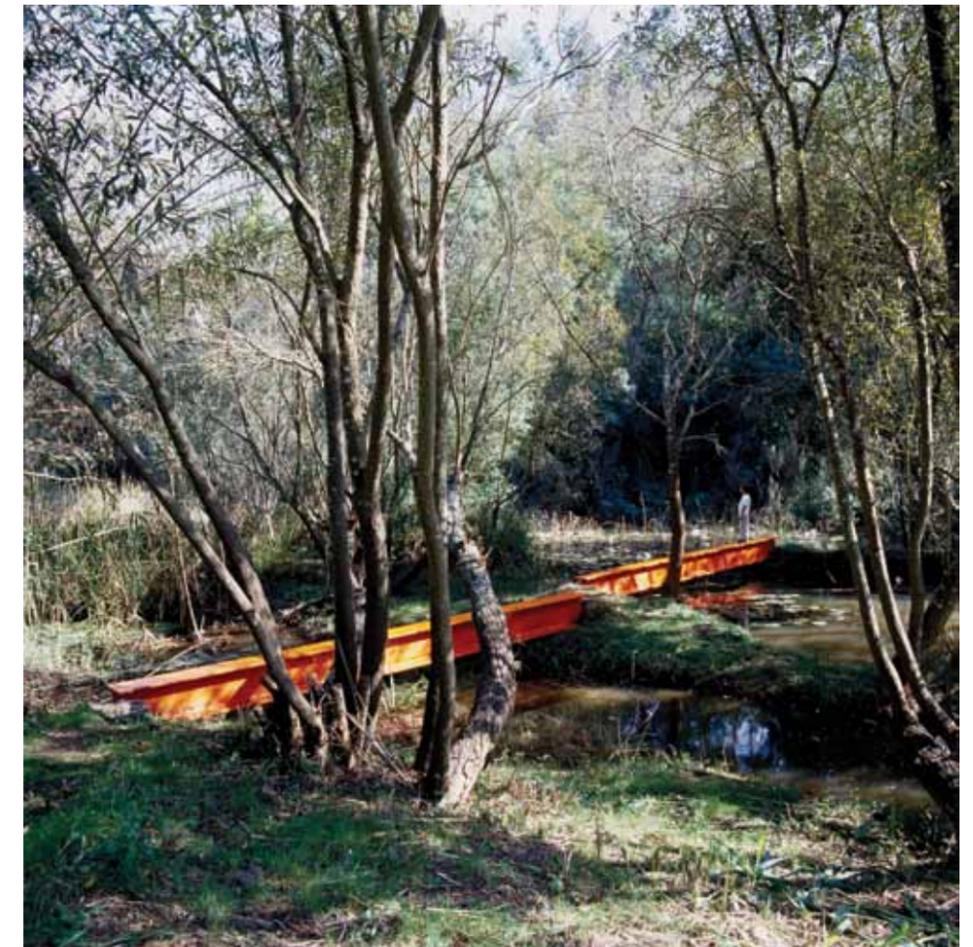
Em Portugal, vale a pena referir o trabalho de José Adrião, designadamente, o projecto da área de estadia de Santa Clara-a-Velha, em Odemira (2006): “Na primeira visita à zona de intervenção, apareceu o João, um miúdo de 9 anos que conhecia o sítio melhor que ninguém e que insistiu em que deveríamos conhecer as ilhas. Seguimos o João, abrindo caminho através do mato cerrado, e deparámos com duas pequenas ilhotas na margem do rio totalmente escondidas por detrás da vegetação. A partir daí, o projecto definiu-se: entender a área de intervenção de uma forma mais abrangente e criar um percurso que permitisse descobrir o sítio, tal

como nós o tínhamos feito”.<sup>13</sup> Adrião revela neste texto a atenção e delicadeza com que aborda o existente e o modo como o subverte e potencia. A intervenção, de materialidade e custo mínimos, permite redescobrir o encanto da ruína da ponte sem a desvelar bruscamente, bem pelo contrário, levando o caminhante a perdê-la para a reencontrar, mais à frente, numa perspectiva surpreendente. É notável a poética de resistência, quase subversiva, com que o arquitecto desmaterializa a intervenção para incorporar o território e a sua memória. (Fig. 8)

#### Acupunctura Urbana

É neste contexto que emerge a acupunctura urbana, uma teoria da ecologia urbana que combina o desenho urbano com a teoria da acupunctura

Fig. 8. José Adrião Arquitectos, Área de Estadia de Santa Clara-a-Velha, Odemira, Portugal, 2006. ©Sérgio Mah.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

tradicional chinesa. Esta estratégia considera as cidades como organismos vivos e, tal como na medicina tradicional chinesa, começa por identificar as áreas específicas deficitárias. Nestas áreas identifica os pontos sensíveis onde intervém com projectos localizados (no espaço e, por vezes, também no tempo) que servem como agulhas para revitalizar o todo a partir da cura das partes.

A noção de acupunctura urbana foi originalmente elaborada pelo arquitecto e urbanista catalão Manuel de Solà-Morales<sup>14</sup> (1999): “*To act with punctures, pressures, injections is to distribute energy through the skin.*”

*It is the epidermis of the urban fabrics that enables us to transform internal metabolisms of its organism*”. Jaïmer Lerner (2003) consolidou e aplicou o conceito na sua Curitiba: “A acupunctura urbana é um conjunto de acções pontuais e de revitalização que podem mudar progressivamente a vida na cidade. Essas intervenções na tessitura urbana ajudam a sarar a dor de forma instantânea, eficaz e funcional”. Mais recentemente, foi retomada e desenvolvida pelo arquitecto finlandês Marco Casagrande (2009).

Casagrande acaba mesmo por fundir na sua abordagem as ideias dos irmãos Solà-Morales, fazendo

a ponte entre a acupunctura urbana de Manuel e a arquitectura fraca de Ignasi num manifesto apresentado em 2009 na Helsinki University of Art and Design: “*As the city reflects control and strenght the urban acupuncture has to be weak in order to break the machine. In its direction towards the truth the weak architecture and weak art is the sister of theology and philosophy, but faster: weak art meets the absolute immediately; it is free from the philosophical discussion or the theological belief*”.<sup>15</sup>

Marco Casagrande com Wang Shu, Hsieh Ying-chun e Roan Ching-Yueh, constituíram, em 2010, o grupo WEAK! e iniciaram o projecto clandestino Paracity Taipé em que a arquitectura usa a cidade ‘oficial’ como “*growing platform and energy source, where to attach itself like a parasite and from where to leach the electricity and water...*”

Em Taipé, a acupunctura urbana, dependendo do contexto, ganha novos títulos: arquitectura ilegal, arquitectura orquídea,<sup>16</sup> arquitectura do povo, ou arquitectura fraca. Hsieh, por exemplo, intitula o seu modo de intervir de arquitectura do povo (abaixo): “*Basically this means giving power back to people to build their homes and to self arrange their communities. [...] Hsieh wants people learn again to tune their built human environment to the natural conditions, hook up to the site-specific Local Knowledge and experience the architectural landscape through physical labour*”.<sup>17</sup> (Fig. 9)

Esta escola de pensamento evita os grandes projectos de renovação urbana em favor das abordagens mais localizadas e comunitárias que permitem intervir com maior eficácia e economia de meios. As suas práticas utilizam intervenções de pequena escala para transformar o contexto urbano alargado. As áreas de intervenção são seleccionadas através da análise de factores sociais, económicos e ecológicos agregados, e são intervencionadas em diálogo com a comunidade. Assim como a prática da acupunctura visa aliviar a tensão no corpo humano, o objectivo da acupunctura urbana é aliviar a tensão no ambiente construído através de intervenções pontuais no tecido urbano com efeitos sociais catalíticos.

#### Urbanismo Tático e Placemaking

Nos últimos anos, temas como urbanismo tático e *placemaking* surgiram associados a conceitos como ‘acupunctura urbana’, ‘urbanismo de guerrilha’, ‘urbanismo *pop-up*’, ou ‘urbanismo *bricolage*’. Todos estes conceitos e abordagens perseguem a mesma ideia,

profundamente estudada por Jane Jacobs (1961), Michel de Certeau (1980), William H. Whyte (1980), Jan Gehl (1987) e outros, de que planeamento e desenho urbanos não são processos lineares e exigem uma compreensão e exploração das práticas urbanas e das dinâmicas de auto-organização: “*the kind of problem a city is*”. (Jacobs, 1961)

*Placemaking* (“fazer-lugar”) é definido pela City Repair como “*a multi-layered process within which citizens foster active, engaged relationships to the spaces which they inhabit, the landscapes of their lives, and shape those spaces in a way which creates a sense of communal stewardship and lived connection*” (Village Builder 4). Já urbanismo tático é definido como “*small-scale improvements in an effort to effect large-scale, long-term change. This concept allows the design to be tested before allocating substantial political and financial commitments*”. (Tactical Urbanism 2: 1).

Nestas operações está implícita a distinção entre estratégia e tácticas feita por de Certeau (1980) e que deriva evidentemente da linguagem militar. Baseia-se numa distinção entre ideias gerais sobre objectivos e formas específicas de concretização. Tanto na guerra como na cidade, a pequena escala é o lugar da resistência e que permite uma análise mais fina da situação.

A anti-disciplina das tácticas é, segundo de Certeau (1980), o *modus operandi* por excelência dos utilizadores da cidade, supostamente votados à passividade e à disciplina, e inclui muitas das suas práticas quotidianas, tais como habitar, falar, ler, caminhar ou cozinhar. A espontaneidade e a improvisação são traços característicos da acção táctica. A performatividade e o *happening* são, também, centrais na criação deste vernacular urbano. O uso, ou literalmente o consumo,<sup>18</sup> do espaço é considerado como prática de apropriação em relação ao conjunto planeado e construído por estruturas políticas.

A ‘táctica’ é a resposta operatória do utilizador do espaço à realidade imposta, uma acção calculada que determina a ausência de um próprio: o poder dos fracos. Com efeito, como vimos, o espaço urbano é caracterizado, sobretudo, pela exposição permanente ao outro, a alteridade é uma das características fundamentais deste tipo de espacialidade: o lugar do outro, que nunca é próprio do eu, por conseguinte.

A melhoria da habitabilidade das cidades começa normalmente à escala da rua, do quarteirão ou do edifício. Embora os esforços de grande escala tenham o

Fig. 9. Hsieh Ying-Chun, *Illegal Architecture*, Taipé, Taiwan, 2010. ©Marco Casagrande.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

seu lugar, as melhorias incrementais, de pequena escala, são, cada vez mais, vistas como uma maneira de fasear investimentos substanciais. Este tipo de abordagem táctica permite a um conjunto de actores locais de testar novos conceitos antes de fazer compromissos políticos e financeiros substanciais.

Estas ideias tornaram-se especialmente urgentes pelo desafio evidente de criar cidades mais densas, mais diversas, e onde se ande mais a pé. Os recursos económicos disponíveis são escassos – em particular desde a crise financeira de 2008 – e, ao mesmo tempo, existem barreiras significativas relativamente a este tipo de intervenção quando comparado com modelos mais convencionais, especializados e segregados de desenvolvimento. É necessária, por isso, uma abordagem mais ‘alavancada’ (como se diz hoje em dia) e que faça uma utilização mais eficiente de recursos limitados.

O grande desafio é atingir estes propósitos mantendo a espontaneidade e o anonimato da operação

de modo a facilitar a sua apropriação. As intervenções tácticas propostas para Hong Kong pela plataforma multidisciplinar MAP Office passam, por exemplo, pela transformação de terraços em espaços comunitários ou de produções de ostras devolutas em espaços de recreio, pela desregulamentação dos becos, pela criação de bairros flutuantes ou o mapeamento das selvas periurbanas. Esta dupla de artistas/arquitectos baseada em Hong Kong desde 1996 faz uma análise crítica das anomalias espaciotemporais e documenta o modo como os humanos subvertem e se apropriam do espaço.

Uma referência destas práticas é o colectivo parisiense Atelier d’architecture autogérée (AAA). Os seus projectos são experiências de reaproveitamento temporário do espaço urbano abandonado através da criação de infra-estruturas co-geradoras que são apropriadas lentamente pelos moradores locais e transformadas em espaços auto-geridos. *Passage 56* (Fig. 10), por exemplo, consistiu na transformação duma passagem abandonada num jardim produtivo por meio

Fig. 10. Atelier d’Architecture Autogérée, *Le 56/Eco-interstice*, Paris, França, 2006. Consultado a 22 de Março de 2014 em: <http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html>.



de um processo participativo. O projecto foi elaborado e construído com um custo mínimo, usando materiais reciclados recolhidos pelos próprios moradores.

As tácticas, descendentes bastardas da poética, por oposição às estratégias dos ‘lugares próprios’ e do poder, redesenham situações a partir de elementos existentes e criam situações imaginadas de ocasião que se justapõem e coexistem, permitindo assim a apropriação do espaço urbano e uma participação na construção da cidade. Esta prática invisível e quotidiana, este lado clandestino da experiência espacial, cuja compreensão é essencial para este trabalho,<sup>1</sup> completa a instrumentação necessária à fabricação da chave intelectual que deverá permitir fechar o ‘perigoso’ portal da empiria.

#### 4. ESTUDO DE CASO: “THE CASCADE” EM HONG KONG

“The Cascade” é uma intervenção no espaço público desenhada por The Edge (Gary Chang e

associados) e encomendada por Public Art Hong Kong e Hong Kong Arts Centre que transformou as escadas que ligam Arbuthnot Road e Wyndham Street no Edifício Centrium em Março de 2007. Concebida como uma instalação temporária que não deveria durar mais de um ano, “The Cascade” permaneceu no local e não será certamente substituída antes do final de 2015. (Fig. 11)

Em “The Cascade”, uma paisagem artificial é projectada para responder à topografia única do sítio: uma cascata de degraus que cria um acesso público e gera potencial para um espaço público de escala delicada. O desenho reflecte uma exploração no contexto do local: a configuração do muro de fronteira e do canteiro adjacente pré-existent constituíram os pontos de referência de base para a geometria da obra em forma de treliça metálica. As bauínias são mantidas intactas, enquanto a exigência de iluminação nocturna, por questões de segurança, é integrada na estrutura. Projectores cuidadosamente posicionados lançam uma

Fig. 11. Edge, “The Cascade”, Hong Kong, China, 2007: dia. ©Edge Design Institute.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

multiplicidade de luzes e sombras sobre os degraus e articulam os assentos. (Fig. 12)

A vida não é estática mas extática, no sentido de algo que está além de si mesmo. Para poder construir um ambiente integrado, o arquitecto tem de a 'ler' tal como é: projectos em movimento, organismos em mutação, ecologias complexas. Para isso, é necessário o desenvolvimento de instrumentos de avaliação-em-acção. Por exemplo, relatos de experiências emocionais em curso tendem a ser mais válidos do que relatos de emoções feitos a alguma distância temporal da experiência relevante (Robinson & Clore, 2002). Para o efeito, utilizámos diferentes instrumentos de avaliação em tempo real que serão apresentados na secção que se segue.

## Instrumentos

Para a observação considerou-se importante avaliar o comportamento de todo o corpo, os padrões de movimento e as interacções visuais e físicas com

o objecto de estudo. As observações foram baseadas em notas tiradas durante o trabalho de campo e em tecnologia de vídeo (Fig. 13) que apresenta importantes vantagens na avaliação de comportamentos complexos e relações entre comportamentos. Os resultados serão condensados sob a forma de mapas comportamentais.

Para o questionário, depois de fazer os testes necessários, considerou-se uma combinação de duas escalas: a escala emocional não verbal SAM<sup>19</sup> (Lang, 1980) para medir as dimensões de resposta emocional imediata (valência, activação e dominância) que podem ser comparadas com medidas de comportamento (e fisiologia), e uma escala Likert baseada no modelo de ligação ao lugar mediado pelo significado (Stedman, 2003, e Williams & Vaske, 2003) para medir o modo como as características físicas do ambiente construído afectam a formação da ligação ao lugar. Esta escala foca-se em duas dimensões do sentido do lugar: ligação ao lugar e satisfação. A ligação ao lugar é consistente

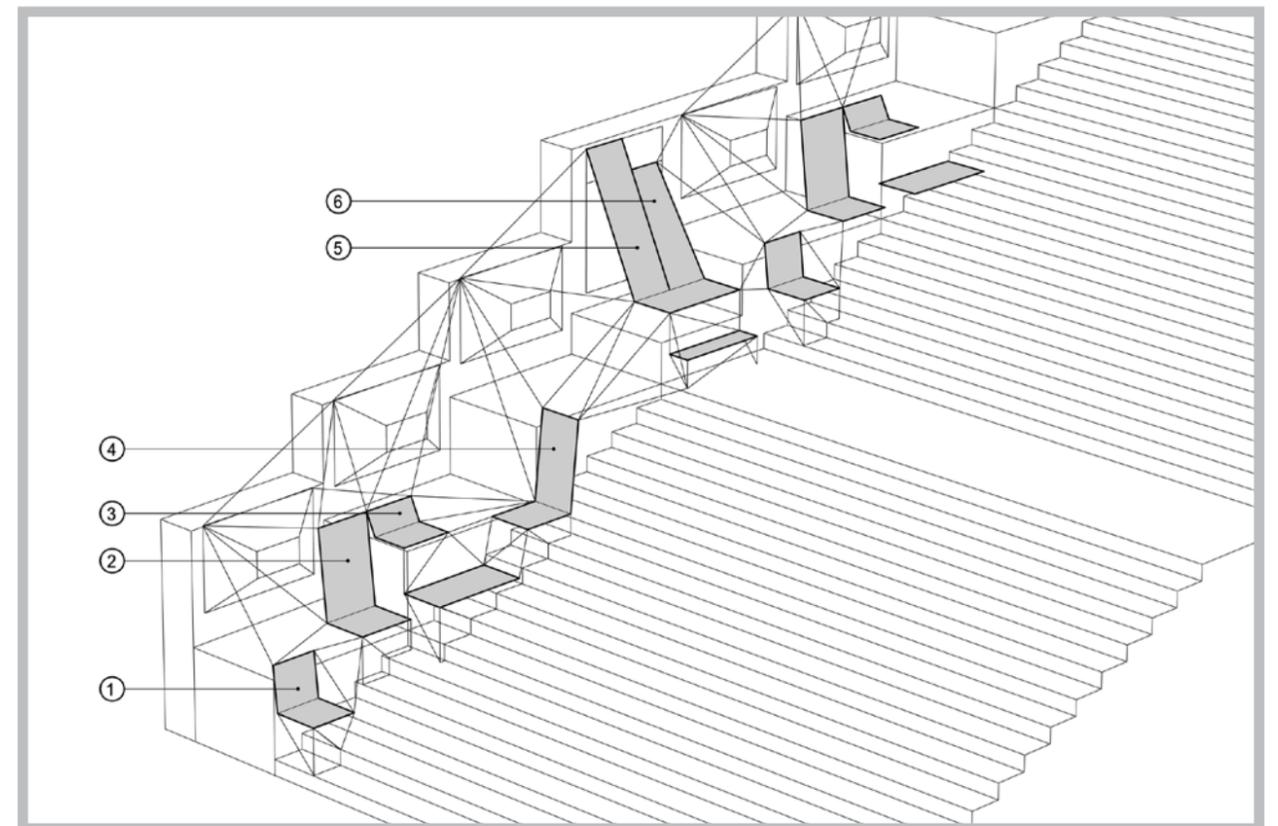
Fig. 12. Edge, "The Cascade", Hong Kong, China, 2007: noite. ©Edge Design Institute.



Fig. 13. Edge, "The Cascade", Hong Kong, China, 2007: snapshot do vídeo. Imagem do autor.

com as definições de identidade (com que intensidade é percebida a ligação ao ambiente); a satisfação com o lugar é consistente com definições de atitude (grau de apreciação do ambiente)

Fig. 14. Edge, "The Cascade", Hong Kong, China, 2007: perspectiva. ©Edge Design Institute.



## CULTURAL HERITAGE

## Ensaio de Campo

Foi realizado um ensaio de campo para afinar os instrumentos (observação e questionário) para as etapas seguintes da investigação e os dados obtidos tornar-se-ão mais úteis a partir do momento em que possam ter uma análise mais profunda.

## Observação

As sessões de observação auxiliaram na compreensão de como é utilizada "The Cascade" e como o objecto de estudo se relaciona com as actividades que têm lugar no espaço público. Antes das sessões de observação foi fornecido pelo autor do projecto e copiado um conjunto completo de desenhos, mostrando todas as características importantes do projecto, para uso na anotação com precisão das pessoas e actividades que tiveram lugar no espaço.

"The Cascade" foi observada durante um total de 12 horas, com o cuidado de realizar observações em

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

dias e horas variados. O investigador realizou todas as sessões de observação, pelo que não se coloca a questão da fiabilidade inter-observadores. O comportamento dos utilizadores foi documentado. Durante cada sessão de observação, uma cópia de um desenho em perspectiva foi utilizado para apontar os assentos ocupados. (Fig. 14)

Também foram tomadas notas de campo detalhadas, descrevendo as actividades dos utilizadores. A cada utilizador foi atribuída uma letra no desenho em perspectiva, correspondente à mesma letra nas notas de campo. Isto permite o estudo das plantas e das notas de campo numa data posterior e a reconstrução das actividades no espaço público. Todas as notas de observação foram introduzidas utilizando uma codificação dos dados com a planta correspondente para uso posterior. A tecnologia de vídeo também foi utilizada para permitir uma análise posterior mais aprofundada. A monitorização-vídeo foi realizada durante um período total de 9 horas e 40 minutos.

## Questionário

Uma amostra aleatória de 145 indivíduos foi brevemente entrevistada nos diferentes dias da semana e em diferentes horários (8:00-20:00), utilizando um questionário para avaliar os factores cognitivos de atenção, emoção, consciência e memória em relação ao objecto de estudo. O questionário foi composto por 30 perguntas, subdivididas em quatro categorias, nomeadamente, atenção, consciência, memória e emoção.

Cada categoria aborda um dos factores cognitivos através de questões relacionadas que evocavam uma resposta favorável. Os dados qualitativos foram compilados e analisados posteriormente para compreender a importância de cada factor cognitivo para cada utilizador. Estes dados sugeriram algumas reflexões sobre a forma de avaliar a ligação ao lugar através de medidas de emoção que se revelaram pertinentes e estão reflectidas na instrumentação considerada para as etapas seguintes da investigação.

## Análise de dados

A análise dos dados do questionário foi feita recorrendo ao SPSS. O objectivo é identificar padrões comportamentais relacionados com a utilização do objecto de estudo. Do ponto de vista da análise estatística, fez-se primeiro uma análise global de

frequências para decidir os cruzamentos (por exemplo, idade, sexo, escolaridade, ocupação, origem, etc.) que podem interessar, segundo opinião/atitude, para uma análise de co-variâncias. Do universo total dos respondentes, 59% estavam em trânsito (questão 1, confirmada pela resposta à questão 7), deslocando-se maioritariamente com origem na envolvente próxima do objecto de estudo (63%) ou da estação Central do MTR (22%), e destino nas mesmas zonas (53% e 25%, respectivamente), movimentos pendulares compreensíveis num bairro que combina serviços e lazer. Grande parte dos indivíduos (41%) utilizou o objecto de estudo no terço inferior da escada, 34% no terço intermédio e apenas 25% no terço superior.

A escala emocional não verbal SAM (questão 3) permitiu-nos medir as dimensões de resposta emocional imediata (valência, activação e dominância). Relativamente à valência, constata-se que a grande maioria dos indivíduos (78%) tem uma experiência de prazer (a moda foi 7, de 1 a 9, com 26%), 14% neutra, e apenas 8% de desprazer. A dimensão da activação foi mais equilibrada com acentuação da calma: 41% calma, 29% neutra, 30% activação. Relativamente à dominância, voltamos a ter dados mais claros, com uma preponderância (48%) da sensação de dominador (a moda foi 7, de 1 a 9, com 20%), 29% neutra e 23% dominado.

Os resultados obtidos com a escala Likert não são suficientemente claros, colocando-se a maioria dos inquiridos (35 a 44%) numa posição de neutralidade relativamente às questões de identidade e atitude colocadas. Sendo este um instrumento para medir a intensidade e o grau de apreciação do lugar, compreende-se a natureza dos resultados num contexto espacial de transição e trivialidade em que a qualificação do objecto de estudo se faz sobretudo pela não-actividade que acolhe: a pausa. Esta pausa será também a razão da medida da activação acima.

A análise dos dados da observação, que permitirá chegar a conclusões mais claras, está a ser feita com recurso ao JWatcher. Primeiro são distinguidos utilizadores e transeuntes. Utilizadores são indivíduos que interagem visual (olhar dirigido para o objecto de estudo), espacial (até 3,60 metros, limite do espaço físico privado<sup>20</sup>) ou fisicamente (contacto directo) com o objecto de estudo ou com um utilizador. Transeuntes são indivíduos que não interagem com o objecto de estudo nem com qualquer utilizador.

Relativamente ao primeiro grupo foram identificados diversos estados com dois ou mais comportamentos mutuamente exclusivos: olhar/fotografar/não olhar nem fotografar (visual), sentado/de pé/andar, brincar/não brincar, fumar/não fumar, comer/não comer, ler/não ler, socializar/não socializar, usar/não usar telemóvel. Os dados resultantes do processo de observação serão condensados em mapas comportamentais que permitirão a identificação de padrões e o cruzamento com os resultados obtidos através dos questionários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:  
ENSINAMENTOS PARA MACAU

Água mole em pedra dura  
tanto bate até que fura.  
(Ditado Popular)

“The Cascade” é uma estrutura despida e aparentemente frágil que combina vários programas, atenuando a fronteira entre escultura e considerações pragmáticas. Compostos por painéis de acrílico laranja claro, os assentos variam em forma e exploram o perfil particular do terreno para criar diversidade nas posições de sentar. Forma e função são, por conseguinte, transformadas pela utilização. Como Semper escreveu: “*The destruction of reality, of the material, is necessary if form is to emerge as a meaningful symbol, as an autonomous human creation*”.<sup>21</sup> Com este projecto, Gary Chang evita criticamente este pressuposto.

Se o significado do espaço é baseada numa forma arquitectónica rígida, então, torna-se estático e fechado, ao contrário da desejada abertura da interpretação, e, portanto, sem lugar para a “*autonomous human creation*” sugerida por Semper. Mais, se a forma é moldada pelo uso, então, a “*destruction of reality, of the material*” deixa de ser necessária. O significado é assumido no âmbito de uma experiência em que a forma tem um papel evocativo, mas não é o único componente. Deste caso e das práticas de arquitectura fraca, acupunctura urbana e urbanismo táctico atrás referidas, podemos retirar algumas lições para Macau.

Macau já foi ilha mas, gradualmente, um banco de areia sazonal transformou-se num istmo, tornando permanente a ligação da ilha ao continente. Os aterros do século XVII fizeram-na península e um portão foi erigido para assinalar a separação entre a península e o continente. Registos pré-coloniais mostram que

Macau totalizava originalmente apenas 2,78 km<sup>2</sup>, tendo começado a crescer com o assentamento português. Este crescimento acelerou no último quartel do século XX, de 15 km<sup>2</sup> em 1972, para 16,1 km<sup>2</sup> em 1983 e 21,3 km<sup>2</sup> em 1994. A superfície de Macau tem aumentado como resultado da contínua conquista de terrenos à água, especialmente na Taipa e Coloane. Em 2010, a superfície total era de aproximadamente 29,7 km<sup>2</sup>. Para além da forte expansão a expensas da água, densidade, património, edifícios icónicos, estruturas informais e espaços públicos intensos configuram a singularidade macaense.

As histórias das cidades e da água sempre estiveram intimamente ligadas. Os primeiros assentamentos urbanos localizaram-se em planícies costeiras perto de rios (Mesopotâmia, Egipto e vale do Indo) para facilitar a agricultura que permitia alimentar as suas populações. Macau não é excepção. Nascida a partir de uma relação privilegiada com a água, ao longo da sua história acabou, no entanto, por lhe virar as costas. Hoje em dia é difícil encontrar espaços públicos funcionais com acesso franco ao Rio das Pérolas. Para além das *promenades* junto aos lagos, há uma única esplanada no Porto Interior ou o inatingível e caricatural *Fishermen's Wharf*. Paraphraseando Manuel Vicente, “é necessário que as coisas dancem”, e a presença da água e do seu permanente fluir tem muito a ver com isso.

Macau, como local de passagem e miscigenação, vive em permanente crise de identidade. Uma boa acupunctura urbana promove a manutenção da identidade cultural de um local ou de uma comunidade e nem sempre se traduz em mais obras. Em alguns casos, passa pela introdução de costumes ou hábitos que geram as condições necessárias à transformação. Muitas vezes uma intervenção humana, sem projecto ou sem realização material, acaba por ser mais eficaz.

As cidades chinesas, por exemplo, são conhecidos pelos seus espaços públicos vibrantes e é isso que as torna verdadeiramente únicas: um território urbano (geralmente ruas, não praças nem passeios públicos) que é usado de modo intenso, aproveitado ao milímetro, cheio de espaços comerciais e oficinas informais. Não de uma forma planeada, mas de um modo espontâneo, muito peculiar. As pessoas não têm medo de ocupar o seu tempo no exterior. Esta prática, muitas vezes determinada pela necessidade, devido ao reduzido

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Fig. 15. Venda de rua, Macau, China, 2013. Imagem do autor.

espaço das habitações e às elevadas rendas comerciais, tornou-se um modo de vida. (Fig. 15)

Por oposição, passeios públicos e praças são espaços de imagem e *show-off* político e promovem uma atitude passiva, o utilizador torna-se espectador e esquece o seu protagonismo na construção da cidade. A construção de passeios ribeirinhos pode, por isso, ser desacertada. São espaços que não têm uma utilidade funcional, onde se passa rapidamente, uma vez que não oferecem abrigo ou um local para fazer alguma coisa, e acabam por afastar a cidade do rio.

O mesmo se pode dizer dos aterros expectantes durante 30 anos e da excessiva preocupação com o controlo da natureza e com o risco de catástrofes naturais que leva ao condicionamento da proximidade da água por causa de fenómenos imprevisíveis e incontrolláveis. As cheias na zona da Rua de 5 de Outubro, por exemplo, eram vividas como um fenómeno sazonal natural. As pessoas descalçavam-se, arregaçavam as calças, e a vida continuava.

Um delta exige gradientes, não muros, ocupações fluidas, não usos do solo definidos, momentos negociados sem arestas duras. Em suma, exige a

acomodação do rio e do mar. É necessário promover usos temporários nos novos aterros até à sua urbanização, assumir uma relação mais moderada na gestão dos riscos naturais (as construções temporárias/sazonais também podem ser uma solução interessante), e promover usos flutuantes e funções de utilidade pública (espaços educativos, por exemplo) para as zonas ribeirinhas já existentes.

Por fim, vive-se uma histeria da iconicidade arquitectónica em Macau. Cada novo edifício deve ser um marco, um ponto de referência. Mas um marco

é uma excepção, quando se torna regra, perde o seu sentido. Vale, por isso, a pena tentar uma abordagem alternativa. Enquanto os edifícios icónicos são excepções assinadas; os edifícios 'fracos' são continuidades anónimas: assinatura e expressão em oposição a anonimato e impressão.

Esta última pode também ser uma forma subtil de tornar visíveis determinados processos ecológicos. Ao sublinhar as relações ecológicas particulares de um determinado sítio, a arquitectura pode pontuar e animar o meio ambiente e sensibilizar-nos para o que se sabe sobre as suas complexidades interrelacionais.

Este tipo de prática tenta valorizar os ecossistemas, bem como envolver os utilizadores, revelando fenómenos ecológicos e culturais, processos e relacionamentos constituintes do lugar. Percebemos assim que a identidade não é feita de sinais exteriores evidentes (isso é moda, novidade), mas de marcas subtis que podem levar uma vida inteira a entender-se porque estão profunda e emocionalmente enraizadas.

*"Identity is not a given fact or a closed entity. It is an exchange; as I settle in a place, the place settles in me"*. (Pallasmaa, 2012) 

## NOTAS

- O termo política vem do grego *polis* (cidade-estado), servindo para designar, desde a Antiguidade, o campo da actividade humana que se refere à cidade, ao Estado e às coisas de interesse público.
- A obra torna-se unívoca, deixando de se perceber para além de um 'sentido' pré-determinado, normalmente visual, e perdendo a ambiguidade originária da experiência existencial. Na verdade, não existe sentido unilateral. A experiência existencial necessita de diálogo, de comunhão, do outro: *"Le monde phénoménologique c'est non pas de l'être pur, mais le sens qui transparait à l'intersection de mes expériences et de celles d'autrui, par l'engrenage des unes sur les autres"* (Merleau-Ponty, 1945: xv).
- Que no sentido mais literal significa sem *media*, sem meio de comunicação, e nos leva a repensar a percepção da arte em geral e da arquitectura em particular a partir dos subversivos e irónicos princípios estéticos do pintor de paisagem e poeta Shi Tao 石涛 (1642-1707).
- Quando a paisagem cuidadosamente pintada degenera em respingos à Pollock *avant la lettre*, o observador é forçado a reconhecer que a pintura não é transparente ou imediata (no sentido literal) na forma como inicialmente aparenta ser. Os borrões de tinta, pelo facto de serem rotulados de 'feios', começam a assumir uma espécie de beleza abstracta que desperta a imaginação.
- O ubíquo espaço de fluxos da sociedade em rede pode riscar os lugares do mapa (Castells, 1996).
- Do latim *subtilis*: *sub* "sob" + *-tilis*, de tela "teia, rede, trama de um tecido".
- "It is not necessary for the true always to take on material form, it is enough that it should flutter to and fro, like a spirit, promoting a kind of accord; as when the companionable pealing of a bell rings out, bringing us some little measure of peace"*. Goethe citado por Heidegger in *Die Kunst und der Raum*.
- Samuels, C. T. (1972), "Michelangelo Antonioni", in *Encountering Directors* (Nova Iorque: Capricorn Books): 23.
- Unitary Urbanism.
- Também evidente na delimitação territorial e política do programa.
- Uma crítica ao projecto do Mosteiro de Nossa Senhora de Novy Dvur que resulta de uma encomenda feita a John Pawson depois de um dos monges visitar a loja da Calvin Klein em Nova Iorque que o primeiro desenhou.
- Excerto da memória descritiva consultada online a 22 de Março de 2014 em <http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=37#>.
- Excerto da memória descritiva consultada online a 22 de Março de 2014 em [http://www.joseadriao.com/paginas/p24\\_01.htm](http://www.joseadriao.com/paginas/p24_01.htm).
- Irmão de Ignacio de Solá-Morales, 'inventor' da arquitectura fraca.
- Excerto de Casagrande M. (2009). Statement, Helsinki University of Art and Design Department of Environmental Art consultado online a 21 de Março de 2014 em: <http://casagrandetext.blogspot.com/2009/02/urban-acupuncture.html>.
- Uma referência biológica ao modo como as orquídeas se apoiam nas árvores para chegar à luz. Não são plantas parasitas, nutrido-se apenas de material em decomposição que cai das árvores.
- <http://casagrandetext.blogspot.com/2011/03/illegal-architecture.html>.
- Na leitura ambígua – consumir e consumar – que a palavra permite.
- Self Assessment Manikin.
- Considerámos aqui os limites da proxémica de Edward Hall (1966) que categoriza três áreas distintas de 'espaço informal' privado: íntimo (15-46 cm que habilita abraços e sussurros), pessoal (50-120 cm que permite o diálogo entre amigos), e social (120-360 cm que permite o diálogo entre colegas não muito próximos). A distância superior a 360 cm refere-se à área pública.
- Gottfried Semper, *Style in the Technical and Tectonic Arts; or, Practical Aesthetics*, trans. Harry Francis Mallgrave and Michael Robinson (Los Angeles: Getty Publications, 2004): 439.

## BIBLIOGRAFIA

- Altman, I. & Low, S. M. (eds.). *Place Attachment*. Nova Iorque: Plenum Press.
- Appleton, J. (1975). *The Experience of Landscape*. Londres: Wiley.
- Arberger, A., & Eder, R. (2011). "Exploring the Heterogeneity of Rural Landscape Preferences: An Image-Based Latent Class Approach". *Landscape Research* 36(1), pp. 19-40.
- Aureli, P. V. (2013). *Less is Enough: On Architecture and Asceticism*. Moscovo: Strelka Press.
- Bagozzi, R. P. (1978). "The Construct Validity of the Affective, Behavioural and Cognitive Components of Attitude by Analysis of Covariance Structures". *Multivariate Behavioral Research*, 13, pp. 9-31.
- Bell, P. A., Greene, T. C., Fisher, J. D., & Baum, A. (2001). *Environmental Psychology* (5<sup>th</sup> ed.). Fort Worth, TX: Harcourt College Publishers.
- Bitner, M. J. (1992). "Servicescapes: The Impact of Physical Surroundings on Customers and Employees". *The Journal of Marketing*, 56(2), pp. 57-71.
- Bonnes, M. & Secchiarioli, G. (1995). *Environmental Psychology: A Psychosocial Introduction*. Londres: Sage.
- Bourassa, S. C. (1990). "A Paradigm for Landscape Aesthetics". *Environment and Behavior*, 22(6), p.p 787-812.
- Brown, B. B. (1987). "Territoriality". In D. Stokols & I. Altman (eds.), *Handbook of Environmental Psychology*. Nova Iorque: Wiley, pp. 505-531.
- Brown, B., Perkins, D. D. & Brown, G. (2003). "Place Attachment in a Revitalizing Neighborhood: Individual and Block Levels of Analysis". *Journal of Environmental Psychology*, 23, pp. 259-271.
- Bruce Hull IV, R., Lam, M., & Vigo, G. (1994). "Place Identity: Symbols of Self in the Urban Fabric". *Landscape and Urban Planning*, 28, pp. 109-120.
- Bruno, G. (2002). *Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture, and Film*. Londres: Verso.
- Burkner, H. (2006). *Place-making*. PlaceMeg concept guidance paper. Project workshop on methods and concepts, 20-22 February, Institute for Regional Development and Structural Planning.
- Buttimer, A., & Seamon, D., eds. (1980). *The Human Experience of Space and Place*. Londres: Croom Helm.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

- Casagrande, M. (2009). *Urban Acupuncture*. Statement, Helsinki University of Art and Design Department of Environmental Art, consultado online a 21 de Março de 2014 em: <http://casagrandetext.blogspot.com/2009/02/urban-acupuncture.html>.
- Casakin, H. & Billig, M. (2009). "Effect of Settlement Size and Religiosity on Sense of Place in Communal Settlements". *Environment and Behavior*, vol. 41, no. 6, pp. 821-835.
- Castells, M. (1996). *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Certeau, M. (de) (1980), *L'invention du quotidien I: Arts de faire* Paris: Gallimard.
- Conniff, A., Craig, T., Laing, R., & Galán-Díaz, C. (2010). "A Comparison of Active Navigation and Passive Observation of Desktop Models of Future Built Environments". *Design Studies*, 31(5), pp. 419-438.
- Cuba, L. & Hummon, D. M. (1993). "A Place to Call Home: Identification with Dwelling, Community, and Region". *Sociological Quarterly*, 34, pp. 111-131.
- Eco, U. (1962). *Opera Aperta*. Milão: Bompiani.
- Edelman, G. M. & Tononi, G. (2000). *A Universe of Consciousness: How Matter Becomes Imagination*. Nova Iorque: Basic Books.
- Eisenhauer, B. W.; Krannich, R. S. & Blahna, D. J. (2000). "Attachments to Special Places on Public Lands: An Analysis of Activities, Reasons for Attachments, and Community Connections". *Society and Natural Resources* 13, pp. 421-441.
- Fried, M. (1963). "Grieving for a lost home". In Leonard J. Duhl (ed.), *The Urban Condition: People and Policy in the Petropolis*. Nova Iorque: Simon & Schuster, pp. 124-152.
- Friedmann, J. (2007). "Reflections on Place and Place-making in the Cities of China". *International Journal of Urban and Regional Research*, 31, pp. 257-279.
- Fullilove, M. T. (1996). "Psychiatric Implications of Displacement: Contributions from the Psychology of Place". *American Journal of Psychiatry* 153, pp. 1516-1523.
- Gehl, J. (1987). *Life Between Buildings*. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold.
- Gifford, R. (1980). "Judgments of the Built Environment as a Function of Individual Differences and Context". *Journal of Man-Environment Relations* 1(1), pp. 22-31.
- Giuliani, M. V. (2003). "Theory of attachment and place attachment". In M. Bonnes, T. Lee, M. Bonaiuto (eds.), *Psychological Theories for Environmental Issues*. Aldershot: Ashgate, pp. 137-170.
- & Feldman, R. (1993). "Place Attachment in a Developmental and Cultural Context". *Journal of Environmental Psychology* 13, pp. 267-274.
- Goodman, R. (1972). *After the Planners*. Pelican: Harmondsworth.
- Greider, T. & Garkovich, L. (1994), "Landscapes: The Social Construction of Nature and the Environment". *Rural Sociology*, 59, pp. 1-24.
- Groat, L. (1995). "Introduction: Place, A Aesthetic Evaluation and Home". In L. Groat (ed.), *Giving Places Meaning*. San Diego, CA: Academic Press, pp. 1-26.
- Gupta, A. & Ferguson, J. (1997). *Culture, Power, Place: Explorations in Critical Anthropology*. Durham: Duke University Press.
- Hall, E. T. (1966). *The Hidden Dimension*. Nova Iorque: Doubleday.
- Harner, J. (2001). "Place Identity and Copper Mining in Sonora, Mexico". *Annals of the Association of American Geographers*, 91(4), pp. 660-680.
- Hay, J. (2001). *Shitao: Painting and Modernity in Early Qing China*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hay, R. (1998). "Sense of Place in Developmental Context". *Journal of Environmental Psychology*, 18, pp. 5-29.
- Hidalgo, M. C. & Hernández, B. (2001). "Place Attachment: Conceptual and Empirical Questions." *Journal of Environmental Psychology*, 21, pp. 273-281.
- Home, R., Bauer, N. & Hunziker, M. (2010). "Cultural and Biological Determinants in the Evaluation of Urban Green Spaces". *Environment and Behavior*, 42(4), pp. 494-523.
- Hummon, D. M. (1992). "Community Attachment: Local Sentiment and Sense of Place". In I. Altman & S. M. Low (eds.), *Place Attachment*, pp. 253-278.
- Jacobs, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. Nova Iorque: Vintage.
- Jones, P., & Evans, J. (2012). "Rescue geography: Place-making, Affect and Regeneration". *Urban Studies*, 49(11), pp. 2315-2330.
- Jorgensen, B. S. & Stedman, R. C. (2001). "Sense of Place as an Attitude: Lakeshore Owners Attitudes Toward Their Properties". *Journal of Environmental Psychology*, 21, pp. 233-248.
- , — (2006). "A Comparative Analysis of Predictors of Sense of Place dimensions: Attachment to, Dependence on, and Identification with Lakeshore Properties". *Journal of Environmental Management*, 79, pp. 316-327.
- Kaplan, R. & Kaplan, S. (1982). *Cognition and Environment: Functioning in an Uncertain World*. Nova Iorque: Praeger.
- , — (1989). *The Experience of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press
- Kyle, G. T., Graefe, A., Manning, R., Bacon, J. (2004). "Effects of Place Attachment on Users' Perceptions of Social and Environmental Conditions in a Natural Setting". *Journal of Environmental Psychology*, 24, pp. 213-225.
- Lang, P. J. (1980). "Behavioral Treatment and Bio-behavioral Assessment: Computer Applications". In B. Sidowski, J. H. Johnson & T. A. Williams (eds.), *Technology in Mental Health Care Delivery Systems*. Norwood, NJ: Ablex, pp. 119-137.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- & A. Yaneva (2008) "'Give me a Gun and I Will Make All Buildings Move': An ANT's View of Architecture", in R. Geiser (ed.), *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*. Basel: Birkhäuser, pp. 80-89.
- Lerner, J. (2003). *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Record.
- Lombard, M. (2014). "Constructing Ordinary Places: Place-making in Urban Informal Settlements in Mexico". *Progress in Planning*, 94, pp. 1-53.
- Low, S. M., & Altman, I. (1992). "Place Attachment: A Conceptual Inquiry". In I. Altman & S. M. Low (eds.), *Place Attachment*, pp. 1-12.
- Manzo, L. C. (2003). "Beyond House and Haven: Toward a Revisioning of Emotional Relationships with Places." *Journal of Environmental Psychology*, 23, pp. 47-61.

## CULTURAL HERITAGE

- (2005). "For Better or Worse: Exploring Multiple Dimensions of Place Meaning". *Journal of Environmental Psychology*, 25, pp. 67-86.
- Marcus, C. C. (1995). *House as a Mirror of Self*. Berkeley, CA: Conari Press.
- Massumi, B. (2002). *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation*. Durham, NC: Duke University Press.
- Mendonça, J. T. (2012). "O elogio das crises de fé". Conferência. Lisboa: Monjas Dominicanas do Lumiar, consultado online a 21 de Março de 2014 em: [http://www.snpcultura.org/elogio\\_crisis\\_fe\\_4.html](http://www.snpcultura.org/elogio_crisis_fe_4.html).
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Mesch, G. S. & Manor, O. (1998). "Social Ties, Environmental Perception, and Local Attachment". *Environment and Behavior*, 30, pp. 227-245.
- Pallasmaa, J. (2000). "Hapticity and Time". 1999 RIBA Discourse Lecture. Londres: *The Architectural Review*, 1239, May 2000, pp. 78-84.
- (2012). "Newness, Tradition and Identity: Existential Content and Meaning in Architecture". *Architectural Design*, 82, pp. 14-21.
- Pile, S. (2010). "Emotions and Affect in Recent Human Geography". *Transactions of the Institute of British Geographers*, 35(1), pp. 15-20.
- Pretty, G. H., Chipuer, H., & Bramston, P. (2003). "Sense of Place Amongst Adolescents and Adults in Two Rural Australian Towns: The Discriminating Features of Place Attachment, Sense of Community and Place Dependence in Relation to Place Identity". *Journal of Environmental Psychology*, 23, pp. 273-287.
- Relph, E. (1976). *Place and Placelessness*. Londres: Pion.
- (1997). "Sense of Place". In S. Hanson (ed.), *Ten Geographic Ideas that Changed the World*. New Brunswick: Rutgers University Press, pp. 205-226.
- Riger, S., & Lavrakas, P. J. (1981). "Community Ties: Patterns of Attachment and Social Interaction in Urban Neighborhoods". *American Journal of Community Psychology*, 9, pp. 55-66.
- Riley, R. B. (1992). "Attachment to the Ordinary Landscape". In, I. Altman & S. M. Low (eds.), *Place Attachment*, pp. 13-35.
- Robinson, M. D. & Clore, G. L. (2002). "Episodic and Semantic Knowledge in Emotional Self-report: Evidence for Two Judgment Processes". *Journal of Personality & Social Psychology*, 83(1), pp. 198-215.
- Salingaros, N. & Masden II, K. (2008). "Neuroscience, the Natural Environment, and Building Design". In Stephen R. Kellert, Judith Heerwagen e Martin Mador (eds.), *Biophilic Design: The Theory, Science and Practice of Bringing Buildings to Life*. Nova Iorque: John Wiley, pp. 59-83.
- Scannell, L. & Gifford, R. (2010). "Defining Place Attachment: A Tripartite Organizing Framework". *Journal of Environmental Psychology*, 30, pp. 1-10.
- Schneekloth, L., & Shibley, R. (1995). *Placemaking: The Art and Practice of Building Communities*. Nova Iorque: Wiley.
- Siza, Á. (1980). "To Catch a Precise Moment of the Flittering Image in All Its Shades", *A+U 123* (Dezembro 1980).
- Snodgrass, J., Russell, J. A., & Ward, L. M. (1988). "Planning, Mood, and Place-liking". *Journal of Environmental Psychology*, 8(3), pp. 209-222.
- Solá-Morales, I. (1987). "Arquitectura Débil", *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*, 175, pp. 72-85.
- (1992), "Place: Permanence or Production". In Cynthia C. Davidson (ed.), *Anywhere*. Nova Iorque: Rizzoli; reimpresso in Sarah Whiting (ed.), *Differences: Topographies of Contemporary Architecture*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996, pp. 101-102.
- Solá-Morales, M. (1999). *Progettare città*. "Quaderni di Lotus, 23". Milão: Electa.
- Stedman, R. (2003). "Is It Really Just a Social Construction? The Contribution of the Physical Environment to Sense of Place". *Society and Natural Resources*, 16, pp. 671-685.
- Thien, D. (2005). "After or Beyond Beeling? A Consideration of Affect and Emotion in Geography". *Area*, 37 (4), pp. 450-454.
- Thrift, N. (2008). *Non-Representational Theory*. Londres: Routledge.
- Tuan, Y. F. (1974). *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Aalues*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- (1977). *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- (1980). "Rootedness Versus Sense of Place". *Landscape* 24(1), pp. 3-8.
- Tveit, M., Ode, Å., & Fry, G. (2006). "Key Concepts in a Framework for Analysing Visual Landscape Character". *Landscape Research*, 31(3), pp. 229-255.
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). "Place and Identity Processes". *Journal of Environmental Psychology*, 16, pp. 205-220.
- Vattimo, G. & Rovatti, P. A., (eds.) (1983). *Il pensiero debole*. Milão: Feltrinelli.
- Ward, L. M., Snodgrass, J., Chew, B. & Russell, J. A. (1988). "The Role of Plans in Cognitive and Affective Responses to Places". *Journal of Environmental Psychology*, 8, pp. 1-8.
- Whyte, W. H. (1980), *The Social Life of Small Urban Spaces*. Washington, DC: Conservation Foundation.
- Williams, D. R. & Patterson, M. E. (1999). "Environmental Psychology: Mapping Landscape Meanings for Ecosystem Management". In H. K. Cordell e J. C. Bergstrom (eds.), *Integrating Social Sciences and Ecosystem Management: Human Dimensions in Assessment, Policy and Management*. Champaign, IL: Sagamore Press, pp. 141-160.
- & Vaske, J. J., (2003). "The Measurement of Place Attachment: Validity and Generalizability of a Psychometric Approach". *Forest Science*, 49(6), pp. 830-840.

# Arquitectura em Divagação Manuel Vicente em Macau

JORGE FIGUEIRA\*



## INTRODUÇÃO

Quando Manuel Vicente (MV) vai para Macau, em 1962, integra o conjunto dos portugueses aventureiros que, ao longo do tempo, viajaram para terras longínquas. Como tantos outros antes dele, MV parte também à descoberta de si próprio. No regresso, sempre adiado, tenta colonizar um Portugal algo distante com a sua “fala magnífica”,<sup>1</sup> e um portfolio de obras que percorrem várias décadas, programas diferentes e abordagens que reflectem o tempo passado.

Podemos, talvez, dizer que a eloquência narrativa da “fala” de MV é resultado da necessidade de preencher o vazio criado pela distância entre Portugal e Macau. Os pequenos episódios que agiganta com a sua conversa compõem um filme, onde a “glória do trivial” interrompe permanentemente qualquer sentido final ou síntese redentora.

Há, em qualquer dos casos, uma impossibilidade entre o projectista e aquele que divaga. É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de MV seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando a narrativa interrompida, nunca ao ponto da conclusão.

A síntese, evidentemente, é inimiga da divagação, mas o projecto não se pode arrastar sem fim. A obra de MV resulta dessa contradição. É uma arquitectura em estado de divagação, o que a omnipresença de padrões geométricos pode iludir. Como se verá, o uso da geometria funciona mais como a instalação de um sistema de conexões ou mesmo de um circuito eléctrico do que na tradição do cardo e do decumano.

Mesmo que, como afirmou várias vezes, MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridiz genética de Macau lhe assentou como

uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” ou europeu que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense.

Por isso, a partir dos anos 1980, a pouca obra de MV em Portugal fica crescentemente órfã de contexto. Não é seguramente o da Comunidade Europeia, onde Portugal ingressa em 1986. Fica sem distância, como um eco sem voz.

Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, MV talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida densa de Macau. É talvez assim nos conjuntos habitacionais, em particular no Fai Chi Kei (1977-1982) e no STDM (1978-1984). Noutros programas, como o Arquivo Histórico (1983-1985) ou o complexo da TDM (1964-1988), a arquitectura surge como figura e não como fundo, o que permite afirmar que os interstícios viram corpo, ganham identidade própria.

Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas e a transformá-las: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau.

De qualquer modo, MV nunca quis depurar, higienizar, ou redimir Macau. Dir-se-ia que por formação e por feitio. Convém relembrar a sua passagem pelo atelier de Louis Kahn, entre 1968-1969, mas talvez mais ainda a sua confessada admiração por Robert Venturi e Denise Scott Brown, discípulos de Kahn, por essa altura a encetarem a aventura de “aprender com Las Vegas”. De facto, a cultura *pop* americana dá a MV referências e instrumentos para lidar com a realidade para lá da tradição moderna que em Portugal é nuclear. Mesmo se já no sentido do *Inquérito à Arquitectura Popular*, publicado em 1961, a matriz moderna da arquitectura portuguesa contemporânea é demasiado estrita para aquilo que está acontecer em Macau. É interessante sublinhar que o Orfanato Helen Liang (1963-1964) é feito antes da experiência americana e denota uma preocupação com

\* Licenciado em Arquitectura pela Universidade do Porto e doutorado pela Universidade de Coimbra. É director e Professor Auxiliar no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. É investigador do Centro de Estudos Sociais (UC). É autor de diversos livros, entre os quais: *A Noite em Arquitectura* (Lisboa: Relógio d'Água, 2007), *Álvaro Siza. Modern Redux* (Ostfildern: Hatje Cantz, 2008), *Macau 2011* (Porto: Circo de Ideias 2011), *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa Anos: 1960-1980* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014).

*Graduate in Architecture from the University of Porto. Ph.D. from the University of Coimbra. Director and Assistant Professor at the Department of Architecture of the Faculty of Sciences and Technology of University of Coimbra. Researcher at the Centre for Social Studies, University of Coimbra. Author of books on contemporary architecture, including A Noite em Arquitectura (Lisboa: Relógio d'Água, 2007), Álvaro Siza. Modern Redux (Ostfildern: Hatje Cantz, 2008), Macau 2011 (Porto: Circo de Ideias 2011), A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa Anos: 1960-1980 (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014).*

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

o detalhe e uma “correção” arquitectónica que serão depois abandonados. É talvez possível traçar aqui um paralelo com o modo como Frank Gehry abandona os modelos convencionais da arquitectura depois das primeiras experiências em Los Angeles.

Em síntese, diria que MV transporta para Macau um diálogo entre a cultura europeia de que Portugal é um intérprete particular enquanto colonizador colonizado pelo centro da Europa e a cultura americana a partir desse diálogo fundador Kahn/Venturi/Scott Brown, em que a história da arquitectura, depois de reaberta para a disciplina, conversa com o “homem da rua”. Ou, ainda, um diálogo entre o “projecto iluminista” de que a arquitectura moderna é síntese e um liberalismo em que se acredita que a realidade está “quase bem”.

Macau está “quase bem”, mas num crescimento acelerado onde a arquitectura pode ser protagonista.

Complexo STDM, Macau, Manuel Vicente. Todas as fotos são do autor.



A espacialidade de Macau absorve estes diálogos e relança-os. MV é, como já pude escrever, o raro arquitecto *pop* a trabalhar na China, mais propriamente em Macau, desde os 1960, num dos “cenários mais particulares da arquitectura contemporânea, mesmo para lá do destino português”.<sup>2</sup> Através do olhar de MV, a formação europeia e a licenciabilidade americana aplicadas ao contexto de Macau criam uma tempestade perfeita.

PÓS-MODERNISMO *POP*

Como dizia, a primeira obra que MV constrói em Macau, o Orfanato Helen Liang traduz uma sensibilidade que remete para a discussão dos anos 1950-1960 na Europa, do “*neoliberty*” italiano até à “terceira via” de Fernando Távora. Depois da experiência americana e com a evolução do debate nos anos 1970, MV desenvolve uma abordagem que se poderá designar, no sentido amplo que Henrich Klotz propõe,<sup>3</sup> como pós-modernista de filiação *pop*: no método – a colagem, a réplica e a ampliação; nos efeitos – o uso do *lettering*, da cor e de uma saturação da geometria; e nos objectivos – um espaço denso, labiríntico, electrizado.

Macau é um território disponível para este projecto. Como referi, MV não se motiva pelo exótico ou pela investigação vernacular: “Sempre disse a toda a gente que fui para Macau porque tinha trabalho, não porque estivesse fascinado pela China, nem pelo Oriente [...] – seria pois, a última das minhas intenções chegar a Macau e tentar integrar-me na cultura”.<sup>4</sup> Segundo Eric Lye, “[MV] escolheu ficar nas colónias portuguesas onde se sentia psicológica e culturalmente confortável. [...] As suas estruturas são a corporização de sonhos. Teceu-as para o tecido de Macau, que dava a possibilidade para um desenho aberto. Os seus edifícios integram memórias e, ao mesmo tempo, as difíceis dinâmicas do futuro”.<sup>5</sup> Ou, ainda, como escreve Maria Trigo, “MV parece ter ficado imune à arquitectura chinesa [...] Assim como não impôs portuguesismos [...] não se interessa pelos chinesismos”.<sup>6</sup>

Mais do que procurar uma mediação segundo deliberações da “alta cultura”, MV investe nos “insignificantes” do território segundo uma estratégia *pop*, aberta pelas aprendizagens de Venturi e Scott Brown. De acordo com a habitual plasticidade teórica dos arquitectos portugueses, a sensibilidade *pop* é intermediada, por exemplo no Fai Chi Kei, com



Orfanato Helen Liang, Macau, Manuel Vicente.

referências a Aldo Rossi e a uma ordem mais ascética, mais peremptória, que MV gosta de experimentar.

O que une tudo é um recorrente uso de grelhas geométricas, com base no quadrado. Não são “traçados reguladores” mas dispositivos físicos que permanecerão na previsível futura ruína dos edifícios. Ou que, num uso hiperbólico, produzem o efeito contrário à ordem: no Arquivo Histórico, a grelha é utilizada como um vírus em propagação, um geometrismo que esconde a sua lógica, criando um espaço labiríntico e saturado.

A filiação *pop* está também presente no uso do *lettering* e do sinal gráfico como dispositivo arquitectónico, o que é no contexto português, e não só, significativamente raro. Esta abordagem é patente no Bar Metro e Meio em Lisboa (1973-1974, com Gastão da Cunha) e é aprofundada, noutra escala e com muito maior impacto, nos edifícios em Macau da TDM e no World Trade Center (WTC) (1985-1988).

De facto, em 1979, a exposição individual de MV em Lisboa, “O exercício da Cidade”<sup>7</sup> – uma iniciativa invulgar na época – mostra trabalho realizado em Macau entre 1976 e 1979 e o mais “venturiano” dos arquitectos portugueses. Isso mesmo é tornado claro, logo no preâmbulo do catálogo:

“E todavia, no confronto com o ordinário/corrente, na decisão de o tentar manipular como vocabulário de um outro discurso, no esforço de [...] transformar em algo de que se goste, aquilo de que se não gosta’, existiria, continuando a parafrasear Denise Scott Brown, ‘uma grande potencialidade criativa’”.<sup>8</sup>

Já em 1980, o trabalho em Macau é assumido nos mesmos termos:

“Fui para Macau muito fascinado; porque eu dizia muitas vezes em Lisboa: adorava ter um pato bravo, trabalhar no ordinário, no grosseiro, no

## PATRIMÓNIO CULTURAL



Fai Chi Kei, Macau, Manuel Vicente.

vulgar, no corrente, no banal, e ainda aí, entrar e dizer, como a criatura que eu estimo muito, Denise Scott Brown: está quase bem. E de facto, não tem nada que saber”.<sup>9</sup>

Ou, ainda, indo directamente às fontes:

“Uma das coisas que influenciou o meu pensamento foi a famosa pintura da lata de sopa de Andy Warhol. Há um forte esforço criativo em fazer algo de que se gosta a partir de algo que não se gosta. Em Macau, há muitos materiais de que não gosto [...]. O processo de construir com estes materiais transforma-se em algo quase religioso”.<sup>10</sup>

A sensibilidade *pop* com que MV aborda Macau é reiterada em várias declarações e é claramente uma estratégia para lidar com o impacto de uma realidade que escapa a uma análise mais convencional. Diz MV, a propósito, que coisas “insignificantes” são coisas “que não estão significadas” ou “não há bom gosto nem mau gosto; há gosto. [...] Não há nada que seja impossível de fazer significar em termos poéticos”.<sup>11</sup> A aceitação desafiante de uma cumplicidade com o mercado quebra as barreiras do “arquitecto de escola”: “a confrontação de

qualquer artista com o mercado contém as virtualidades necessárias para ser um caminho de virtude...”.<sup>12</sup>

Entre a exposição de 1979 e uma segunda que ocorreu em 1989, também em Portugal – “...Prender todo o tempo ocupando o espaço”<sup>13</sup> –, MV desenvolve um discurso e uma prática abertamente pós-modernistas com Macau como lugar e horizonte.

## MACAU EM LISBOA

O itinerário macaense de MV tem um singular avanço noutra geografia: o projecto da Casa dos Bicos, em Lisboa (1982-1983). A Casa dos Bicos representa o culminar de experiências em Macau e o lançamento de temas que serão significativos em obras posteriores no território. Realizada em co-autoria com José Daniel Santa-Rita, a intervenção na Casa dos Bicos demonstra o à-vontade e a imaginação livre com que MV é capaz de lidar com o problema patrimonial, numa transposição do ambiente macaense para o centro histórico de Lisboa. A Casa dos Bicos é já resultado de uma colonização em sentido inverso, o que garante a controvérsia que de facto se gerou. É Macau em Lisboa; era difícil de ser compreendido.

Recusando a lógica verista da Carta de Veneza, que exhibiria a nova intervenção como *nova*, nem decorrendo de qualquer contenção patrimonialista, a Casa dos Bicos reinventada está num *limbo*. A intervenção de MV no Arquivo Histórico, em Macau, tem a mesma responsabilidade serena face ao exterior para depois implodir o espaço interior com uma fantasia arquitectónica. O tema geométrico da janela lateral corresponde à elaboração das molduras em falso manuelino de António Marques Miguel na Casa dos Bicos.

Ao ocupar este intervalo, a Casa dos Bicos é radicalmente pós-moderna e devedora do clima de Macau: troca a autenticidade, segundo uma moral conservadora ou moderna, por um elaborado jogo de espelhos. A “fachada dos bicos”, dizem os autores, é continuada pela “coleção de elementos tipológicos afins”, numa “Collage Ideal do nosso quinhentos, ponto de encontro de uma certa memória da idade do ouro, feito objecto de fruição pública e quotidiana”.<sup>14</sup> À semelhança da escada da Biblioteca Laurenziana (Miguel Ângelo, Florença, 1519-1534) – que Venturi comenta em *Complexity and Contradiction in Architecture*<sup>15</sup> –, o interior é tomado por uma escadaria que transborda no espaço do edifício, um “grande lance ascendente”<sup>16</sup>

que é objecto e cenário, pintura e arquitectura. A fachada norte, pelo contrário, joga numa imagem de efemeridade,<sup>17</sup> que se encontra recorrentemente nas obras de MV em Macau. E o desenho das molduras das janelas na fachada reconstituída, como dizia, em evocação livre do manuelino,<sup>18</sup> acrescenta ao edifício ainda outra camada ficcional. A contestação e polémica que se seguiu à inauguração foi particularmente viva.<sup>19</sup> A *verve* de MV, ampliada pelo trânsito macaense, não permitia ambivalências.

Já a propósito da exposição de 1979, o crítico Pedro Vieira de Almeida tinha mostrado estranheza. Embora reconhecendo “desassombro”, contestava tratar-se de um “exercício da cidade” (o título da exposição), por não encontrar a “cidade”, isto é, “toda a realidade criticamente entendida de um organismo urbano preexistente”.<sup>20</sup> De modo claro, este artigo demonstrava o desencontro entre a expectativa “sociocultural” de Vieira de Almeida, que era extensível a uma geração de arquitectos, e a abordagem lúdica e fragmentária que MV estava a desenvolver em Macau. Identificando a “qualidade inegável do desenho que diz da grande qualidade da sua arquitectura”, Vieira de Almeida criticava a ausência de explicitação de “relações de dependência de uma vizinhança próxima, definida em termos sociológicos e culturais”.<sup>21</sup> Concluindo que MV “foi procurar em Macau um contexto complacente onde precisamente se possa desvincular da cidade, onde o efectivo exercício da cidade se possa, sem escândalo maior, reduzir ao mínimo”.<sup>22</sup> Estas palavras algo duras não tinham provavelmente em conta a realidade local nem assinalavam as alterações disciplinares com que MV estava a trabalhar.

Em 1991, no entanto, a propósito do “futuro da arquitectura portuguesa”, Vieira de Almeida antecipa a centralidade do que apelida “grupo de Macau”, o “conjunto de arquitectos [...] que se situam em torno do nome e personalidade de Manuel Vicente”.<sup>23</sup> Face a dois grupos que fixa – o do “chamado pós-modernismo português, marcadamente lisboeta, teoricamente mal equacionado, criticamente incerto, auto-contraditório, sintacticamente menor” e a “chamada Escola do Porto”<sup>24</sup> –, o “grupo de Macau” é proposto como uma terceira via, “uma das linhas-guia, e das mais brilhantes”<sup>25</sup> da arquitectura portuguesa.

Esta sugestão não se chegou a concretizar, e o “grupo de Macau” foi perdendo força no sentido da alternativa que Vieira de Almeida propunha. Pelo

contrário, como dizia no início, a obra e até o discurso de MV ficaram órfãos do contexto de Macau após o regresso do “grupo”, ou de parte dele, a Portugal.

Uma das razões desse refluxo é que de facto MV é actor de um pós-modernismo libertário, de filiação *pop*, que marca os anos 1980 e que não tem tradução fácil para Portugal. Ao não entender o “grupo de Macau” nesse contexto, Vieira de Almeida abre uma categoria que não é ocupada. Admitindo “uma prática luxuosa do prazer”, entende que a “suculência da cor e dos materiais estão no pólo oposto de uma intenção *kitsch* ou de um superficial e colorido pós-modernismo”.<sup>26</sup> Este pólo oposto é um *wishful thinking* de Vieira de Almeida. MV está no pólo anterior, em divagação. Como escreve, o que lhe interessa é “a produção de sentido e nunca – jamais – a busca do sentido”,<sup>27</sup> numa definição extraordinária do pós-modernismo por oposição à moral do moderno. Ou ainda: “Se de alguma coisa o dito pós-modernismo nos salvou foi da ideia de que havia uma ética ou uma regra para o desenho; que o desenho era uma actividade não

Casa dos Bicos, Lisboa, Manuel Vicente e José Daniel Santa-Rita.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

só estética como ética o que, francamente (não me sentindo necessariamente pós-moderno) acho que foi uma conquista do nosso tempo, essa separação entre moral e estética”.<sup>28</sup>

Esta separação entre “moral” e “estética” abre o caminho às pequenas histórias que são o conteúdo de *Macau Glória*, levantamento livre de Macau realizado, em 1978, por Manuel Vicente, Manuel Graça Dias e Helena Rezende. A publicação deste trabalho, em 1991, com o subtítulo *A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*, é um testamento desse tempo mais libertário, reflectindo centralmente a sensibilidade de MV: mostrar “com afecto uma cidade”, num “documento eminentemente visual, na libertinagem em que se constitui”.<sup>29</sup> É uma espécie de “*Learning from Las Vegas*” transposto para Macau, através de Lisboa, ainda menos sistemático, mais livre e poético. No plano disciplinar cumpre-se assim uma certa analogia: Macau está para o pós-modernismo em Portugal como Las Vegas para o pós-modernismo internacional. Com a vantagem de que em Macau, MV não inventaria e conclui: experimenta e constrói mesmo.

## CINCO OBRAS

O necessário levantamento sistemático do conjunto de obras e projectos de MV está ainda por fazer. Quero por agora fixar-me em cinco edifícios que considero emblemáticos e que em alguns casos já fui anotando: o Fai Chi Kei, a Teledifusão de Macau, o Arquivo Histórico, o WTC, e o Quartel de Bombeiros da Areia Preta.

O Fai Chi Kei era um conjunto de habitação social e provavelmente o mais paradigmático edifício de MV neste programa específico. Tratando-se de propriedade pública, o conjunto tinha mantido a sua integridade mas não resistiu ao desenvolvimento imobiliário que já era dominante na envolvente e foi demolido em 2010.

MV implantou dois novos edifícios no lugar que correspondia anteriormente a duas bandas de habitação popular degradadas. Esta abordagem é frequente no seu percurso macaense: reusar dados preexistentes de modo a registar o carácter transitório da construção no território. Mantendo traços, mantendo vestígios.

No Fai Chi Kei, a repetição de vãos era assumida como um padrão homogéneo que percorria toda a fachada. Marcavam uma grelha contínua sujeita a



Arquivo Histórico, Macau, Manuel Vicente.

pontuais rupturas verticais, em pórticos de grande escala. Os dois edifícios formavam entre si um espaço interiorizado que funcionava como uma “rua-praça”, um lugar de sociabilidade. A proximidade dos dois edifícios, os vãos e as entradas remetiam para uma determinada vivência, que provavelmente ecoava a que tinha existido anteriormente.

Por detrás da aparente neutralidade do desenho da fachada, os apartamentos eram complexos ao nível da organização e das tipologias e encaixavam como um *puzzle*. Os pequenos pátios que funcionavam como saguões introduziam ainda outro nível de complexidade, insuspeita numa primeira abordagem. O carácter labiríntico dos espaços comuns interiores, pátios, galerias de distribuição e escadas, avivado na profusão de cores utilizadas, colocava-nos próximo da espacialidade local. Se a primeira impressão no Fai Chi Kei era de uma ordem ocidental, da repetição e da regra, mais perto experimentava-se uma densidade e um clima macaenses.

O complexo da TDM, atravessou três fases temporais: 1964, 1983 e 1986. A última etapa

corresponde à construção da torre administrativa e da redacção que aqui se destaca. Os restantes blocos incluem estúdios e várias estruturas de ampliação. Como é recorrente, MV usa uma grelha geométrica que repete e que lhe permite modelar o espaço interior, desenhar as fachadas e criar mecanismos de suporte de equipamentos como as máquinas de ar condicionado. O tema central do edifício é a *penthouse* que tomava a forma do logotipo da instituição, desenhado por MV, e já desaparecido.

Com este dispositivo, MV radicalizava a criação de um espaço artificial, motivado por montagens e sobreposições, que persegue ao longo da sua obra. Não era uma abóbada, um lanternim ou um frontão que rematava o topo do edifício mas um elemento gráfico, um logotipo. Singularmente, um motivo *pop* desenhava o icónico *skyline* do edifício.

Os desenhos do projecto são igualmente muito gráficos, cruzando texturas, retículas e diagonais prolongadas. Há uma qualidade eléctrica, que começa no desenho dos alçados e prolonga-se até à caracterização do espaço interior. Que remete para a intervenção no Arquivo Histórico: grelhas iluminadas, opacas ou translúcidas, criando um padrão saturado que percorre todas as áreas do edifício. As portas surgem como pórticos luminosos; os tectos como malhas de luz. O próprio espaço de trabalho era proposto como o décor de uma permanente transmissão televisiva.

Mesmo sendo uma intervenção num edifício de valor patrimonial, o desenho do Arquivo Histórico recorre a uma grelha geométrica aqui extremada como uma “segunda pele” no interior do edifício. Acede-se então a um mundo misterioso, espaço labiríntico e saturado pela repetição de quadrículas, permanente geometrização e iluminação feérica. É um mundo artificial, em que cada momento é desenhado e o mobiliário nos interpela como prolongamento de um espaço em *suspense*. A decoração não se distingue da arquitectura, ou até trocam de lugares: a decoração organiza; a arquitectura confunde. A métrica reticulada da grelha é um guião que determina o desenho de todos os elementos. A geometria não é um fundo – como acontece com os “traçados reguladores” na arquitectura moderna – mas a própria figura.

O centro do edifício é um espaço de pé-direito duplo com iluminação zenital. Mas apenas clareia uma sucessão de compartimentos cujo limite é impreciso. A entropia deste espaço contrasta com a

lógica de *open space*, clareza e transparência que a arquitectura moderna elegeu como premissas centrais. O cinema parece ser a referência central mais do que a arquitectura. A vibração da luz e a cor avermelhada do Arquivo Histórico remete para qualquer coisa que está prestes a acontecer.

Tal como acontece na TDM, no World Trade Center (1985-1988), o *lettering* não é uma adição publicitária, mas constrói a própria arquitectura do edifício. Não se trata do *decorated shed* “venturiano”, já que o grafismo toma o corpo da arquitectura, não é um mero aparato decorativo. Em qualquer dos casos, este é um edifício em que os motivos tipográficos estão no lugar de uma linguagem clássica enquanto “arquitectura falante”.

A complexidade geométrica do WTC supera uma qualquer lógica estrutural, como é corrente na obra de MV. No primeiro piso estão construídos pilares estruturalmente dispensáveis. O ritmo da geometria sobrepõe-se à racionalidade da estrutura na criação de um espaço denso e climático. O jogo de intersecções de linhas, planos e materiais, alguma voluntária desconexão entre as partes, remetem já para os temas da arquitectura desconstrutivista que MV aprofundará no Quartel dos Bombeiros da Areia Preta.

No WTC, a sobreposição de *layers*, também no plano vertical, remete para uma construção instável, um conjunto em desagregação. As narrativas pós-modernistas de MV foram sempre contaminadas com um certo *suspense*, nunca foram nostálgicas ou neo-vernaculares. Pelo contrário, sempre pressupuseram um futuro intrigante. No WTC, como no Quartel de Bombeiros, a narrativa surge mais negativa: a fractura dos panos de vidro que formam as letras do edifício parece espelhar a precariedade de um mundo em suspensão e dúvida. No WTC coexiste uma estratégia *pop* de comunicação afirmativa, cruzada com o efeito “desconstrutivista” de alguma desolação ou precariedade.

O Quartel de Bombeiros na Areia Preta (1991-1998) reflecte as transformações da cultura arquitectónica internacional, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 90. Está implantado num espaço entre edifícios altos e é um volume tortuoso que ocupa todo o lote. MV hiperboliza o jogo geométrico, tirando partido do uso do computador: a linguagem do edifício é também a deste novo instrumento. Num complexo jogo de *layers*, cada piso corresponde

**PATRIMÓNIO CULTURAL**

**CULTURAL HERITAGE**

a uma matriz que se sobrepõe. A densidade espacial decorre desta acumulação, que vai permitindo ligeiras transformações no percurso ascensional do edifício.

Neste uso da geometria como figura, existem relações com a obra anterior mas também evoluções no próprio processo de projecto. O tema da grelha que utiliza, desde os anos 1960, surge aqui com uma estratégia “desconstrutivista”, já que é a mobilidade entre as partes do edifício que parece estar em questão. A regra geométrica passa dos quadrados em arrumação labiríntica para uma outra complexidade formal. Daí poder-se falar de um edifício zoomórfico, cujas partes remetem para articulações de um organismo vivo, como cascas que se acumulam e se desdobram; ou pregas, para utilizarmos o termo em voga no vocabulário “desconstrutivista”.

Na descrição que faz do projecto MV remete para um “desejo infantil” e uma mitologia da profissão de

bombeiro. Apesar de uma metodologia “negativa”, de uma arquitectura em implosão/explosão, o Quartel de Bombeiros na Areia Preta mantém algumas narrativas do pós-modernismo “afirmativo”. E, de facto, na cobertura existe um pátio simétrico e convencional, como se depois de o percorrer houvesse a necessidade de um momento de serenidade quase conventual, numa *collage* desconcertante.

*PUNCHLINE*

Nestas cinco obras que brevemente analisei é possível constatar temas que são recorrentes e alguns avanços metodológicos. Na última obra estamos já provavelmente noutro paradigma. Mas é talvez relevante afirmar que é no conjunto alargado de projectos e obras que encontramos a densidade do legado de MV, de acordo com a ideia de uma

Teledifusão de Macau TDM, Macau, Manuel Vicente.



WTC, Macau, Manuel Vicente.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Quartel de Bombeiros na Areia Preta, Macau, Manuel Vicente.

arquitectura em estado de divagação que sugeri no início do texto. Cada obra, cada projecto, é uma hipótese, uma exclamação. Sem que haja um fim à vista, os edifícios são *punchlines* que se sucedem. MV retoma logo o discurso; a *punchline* é só um momento da história, não necessariamente o final.

Talvez o gosto pelo episódico e pelo anedótico revele que MV via a arquitectura como algo inalcançável. E que no território macaense, eléctrico, saturado, híbrido, erótico, secreto, orgânico, intersticial, religioso e pagão, encontrava uma forma de adiar o encontro com a arquitectura, permanecendo em estado de divagação.

Das cinco obras que referi, uma delas já não existe (o Fay Chi Kei), e outras duas (a TDM e o Arquivo Histórico) estão a ser eclipsadas pelo uso. É, de facto, o levantamento sistemático dos projectos e obras que nos dará uma necessária imagem de conjunto, a divagação na sua completude exacta. Para lá destas cinco obras gostaria ainda de referir o interesse particular das Torres da Barra (1976-1987), da Casa das Ondas (1976-1980), do Chunambeiro (1978-1980), da Viúva (1978-1982), do Conjunto Horta e Costa (1991-1995), do já referido conjunto STDM.

Os projectos não construídos são também parte importante do legado, a divagação em estado

emblemático. Nos últimos anos em que projectou para Macau, MV fez um conjunto de propostas de desenho urbano, usando ou acalentando o uso, com grande voracidade, das novas formas de representação e projecto. Para a Union Internationale des Architectes (UIA), segundo o tema “Celebration of the Cities”, em 2004, propôs belíssimas construções neo-futuristas, piranesianas, uma metrópole imaginada com replicantes, passadiços aéreos, geometrias fractais, um tom apocalíptico, com cada vez mais pontes, torres, casinos e metros. Antecipando a actual *punchline*. Prefigurando aquilo que se revelou em Macau nos últimos dez anos: a colisão entre o intimismo denso do território e a globalização que os casinos aceleraram vertiginosamente. Depois da primeira globalização dos portugueses, chega agora a globalização da América, em intenso diálogo com a China, como sempre sucedeu.

De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios “ocidentais”, uma linguagem já local, mesmo que MV não tenha desejado a “fusão”. Nestes últimos desenhos de MV, o “ocidente” é já uma referência distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação. **RC**

## NOTAS

- Jorge Figueira, “Manuel Vicente. A fala magnífica”. *Público*, 10 /03/2013, pp. 34-35.
- Jorge Figueira, “Made in Macao: Pop goes Manuel Vicente!”, in João Afonso (ed.), *Manuel Vicente. Trama e Emoção*, p. 34.
- Heinrich Klotz, *The History of Postmodern Architecture*.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], p. 280.
- Eric K. C. Lye, “Prologue”, in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, p. 11.
- Maria Trigoso, “Manuel Vicente and Macau” [1999], in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, p. 34.
- Cf. *O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau em 1976/79)*.
- Manuel Vicente, “Preâmbulo”, *ibidem*.
- Manuel Vicente, “Entrevista a Manuel Vicente” [por Carlos Duarte e J. Manuel Fernandes]. *Arquitectura* 136, p. 43.
- Manuel Vicente, “Interview” [*Dialogue*, 30, Taiwan, 1999, pp. 70-73], Eric K. C. Lye, *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, pp. 17-18.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, p. 279.
- Manuel Vicente, *ibidem*.
- Cf. Manuel Vicente, ... *Prender todo o tempo ocupando o espaço*.
- José Santa-Rita; Manuel Vicente, “Fachada Sul”, *Arquitectura*, 151, p. 68.
- Cf. R. Venturi, *Complexity and Contradiction in Architecture*, p. 25.
- José Santa-Rita; Manuel Vicente, “Fachada Sul”, *Arquitectura*, 151, p. 71.
- ibidem*.
- Cf. M. António Marques, “Casa dos Bicos”. *Arquitectura*, 151, p. 67.
- Cf. José Tudella, “A Casa dos Bicos travestida ou pervertida?”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3/9 Janeiro de 1984, p. 23; A. Sérgio Pessoa, “A saga da Casa dos Bicos”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13/19 Dezembro de 1983, p. 21; José Manuel Fernandes, “A casa dos bicos ‘travesti’”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19 Novembro/5 Dezembro de 1983, p. 27; Manuel Lacerda e Tomáz D’Eça Leal, “5 Projectos 5 (...)”, *JA - Jornal Arquitectos*, 19/20, 1983, pp. 7-14; Vasco Câmara Pestana, “A Casa dos Bicos”, *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 11-12; Manuel Graça Dias, “XVIII Eas posições modernas”, *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 14-15; João Paciência, “Notas à margem de três projectos” *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 16-17.
- Pedro Vieira de Almeida, “... Coisas muito indecentes e contrárias aos preceitos dos bons arquitectos”, *Arquitectura*, 136, 1980, p. 51.
- ibidem*.
- ibidem*.
- Pedro Vieira de Almeida, “Uma história do futuro”, *Colóquio Artes*, 89, 2.ª Série/33.º Ano, 1991, pp. 14-15.
- Cf. *ibidem*, p. 14.
- ibidem*, p. 19.
- ibidem*.
- Manuel Vicente, “Um prefácio para um livro, ambos feitos por arquitectos”, in Manuel Graça Dias, *Vida Moderna*, p. 15.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, p. 287.
- Manuel Vicente, Manuel Graça Dias, Helena Rezende, “Objectivos”, *Macau Glória – A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*, p. 11.

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, João (ed.). *Manuel Vicente. Trama e Emoção / Plot and Emotion*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.
- Almeida, Pedro Vieira de. “... Coisas muito indecentes e contrárias aos preceitos dos bons arquitectos”. *Arquitectura*, 136, 1980.
- . “Uma história do futuro”. *Colóquio Artes*, 89, 2.ª Série/33.º Ano, 1991.
- Dias, Manuel Graça. “XVIII Eas posições modernas”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Fernandes, José Manuel. “A casa dos bicos ‘travesti’”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19/11-5/12/1983.
- Figueira, Jorge. “Made in Macao: Pop goes Manuel Vicente!”, in João Afonso (ed.), *Manuel Vicente. Trama e Emoção*.
- . “Manuel Vicente. A fala magnífica”. *Público*, 10/03/2013.
- . “A Periferia Perfeita. Pós-modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80”. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, 2009.
- Klotz, Heinrich. *The History of Postmodern Architecture*. Cambridge, MA; Londres: The MIT Press, 1988 [1984].
- Lacerda, Manuel e Leal, Tomáz D’Eça. “5 Projectos 5 (...)”. *JA - Jornal Arquitectos*, 19/20, 1983.
- Lye, Eric K. C. “Prologue”, in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*. Hong Kong: MCCM Creations, 2006.
- Miguel, António Marques. “Casa dos Bicos”. *Arquitectura*, 151, 1983.
- Milheiro, Ana Vaz (coord.). *Optimistic Suburbia? The student’s perspective*. Lisboa: ISCTE, 2015.
- Paciência, João. “Notas à margem de três projectos”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Pessoa, A. Sérgio. “A saga da Casa dos Bicos”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13-19 Dezembro/1983.
- Pestana, Vasco Câmara. “A Casa dos Bicos”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Santa-Rita, José; Vicente, Manuel. “Fachada Sul”. *Arquitectura*, 151, 1983.
- Trigoso, Maria. “Manuel Vicente and Macau” [1999], in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*. Hong Kong: MCCM Creations, 2006.
- Tudella, José. “A Casa dos Bicos travestida ou pervertida?”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3/9 Janeiro 1984.
- Venturi, Robert. *Complexity and Contradiction in Architecture*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1977 [1966].
- Vicente, Manuel. “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, 1991.
- . “Entrevista a Manuel Vicente” [por Carlos Duarte e J. Manuel Fernandes]. *Arquitectura*, 136, 1980.
- . *O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau 1976/79)*. [S.l.]: AR.CO, 1979.
- . “Um prefácio para um livro, ambos feitos por arquitectos”, in Manuel Graça Dias, *Vida Moderna*. Mirandela: João Azevedo Editor, 1992.
- . ... *Prender todo o tempo ocupando o espaço*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1989.
- , Manuel Graça Dias, Helena Rezende. *Macau Glória – A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*. Macau: Edição patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau, 1991.



## Design Activism in the Context of Macao

### Adding Layers to Architectural Intent

RUI LEÃO\*

Architect Raúl Chorão Ramalho designed four buildings in Macao, after the dissolution of the GCU (Gabinete Colonial de Urbanização) and a change in policy that saw the architectural design of the buildings being transferred from the ministry staff to private practice. This article focuses on the most significant of the four buildings that the Portuguese master designed for Macao: the EPM or Portuguese School of Macao, formally known as Escola Comercial Pedro Nolasco; and on the building's struggle to 'survive' as a post-classical monument in a city that navigates on a fragile balance when it comes to heritage conservation.

#### MODERNISM

The first incursions into the East by modern European intellectuals at the beginning of the 20<sup>th</sup> century, from Hermann Hesse, Bruno Taut, Pierre Jeanneret and others, from India to Japan, all had a significant impact on certain developments of Modern architecture.

The fact that there was a paradigm shift from the Neoclassical, joined by a belief in the democratisation of technology and industrial aesthetics, and its expansion through colonial empires, pushed for a new symbolic system of expression in architecture.

The publication of *Ornament is a Crime* (or *Ornament and Crime*) by Adolf Loos and *Vers Une Architecture* by Le Corbusier, marked the shift into a new 'empty sheet of paper' in the 20<sup>th</sup> century, away from 2,000 years of Vitruvian stigma

The fascination of these intellectuals with the East was not only related to the fascination with otherness, but mainly with (re)discovering how elementary human reactions to the environment had matured through time: re-discovering the essential balance between form and function and how the historical balance between the individual and the collective (pleasure) had been dealt with: with a perspective of pure philology of form, a soul-searching endeavour away from 19<sup>th</sup> century

\* Graduate in Architecture from the Oporto University's Faculty of Architecture. Since 1996 he has developed extensive design activity in the fields of architecture, planning and landscaping in Macao and China. His built work features awarded projects, namely the Nam Van Square (Arcasia Gold Medal for Architecture 2005-2006), the Sai Van Urban Park (AAM Gold Medal & Arcasia Honourable mention), both co-designed with Manuel Vicente and Carlotta Bruni, the Reading Room at the Macau Portuguese School (UNESCO Award Commendation for Heritage Innovation 2012 & AAM Honourable Mention for Heritage Conservation), and the renovation of the Moorish Barracks, a UNESCO World Heritage listed building.

*Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Tem desenvolvido extensa actividade de projecto em Macau e na China, nas áreas de arquitectura, planeamento e paisagismo. A sua obra construída inclui o projecto da Praça Nam Van (Medalha de Ouro da Arcasia 2005-2006), o Parque Urbano Sai Van (Medalha de Ouro AAM e Menção de Excelência da Arcasia) – ambos em co-autoria com Manuel Vicente e Carlotta Bruni –, a Sala de Leitura da Escola Portuguesa de Macau (Louvor de Inovação atribuído pela UNESCO em 2012 – UNESCO Asia-Pacific Heritage Awards) e a renovação do edifício do Quartel dos Mouros, edifício incluído na Lista do Património Mundial da UNESCO.*

View of the connection to the lobby of the building of the Arq. Raul Chorão Ramalho, where one can see the interpretation of identical shade panel to that used in the original project outside the building as well as the bust of Henry the Navigator.  
Photo by Luis A.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Portuguese School of Macao. Facade detail. Photo by António Mil-Homens.

opulence and decadence, and towards a new collective idealism.

These were founding moments of re-evaluation that culminated in Orientalism by Edward Said, and Post-colonial studies.

It is in the light of all these events that the Portuguese School of Macao and its location at the heart of Macao is an extremely valuable urban

Portuguese School of Macao. Detail. Photo by António Mil-Homens.



artifact. It contains all these cultural and civilisational question marks in its formal roots, and deals with them creatively. It reflects this conflict of discourse of the 20<sup>th</sup> century, trying to re-invent a place for architecture through the management of light, open space (the open plan), orientation, natural ventilation, proportion, and submission to a total system of order and universalism. The plastic expression of the materials (concrete, glass and steel), and the urban exposure of the complex are solid manifestations of both the paradigm of Modernism and this re-discovery of the East as a purifying journey.

I love the Portuguese School building. It is a great building by any measure. It emanates order towards the surrounding urban fabric, unfolding order from within to construct the urban and the architectural fabric simultaneously, defining the urban block in a straightforward and yet complex manner by building up scale and monumentality from the street in, towards the set-back main block. It constructs its urban presence in an ambiguous manner, showing its progression of built layers to the passer-by outside, thus revealing the complexity of the program and offering a formal depth to the street section that innovates the experience of walking by and driving by. It offers a wholesome architectural experience to the man in the street.

For me, while growing up in Macao, it was very inspirational to have the presence of this building in town. Even though I didn't study there, I did use the building a lot. The gym has a formal street entrance that made it easily convertible for community use, for shows, theatre performances and gatherings, in a city that in the 1980s had very few cultural venues.

## AWARENESS

The EPM building is a masterwork. It is built on a scholarly discourse, with several cross-cultural concerns (back in the 1960s) and with a great capacity to introduce elegance on an urban scale. It marked our generation's collective memory, as a great example of what Modernism could do, in the tame and docile Portuguese manner of producing rupture, whilst understanding continuity. I have grown out of my relationship with it.

The Portuguese School of Macao stands proud on the corner of two structural axes of the city. I



Portuguese School of Macao. Details. Photo by António Mil-Homens.

will elaborate on the multitude of dimensions that I recognise in this building. The School was built from 1963 to 1969, after the design of Raúl Chorão Ramalho, who was asked to design a technical school by a local organisation (APIM) that focused on promoting the technical education for the Macanese community. He designed three other projects for Macao in the same period.<sup>2</sup> The school was one of the first buildings erected in the sanitary reclamation that was underway since the 1950s in the Praia Grande bay, and which defined a small grid structure extending out from the convex curve of the Praia bay, as a service centre consolidation of the historic south facing bay.

The main hall of the school's original block is a very engaging social space. It runs the whole length of the classroom block at ground level, forming a slightly elevated axis that is cut away from the street and projects itself towards the patios on both sides. This hall brings in the community, making the whole school interact with the community of parents and related Portuguese-speaking institutions, while not allowing the street in.

Raul Chorão Ramalho is an essential Portuguese architect, with completed work in Brazil, Portugal, Azores, Madeira and Macao. His generation affirmed itself after the Second World

War, a period that saw the possibility of bringing modernity into Portuguese culture, especially through the arts and architecture.

The Centro Comercial do Restelo complex of 1951 and the Funchal Chapel of 1953 were designed by Ramalho in the same period. They revealed Ramalho's development of a controlled use of the structure and the affirmative role of materials that express their plastic value whilst defining the spatial intentions for the project.

With these projects, Chorão Ramalho launched a particular form of Modernism, one which avoided objectifying architecture and which was concerned with transforming the city through the interactions that architecture can establish.

The Portuguese School building corresponds to a particular type of European brutalism; one which introduces complex transitional spaces, using ceramic panels deeply integrated with the architecture and not purely decorative.

There was a big intervention in the school in 1999, upon the handover of Macao to the PRC, where a new classroom block was added on the southeast edge of the plot, replacing the original canteen and covered recess. This project, by architect Carlos Marreiros, tries to emulate Chorão Ramalho's original architecture. The most striking element of Carlos Marreiros' new

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

block, from the front street view, is a red roof that Marreiros refers to as a Portuguese cockscomb.<sup>3</sup> This 1999 intervention saw the whole of the Portuguese language curriculum from primary school to the end of high school operating under one roof.

The building by Chorão Ramalho, even though losing some of the pergolas that mediated the interior with the open space, kept its integrity and public presence.

## PROTECTION

From regular user of the building, as a child, I became actively involved in defending it when it became at risk of being demolished in 2004. It is

formally still under risk today, having been de-classified in the 1990s. I have published articles, given interviews and organised a petition in 2007 to stop a set of decisions that would culminate in the demolition of this architectural masterpiece. In the same year, the school board was looking into adding a small extension to the school to house a reading room for the primary school students. When asked to design the addition we took this challenge as an opportunity to push the stakes, on the civic awareness of this building, and modernism in general, and to improve the building with our intervention.

As a result, our intervention was awarded a UNESCO award for architectural innovation on heritage interventions in the greater Asia Pacific

region. The design intent was not only an exercise of understanding Chorão Ramalho. It was also a will to find new ways of looking at his work, and in the long run, an exercise on activism through design.

The building is under threat since 2003. Then in 2004 we saw the initiation of a movement when the Architects Association of Macao (AAM) hosted the Arcasia Congress of Architects' meeting in Macao and many architects reflected on the significance of this building. This had a strong effect on the local press at the time, which voiced the significance of the building. In the small article which I wrote in 2007 in *Arquitectura Macau*, our Association's journal, and which I entitled *Journey to the East*, I tried to speak not so much on why I personally appreciated the building, but on what I thought it meant to Macao and to the historiography of Modernism and its cultural transmigration: the phenomenological effect of having this modernist artefact, coming out of the Portuguese *inteligencia* and erected directly on Chinese ground. It was a very gracious coincidence that in his search for a new order of things, this disciple of Le Corbusier and Frank Lloyd Wright found himself building his conceptual model of a public building on Chinese territory: Macao.

Modernism was very determined in establishing a new expression for architecture, and in so doing, found faith in eastern systems of composition and the aesthetics of a new place for man, between nature and the built form. The European architectural avant-garde of the beginning of the 20<sup>th</sup> century needs to be credited for its soul-searching through studying and understanding eastern philosophy.

In February 2007, we prepared a petition to the Portuguese Government, signed by over 60 architects, from both Macao and Portugal, which I handed to the Prime Minister of Portugal in the library of the EPM School, during his official visit to Macao. The petition explained why his Government should not go ahead as a partner in the sale of the school property, and why the Portuguese government should not be involved in the type of business that had already alienated the Chinese Central government in the pre-handover period.<sup>5</sup>

## DESIGN AS INTERVENTION

Also in 2007, the school was in need of a Reading Room. The school library, located in one of the low blocks along the street, facing two patios

on the southwest and the northeast, was the existing reading environment, but the school needed a proper space to practice collective reading for primary school students, who have different linguistic environments at home, and need different types of reading pedagogy to apprehend the language. The Portuguese School gave us a challenge: to keep the patio, or a feeling of the patio, and simultaneously design the new reading room in that same patio footprint, next to the library. To think about how the patio could remain, not only as a memory, but as a presence of light and vegetation, and simultaneously with an urge, unlike in other projects, not to engage with the site with an affirmative action, but to use the project to act as an invisible agent trying to understand the existing fabric.

*The Portuguese School building corresponds to a particular type of European brutalism; one which introduces complex transitional spaces, using ceramic panels deeply integrated with the architecture and not purely decorative.*

We recalled the house by Carlo Scarpa<sup>6</sup> designed around a tree, the one of which he said that the patio and the rooms had been an exercise on understanding how to surround the tree, to the point that the soul of the tree survived even after the tree was gone.

The people at the EPM School were very concerned not to lose the garden altogether. The scale of the existing patios was very controlled, so we wanted to arrange a space that could still mirror and retain that scale. The original building has a repetitive structural portico that becomes complex in the patios, as the patios break the repetitive order of the interior, creating a musical cadence to the longitudinal section of the building. Upon understanding the structural grid of Chorão Ramalho's project, our strategy evolved into establishing further orders of complexity inside the patio, by extending and subdividing the grid of the

View of the interior of the reading room. The pre-existing building is in the illuminated perimeter. Photo Luis A.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

Portuguese master into its own fractional geometry. The densification of these geometrical intentions into space is supported by a logic of void and transparency rather than structure and form: the ultimate aim of this project resides in its invisibility: in order to preserve the qualities of light and scale of this iconic building.

We started the design by redrawing the existing school building. We realised in the process that the whole building had a continuous belt of glass panels running along the edge of the whole ground floor, with a horizontal metal frame running along at a level 2.10 meters from the floor which works to separate the doors from the ventilation windows, that otherwise have no gender difference in the Modernist lexicon. We made use of this placement in the pre-existence to set our reading room slab at exactly that level, and found out that the height of the exterior walls of the patios, even though outside of the glass and steel belt, still respected the same 2.10 metric, allowing for our metal structure to rest right on top of it. As a result, the new slab becomes almost invisible from the surrounding street space, but makes for a very low ceiling. The choice of lowering the level of the reading room derives from just finding the right proportion of the space from a fixed ceiling height which was determined by the framework of Ramalho's project.

One of the first challenges the design faced was how to keep the outdoor, open feeling of the space while paradoxically filling it with a new addition. Having carefully studied the building we developed a plan that was a simple extension of the building's structural grid—resulting in both a reduction of structural steel needed as well as allowing the creation of a small U-shaped exterior space around the perimeter of the room. The new reading room was also clad almost entirely in glass allowing for a direct connection to lush vegetation in the retained areas of the patio. Further large portions of the roof, especially at the entryway, were made transparent, and we carved out a small area in the center to become a sort of 'patio inside a building inside a patio'. All of these efforts came together to create an incredibly open, bright, and airy space that allows visitors the sensation of reading in the middle of a tropical garden.

The reading room was also submerged almost 1.0m in order to keep the height of the extension the same as the existing patio walls, making it virtually invisible as a new addition from the outside. Likewise

the glass walls and sliding doors have a mullion pattern that echoes and respectfully pays tribute to the existing building.

So the framework of our intervention was set: to fit all the presence of the reading room as an integration into the geometry of the modernist fabric. Our solution was to install a metal structure detached from the four façades of the school, forming a grid in line with the concrete gridlines of the Modernist pre-existence, and then sandwich the slab in-between the new horizontal metal beams, at the same height as the door sills of the old building.

The center of the patio was cut away to leave an existing palm tree and just enough space around it to bring in light. A subtle inversion in the construction system was also operated: the metal in the modernist building isn't structural. The reading room project adopts a full metal structure, while aligning all the structural elements with the concrete columns.

The resulting scale of this space, structured from a small light source at the centre towards the more diffused light on the edge against the modernist building is a new scale and typology of light, not present in the building before, and very reminiscent of the light found in local Chinese temples.

The connection to the main hall of the school is performed through a glass box that separates the reading room from the rest of the building, allowing for a full visual of the Modernist block from the inside out. We prolonged the edges of the new metal beams towards the pre-existent concrete columns making them almost touch, as a gesture to express the will to relate.

In 2012, this small intervention on the Modernist building received the UNESCO commendation for innovation in the 2012 cycle of the UNESCO Asia-Pacific Awards for Cultural Heritage Conservation. The commemorative plaque, placed inside the reading room was unveiled by the director of the UNESCO Asia-Pacific center. The building, which was declassified in the 1990s and is totally unprotected to date, suddenly was armed with a UNESCO recognition in its interior, which not only lauds the reading room intervention, but more significantly praises the Modernist building that houses the reading room. The commemorative plaque reads:

Inserted in the courtyard of the Portuguese School of Macao, the new reading room has provided an understated contemporary addition to this

aesthetically noteworthy 1963 modernist complex. The new steel and glass pavilion is seamlessly integrated with the original buildings, responding sensitively to their scale and architectural language. By demonstrating an elegant approach to extending the school's usable space in a highly

dense urban context that faces redevelopment pressure, the new Reading Room contributes an additional layer of architectural significance to a modern heritage landmark and enhances the continued functionality of this icon of the Macanese Portuguese community.<sup>7</sup> 

## NOTES

- 1 The GCU or Gabinete Colonial de Urbanização was created in 1944 by the Portuguese Ministry for the Colonies, based in Lisbon with the role of researching and undertaking the necessary planning actions required in all the Portuguese colonies.
- 2 The EPM School or Portuguese School of Macao, the kindergarten on Guia Hill, the public servant's tower block in Avenida Sidónio Pais, and the twin houses for government cadres in Avenida Coronel Mesquita.
- 3 The porcelain-handcrafted cockerel from Barcelos is an icon that represents Portugal.
- 4 The Portuguese Government is a shareholder of the EPM through the Ministry of Education, thus an active decision maker in regard to the school in the post-handover period.
- 5 The government of Macao issues special land concessions for educational purposes that legally should not be the object of sale to a third party, and should be kept as an educational resource.
- 6 The great and enigmatic Italian modern architect, who introduced powerful narrative qualities to his projects which were then extended to the labor of detailing.
- 7 Citation from the jury of UNESCO Asia-Pacific Awards for Cultural Heritage Conservation 2012

## BIBLIOGRAPHY

- Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.
- Campello, Glauco de Oliveira. *O Brilho da Simplicidade: Dois Estudos sobre Arquitetura Religiosa no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- Correa, Charles. *A Place in the Shade: The New Landscape & Other Essays*. New Delhi: Penguin Books, 2010.
- Dourado, Guilherme Mazza. *Modernidade Verde: Jardins de Burla Marx*. São Paulo: Senac, 2009.
- Fuad-Luke, Alastair. *Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World*. London/Sterling, VA: Earthscan/Routledge, 2009.
- Lye, Eric K. C. *Manuel Vicente. Caressing Trivia*. Hong Kong: MCCM Creations, 2006.
- Said, Edward. *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*. London: Penguin Books, 1996.
- Segal, Rafi; Els Verbakel. *Cities of Dispersion. 'Architectural Design'*, vol. 78. London: John Wiley, 2008.
- Tostões, Ana, Jorge Figueira, Rui Leão. *A Reading Room for the Portuguese School of Macau*. Macao: [s.n.], 2013.
- Song Jia. *Streets and Squares*. Shenzhen, China: Artpower International, 2013.
- Vicente, Manuel. *Arquitetura Falada: O Exercício da Palavra*. Casal de Cambra / Porto: Caleidoscópio / Atalho, 2012.
- Virilio, Paul. *Lost Dimension*. New York: Semiotext(e) 2012.

# Macao: 9 Interviews and the *eXistenZ* Context of Uncertainty

Tiago Saldanha Quadros\*

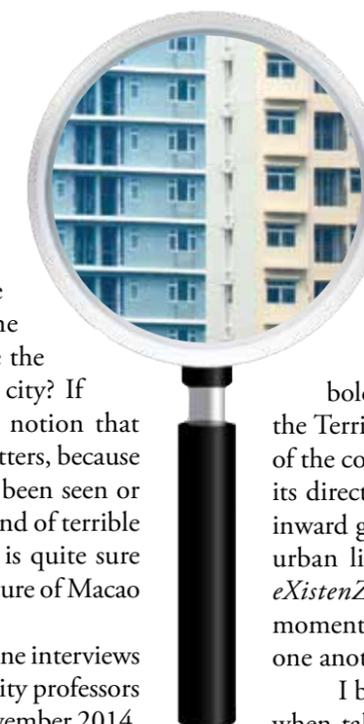
## THE INTERVIEW PROJECT

In a world where technology, spectacle and excess seem to eclipse former concepts of architecture, the individual and society, what might be the current characteristics of Macao as a city? If there is any consensus, it lies in the notion that what is happening to and in Macao matters, because this level of transformation has never been seen or attempted before. And while it has a kind of terrible beauty in its scale and scope, no one is quite sure how it will ultimately impact on the future of Macao citizens.

This essay unites excerpts from nine interviews with architects, researchers and university professors conducted between June 2013 and November 2014. Dealing essentially with architecture, it is about the memories, experiences, boundaries and movements of those who inhabit Macao. The paper's title is an

\* Architecture Director at BABEL – Cultural Organisation, Macau, he holds a M.A. in Architecture from the Faculty of Architecture of Technical University of Lisbon and a degree in Architecture from the Faculty of Architecture at Porto University. Visiting lecturer at the University of Saint Joseph, Macau, he is currently preparing his Ph.D. proposal on Urban Hybridity in the Post-colonial Age. He is the author of *24 Obras na Vida de uma Exposição: Xangai 2010* (Oporto: Afrontamento, 2012).

*Director de Arquitectura da Babel – Organização Cultural, Macau, licenciou-se em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, tendo concluído um Mestrado em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Professor convidado da Universidade de São José, Macau, prepara uma proposta de doutoramento em Hibridismo Urbano na era Pós-Colonial. É autor de 24 Obras na Vida de uma Exposição. Xangai 2010 (Porto: Afrontamento, 2012).*



allusion to the context of uncertainty that hovers over Macao's future, but also to the mixture of styles that exist in the unbridled fantasy, exoticism and boldness that characterise the urban fabric of the Territory. The essay's relevance is in its analysis of the contemporary condition of our times, and in its directing, from the point of view of Macao, an inward gaze at the challenges that Macao's modern urban life presents. *Macao: 9 interviews and the eXistenZ context of uncertainty* is therefore the moment in which these nine interviews encounter one another and breathe together, symbiotically.

I believe the nine contributions in this paper, when taken as a whole, stand as the foundational elements of a process in which the creation of contemporary understanding translates into the search for parity of thought and deed. *Macao: 9 interviews and the eXistenZ context of uncertainty* is intended as an essay compiled from interviews, a roving, undisciplined, unsystematic wandering, providing a comprehensive overview of the social, territorial and cultural changes that have swept through Macao over the last decades. According to Diogo Burnay<sup>1</sup>:

...the idea that newness in Asia is the way to move forward seems to be the way a lot of intellectuals and artists think. In architecture, this differs greatly from purely artistic practices. We do our work in a context that has

## PATRIMÓNIO CULTURAL

immeasurable ramifications on other disciplines, other disciplinary tensions and other social, cultural and political agendas, as well. It is my understanding that this apparent dichotomy or plurality of remembering and forgetting is a way of moving forward with hindsight. It is a way that, I would say, tries to connect the heart with the brain. How one feels and how one thinks.<sup>2</sup>

I am interested in the form and concept of the interview itself. Particularly in the way it keeps the past present—Hans-Ulrich Obrist<sup>3</sup> would call it ‘a protest against forgetting’—but also as a way of compiling thoughts about the future. And I wonder what role it adopts when it transcends the traditional question and answer structure? A form of architectural criticism? According to Pedro Gadanho<sup>4</sup> it is necessary to bring criticism closer to cities. Perhaps critical thought should be factored into the equation when publishing collaborative projects. As it is, today’s criticism is more interpretive, risking hardly anything at all. Sometimes Macao reminds me there is no doubt there will be a new start. Somewhere in the near future, it will happen. Regarding the possibility of a global specific urban future that is yet to emerge, Pedro Campos Costa<sup>5</sup> indicates:

Lately it seems there is an absence of utopia. There is a lack of dreaming the future, since of course you don’t want to have a nightmare. No one enjoys having nightmares, so if we do not dream the future in a very positive way, we consequently do not conceive of a future. In short, what I am trying to say is that we build the future of the cities, but they cannot be solely what we are able to imagine, and even if we manage to influence the course of events, the future will for sure be totally different from what we had expected.<sup>6</sup>

What sense can be made of the kaleidoscopic production being witnessed in Macao? Is architecture a mere technical service, or is it a cultural expression on a par with literature, cinema or contemporary art?

## MACAO IS ABOUT THE NEW WORLD

In Europe the tendency is always to rein in architecture to the level of a serene gesture— as if it were necessary to watch and listen to the landscape and not impose anything, with the design, that doesn’t belong. In Asia the densities and the flows diverge, and

in Macao those variations are made even more palpable by the Territory’s small size and encircling borders. On this point, Werner Breitung<sup>7</sup> comments:

Since the very strong development that has occurred—of which I have only captured the beginning, when it started in 2003, 2004, 2005—the influx of Mainland people has changed Macao. Now many of my friends are saying that Macao has lost its identity and its difference from Mainland China. Some even consider leaving Macao, because they feel that, with this change, it’s not home anymore. So, for many people, the opening of the border to two-way traffic between Mainland China and Macao produced the feeling of loss of home and identity.<sup>8</sup>

The Western media very often links the word ‘future’ to the word ‘China’—so often that it seems appropriate to ask people working in China today whether, from the viewpoint of ancient Chinese philosophy, they see time as ‘a conception of processes and unfoldings of opportunity and duration that doesn’t allow itself to be filed under a common, global concept’. To this Wang Weijen<sup>9</sup> responds:

Europeans or Americans—the West in general—see China almost as equivalent to future or opportunity, and probably many Chinese architects do now. It’s a kind of commonly known fact that this is the frontier and experimental site for Western architects. When they come here they get to do things that they are not allowed to do over there. Of course, for architects whose whole education was based on building utopia starting from Le Corbusier, China is a great and fantastic site. There are at least two important aspects. One is that, in a well established civic society, social changes and physical changes cannot be sped up the way they can be in China, because of the basic rights of an individual to take part in the decision making regarding the change in physical environment. In the case of China, unfortunately, the government system and social system are made in such a way that it is a heaven for developers and a heaven for architects and bureaucrats. There is no civic society established there to sustain or protect the basic human social fabric. The other aspect is that things you don’t get to do in Lisbon, for example, you

## CULTURAL HERITAGE



Cotai Strip, 2014. Photo by Jeong Man Pan.

get to do in China. You know—and everyone knows—that there is no way you can displace one thousand people and their houses, but this can easily be done in China. China provides a virgin territory frontier for architects to do physical intervention. So there are two aspects: the social one and the physical one. In Europe, there is that long developed understanding and suffocation among middle class society. The physical environment includes history and plays an important part. Everybody knows that history plays an important part, and from Lisbon to Amsterdam it is important to move forwards, but in those contexts the basic respect for the physical fabric and the artifacts is well established and well known.<sup>10</sup>

Macao is about the new world, where dream and reality mingle. It’s about the possibility of enough

corporeal energy being created to ‘escape the prison’, escape real life, where nothing happens, where ‘we are safe, and everything is boring.’ It’s a game where the virtual is real, where artificial action plays at reproducing man’s imagination, demystifying the idea of a game outside of life. So, why is Macao still a playing field for the revival of past architectures? Mário Duque<sup>11</sup> explains that:

The possible argument and the space for discussion lie more in the reason why we may need to accomplish architectures of a past time or the way we admit these architectures could better serve our present-day cityscapes, urban society’s concerns, life styles and our aims in general. Indeed, to revive architectures of the past, which suited humans in different frameworks, sets of assumptions and lifestyles, is a recurrent phenomenon in the history of architecture and urbanism. However, the

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

reason why the phenomenon emerges is always a pertinent argument, as it explains what animates culture at a specific time, namely in respect to the architectural substances that are revived. Another relevant aspect lies in the fact that when we try to accomplish architecture that is not of our time, we may face challenges, simply because we may no longer have the craftsmanship available that it requires. We may no longer be trained in the same skills. We may no longer understand the meaning of the related patterns and details. We may have to rely extensively on research. Altogether things that do not flow as naturally as they would have at the time they were conceived, as with everything that is not synchronistic with its time, unless commitment is assembled. But there is also little possibility for meaningful evolution, if there is no resourceful scope of interpretation in relation to what motivates and animates societies.<sup>12</sup>

The way in which Macao *makes* itself out of past forms causes us to live between scenes, in a holographic world suspended over the real world. We allow ourselves to be polluted by the profusion of electronic signals, by the glare of the neon, by the moving images, as though we were characters in some videogame. In Macao the charged atmosphere becomes supercharged. The concentration of signs and lights is a message in itself, a form of communication. Thus the speed of communication becomes the speed of automation of the decoding of those signs, the time it takes to receive the performative expression of the signals. We are looking at what Andrea Ranzi describes as narrative territories, profoundly mediated spaces that describe an action to us and tell us how to act. According to Thomas Daniell:<sup>13</sup>

If European urbanity tends to be orderly and sedate, with public plazas defined by permanent, monumental buildings, Asian urbanity is unstable, a teeming labyrinth of narrow streets lined with temporary structures. Those are, of course, reductive caricatures, but the modern city in China does seem much more impermanent than in the West, and that has to do with the lack of enforcement of certain rules. The appearance of Macao is partly defined by temporary markets, by cages stuck on the outside of apartment buildings, by shacks built on rooftops, most of which is illegal.<sup>14</sup>

On the other hand, Jorge Figueira<sup>15</sup> confesses:

What I like about Macao is that it reveals the opposite of what is happening in our cities in Portugal. What I like in Macao is people—the crowd. It's the density. I know that at some point to have a big population is a problem. But the density, the migration flows and the youth give us the idea of a growing society, a powerful society. A society that is on time and that operates in an extremely shared space, in which an amazing humanity experience takes place.

In a world dominated by image, Neil Leach<sup>16</sup> warns of the aesthetics of architecture threatening to relegate its content to oblivion and, in the worst case, actually becoming the anaesthetics of architecture. An explosion in information, particularly visual information, is held to be the cause of an atmosphere of hypnosis. René Huyghe<sup>17</sup> also shares the idea that the proliferation of the image, viewed as an informative instrument, increases modern man's tendency towards passivity, forcing him into oblivious or apathetic behavior. As we know, the position defended by Marc Augé is one of supermodernity as a creator of non-places, said of spaces that do not include 'places of memory.'

In my opinion these shifts of gaze and plays of imagery, this emptying of the consciousness, can be caused—this time in systematic, generalized and prosaic fashion—by the characteristic features of what I have proposed to call 'supermodernity'. These subject the individual consciousness to entirely new experiences and ordeals of solitude, directly linked with the appearance and proliferation of non-places.<sup>18</sup>

These are relatively new spaces, without tradition or history, which result in profoundly dehumanised spaces, spaces without ontological breadth. Consider for example the world of the casino understood in the context of Macao:

They are objects very needy of humanity, of anthropomorphism, anthropology, sociology... they are aliens looking for connections... they are non-places with the brutality of gigantic places. They are waiting to call home, like E.T. I must confess that, in 2011, when I saw the Grand Lisboa for the first time I was very disturbed. I even wrote about it in that little book. In July



Grand Lisboa, Macao, 2015. Photo by Jeong Man Pan.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

and now in September, every passing day, I like the building more, and I feel that what I wrote three years ago is highly unfair; as if I wanted to overcome the building's cruelty with my own. The finale of a giant building cannot be a tiny head. A tiny head means a mental disability. The head must be in proportion with the body, and the arms should not be cut off. That thing is a kind of cut-off body with a tiny head and a giant ball at the base. When I wrote about the Grand Lisboa in 2011, I tried to overcome the rawness of that mechanism with my own description. But now I would write something completely different.<sup>19</sup>

Indeed, the new in Macao is defined precisely by the way in which memory is invoked: the conquest and abandon of places and objects, the conquest and abandon of beings and conditions, the conquest and abandon of spaces and times. In fact, we are looking at a Territory that exists as though suspended in a time remembered, as though conquered in a memory of time. On the issue of memory Mário Duque remarks:

The other question, whether Macao is all about memory, i.e. past as opposed to present: both

are complementary components that necessarily occupy spaces of individual and cultural existence that are not static. Instead, they pulse in the course of time and have different configurations in specific historical momenta. When the relevance of one component appears diminished, the other develops, and, conversely, when one emerges overwhelming, the other shrinks. There, at the same time, individual and cultural psychological structures necessarily converge, shaped by where we tend to place the mind and the heart. I trust the mind to be far better fitted to understanding the past and the heart far better fitted to feeling the present. Macao is a good example of how the present has pulsed continuously with opportunities and how opportunities have faded into memories of years gone by, until new opportunities set in. However, I am skeptical that memory that emerges as a mere business opportunity or a commodity, without interpretation, may have the capacity to generate accurate records and understanding and nourish individuals and societies into future accomplishments.<sup>20</sup>



Site work, Cotai, 2014. Photo by Jeong Man Pan.



Seac Pai Van Public Housing, Cotai, 2014. Photo by Jeong Man Pan.

Focused more on China, Jianfei Zhu<sup>21</sup> reveals:

China is one of those countries that is very obsessed with its own past, despite moments of destruction and self-criticism—the Cultural Revolution, for example. Still, I believe China is a country that aims to record and remember its past. But the problem is that this is done primarily through writing and not through physical building. In the case of physical buildings, China is not particularly good at keeping its own historical past. In China, the physical fabric of the city and the physical architecture appear to be very different issues. It is a different situation than in the West. If in the West physical buildings serve an important role in keeping the memory of the past, in China it is mostly a memory of the word that matters. Memory is registered through literature,

through writings instead of the physical artifacts of buildings. There is a difference between writing and building. Compared to Europe, building is a completely different issue in China. Since in China buildings are mostly made of timber—along with many other materials, but especially timber—they are very easy to build and to destroy. That implies a different kind of logic for keeping memory through buildings. In the case of China buildings are often destroyed and built very quickly, on a much shorter cycle. This has to do not only with the use of timber but also with political situations, with a strong and centralized state, aims for new cities, especially capital cities, with new plans to be implemented quickly and thoroughly. Well, it is a complicated story, where politics, materials, construction methods and forms of

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

memory are interrelated. Basically I would say that memory in China is mostly maintained through textual memories, through literature, through the recording of history, through other forms of art and not through the physical form of buildings. In the case of buildings it is an entirely different approach.<sup>22</sup>

as a given, related by linear and continuous time to physical, bounded space. Pierre Levy comments on this idea: 'A new type of artist has emerged, an artist that no longer tells a story, an architect of spaces for occurrences, an engineer of worlds with thousands of stories yet to come, a sculptor of the virtual.'<sup>23</sup>

Early on, cinema, which was clearly a way to represent and translate reality, became a solid point of departure for the representation of imaginaries connected with the future. It allowed us to glimpse imaginary worlds that were either complete departures from our civilisation, showing us bizarre conceptions of our future, or were attempts at establishing connections to, and, in a supported way, predictions about the world of tomorrow. From simulating the experience of architectural space, film derived the ability to document architecture and, at the same time, distort architectural form to the point of lending plausibility and coherence to the most varied corruptions and decontextualisations. With the growing digitalisation of the contemporary

world, perceptions of space in architecture and film are closer than ever. Wang Weijen adds:

As do many other people, I think that nowadays the best way to describe China, the phenomenon of China, in terms of its urbanization, would be to use one of the movies by the Chinese director called Jia Zhangke, such as Still Life for example. Several of his movies depict the recent changes of places and time.<sup>25</sup>

One way or another, films about the future demonstrate an unrelenting will to anticipate it and interfere with the temporal order of things. This brings us to *eXistenZ*.<sup>26</sup> The biotechnological density of Macao repeatedly brings the David Cronenberg film to my mind. During the film the characters spin off into in-game personas. The worlds interlace in 'jagged, brutal cuts, slow fades, shimmering little morphs'. In the *eXistenZ* universe the character-personas and the persona-characters are 'stumbling around together in this unformed world, whose rules and objectives are largely unknown,



Gongbei Border, Zhuhai, 2014. Photo by Ieong Man Pan.

seemingly indecipherable or possibly nonexistent'. While Pikul's and Allegra's physical bodies lie stretched out on the bed in the hidden chalet, *eXistenZ* takes them to the grimy, absurd and grotesque world of the Trout Farm. Suddenly, in the middle of a special

THE *eXistenZ* CONTEXT OF UNCERTAINTY

Can simulation substitute reality? Will simulated reality be the new reality? Will it be possible to construct a parallel digital world and exist in it? Presently, the emergence of the concept of the virtual and virtualisation is being acknowledged in a broad interdisciplinary debate, taking place between thinkers, economists, scientists, doctors and artists. The recent diffusion of digital technologies has transported this topic into the realm of architecture, which is ordinarily accustomed to dealing with objective and finite things

Caesars Golf Course, Cotai, 2014. Photo by Ieong Man Pan.

Avenida do Infante D. Henrique, Macao, 2015. Photo by Ieong Man Pan.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

lunch, needs arise, desires to kill. The mutants continue to grow in captivity, serving the nervous systems of the ‘game pods’, and when least expected, the dog is revealed to be the Chinese waiter’s friend. Inexplicably, the occurrences within the game are translated into the reality of our lives. The so-called ‘reality-bleed-through effect’ triggers countless setbacks.

*eXistenZ* ends with the assassination of the supposed creator of the transCendenZ game, Yevgeny Nourish, by Allegra Geller and Ted Pikul, who might be terrorists belonging to an anti-system movement. ‘Death to the demon Yevgeny Nourish! Death to PilgrImage! Death to transCendenZ!’ The repetition of this phrase suggests the game might continue to another level, which leaves one of the participants confused to the point of saying: ‘You don’t have to shoot me! Hey, tell me the truth. Are we still in the game?’ Cronenberg demonstrates that the capability to create interaction between different levels of virtual reality leads to a complete loss of sense of place and of references for the limits that should separate the game from reality. Indeed, Macao appears to be built on a spot between reality and dystopia (where the actual references are mixed up: the reality of a dystopia—or the dystopian version of a reality?). *eXistenZ* and Macao both emerge as pre-territories, images that precede the true image, of a desire that manifests or dissipates in the permanence, ephemeral, of a fragment, a glance, a feeling. A fascination and an inquiry.

In Macao we are confronted with an architecture that imposes limits on the end and the beginning—of a reality, still uncertain yet present, still possible yet absent. In *eXistenZ* we are confronted with a new possibility for disembodied existence: the fact that another reality might be introduced into our body, not via the senses but rather through a ‘bio-port’ that feeds the reality directly into our brains. A reality that is then generated by us and is based on the memories, desires and fears we experience in reality.

Once Hans Ulrich Obrist asked Peter Smithson how he sees the city’s present condition. He answered that today there is no sense of the collective, the space between, and that all buildings are built as if they existed only in themselves. According to Hendrik Tieben:<sup>27</sup>

There are a lot of examples of this tendency in Macao. The best example is the change of the original NAPE plan, after the opening up of the gaming monopoly. Take the MGM, where

basically one walks around a large and entirely closed block. The earlier master plan had very specific guidelines for the way buildings should relate to the public space and address Macao’s hot and rainy climate and general comfort when walking on the street. All this has been ignored in the new developments. It is ironic that the Venetian was built as a totally internalized large block, next to one of Macao’s most delicate and beautiful areas, with Taipa Village and the surrounding waters. It is actually an environment that the Venetian tries to recreate inside but without any connection. Obviously such approaches are typical for casinos, but they might also occur in other contexts. Over the last years we and our students have studied the water space between Macao and Zhuhai. I think that the relationship between the two cities and the water space is one of ignoring the other side and the larger context. I would also say that there are many important questions, reaching from the small scale of street spaces to the bigger regional scale and the relationship between Zhuhai and Macao.<sup>28</sup>

But what exactly is it time for, now, in Macao? That might be this essay’s main question. Faced with an inability to understand a present that is still too diffuse, this text sought at least to report on it. And report on it likewise as a time devoid of memories and milestones. According to Jorge Figueira:

What is fascinating in Macao is that it is not only the Las Vegas layer that counts, but the deaf battle between archaic, modern and post-modern forms, which gives it a much more complex texture. For example, how the replica, a pop methodology, meets the Chinese culture; how capitalism meets communism in the territorial planning; how the ‘authentic’ heritage will be the casinos and not so much the presence of the Portuguese... Macao is a future lab for these and other points of view, which are truly cultural battles waiting for ‘critical mass,’ where there is much to learn and create. The pop culture of Learning from Las Vegas is now for us a second skin, and therefore it is important to move on to the next step.<sup>29</sup>

Thus, in the same way that we live to understand why we live, in Macao ‘we play to understand why we play’. And, in the end, realism’s victory lies in the consecration of the start of the game. **RC**

## NOTES

- 1 Diogo Burnay is director of the School of Architecture at Dalhousie University, Halifax, NS, Canada. He has worked in Macao with Manuel Vicente (1992-1995) and OBS Arquitectos (1995-1997). He is an external examiner at Bartlett School of Architecture, UCL, London.
- 2 Diogo Burnay, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 8 March.
- 3 Hans-Ulrich Obrist is an art curator, art critic and art historian. He is Co-director of Exhibitions and Programmes and Director of International Projects at the Serpentine Gallery, London. Obrist is the author of *The Interview Project*, an extensive ongoing project of interviews. He is also co-editor of the *Cahiers d'art* revue.
- 4 Pedro Gadanho is an architect, curator and writer currently based in New York. He is the Curator for Contemporary Architecture at the Department of Architecture and Design at MoMA, in New York.
- 5 Pedro Campos Costa is a Lisbon-based architect and the curator for *Homeland*, the newspaper that was the Portuguese Pavilion at the 14<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia (2014). He is a Visiting Professor at the Autonomous University of Lisbon.
- 6 Pedro Campos Costa, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 5 November.
- 7 Werner Breitung is Professor of Urban Planning in Suzhou. His research interests are cities and borders, especially the impact of globalisation and political change on cities and trans-border developments. He was a research scholar of the Macao Cultural Affairs Bureau.
- 8 Werner Breitung, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 13 September.
- 9 Wang Weijen is Department Head and Professor in the Department of Architecture at the University of Hong Kong. His research mainly focuses on Chinese architecture and cities, including the transformation of courtyard typology, urban fabric and public space in historical and contemporary Chinese cities and the typology of the Chinese temple.
- 10 Wang Weijen, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 13 December.
- 11 In his professional and academic career, in both Macao and Vienna, Mário Duque has received several awards in architecture competitions and for realised projects. Presently he is conducting research into estuarine urban form at the UNESCO Institute for Water Education.
- 12 Mário Duque, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 30 November.
- 13 Thomas Daniell is Associate Professor and Head of Architecture and Design at the University of St Joseph, Visiting Associate Professor at the University of Hong Kong, Visiting Fellow at the RMIT Spatial Information Architectural Lab and Adjunct Professor at Victoria University of Wellington.
- 14 Thomas Daniell, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 3 October.
- 15 Jorge Figueira is director of the Architecture Department in the Faculty of Sciences and Technology and Coordinator of the Master’s Degree in Art and Architecture Criticism in the College of Arts, both at the University of Coimbra. Jorge Figueira is interested in Macao and has been researching and writing on Manuel Vicente’s work and Macao urbanity and architecture.
- 16 Neil Leach, *The Anaesthetics of Architecture*.
- 17 René Huyghe, *Les puissances de l'image*.
- 18 Marc Augé, *Non-places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, p. 93.
- 19 Jorge Figueira, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 13 September.
- 20 Mário Duque, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 30 November.
- 21 Jianfei Zhu is Associate Professor at the University of Melbourne. His research centers on social theory, theory in architecture and Chinese architecture. He is interested in spatial politics, Design Institutes in modern China, implications of architecture of modern China and critical consequences of Chinese culture and architecture today.
- 22 Zhu Jianfei, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 3 May.
- 23 Pierre Levy, *Becoming Virtual: Reality in the Digital Age*, p. 141.
- 24 *Still Life*, 2006. Directed by Jia Zhangke [Film]. Beijing-Hong Kong: Xstream Pictures.
- 25 Wang Weijen, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 13 December.
- 26 *eXistenZ*, 1999. Directed by David Cronenberg [Film]. Toronto: Alliance Atlantis.
- 27 Hendrik Tieben is an Associate Professor and Director of the MSc in Urban Design Program at the Chinese University of Hong Kong. His current research interests focus on the transformation of Hong Kong’s community spaces and urban rules in the Pearl River Delta cities Guangzhou, Hong Kong, Macao and Shenzhen.
- 28 Hendrik Tieben, 2013. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 28 June.
- 29 Jorge Figueira, 2014. Interview with Tiago Saldanha Quadros, 13 September.

## BIBLIOGRAPHY

- Augé, Marc. *Non-places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. New York / London: Verso, 1995
- Baudrillard, Jean. *Simulacra and Simulation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1994.
- Huyghe, René. *Les puissances de l'image*. Paris: Flammarion, 1965.
- Leach, Neil. *The Anaesthetics of Architecture*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.
- Levy, Pierre. *Becoming Virtual: Reality in the Digital Age*. New York: Plenum Trade, 1998.
- Tieben, Hendrik. ‘Urban Image Construction in Macau in the First Decade after the “Handover”, 1999-2008’. *Journal of Current Chinese Affairs* (Hamburg), vol. 38, no. 1, 2009, pp. 49-72.
- Wang Shu et al. *The Future Will Be... China. Impromptu Thoughts about What's to Come*. Curated by Hans Ulrich Obrist, edited by KarenMarta, Philip Tinari (Beijing: Ullens Center for Contemporary Art / Pinacoteca Giovanni e Marella Agnelli), 2012.



Georg Smirnoff, "Largo do Leal Senado visto da Travessa do Roquete". Lápis e aguarela sobre papel, 1945.



## Das Casas de Câmara e Cadeia ao Leal Senado de Macau Um Percorso de ReciproCidades

MARIA JOSÉ DE FREITAS\*

### INTRODUÇÃO

A complexidade da gestão territorial em Portugal, a partir do século XIV, obrigava à existência de “instrumentos” que permitissem fazer a coordenação de forma eficaz. Mais tarde, durante a expansão portuguesa, perante a crescente dificuldade em

administrar territórios longínquos, importava governar estabelecendo normas e princípios de gestão local em articulação com o poder régio.<sup>1</sup>

Em resumo, era necessário estabelecer as bases do poder local em conjugação com o poder central, reforçando-o.

No território nacional, as câmaras municipais, ou paços do concelho, surgiram desde logo como os locais do poder, onde a autoridade administrativa se fazia sentir. Os territórios eram controlados, o comércio tributado e eram julgados todos aqueles que não cumpriam com o estipulado.

Mais tarde, no período do Renascimento e no contexto de uma sociedade mais complexa, culta e exigente, ao edifício dos Paços do Concelho vai juntar-se uma Praça, que se torna um elemento importante no modelo do controlo territorial e na gestão da “imagem do poder”, pois era relevante que os dirigentes locais – os vereadores – avistassem a multidão que os escutava

\* Arquitecta, tem desenvolvido a sua actividade profissional entre Portugal e Macau. Recebeu o prémio Arcasia, na categoria de renovação arquitectónica em 2002, com o projecto de “Musealização e Renovação das 5 Casas Patrimoniais”, Taipa, Macau. Actualmente complementa a sua prática profissional participando em fóruns internacionais para a Preservação e Reabilitação de Edifícios Classificados. Nomeada Embaixadora da WCO, é doutoranda em Patrimónios de Influência Portuguesa (Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra).

*She is an architect with works done between Portugal and Macao. She received the Arcasia Award, of Architectural Renovation, 2002, with the project 'Musealization and Renovation of 5 Heritage Houses', Taipa, Macao. Actually she is practicing as an active professional and participating in international forums for Architectural Preservation and Rehabilitation of Classified Buildings. Appointed Ambassador of WCO, she is Ph.D. Researcher on Heritage of Portuguese Influence at Centre for Social Studies (University of Coimbra, Portugal).*

## PATRIMÓNIO CULTURAL

e nesse mesmo acto fossem vistos como representações do poder.

Faremos uma análise das tipologias arquitectónicas dos paços concelhios no decorrer dos séculos XIV a XVIII no sentido de identificar os traços comuns dos edifícios que, em Portugal, desempenhavam idênticas tarefas e quais os modelos utilizados na gestão de territórios cuja dimensão e distanciamento iam introduzindo uma crescente complexidade no sistema.

Iremos, igualmente, abordar a questão das Praças ou Largos Municipais como complemento do exercício do poder local que, em conjunto com os edifícios camarários, maximizam a simbologia do poder local, passando a ser incluídas de forma “disciplinada” nos novos planeamentos urbanos do século XVII, com especial relevo no caso do Brasil, tornando-se verdadeiros pilares da sociedade local.

Por último, iremos analisar o caso do Edifício do Leal Senado e Praça do mesmo nome, em Macau, que ilustram de forma evidente os conceitos adoptados em Portugal e nas antigas colónias, demonstrando um “dispositivo” local de gestão territorial que, ainda hoje, passados 500 anos, encontra eco e justificação.

Antigo edifício da Câmara Municipal de Monsaraz.



## 1. AS CASAS DE CÂMARA E CADEIA COMO SÍMBOLO DO PODER NAS CIDADES MEDIEVAIS PORTUGUESAS NOS SÉCULOS XIV E XV

### CASOS DE BRAGANÇA, ESTREMOZ, MONSARAZ E AVIS

Em meados do século XIV, por ordem régia de D. Afonso IV, passou a ser obrigatória a reunião semanal do conselho de vereadores ligados à gestão

*Domus Municipalis*, Bragança.



concelhia, o que implicava a transferência de poderes das assembleias para um grupo de homens-bons e esse facto foi relevante no aparecimento das Casas de Câmara, Paço do Concelho ou Concelho da Relação.<sup>2</sup>

Administrar a cidade era uma tarefa exigente e exigia espaço para o efeito.

Em termos de organização funcional o modelo espacial começou a ser testado relativamente aos objectivos que tinha de cumprir. É, então, que começam a aparecer os primeiros protótipos com arcaria no rés-do-chão onde se desenrolavam tarefas ligadas à gestão municipal e sala de audiências no primeiro andar, aos quais se juntaram símbolos e emblemas decorativos reforçando a imagem. Mais tarde acresceram a torre e arcaria apontada, como ainda é visível em alguns edifícios municipais.

Os municípios mais antigos que temos conservados situam-se em Bragança, Estremoz, Monsaraz e Avis.

Estes edifícios surgiam sempre em espaços centrais, junto às instituições religiosas, designadamente à Igreja Matriz.

Verdadeiros espaços de retórica e demonstração do poder, por vezes reuniam vocabulários próprios do palácio real.

Na segunda metade de Quatrocentos estaria definida uma estrutura tipo, e haveria um maior número de casos por todo o país como afirmação de centralidade e poder.

Na consolidação do modelo começam a aparecer elementos ligados à imagem do paço nobre: arcadas, coroamentos com ameias, pedras de armas e a torre, o que produz alguma semelhança entre as Câmaras de Barcelos, Viana, Guimarães, Freixo de Espada à Cinta, Braga e Vila Real entre outras.

Mais tarde, no século XVI, as janelas dão lugar a varandas que passam a ser palco de celebrações: os vereadores vêem e são vistos como se estivessem num púlpito.

Em Évora o edifício construído, no início do século XVI, no topo da praça central, corresponde a este protótipo, incluindo uma arcada no piso inferior que aloja a cadeia e seis boticas, e tinha no piso superior uma varanda debruçada sobre a praça.<sup>3</sup>

Na descrição relativa ao desaparecido paço quinhentista de Setúbal lê-se uma referência à existência de uma cadeia que existia no piso térreo junto ao paço do trigo e açougue.<sup>4</sup>

## CULTURAL HERITAGE

No decorrer de Quinhentos, o Paço do Concelho torna-se

“um dispositivo retórico de prestígio e afirmação social compensando, pelo poder da imagem, a perda efectiva de poder que um estado progressivamente mais centralizado e actuante inevitavelmente significava para as elites locais.”<sup>5</sup>

## 2. O CONCEITO DA PRAÇA E SUA APLICAÇÃO AO PODER MUNICIPAL NA SOCIEDADE RENASCENTISTA

### 2.1. CASOS NO BRASIL

Chegados aqui, depois de ter o modelo consolidado, podemos entender a contaminação descrita e assim verificar como, do ponto de vista do poder central, era importante que este planeamento fosse estendido aos territórios que se iam conquistando, exportando o modelo arquitectónico para as novas colónias em processo de territorialização.

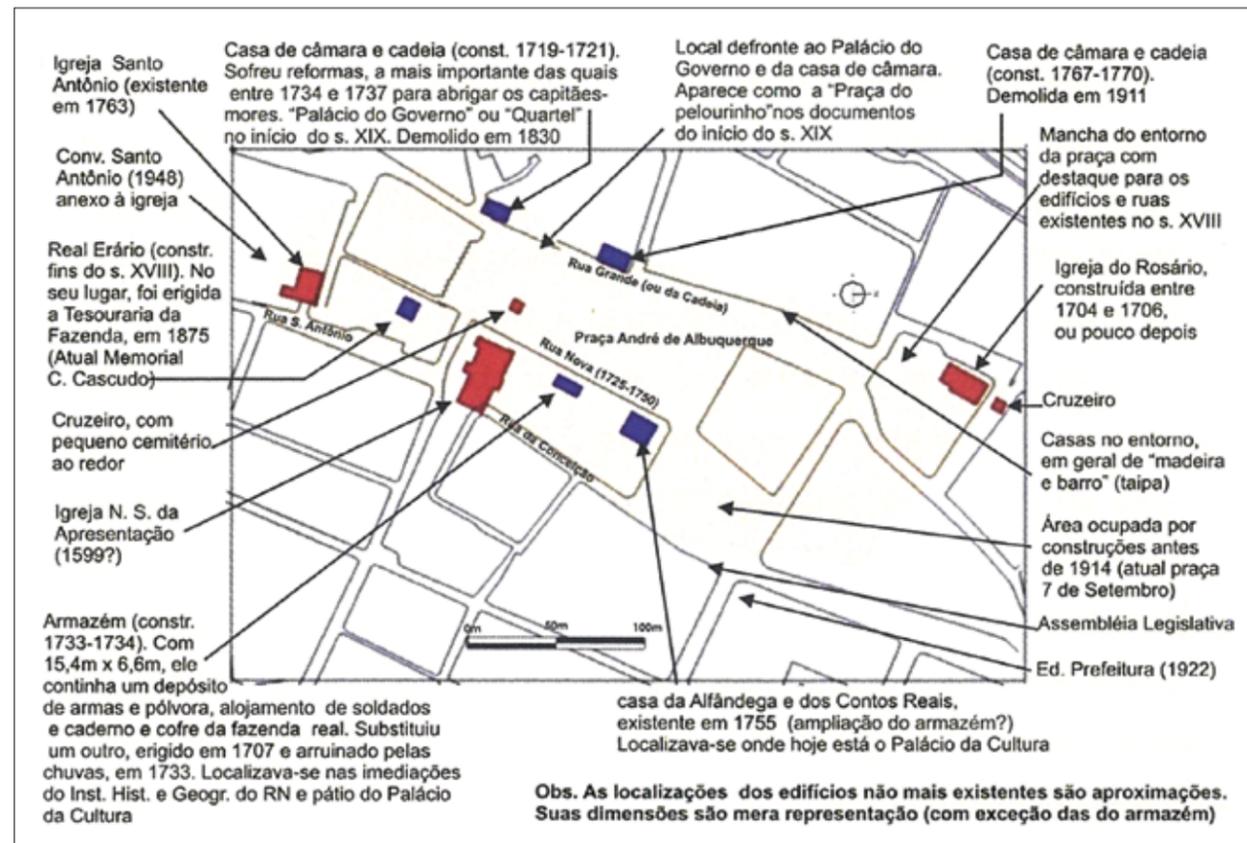
Nos séculos XV e XVI, em articulação com os novos ideários renascentistas, onde a noção da perspectiva ganha especial realce, em conjunto com o efeito “do ver e ser visto”, numa sociedade mais complexa onde o “espectáculo” passa a ser referência, para além do edifício do Paço Municipal, local do exercício poder, é importante que haja distância para apreciar o efeito. É necessário que haja “espaço”. Surge reforçado, assim, o largo fronteiro ao Paço, que é redimensionado, passando a comportar na sua envolvente outros edifícios que compõem e reforçam o poder e a religiosidade: a Misericórdia, a Igreja Matriz, o Mercado Municipal e outros edifícios ligados à administração ou com ela directamente relacionados.

“No Brasil a praça passou a compor os espaços urbanos coloniais de forma paulatina, uma vez que, a rigor, ela não existia inicialmente, mas consistia simplesmente de um largo ou adro, defronte às igrejas. Houve desde o século XVI, espaços que se aproximaram das praças tais quais as conhecemos hoje, como é o caso da de Salvador, fundada em 1549. No entanto, a praça somente vai se impor nos séculos XVII e principalmente no século seguinte, particularmente como parte das inúmeras experiências de desenho urbano regular desenvolvidas neste último século.”<sup>6</sup>

A Praça da cidade de Natal, fundada em 1599, pode ser considerada um dos primeiros exemplos a

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



A Praça da cidade de Natal no século XVIII. In Rubenilson Teixeira; Edja Trigueiro, "A praça, a Igreja e a Casa de Câmara e Cadeia. Símbolos, usos e relações de poder". *Mneme Revista de Humanidades*, vol. 9, n.º 24, 2008.

obedecer a um traçado regular desenhado sobre um núcleo preexistente a partir das Ordens de Filipe II de Espanha, I de Portugal, com base nas Novas Ordenanças de Descoberta e Povoamento.<sup>7</sup>

Nesse documento constavam as regras explícitas de desenho das vilas e praças bem como a regularidade a que deviam obedecer. Mais tarde, com o Renascimento, a geometrização da Praça veio a ter um desenvolvimento mais evidente, designadamente a partir do século XVIII.

O responsável pelo desenho do núcleo urbano da cidade de Natal terá sido o jesuíta Gaspar de Samperes, arquitecto experiente.

Os edifícios importantes teriam a disposição indicada na figura, onde se evidenciam:

- Caserna;
- Casa da Alfândega;
- Casa de Câmara e Cadeia (1721);
- a nova Casa de Câmara e Cadeia (1770);
- Real Erário.

Verifica-se que a Casa de Câmara e Cadeia se situava numa zona central da praça obedecendo ao traçado comum dos planos desta época em que os locais das Casas de Câmara e Cadeia, bem como os pelourinhos, eram fixados logo no início do planeamento dos locais.

A importância da centralidade das sedes municipais era visível nessa altura e continuou até aos dias de hoje, dominando a vida política e social dos núcleos onde se inserem.

Essa situação evidencia-se no desenho urbano de outras cidades brasileiras em que, para além de ocupar uma posição dominante nas praças em que se situam, os edifícios municipais ostentam um desenho urbano similar ao que é utilizado em Portugal para edifícios com a mesma finalidade. Ou seja: configuração paralelepípedica de base rectangular, com áreas de uso público no piso térreo, onde se incluía numa zona mais recatada a cadeia, e acolhendo a função municipal no piso superior, deixando transparecer a



Casa de Câmara e Cadeia, Praça Tiradentes, Ouro Preto (www.museus.gov.br).

relação que se estabelecia entre a Casa de Câmara, a Cadeia e a Igreja.

Vejamos dois exemplos:

**Casa de Câmara e Cadeia na Praça Tiradentes em Ouro Preto**

O antigo edifício municipal foi transformado em museu, o "Museu da Inconfidência Mineira", que ocupa uma posição central na Praça, rodeada de edifícios que, no passado, auxiliavam na missão administrativa e hoje têm outras utilizações. Duas Igrejas e um pelourinho completam a Praça Tiradentes que outrora foi palco de célebres revoluções políticas.

**Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e Praça de Minas Gerais**

A Casa de Câmara e Cadeia de Mariana é, actualmente, a sede da Prefeitura e Câmara Municipal. Duas Igrejas compõem a Praça, que foi classificada pela UNESCO como exemplar do estilo barroco. Em frente

à Casa de Câmara localiza-se o pelourinho noutros tempos usado para castigar os infractores.

Casa de Câmara e Cadeia em Salvador da Baía (http://commons.wikimedia.org/wiki/File:CamaraVereadoresSalvador.JPG).



**PATRIMÓNIO CULTURAL**

**CULTURAL HERITAGE**

**2.2. POSTURA DE D. JOÃO III EM PORTUGAL**

Entretanto, em Portugal, o estilo arquitectónico do edificado também ia evoluindo, designadamente com o aparecimento do estilo barroco.

Paralelamente, a decoração era mais evidente e o nosso rei D. João III, após cada embelezamento operado, chegava a cobrar as custas a todos os cidadãos cujas moradias dessem para a praça principal ou que, das suas janelas, pudessem avistar o edifício municipal, pois passavam a receber “benefício e melhoria pelo nobresjmento que aí se fez.”<sup>8</sup>

No século XVIII confere-se um maior dramatismo às construções edificando, por vezes, em primeiro plano, escadarias monumentais que contribuíam para dar mais sofisticação aos edifícios municipais.

**3. AS CASAS DE CÂMARA E CADEIA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS DO ORIENTE: O LEAL SENADO DE MACAU COMO COROLÁRIO**

**3.1. CONTEXTO POLÍTICO**

Como é sabido, os portugueses chegaram à China em 1513 e desde logo estabeleceram relações comerciais com a população existente.

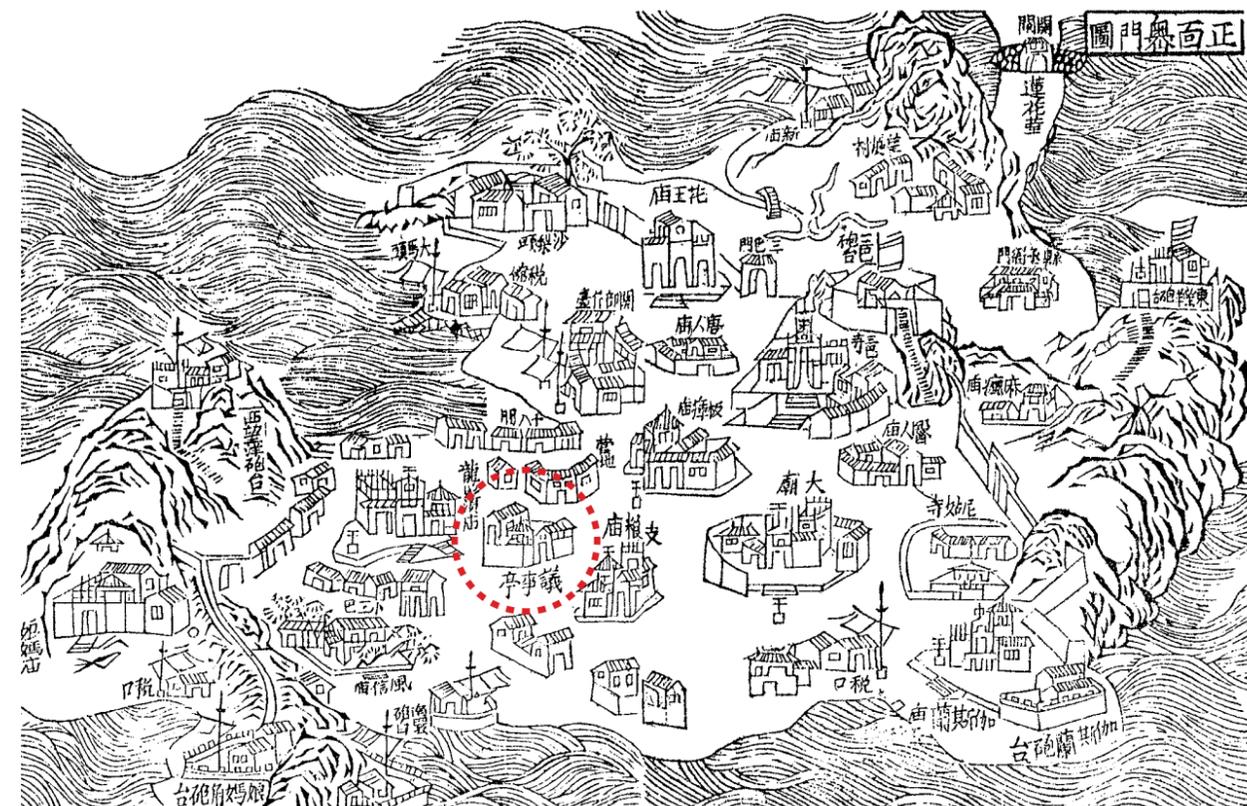
Por volta de 1553 mercadores portugueses e aventureiros visitavam Macau e alojavam-se em construções temporárias de madeira e colmo. A situação foi evoluindo com o incremento das trocas comerciais, com as quais todos beneficiavam, incluindo as autoridades chinesas que reconheceram a fundação de Macau em 1557.<sup>9</sup>

Desde logo se fez sentir a necessidade de administrar uma cidade que desenvolvia uma grande actividade mercantil e que tinha um governo militar intermitente, sendo sujeita a visitas esporádicas do capitão-mor da viagem para o Japão.

As disputas eram frequentes. E essa situação não agradava às autoridades religiosas. E tão pouco agradava às autoridades chinesas.

Assim, no início de 1580, o bispo D. Leonardo de Sá e o capitão-mor da viagem para o Japão, D. João de Almeida, concordaram em estabelecer um governo local, em conformidade com os procedimentos estabelecidos para outras colónias portuguesas.<sup>10</sup>

Em 1582 é criada a Câmara do Senado, composta por juizes, vereadores, um procurador e um secretário, escolhidos entre os cidadãos representativos da cidade e independentes do governo militar, da Igreja ou das autoridades chinesas.<sup>11</sup>



Macau e a localização do edifício do Leal Senado, in *Aomen Jilüe* 澳門記略 (*Breve Monografia de Macau*), de Yin Guangren 印光任 e Zhang Rulin 張汝霖, 1751.

Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, Minas Gerais (<http://www.pousadinhas.com.br>).



D. Duarte de Menezes, vice-rei de Goa, em 1586, sob o comando de Filipe II de Espanha, I de Portugal, apoiou o pedido dos cidadãos de Macau para elevar a vila a cidade, passando a chamar-se “Cidade do Santo Nome de Deus”, tornando-se uma cidade cristã, católica, no Oriente.

A cidade estava dependente da jurisdição de Goa, e do ponto de vista religioso estava sob alçada da Diocese de Goa.

Os membros do Senado possuíam uma clara missão evangelizadora. E, para além de promoverem a gestão da cidade, que estava em franca expansão, tinham também a incumbência de efectuar o julgamento dos prevaricadores.

Em virtude dos contactos comerciais e diplomáticos que os vereadores tinham de estabelecer com diferentes entidades (entre as quais se destacam: os dáimios e xoguns japoneses, os reis do Sião, Aname, Tonquim, o raja do Bornéu, o governador holandês de Jakarta, os espanhóis de Manila),<sup>12</sup> para além do contacto permanente com os mandarins chineses,

compreende-se que o edifício onde se reuniam e se gerava toda esta multiplicidade de tarefas, trocas e contactos, tinha de ter uma representatividade acrescida e estar localizado centralmente, numa praça ou largo, que lhe desse visibilidade.

Em 1654, o rei de Portugal D. João IV, em reconhecimento do papel desempenhado pela instituição, deu-lhe o título de Leal Senado de Macau.

O título foi inscrito na fachada do edifício.

Em 1833, o rei de Portugal pôs fim ao funcionamento autónomo do Leal Senado, passando a partir daí a estar vocacionado apenas para a vida municipal.<sup>13</sup>

A partir do dia 20 de Dezembro de 1999, com o retorno de Macau à soberania chinesa, o nome do edifício passou a ser “IACM - Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais”, cabendo-lhe o papel de gestão administrativa da cidade de Macau, e sendo os seus membros nomeados pelo governo de acordo



**PATRIMÓNIO CULTURAL**

**CULTURAL HERITAGE**

com o que se estabelece na Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau e em consonância com o princípio de “um país dois sistemas”.

**3.2. EDIFÍCIO DO LEAL SENADO DE MACAU (ACTUAL IACM)**

O período fundacional do edifício do Leal Senado corresponde aos primeiros 200 anos da sua existência, entre 1584 e 1784,<sup>14</sup> período em que a cidade cresceu intramuros.

No século XIX iniciou-se a expansão extramuros indo até à fronteira com a China, bem como a extensão do território, à custa de aterros.

A literatura existente confirma a existência de edifícios sólidos feitos para durar muito tempo, como seria o caso dos mais representativos, onde se incluía o edifício do Senado.

Comprovam-no os mapas militares existentes, que também serviam como instrumentos de planeamento.<sup>15</sup>

Ao longo do tempo, devido às incertezas climáticas onde por vezes os tufões e os incêndios geravam grandes destruições, o edifício do Leal Senado conheceu diversas configurações em que se foram espelhando diferentes pulsões que tinham a ver com resultados experimentados noutros pontos do reino, miscigenados com a introdução de características locais presentes nas relações do dia-a-dia com a comunidade e as autoridades chinesas.

Para esta análise iremos basear-nos no trabalho desenvolvido por Pinheiro, Francisco Vizeu, “Using a Comparative Method in the Analyses of the Evolution of the Macao Senate.”<sup>16</sup>

**Primeiro edifício**

No século XVI, o primeiro edifício seria formado pela composição de 3 corpos articulados em “U”, em torno de um pátio com um poço, acessível através de um portão decorado.<sup>17</sup>

Ainda hoje é visível a evidência arqueológica do pátio central.

Segundo Pinheiro, o desenho deste edifício seria baseado na tipologia dos solares aristocráticos portugueses existentes em Portugal e Goa, mencionando como exemplos a Quinta de Santiago, o Solar de Mateus, com pátio em “U”, ou o solar de Frias Manor e outras mansões em Goa.

**Segundo edifício**

Com início em 1784 e desenho do Pe. Patrício de San José, começou a erigir-se o segundo edifício no mesmo local, desta vez abandonou-se a ideia de pátio central e poço, surgindo um edifício de desenho rectangular com dois andares.<sup>18</sup>

Note-se que, e à semelhança do que acontecia noutros locais onde estava em curso a construção de edifícios municipais, esta nova construção era mais simples e directa apresentando no piso térreo as

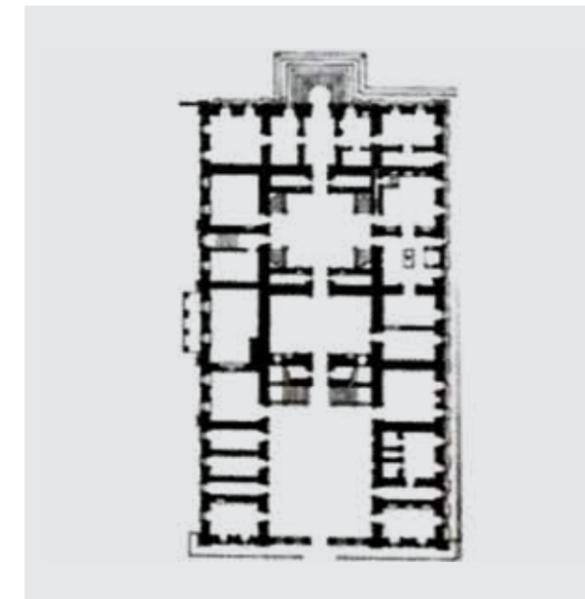
Reconstrução do edifício do Leal Senado em 1784. Desenho de Francisco Vizeu Pinheiro, in “Using a Comparative Graphic Method in the Analysis of the Evolution of the Macao Senate”, *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, Vol. 4 (1), 2005.



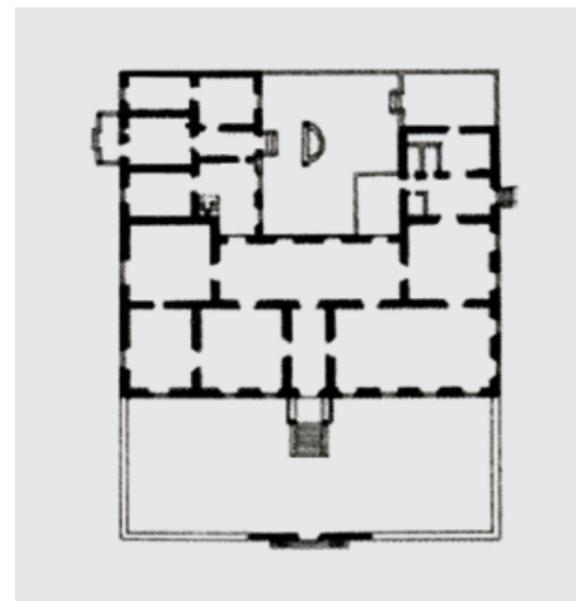
**TIPOLOGIA DOS SOLARES ARISTOCRÁTICOS PORTUGUESES EXISTENTES EM PORTUGAL E GOA.<sup>32</sup>**



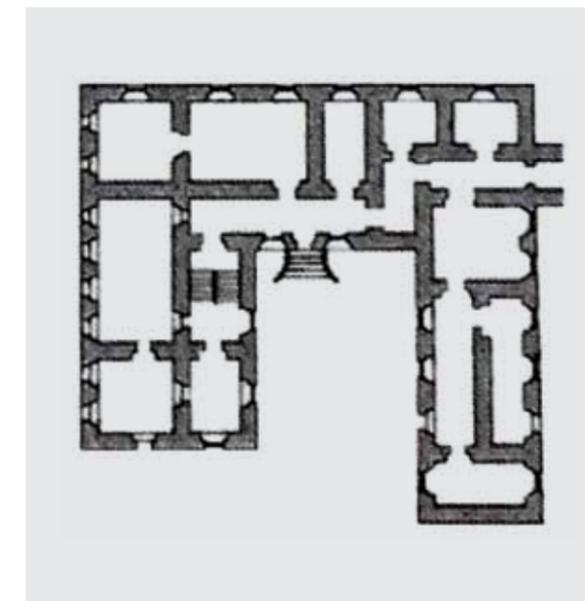
Portugal, séc. XVI, Quinta de Santiago, in Helder Carita e Homem Cardoso, *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal* (Porto: Civilização, 1999), apud Francisco Vizeu Pinheiro, “Using a Comparative Method in the Analyses of the Evolution of the Macao Senate”.



Portugal, séc. XVI, Solar Mateus, planta em U, in Helder Carita, *Palaces of Goa. Models and Types of Indo-Portuguese Civil Architecture* (Londres: Cartago, 1999), apud Francisco Vizeu Pinheiro, “Using a Comparative Method in the Analyses of the Evolution of the Macao Senate”.



Gondolim, Goa, séc. XVIII, Solar dos Frias. Desenho de Francisco Vizeu Pinheiro com base em mapa antigo representado in Helder Carita e Homem Cardoso, *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*.



Casa de Goa, séc. XVIII. Planta em U. Desenho de Francisco Vizeu Pinheiro, com base planta representado em Heta Pandit, Annabel Mascarenhas, *Houses of Goa* (Goa: Architecture Autonomous, 1999).

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



áreas administrativas, onde estava também incluída uma cadeia. No piso superior localizavam-se as salas reservadas às reuniões municipais.

#### Terceiro edifício

Um violento tufão em 1874 provocou inúmeros estragos na cidade, destruindo o edifício do Leal Senado, que teve de ser reconstruído.

O novo edifício surge em 1876, como indica a numeração romana que em lintel de pedra ostentava por cima do pórtico de entrada MDCCCLXXVI.

Segue um desenho neoclássico similar a outros construídos na mesma época, quer em Portugal, quer na Europa, e possuía um frontão triangular na parte central que se sobrepunha a janelas com arcada superior.

#### Quarto edifício

Novos tufões, em 1936 e 1937, danificaram o edifício e conduziram à sua reconstrução parcial com início em 1939.

Exteriormente, as alterações não foram muito visíveis: na fachada principal, os arcos das janelas superiores foram substituídos por frontões triangulares e, devido à existência de térmitas, a cobertura em telha foi substituída por um terraço.

No interior, as alterações foram mais significativas, obedecendo ao desenho de Gastão Borges, que era na altura o director das Obras Públicas.<sup>19</sup>

Os motivos usados na decoração obedecem à ideologia do Estado Novo. Em 1940, por altura da comemoração da Restauração da Independência, o interior do vestíbulo principal do edifício foi revestido a azulejos e, no pátio interior ajardinado, foi colocada uma esfera armilar.

Este pátio interior transformado em jardim foi de algum modo “fechado” com a introdução de dois corpos laterais em semicírculo para serviços, rematados por um quarto corpo administrativo que, assim, conforma o pátio.

O pequeno jardim, com 290 m<sup>2</sup>, baseia-se nos antigos jardins-pátio de Macau, que são, por sua vez, inspirados nos jardins de Portugal e de Goa.

Vemos, através deste percurso, como o edifício do Leal Senado foi evoluindo ao longo do tempo, adoptando no seu desenho e reconstrução as correntes

O edifício do Leal Senado tal como se apresentou de 1876 a 1938.  
In Sérgio Infante *et al.*, *Cem Anos que Mudaram Macau*. Catálogo de exposição.  
(Lisboa: Missão de Macau em Lisboa, 1997).



Edifício do Leal Senado da Escadaria da entrada (Fotografia da autora 2015).



Pátio interior do edifício do Leal Senado (Fotografias da autora, 2015).



Pátio interior do edifício com o busto de Camões (Fotografia da autora, 2015)

e decisões da época, veiculadas através da Coroa Portuguesa, passando de um local de decisão onde os “homens bons” ou “filhos da terra” geriam os destinos da cidade, até ao edifício municipal mais ligado a funções administrativas, que permanece hoje em dia.

Depois da transferência de soberania em 20 de Dezembro de 1999 o edifício do Leal Senado passou a denominar-se Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. Aloja nas suas dependências alguns serviços administrativos (maioritariamente os serviços municipais estão localizados nas imediações) e partilha com os cidadãos a sua história através da abertura ao público de salas de exposições e galerias nos pisos térreos, completadas com uma excelente biblioteca pública no piso superior.

### 3.3. PRAÇA DO LEAL SENADO DE MACAU

A Praça do Leal Senado, fronteira ao edifício do Leal Senado desde os seus primórdios, reúne ainda hoje os edifícios públicos que a configuravam no século XVI, aos quais acresceram alguns outros que encontraram justificação na centralidade do sítio.

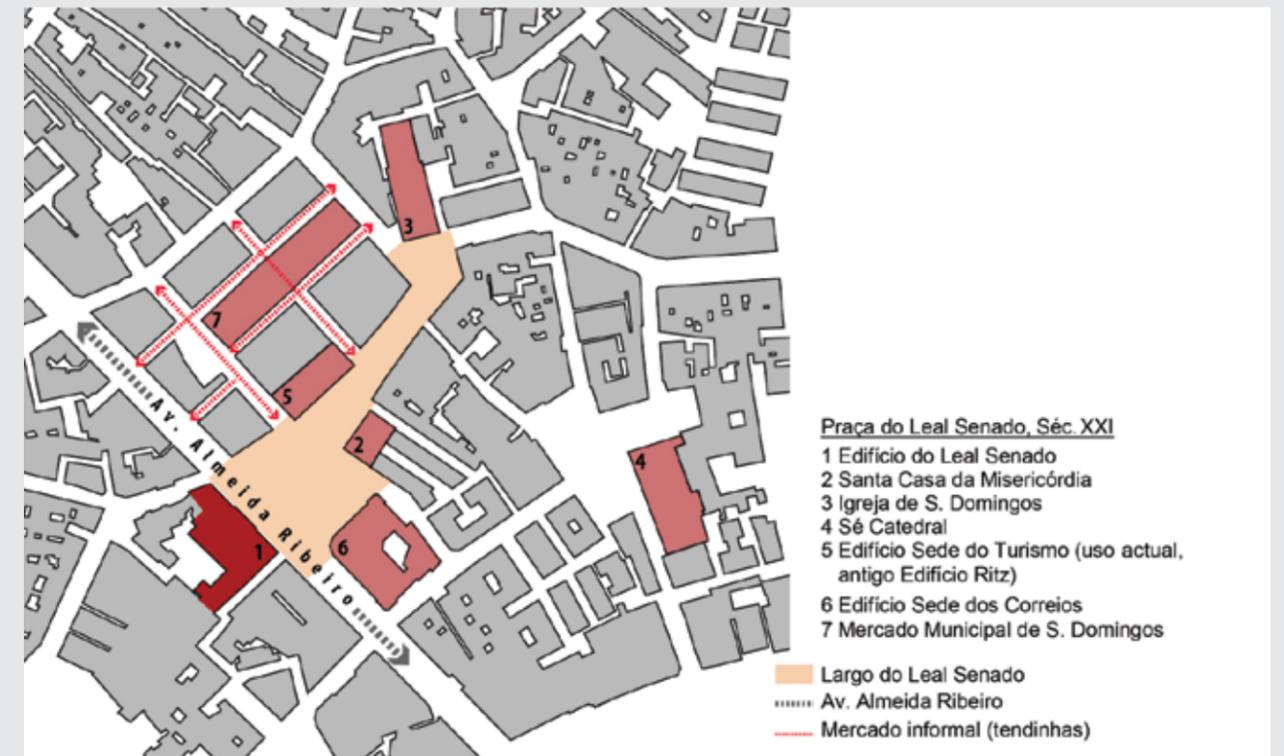
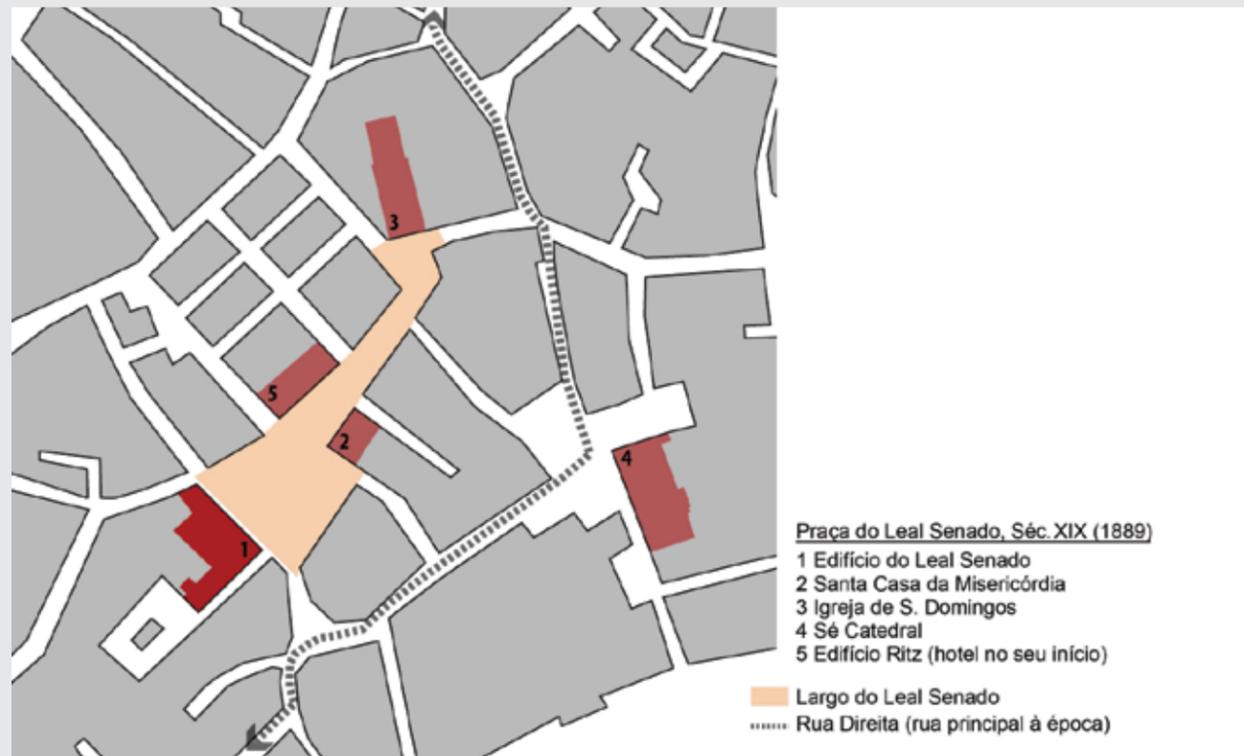
Um esquema elucidativo evidencia o desenho da Praça ao longo dos seus 4 séculos de existência, destacando as alterações sofridas nos alinhamentos, sem perder a configuração original.

A Avenida de Almeida Ribeiro, aberta em 1915, por Pinto de Miranda Guedes, na altura director das Obras Públicas, recebeu o nome do antigo ministro das colónias que sancionou a sua existência, e passou a constituir um importante elemento urbano de



PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



A Avenida de Almeida Ribeiro, ca. 1925. In Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, *Álbum Macau - Memória da Cidade* (Macau: Livros do Oriente, 2005).





Vista aérea da Praça do Leal Senado com a localização dos principais edifícios que a compõem e configuram (Montagem da autora sobre fotografia aérea, 2015).



Panorâmica actual da Praça do Leal Senado (Fotografia da autora, 2015).

interligação do edifício e praça do Leal Senado às restantes zonas da cidade que se encontravam em expansão, vindo a substituir a Rua Direita em termos de importância para a vida cidadina.

Tendo, por um lado, num dos seus extremos o Porto Interior, a ligação ao Bazar chinês e à China propriamente dita, e no outro extremo o Porto Exterior do Rio das Pérolas aberto à expansão, à internacionalização e ao futuro, rapidamente se tornou um importante eixo de desenvolvimento com inúmeros estabelecimentos comerciais, o que contribuía para uma enorme afluência de cidadãos e, também, de visitantes.

A existência desta avenida cortando a relação directa entre o edifício do Leal Senado e a Praça que lhe é fronteira afectou a ligação existente, designadamente a partir de meados do século XX com a maior afluência do tráfego automóvel.



1. Edifício e Praça do Leal Senado (Fotografia da autora, 2015).



2. Santa Casa da Misericórdia (Fotografia da autora, 2015).

Contudo, o facto de ser uma avenida interligando dois polos da cidade: o Porto Interior e o Porto Exterior veio a gerar fluxos e movimentos com ligação aos serviços terciários que confluíam na zona, mantendo e reforçando a centralidade que a Praça do Leal Senado possuía.

Actualmente a Praça engloba o edifício da Misericórdia, o edifício dos Correios, o Mercado Municipal, o Turismo de Macau (que ocupa o antigo Edifício Ritz), ficando a Sé de Macau nas imediações. Restaurantes típicos da culinária local e a Livraria Portuguesa, entre outros estabelecimentos comerciais, completam um leque de ofertas que inclui as célebres “tendinhas” junto ao mercado, tão típicas do bazar chinês.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



3. Igreja de São Domingos (Fotografia da autora, 2015).



4. Sé Catedral (Fotografia da autora, 2015).



5. Edifício Sede dos Serviços de Turismo, Antigo Edifício Ritz (Fotografia da autora, 2015).

O Largo da Praça, revestido a Calçada Portuguesa, testemunha a aproximação cultural entre o Oriente e o Ocidente e é palco de acontecimentos de índole política, religiosa, social e cultural que atestam a sua versatilidade e permanência, mantendo-se como o local de eleição dos cidadãos e visitantes, com uma centralidade única que o passar dos anos tem acentuado. **RC**

**Nota da Autora:** Artigo baseado no trabalho desenvolvido em IP1-Processos e Territórios da Expansão Colonial Portuguesa, DPIP3, CES-Universidade de Coimbra, Maio 2015.



6. Edifício Sede dos Correios de Macau (Fotografia da autora, 2015).



7. Mercado informal "Tendinhas" (Fotografia da autora, 2015).

## NOTAS

- 1 Luísa Trindade, "Casas da Câmara ou Paços do Concelho: espaços e poder na cidade tardo-medieval portuguesa", in Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo (coord.), *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*, p. 209.
- 2 *Ibidem*, p. 211.
- 3 *Ibidem*, p. 223.
- 4 *Ibidem*, p. 224.
- 5 *Ibidem*, p. 220.
- 6 Rubenilson Teixeira; Edja Trigueiro, "A Praça, a Igreja e a Casa de Câmara e Cadeia. Símbolos, usos e relações de poder". *Mneme Revista de Humanidades*, vol. 9, no. 24, 2008, p. 91.
- 7 *Ibidem*.
- 8 Luísa Trindade, "Casas da Câmara ou Paços do Concelho: espaços e poder na cidade tardo-medieval portuguesa", p. 224.
- 9 Francisco Vizeu Pinheiro, "Using a Comparative Graphic Method in the Analysis of the Evolution of the Macao Senate". *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, May 2005, p. 1.
- 10 *Ibidem*, p.2
- 11 Charles Boxer, *O Senado da Câmara de Macau*. Macau: Leal Senado de Macau, 1997, p. 111.
- 12 Francisco Vizeu Pinheiro, "Using a Comparative Graphic Method in the Analysis of the Evolution of the Macao Senate", p. 2.
- 13 Avelino Rosa, *Os Municípios em Macau*, p. 200.
- 14 Francisco Vizeu Pinheiro, "Using a Comparative Graphic Method in the Analysis of the Evolution of the Macao Senate", p. 3
- 15 *Ibidem*.
- 16 *Ibidem*, p. 2
- 17 *Ibidem*.
- 18 *Ibidem*, p. 6.

## BIBLIOGRAFIA

- Bethencourt, Francisco; Ramada Curto, Diogo. *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- Boxer, Charles. *Portuguese Society in the Tropics. The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda, 1510-1800*. Madison and Milwaukee: The University of Wisconsin Press, 1965.
- Calado, Maria; Mendes, Maria Clara; Toussaint, Michel. *Macau: Cidade Memória no Estuário do Rio das Pérolas*. Macau: Governo de Macau, 1985.
- Coelho, Beltrão. *Leal Senado de Macau: Esboço de Um Eifício / A Sketch of the Building*. Macau: Leal Senado, 1995.
- Darwin, John. *Ascensão e Queda dos Impérios Globais 1400-2000*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- Freitas, Maria José, "Património e Futuro em Macau", in Ana Maria Amaro (coord.), *Estudos Sobre a China V*, Vol. II. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2003.
- Loureiro, João. *Postais Antigos de Macau*. Lisboa: Fundação Jorge Álvares, 2005.
- Newitt, Malyn. *Portugal na História da Europa e do Mundo*. Alfragide: Texto Editores, 2012.
- Pinheiro, Francisco Vizeu. "Using a Comparative Graphic Method in the Analysis of the Evolution of the Macao Senate", *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, Vol. 4 (1), 2005.
- Rosa, Avelino. *Os Municípios em Macau*. Macau: Livros do Oriente, 1999.
- Saraiva, Margarida; Quadros, Tiago. "O Leal Senado de Macau (1784-1874). A cidade num edifício", *Macau*, 4.ª série, n.º 35, 2013.
- Teixeira, Rubenilson; Trigueiro, Edja. "A praça, a Igreja e a Casa de Câmara e Cadeia. Símbolos, usos e relações de poder". *Mneme Revista de Humanidades*, vol. 9, no. 24, 2008.
- Trindade, Luísa. "Casas da Câmara ou Paços do Concelho: espaços e poder na cidade tardo-medieval portuguesa", in Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo (coord.), *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*. Braga: CITCEM Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2012, pp. 209-227.
- , "Um bom e fermoso paço do concelho' no 'milhor e mais nobre lugar da uila'", in APHA (org.), *IV Congresso de História da Arte Portuguesa: Homenagem a José Augusto França*. CD.
- Sítios Consultados**  
<http://caderno-do-oriente.blogspot.com/>  
<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:CamaraVereadoresSalvador.JPG>  
<http://www.cm-estremoz.pt>  
<http://cronicasmacaenses.com/>  
<http://fotos.sapo.pt/antoniolouro/fotos/?uid=mKOszvusPIQOGLbz6EhP&aid=23>  
<http://macauantigo.blogspot.com/>  
<https://macaostreets.iacm.gov.mo/p/parish1/detail.aspx?id=305adb1a-b039-4e6c-b702-5081d376a2bc>  
<https://nenotavaicontra.wordpress.com/>  
<http://www.panoramio.com/user/2716825/tags/Estremoz>  
<http://portugal-virtual.webnode.pt/monumentos>

製監堂壁郵街度便能飛仔迷門澳在設廠造製號四十前廟公康門澳行發總

鴨標鴨湖莊莊鴨標  
DUCK BRAND  
REG. TRADE MARK

門 澳

隆 益

LOONG  
YICK  
FIREWORKS CO.  
MACAU

五色電光吐珠响炮

CAUTION-EXPLOSIVE  
Lay On Ground Light Fuse - Get Away  
Use Under Adult Supervision  
For Outdoor Use Only

MADE IN CHINA & PACKED IN MACAU  
(Contents 50mg Explosive Powder Per Cassette)

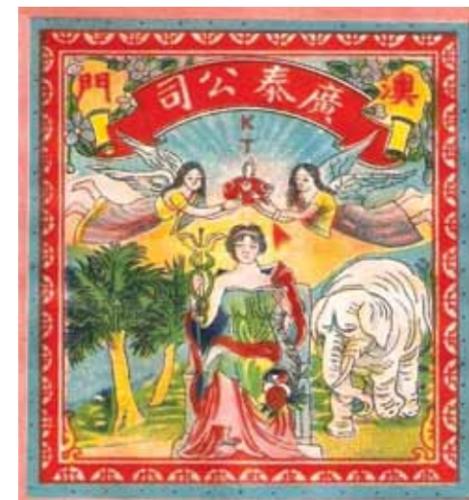
HEAD OFFICE Nº 14 RUA MIGUEL AIRES MACAU FACTORY TAIPA MACAU MANUFACTURED BY MR. TANG BICK TONG



## O Património Industrial de Macau (até 1999)

### Estudo das Fábricas de Panchões

VÍTOR TEIXEIRA



\* Doutorado em História pela Universidade do Porto, com Pós-doutoramento em Teoria das Artes na Universidade de Roma La Sapienza e na Universidade Católica Portuguesa (Porto), é investigador no Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes desta última. É Professor Auxiliar na Universidade de S. José, Macau, e na Universidade Católica Portuguesa (Porto).

Ph.D. in History from Oporto University, with Post-doctorate in Theory of Art at the University of Rome La Sapienza and Catholic University of Portugal (Porto). He is researcher at the Centre for Research on Science and Technology of Arts at the same university in Portugal. He is Assistant Professor at the University of St. Joseph in Macao, and the Catholic University of Portugal (Porto).

#### NOTAS SOBRE A INDÚSTRIA EM MACAU

Último quartel do século XIX. A pacata colónia portuguesa de Macau acordava todas as manhãs como uma aguarela de Chinnery. Tranquila, plácida, recortada pela fachada das casas europeias e pelas torres sineiras das igrejas e capelas, velas de juncos e pequenas embarcações enxameando entre os braços do rio da Pérola. As ruas palmilhadas de um formigueiro humano que se adensava, os sinos tangendo para as missas, os incensos queimando nas portas e templos, uma cidade que despertava. Não muito grande, a cidade. Mas, apesar dessa atmosfera bucólica de um inspirador remanso luso-chinês, a cidade, no seu pulsar, nas ruas e recantos, era buliçosa, activa, animada. Nas ruas como nos interiores. Onde se lançavam as bases de uma insípida industrialização que se tornaria em algo consistente e lucrativo com o tempo. O tempo de Macau, naquele tempo. Pacato na aparência, dinâmico na realidade, no quotidiano. Do outro lado do rio das Pérolas, uma cidade nascia, pujante, intrépida, fadada para um futuro que se confirmaria brilhante: Hong Kong. Mas Macau nunca adormeceu na alvorada do dia. E a indústria, ainda que em moldes locais e com idiossincrasias próprias, marcou o devir do território, ligando o passado com o futuro e criando as bases materiais para o renascimento económico de Macau, já bem depois da Guerra do Pacífico. Porque Macau nunca adormeceu.

O desenvolvimento comercial e marítimo em Macau, no último quartel de Oitocentos, estimulou as autoridades a incrementarem a industrialização do território. Assim, podemos dividir o desenvolvimento industrial de Macau em três etapas<sup>1</sup>: primeira industrialização (1890-1950); indústria ligeira para exportação (1960-1980); deslocalização para a China (Zhuhai) (até 1999 e *a posteriori*). As duas primeiras fases poderão mesmo assumir-se como uma só, do ponto de vista dos produtos maquinofacturados, do carácter artesanal e da persistência de técnicas e até conceitos artesanais, além do enquadramento social e económico, tipo de gestão e património industrial. Todavia, alheados da participação no governo do território, a comunidade chinesa não deixou de ter o protagonismo no investimento e desenvolvimento industrial em Macau, com impulso e empreendedorismo, mas também sem as taxas aduaneiras dos mandarins e autónoma em relação ao sistema comercial de Cantão.

## PATRIMÓNIO CULTURAL



Na China, nessa altura, à medida que o século XIX terminava, assistia-se à introdução de novos conceitos industriais do Ocidente, os quais se combinavam com as ancestrais tradições manufactureiras chinesas, em cidades como Cantão, Xangai, Nanquim ou até a emergente Hong Kong. Macau não fugiu a esses ventos do Ocidente, à sua fusão com as tradições artesanais chinesas. Toda uma classe industrial chinesa despontou então, com capital e experiência, *know-how*, desejosa de criar relações económicas com o Ocidente. O território de Macau pontificava aqui como uma mais-valia, pela sua tradicional e importante relação com os mercados ocidentais. Muitos desses investidores chineses vieram então para Macau, para expandirem negócios, mas em parte também para fugirem às convulsões e conflitos políticos e militares na China.

Ligações abertas e fáceis com o Ocidente, segurança, paz, inexistência de taxas aduaneiras, autonomia económica, eis alguns dos factores de atracção de Macau para investimento industrial. Surgiram assim os têxteis e vestuário, mas também se deu um incremento e “modernização” das antigas actividades de construção naval e das pedreiras, da produção de óleo de ostra, dos incensos (*joss sticks*), fósforos e da pirotecnia. Nesta última, com grande peso cultural e histórico, assinala-se

o fabrico de fósforos, pivetes e, claro, dos panchões. Os panchões foram talvez a mais emblemática e singular das indústrias de Macau. Os têxteis e vestuário ganharam acima de tudo maior importância a partir da Guerra do Pacífico, até as actividades económicas dos casinos e turismo se imporem definitivamente na economia do território. Mas refira-se que chegaram a existir 183 fábricas no território, nos anos 70, tendo gerado nessa década c. 900 milhões de patacas de lucros em exportações, atingindo o auge na década de 80, até 1991, dir-se-ia, quando existiam mais de 880 fábricas, com várias delas empregando cada uma mais de 500 trabalhadores. Lucros elevados, empregabilidade alta, mas a concorrência de outras indústrias, novas como antigas, outras actividades económicas também, além das deslocalizações de unidades fabris e a concorrências de outros países, como a própria China, bem como os salários pouco atractivos, ditaram o declínio dos têxteis ao longo dos anos 90, fechando-se fábricas atrás de fábricas. Mas a economia industrial de Macau manteve-se, embora não tenha sobrevivido muito para além do apagamento dos têxteis. Mas falámos da existência de outras indústrias concorrenciais dos têxteis, novas como mais antigas, mas geradoras de lucros e atraindo mão de obra, investimentos. Uma delas, histórica, sobrevivente, importante, culturalmente referencial, já referimos, eram os panchões.

#### OS PANCHÕES EM MACAU. TRADIÇÃO E MEMÓRIA DE UMA INDÚSTRIA

A primeira fábrica de panchões em Macau data, ao que parece, de 1880. Na primeira metade do século XX, os panchões eram, já, de facto uma das principais actividades económicas de Macau, a par da pesca, por exemplo. Foi grande o impulso dos panchões na economia do território, como o foi no aspecto social, com benefícios para a população, principalmente os operários chineses e respectivas famílias. Negócio rentável, ocupou milhares de postos de trabalho. Numa população de cerca de 100 000 habitantes, até à Guerra do Pacífico, foi provavelmente a indústria mais empregadora, antes da concorrência dos têxteis.

Em 1910 sabe-se que já existiam sete fábricas em laboração. No ano de 1923 instalou-se na Taipa, a fábrica Kwong Heng, na estrada de Cheong Sa, tendo entrado nas autoridades militares da ilha mais três

requerimentos para instalação de novas fábricas de panchões. O que se pode ler como uma demonstração do fomento crescente desta indústria. Foram aprovadas as petições, mas apenas depois de salvaguardada a segurança das populações residentes, um imperativo associado a esta indústria considerada perigosa. Uma das licenças foi concedida a Tang Pec Tong, que a instalou nas cercanias do templo de San Pou, adquirindo alguns edifícios em ruínas nas redondezas e juntando parcelas na zona envolvente, não longe da rua Nova, perto da Vila da Taipa. Baptizou então a fábrica com o nome de “Iec Long”. 1923 fica pois marcado como o ano da entrada das fábricas de panchões na Taipa, cerca de 35 anos depois das primeiras na Península de Macau. A Taipa, menos povoada, defendida por elevações de

terreno e arvoredos espessos, com o mar sempre perto (então...), oferecia condições de segurança superiores a Macau, mais densamente urbanizada e cada vez com menos espaços verdes, sem tantos recursos hídricos ou áreas virgens em termos de implantação urbana. A florestação das ilhas da Taipa e Coloane (introdução da *Ficus Rumphii BI*, originária da Índia) oferecia ainda mais atractivos para estas fábricas lucrativas por ali se instalarem. As mesmas fábricas de panchões foram, na verdade, um dos principais estímulos à florestação das ilhas com aquelas espécies arbóreas, que se tornaram referentes botânicos no território.

Em 1932, entretanto, a produção de panchões pontuava já entre as mais importantes indústrias em termos de produção e lucros, mesmo em efectivo

Organização da fábrica Iec Long: 1. Porta e muro de protecção da fábrica; 2. Parte administrativa e área de recepção de encomendas/pacotes; 3. Armazém para produtos não inflamáveis, como fogos de artifício hexagonais; 4. Área de distribuição de papelão; 5. Templo de Lei Cheng; 6. Armazém para produtos não inflamáveis, como papelão, cola, etc.; 8. Oficina de montagem das mechas nos panchões; 9. Oficina mecânica de mistura de pólvoras; 10. Oficina manual de mistura de pólvoras, com eirado exterior de secagem dos produtos; 11. Área de produção e corte das mechas (rastilhos ou *starters*); 12. Oficina de inserção de pólvora em caixas contedor, um espaço altamente perigoso na fábrica; 13. Área de adição de cola nas mechas/rastilhos; mais tarde residência e escritórios; 14. Canal; 15. Lago; 16. Rastilhos/*Starters* de “pó amarelo” e “contactos”; 17. Área de compactação de cartuchos de papel; 18. Estábulo; 19. Vacas; 20. Arrecadação de pólvoras misturadas; 21. Lado Norte da demolida Avenida Olímpica; 22. WCs; 23. Fabrico de rastilhos/mechas. Planta amavelmente cedida pelo Arq. Francisco Vizeu Pinheiro.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

de mão-de-obra, destinando-se maioritariamente à exportação. Entre 1930 e 1932, quatro novas concessões de fabrico de panchões foram autorizadas, na rua do Campo, em Macau, num contexto de malha urbana mais densa e habitada. E, logo depois, outras duas mais, a segunda das quais em 1936 na Taipa, não muito longe da Iec Long. O senhor Tang Pec Tong recebeu, nesse ano, entretanto, uma concessão para mais cinquenta anos de actividade na Iec Long, adicionando terrenos sucessivamente ao perímetro da fábrica, sempre em expansão. Como o negócio dos panchões, aliás, que conhecia novas marcas e fábricas, mais actividade, mais empregabilidade.

As fábricas achavam-se em lugares afastados da cidade, em terrenos mais ou menos isolados nas primeiras décadas de Novecentos, como a Kong Heng Long, na parte Norte de Macau (actual Av. de Sidónio Pais). A maior de todas as fábricas, todavia, a famosa Kong Hin Tai, situava-se na ilha da Taipa, isolada da

vila homónima. Estava dotada de boas condições de segurança e de trabalho, com grande capacidade de produção, na ordem dos sete milhões de panchões diários, empregando um milhar de operários. Por aqui calcule-se a produção e empregabilidade deste sector. Depois virá a mais famosa das fábricas, a Iec Long, na Taipa, hoje abandonada mas a única que apresenta ainda o conjunto edificado mais "intacto". Chegou a empregar mais de 600 operários, no seu apogeu nos anos 60/70, quando esta indústria começaria a declinar.

Nos anos 30/40 iniciou-se um abrandamento da actividade, com a Guerra do Pacífico (Segunda Guerra Mundial), em latência primeiro, perante a ameaça nipónica e uma diminuição do "consumo" de panchões, em virtude da ocupação gradual da China e do estado de guerra que se manifestava cada vez mais. Depois da Guerra, dramática em Macau (apesar de ter sido território neutro, mas cercado e estrangulado pelos japoneses), o negócio dos panchões poderemos

afirmar que "explodiu" no território, pois foi proibido na China (a partir de 1949) e também em Hong Kong, aumentando o carácter quase exclusivo do fabrico daqueles artificios pirotécnicos na Cidade do Nome de Deus e suas dependências. O número de fábricas em Macau enxameou, apesar dos acidentes. Mas, cerca de duas décadas depois, abrandaria.

Em 1960 já só existiam apenas dez fábricas. Desde fins da década de 50 que a indústria registava, com efeito, um certo arrefecimento. A nova indústria de Macau, o jogo, os casinos, o turismo, viriam tomar conta progressivamente do território, começando a enfraquecer algumas indústrias tradicionais, ainda que algumas, como os têxteis, ainda estivessem com relativa pujança.

A primeira comissão de estudos do património de Macau data desse ano de 1960: curiosamente, "esqueceu-se" das fábricas de panchões, como sucessivamente acontecerá, em sede de outras comissões. Os anos 60, da Revolução Cultural Chinesa, afectariam também algumas das antigas tradições chinesas, como é o caso dos panchões. A par dessas transformações políticas e sociais, registou-se o incremento urbanístico da ilha da Taipa, nessa década como nas vindouras, potenciado pela abertura da primeira ponte, "Governador Nobre de Carvalho", em 1975, a qual provocou a atracção de mais locatários para a Taipa, com mais urbanizações. Os terrenos arborizados e imensos das fábricas de panchões estavam mesmo ali à mão, inactivos, livres, oferecendo espaço de construção e especulação imobiliária, a par dos aterros que se consolidavam por todo o lado. Nos anos 80, uma a uma, as fábricas parariam a sua produção, fechando, deixando esqueletos em pedra e alvenaria, betão, para serem devorados pelos camartelos do progresso urbanístico, da ávida ocupação dos poucos espaços livres.

Na década de 1990, a indústria dos panchões praticamente acabou em Macau, a exemplo do que sucedeu na emblemática Iec Long, na Taipa.

Recordemos ainda na história desta indústria os incêndios e explosões que deixaram marcas na cidade e nas ilhas, mas também em alguns edifícios das antigas fábricas que ainda hoje subsistem, a maioria parcialmente, as quais urge preservar, património industrial que importa conservar e enquadrar na memória do território, antes que se transformem em soluções construtivas que em nada têm a ver com o passado industrial. Além do património material,



Fábrica no Porto Interior. Um icone desta zona. O edifício resistiu até aos nossos dias.



importa salientar a importância imaterial e de memória desta indústria na população de Macau, pois boa parte desta vivia essencialmente da indústria de panchões e da pesca, além das pedreiras e estaleiros em Coloane. Os panchões, por si mesmos, eram de facto um dos principais produtos de exportação do território para as comunidades chinesas espalhadas pelo mundo, a partir da produção das várias fábricas de panchões, entre as quais se destacam a Iec Long e a Kwong Hing Tai.

As exportações de panchões representavam, na sua época de produção, uma generosa entrada de divisas na economia de Macau, na qual tinha forte peso. Eram exportados via Hong Kong para o principal importador, os EUA. Austrália, Singapura e Canadá eram outros importadores assíduos dos panchões *made in* Macau, além das comunidades chinesas ultramarinas no Sudeste Asiático.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

**PROCURATURA DOS NEGÓCIOS SINICOS**

**EDITAL**

O bacharel Antonio Marques da Oliveira, procurador dos negocios sinicos, por Sua Magostada Fidelissima que Deus guarde, etc.

Faço saber que os chinas Li-On-Iun, e Leong-Von-Hin requereram licença para fundar na casa n.º 4 sita no Tanque dos Mainatos um estabelecimento de *pan-choens*, o qual na tabella annexa ao reg. de 21 de outubro de 1863 é comprehendido na 1.ª classe como perigoso de explosão e incendio. Nos termos do art. 6.º do mesmo decreto são convidados as auctoridades publicas, chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamarem por escripto no prazo de 30 dias, perante esta procuratura, contra a referida fundação, não podendo allegar outro fundamento que não seja o interesse da saude publica, o segurança individual e da propriedade ou o incommodo dos vizinhos.

E para que cheque ao conhecimento de todos mandei affixar este nos logares publicos do costume.

Macau, procuratura dos negocios sinicos, 29 de novembro de 1881.

O procurador,  
Antonio Marques d'Oliveira.

大西  
洋  
欽  
命  
澳  
門  
理  
事  
官  
辦  
理  
華  
政  
事  
務  
何  
為  
示  
知  
事  
案  
據  
李  
漢  
源  
梁  
旺  
賢  
稟  
求  
准  
在  
竹  
仔  
室  
第  
四  
號  
屋  
開  
設  
爆  
竹  
廠  
等  
情  
查  
一  
千  
八  
百  
六  
十  
三  
年  
十  
月  
廿  
一  
日  
章  
程  
附  
單  
內  
第  
一  
等  
款  
所  
言  
爆  
竹  
廠  
有  
惹  
火  
并  
轟  
炸  
之  
虞  
是  
以  
按  
該  
章  
程  
第  
六  
款  
示  
諭  
各  
官  
暨  
該  
廠  
司  
事  
人  
並  
關  
涉  
人  
等  
知  
悉  
如  
因  
所  
開  
爆  
竹  
廠  
有  
碍  
保  
存  
人  
命  
民  
人  
身  
家  
及  
該  
處  
鄰  
舍  
者  
自  
本  
日  
起  
限  
三  
十  
日  
內  
可  
赴  
本  
衙  
呈  
明  
除  
此  
外  
不  
准  
呈  
稟  
茲  
出  
示  
粘  
在  
常  
貼  
告  
示  
處  
特  
示

辛巳年 十月 初八日 示

Está conforme.

Pedro Nolasco da Silta,  
1.º interprete.

Edital publicado no *Boletim da Província de Macau e Timor* de 3 de Dezembro de 1881.

Mas as fábricas, contudo, foram fechando, uma a uma, até aos anos 80, quando praticamente desaparecem. A mão-de-obra diminuiu até ser impossível recrutar operários, atraída pela indústria têxtil e comércio, depois pelos casinos (maior segurança, melhores salários), além das alterações sociopolíticas dos anos 60 na China e em Macau. A concorrência da produção chinesa, avassaladora, ditou o declínio também.

## MAS O QUE É UM PANCHÃO?

Um panchão é um cartucho de pólvora revestido por papel de cor vermelha. Segundo a lenda, a sua queima/rebentamento produz um ruído ensurdecedor que afugenta um animal sobrenatural que tem como vício matar pessoas e gado no fim do Ano Novo Lunar chinês. Os panchões não são acesos com fósforos ou isqueiro mas sim com um pivete, ou seja, um pau de incenso, aceso, idêntico aos que são queimados nos templos ou à porta das casas.

A propósito do Ano Novo chinês e dos panchões, o *Glossário do Dialecto Macaense*,<sup>2</sup> trata também o termo “panchão”. Refere que poderá tratar-se de um neologismo formado a partir do termo chinês *bianpao* 鞭炮 (“cartucho de pólvora revestido por papel”). No *Dicionário Houaiss*, a palavra “panchão” é definida

como termo da pirotecnia e regionalismo de Macau, com o significado de “foguetes chinês queimado nas festividades, esp. no Ano Novo Lunar”, referindo ainda que vem do cantonense *pau-tcheong* 炮仗. Aquele dicionário atribui a primeira atestação do termo ao orientalista Monsenhor Sebastião Rodolfo Delgado, que o incluiu no seu *Glossário Luso-Asiático* (1919-1921). Também o grande sinólogo macaense Luís Gonzaga Gomes, na *Revista de Macau* de 1949, alude a “Panchong ou pauchong” como o “estalo da Índia”.

Até pelo menos ao *handover* de 1999, data extrema a que se reporta este trabalho, a queima de panchões era permitida em qualquer parte do território de Macau. Houve no entanto excepções, como no período relacionado com os eventos do chamado “1,2,3” em 1966, em que foram proibidos durante as convulsões. Mas a permissão viria a alterar-se, mercê das transformações socioeconómicas e políticas na China e em Macau.

Antes, todavia, registaram-se esforços de legislação em torno da segurança na produção e manuseamento destes artificios. Logo nos primeiros anos do século xx, nos alvares desta indústria em Macau, foi produzida regulamentação específica e, mesmo anteriormente, na zona do Bazar, foi também proibida a sua queima devido aos inúmeros incêndios que ali se desencadeavam em virtude da queima dos

panchões. Mas dada a sua importância como ritual, na cultura tradicional chinesa, a proibição quase nunca foi devidamente observada.

Em vários anúncios no Território se chamava à atenção para a segurança no uso dos panchões, com alertas como “Não conservar os panchões acesos na mão”,<sup>3</sup> já desde os anos 60. Para essa década pode-se considerar uma inovação, ou precocidade, em termos de segurança e preocupação com os consumidores e utilizadores de panchões. Os acidentes foram sempre frequentes, no uso desta arte pirotécnica, provocando mutilações ou ferimentos, não apenas feios mas até graves.

Ainda assim, os “estendais” de panchões a secar na rua foram mesmo, sempre, uma das marcas e postais de Macau ao longo do século xx, fosse na Taipa, nas Portas do Cerco, em frente ao emblemático Templo de A-Má, na Barra, ou em qualquer rua do território.

## COMO ERA UMA FÁBRICA DE PANCHÕES?

Tome-se o exemplo da Kong Hin Tai, talvez a maior das antigas fábricas de panchões.<sup>4</sup> À entrada, do lado direito do portão da fábrica, ficava a casa do guarda, onde se processava o registo de entrada/saída de trabalhadores e visitantes. No centro do amplo recinto aberto da fábrica – toda ela murada –, achava-se o lago, natural, em cujas margens estavam os depósitos de pólvora, os “paióis”. A preocupação com incêndios, acidentes e explosões era, de facto, grande, como se pode atentar na disposição do espaço da fábrica, que era mais ou menos comum a todas as unidades. Havia mesmo trabalhadores só para combate a fogos e explosões. Cada etapa da produção dos panchões exigia um edifício independente dos demais, de forma a reduzir riscos em caso de explosão. A água era abundante, bem como muitos eram os muros anti-explosão. Um canal ligando

Mulheres agrupando os panchões em forma de hexágono. In *Macau Memórias Reveladas – José Neves Catela* (catálogo de exposição produzido pelo Museu de Arte de Macau. Macau: Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau e Câmara Municipal de Macau Provisória, 2001).



## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE



Crianças pregando pregos de ferro para cobrir a extremidade do invólucro de panchões. In *Macau Memórias Reveladas* – José Neves Catela.

ao mar permitia a permanência de água, não apenas por segurança mas também para transporte embarcado. Também os templos existiam nestas fábricas, como o do deus Lei Chong, “mestre” da pólvora e inventor dos panchões.

Na preparação da pólvora só trabalhavam operários especializados e muito familiarizados com essa actividade. O menor dos atritos podia desencadear a pior das explosões, com efeitos devastadores. Em regra, eram 12 os operários nesta operação, executada em recintos separados por canais de água ou corredores totalmente isolados das demais dependências fabris, ou murados, para evitar desastres. Depois vinham os trabalhadores que misturavam as pólvoras. Trabalhavam sempre de tanga, fizesse frio ou calor, com as unhas das mãos e dos pés sempre totalmente rapadas, por segurança, para evitar quaisquer atritos fatais. Fumar era também proibido, como qualquer actividade que provocasse ou registasse combustões de qualquer tipo.

Depois de preparada a pólvora, esta era encaixada em invólucros previamente manufacturados, o que era executado em secção especial. Depois deste encaixe da pólvora, era enfiado o rastilho/mecha no invólucro. A extremidade do rastilho era então ligeiramente estrangulada na extremidade. Executada esta operação, os panchões eram transportados para a área de empacotamento, sendo aí acondicionados, Seguiam

depois para os armazéns, para daí serem vendidos ou exportados. Todas estas operações eram executadas em compartimentos separados por grandes paredes, com cerca de 1,2m de espessura, de forma a impedir danos noutras secções, em caso de explosões.

Apesar das precauções, o desastre sucedia, com perdas humanas ou ferimentos graves. As explosões na ilha da Taipa, por exemplo, recorda Leonel de Barros, eram ouvidas na cidade de Macau, tal a sua violência. Curioso será referir que estas explosões ocorriam normalmente às primeiras horas da manhã, quando os operários especializados executavam a mistura de pólvora com outros elementos, momento sensível e perigoso. Por isso, estes operários eram muito bem pagos, mas poucos eram os que queriam trabalhar nessa ocupação. Os operários das fábricas de panchões era melhor pagos, em média, que noutras indústrias, refira-se. Todavia, os operários que lidavam com pólvora eram difíceis de recrutar, tenso mesmo que se recorrer a captação na China Continental, embora, neste como noutros capítulos da história dos panchões de Macau, ainda falte um estudo científico de base que possa esclarecer acerca desta indústria. Já os trabalhos menos importantes ou menos sensíveis, mas envolvendo riscos sempre, recorde-se, eram executados por mulheres, raparigas, muitas vezes em idade infantil, que laboravam com grande rapidez de execução, o que explica, de certo modo, os elevados índices de produção diária e as altas fontes de receita desta indústria em Macau.

Mas as preocupações sociais e laborais eram apanágio, poder-se-ia afirmar, da indústria dos panchões em Macau. Além dos diversos depósitos de armazenagem de matérias-primas (enxofre, salitre, clorato de potássio, papel, pó de alumínio, etc.), além das áreas de produção e escoamento, etc., as fábricas possuíam também alojamentos para muitos dos trabalhadores, além de templos, vacarias, estábulos, para serventia do pessoal que trabalhava na fábrica, muitas vezes residente, como já se viu.

Conscientes do trabalho altamente perigoso dos seus funcionários, as entidades patronais proporcionavam também horas livres e descanso acima da média da indústria em Macau. Entre outras regalias, tinham direito a assistência médica na doença e hospitalização, em caso de acidente. Os encargos funerários das vítimas mortais de acidentes de trabalho corriam, normalmente, por encargo da entidade patronal, que concedia à família do defunto

uma pensão, em fracções mensais ou paga de uma só vez. Assim sucedeu, por exemplo, na sequência de uma enorme explosão em 25 de Setembro de 1954, que provocou oito mortos (cinco homens, uma mulher e duas crianças). Os feridos foram trinta (dos quais cinco crianças), recorda Leonel de Barros.

Com efeito, a falta de regras de segurança no fabrico deste tipo de material originou inúmeros acidentes e explosões ao longo da história, para além do relatado. No século XIX sabe-se que eram frequentes, mas as das décadas de 1930 e 1950 foram as mais dramáticas em termos de consequências. Em 30 de Dezembro de 1925 uma explosão fortíssima na fábrica

Toi San teve consequências dramáticas, pois provocou nada mais nada menos que 200 mortos, talvez mais de metade dos operários em laboração.

Na Iec Long, por exemplo, só nos primeiros 20 anos de história registaram-se dez acidentes, embora não se conheçam quantitativos de vítimas mortais ou feridos, embora provavelmente tenham sido consideráveis. Porém, apesar de todos estes riscos, os bombeiros na Taipa, por exemplo, apenas se estabeleceram em 1955. Sendo a Taipa uma ilha quase especializada, industrialmente, em panchões.

De referir que os trabalhadores dos panchões viviam separados do resto da sociedade, em vida, mas

Fábrica de Panchões Iec Long.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

também depois da morte, se por acidente. A superstição chinesa obrigava a enterrá-los separados, por muros, dos outros mortos, pois eram de nefasta influência...

De referir ainda que mulheres e homens trabalhavam separados, com divisões de tarefas precisas. Mas com a pólvora e suas misturas eram apenas os homens a manusear, tal como no seu transporte.

Só no final do século xx a situação melhoraria substancialmente, embora o fabrico estivesse em curva



descendente em Macau, inexoravelmente. As zonas de comércio e de rebrandamento, porém, passaram a estar separadas, por exemplo.

#### UMA MEMÓRIA A PRESERVAR: A FÁBRICA DE IEC LONG,<sup>5</sup> NA TAIPA

Taipa, “ilha dos portugueses”, chamam-lhe alguns. Noutros tempos, a localidade homónima era uma pacata vila luso-chinesa, de casario espreado margem sul da ilha, que já não existe. A Fábrica de Panchões Iec Long é uma das inúmeras fábricas de panchões dispersas pela “Ilha” da Taipa, que caracterizavam, até aos anos 80/90, a actividade económica do Território. Enquanto as outras fábricas se distribuíam pela ilha afastadas dos aglomerados urbanos, a Iec Long localiza-se no limite noroeste do núcleo original da Vila da Taipa, desenvolvendo-se ao longo da Rua de Fernão Mendes Pinto e da Rua Direita (ou de Carlos Eugénio), divisando a oeste com a povoação de Chong Su Mei.

O recinto da fábrica está implantado em aterros muito antigos e consolidados, que estabeleceram a ligação entre a Taipa Grande e a Taipa Pequena – a ilha que em tempos foi a Taipa era antigamente formada por duas ilhas, unidas desde finais do século XIX por aterros. O antigo núcleo da vila da Taipa, próximo da fábrica, situa-se na extremidade sudoeste da que então era a Taipa Grande.

O recinto da Fábrica de Panchões Iec Long ocupa uma área de aproximadamente dois hectares. Fica separado da rua por um muro em alvenaria de tijolo rebocada, em que, no troço que confina com a Rua Direita, é possível observar janelas rasgadas e entaipadas por grelhas de tijolo. Este muro é interrompido por dois edifícios mais altos, que têm igualmente um peso visual de muralha, com grande valor urbano, pela força da sua imagem e pela definição que empresta ao principal eixo viário da Vila.<sup>6</sup> A configuração espacial interna do perímetro da fábrica é em tudo idêntica ao que acima descrevemos como a tipologia de fábricas de panchões. Ocorrem dois edifícios de maior volumetria e outros de menores dimensões, adjacentes a estes, alguns dos quais são construções simples, quase todas muito degradadas, enquadrando uma área de “praça” a seguir à entrada.

As casas ditas “da pólvora” acham-se “alinhadas ou agrupadas em conjuntos quadrangulares, separados por grossos muros de taipa rebocada de secção

trapezoidal, como elementos de protecção contra explosões ou incêndios”.<sup>7</sup> O reservatório (ou lago), o canal de drenagem e os pequenos tanques junto dos edifícios são elementos identificativos da tipologia das fábricas de panchões facilmente identificáveis neste espaço edificado. O estado de conservação do imóvel pode ser considerado mau, ameaçando ruína definitiva. A consolidação de estruturas degrada-se dia-a-dia, com derrocadas pontuais. O muro que separa o recinto da rua é talvez a parte em melhor estado de conservação, tal como a portaria e casa do guarda. Em tudo o mais, a ruína ameaça.

#### CONCLUSÃO

Não foi ainda assim classificada, nem se encontra protegida totalmente pelo Governo de Macau, mas reúne condições para tal, pelo menos para evitar (ou adiar) o seu fim e transformação em negócio imobiliário. À luz dos critérios de selecção de património mundial da UNESCO, a Iec Long testemunha uma época, uma troca de influências nesse período, no desenvolvimento da arquitectura e da tecnologia, na planificação urbana, na criação de uma paisagem, não apenas industrial mas também natural. É um testemunho único, excepcional, de uma tradição cultural milenar, num espaço chinês sob administração estrangeira. Oferece ainda um exemplo único de um tipo de construção ou conjunto arquitectónico e tecnológico, de paisagem ilustrativa de um período significativo da

história industrial de Macau, provavelmente uma das maiores indústrias empregadoras do antigo império ultramarino português. É ainda exemplo de uma utilização tradicional de um território, representativo de uma cultura e da interacção humana com o meio ambiente. Meio esse que foi defendido pela presença desta fábrica e das suas congéneres, mas que a sua ruína ou desaparecimento podem vir a tornar vulnerável esse mesmo ambiente protegido por uma paisagem industrial única, podendo então sofrer uma mutação irreversível.

Podemos afirmar que a indústria, mesmo perigosa, como a dos panchões, pode ajudar a defender e preservar o meio ambiente, os espaços verdes, áreas sem edificado esmagador, em altura ou com impacto avassalador sobre a envolvente. A área verde em torno dos espaços industriais, como o demonstra a vetusta Iec Long, atesta a vitalidade desses pulmões verdes, também parte integrante da memória de Macau, singular e que urge preservar. Além desta fábrica, poderemos validar também a importância patrimonial dos armazéns ou edifícios de escritórios no Porto Interior, onde se assumem como marcos identitários importantes da traça urbanística e arquitectónica dessa zona vital da península de Macau, onde ainda subsistem, como se pode aferir na Almirante Sérgio, jóias arquitectónicas do passado, que urge salvaguardar e restaurar, adiar a morte de edifícios com um papel importante não apenas na vida matéria do território mas também na imagem e na semiótica de uma cidade. **RC**

#### NOTAS

- 1 Trigo de Sousa, *Regional Integration and Differentiation in a Globalizing China: The Blending of Government and Business in Post-Colonial Macau*. Tese de doutoramento. Universidade de Amesterdão, 2009, p. 209.
- 2 Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
- 3 Ver blog *Macau Antigo*, excelente repositório de informações sobre Macau. Cf. entrada “Panchões” (macauintigo.blogspot.com)
- 4 Recorde-se aqui Leonel Barros, *Tradições Populares: Macau*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), 2004.
- 5 Esta fábrica foi já devidamente estudada do ponto de vista patrimonial e do seu potencial de conservação e reabilitação, destacando-se os

- 6 trabalhos do arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro, a quem vivamente agradecemos a colaboração e informações para este estudo. Veja-se, assim, Francisco Vizeu Pinheiro e Georgina Costa (2005), “Yec Long Firework Factory A Chinese Relic Industrial Architecture”. *Hong Kong Institute of Architects Journal (HKIA)*, 41, 2005, pp. 52-63. Veja-se, do mesmo autor *et al.*, “Preserving Macao Industrial Heritage for a Sustainable Urban Future”, in *Proceedings of the 8th International Symposium on Architectural Interchanges in Asia*, Nov. 9-12, 2010, Kitakyushu, Japan, pp. 475-480.
- 7 Para mais, ver “Panchões” in macauintigo.blogspot.com, com acervo fotográfico antigo e actual.
- 7 *Ibidem*.

# The Death and Life of Shanghai's Alleyway Houses: Re-thinking Community and Historic Preservation

NON ARKARAPRASERTKUL\* AND MATTHEW WILLIAMS\*\*



## INTRODUCTION: SHANGHAI'S TRADITIONAL ALLEYWAY HOUSE

In the century following China's involuntary opening up as a treaty port to foreign powers following its defeat in the first Opium War (1839-1842), Shanghai, along with Hong Kong, Macao, and a few other of China's coastal cities, shared a similar quasi-colonial history. Although Macao's cultural interaction with westerners predated the rest by three centuries with the establishment of the Portuguese trade base in settlements in the mid-1550s, it was Shanghai that became known as the 'Paris of the East', flourishing as an industrial engine serving the colonial powers, as well as for its leisure businesses. The similarity among these quasi-colonial cities is the ubiquitous presence of western-styled (often

Figure 1: *Lilong* birdseye: A bird's eye view of new-style lilong housing in Weihai Fang, a compound located along the key shopping artery of Weihai Road. Unlike the British row houses whose the frontage of the house faces each other to share access way, the frontage of the lilong faced only the south, where the natural exposure to the sun could be maximized in order to accommodate the local residents' need for *fengshui*. Hence, the frontage of the row, then, had to face the back to the previous row. This blurred the line between the different functions of space, as the usage of the front (entrance) was different from the back (e.g., cooking and washing). Besides, since this orientation practically removed the sense of being front or back, it had brought a new meaning of public space unique to Shanghai as a whole. All photos and captions by Sue Anne Tay.

\* Global Postdoctoral Fellow at NYU Shanghai, and Fudan Fellow at the International Center for Studies of Chinese Civilization at Fudan University. His research interests lie at the crossroads of trans-disciplinary research between built environment and the social sciences. He has master's degrees in History, theory, criticism of Architecture, and Architecture and Urban Design from the Massachusetts Institute of Technology (MIT), in Modern Chinese Studies (specializing in History and Anthropology) from the University of Oxford, and in Social Anthropology from Harvard University where he is currently also a Ph.D. candidate in Anthropology.

*Investigador de pós-doutoramento na Universidade de Nova York Shanghai e no Centro Internacional de Estudos da Civilização Chinesa da Universidade de Fudan. Os seus interesses centram-se na encruzilhada da investigação transdisciplinar entre o ambiente construído e as ciências sociais. Concluiu mestrados em História, teoria, crítica de Arquitectura e Arquitectura e Urbanismo (Instituto de Tecnologia de Massachusetts, MIT), Estudos Chineses Modernos (Universidade de Oxford), e Antropologia Social (Universidade de Harvard) onde actualmente prepara o seu doutoramento em Antropologia.*

\*\* Completed his Ph.D. with the National Centre for Epidemiology and Population Health at the Australian National University in 2010. Matthew's research interests encompass public health, transport, public space, happiness and sustainability in cities. A keen urbanist, he is particularly interested in investigating how cities in the 21<sup>st</sup> century can deliver a more balanced, sustainable and enriching quality of life, while minimising their impact on the environment.

*Concluiu o seu doutoramento no Centro Nacional de Epidemiologia e Saúde da População da Universidade Nacional da Austrália. As suas investigações envolvem saúde pública, transportes, espaço público, a felicidade e a sustentabilidade nas cidades. Urbanista empenhado está particularmente interessado em estudar como as cidades do século XXI podem oferecer uma qualidade de vida mais equilibrada, sustentável e enriquecedora, minimizando simultaneamente o seu impacto sobre o meio ambiente.*

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

referred to colloquially as 'colonial') urban planning and architecture that dominates the city landscapes, and the co-existence of Westerners and predominantly ethnic Chinese residents. Old photographs, drawings, paintings, and numerous memoirs of western visitors show the hybrid urban characteristics of 'east meets west'. With different economic trajectories, however, the processes of urban change in the two cities diverged significantly. Shanghai was a city that would soon re-emerge as a metropolis and grow into a megalopolis and global city on an unprecedented scale, especially during the two decades following the economic reform and opening up (*gaige kaifang*) between the early 1980s and the early 2000s. Today, Shanghai is China's largest city with its 24 million residents and counting. Dominated by skyscrapers, the city's skyline is a pre-eminent symbol of modernity.<sup>4</sup>

Since the first Opium War, Shanghai has been one of the most convenient points of access for foreign goods, and a site of export of China's products. The British were the first to arrive in Shanghai in the mid-1840s, and, through Western-style urban planning, created a well-functioning city to accommodate the treaty port's commercial activities. By way of the then newly-created 'Land Regulations of 1845', the British imposed new comprehensive planning policies upon the hitherto organically grown, medium-sized market town.<sup>5</sup> Due to Shanghai's flat geography, a grid structure was conveniently imposed which became the basis of land division and property investment in the bounded territory called the International Settlement. Both

Figure 2: Cramped homes kitchens: An old resident cooks in a make-shift kitchen placed in the middle of a public corridor of an old apartment located blocks from Shanghai's Bund. The building was a former office and warehouse operated by the British in the early 20<sup>th</sup> century when Shanghai was divided into foreign and local concessions.



foreign industries and a local political uprising were the push forces, encouraging rural Chinese to migrate to the concession areas. Local labourers were hired to work in this bounded territory at a low cost, and the new form of housing introduced to accommodate the surge of migrant inflows and overcrowding were condensed replicas of traditional British row houses—a series of short-width houses joined by common sidewalls called the *lilong*. Between the row houses were small lanes providing access to each unit. There were no open spaces buffering these lanes, which automatically served as spaces for cooking, communal meetings, doing laundry, and so on. The name 'lilong' was used to describe the layout of the row houses—*li* means neighbourhood and *long* means lanes.<sup>6</sup> With the success of the first few units, the *lilong* neighbourhoods became the dominant form of housing in the city of Shanghai by the late 19<sup>th</sup> century, and were also later adopted as a housing practice in the French Concession, as well as in other parts of the International Settlement. At the peak of its commercial boom in the 1930s, there were more than 200,000 units of *lilong* houses in the city of Shanghai—which, according to the historian Hanchao Lu, comprised around three-fourths of the housing within the city, in which approximately eighty percent of the citizens resided.<sup>7</sup> These units housed around three million people. It was not until the early 2000s, about twenty years after the economic reform that brought about rapid change in China's economy, that a greater proportion of people in Shanghai were living in buildings other than the *lilong* houses, namely high and medium-rise apartments.

After the Chinese Communist Party (CCP) declared its victory over the Nationalist Party in 1949, the entire *lilong* housing stock was confiscated and re-distributed among the local residents and workers of varying political and income classes who were assigned into a single unit. These residents and workers would live there until the neighbourhoods were torn down in the decades to come.<sup>8</sup> The 200,000 *lilong* units were just adequate for three million residents in the 1930s, and were unable to accommodate eleven million residents during the initial stage of the experimental opening up and reform era of the early 1980s. The local government turned to the market to unburden itself of the public service of housing maintenance by offering private ownership to the original residents at a low cost, and to build more housing for the new



Figure 3: Alleys of a *shikumen* (the most popular style of the *lilong* houses) compound in Siwen Lane, one of Shanghai's largest lane neighbourhoods housing at its height, 700 families. Located in the prime downtown area of Jing'An district, the compound has since been slowly demolished to make way for a museum and new residential and corporate buildings.

residents<sup>9</sup>. Thousands of *lilong* neighbourhoods, which by then were deteriorating from overcrowding and degenerating facilities, were removed during this period to make way for higher-density housing options, such as the mid-rise walk-ups and high-rise apartments we see in Shanghai today. According to the Cultural Heritage Protection Department of the Shanghai Municipality Administration of Cultural Heritage,<sup>10</sup> there are less than 100 *lilong* neighbourhoods left in the city, compared to 150 just five years ago.

## HOUSING AND HERITAGE

One of the most urgent contemporary problems in cities occurs when the need to preserve monuments of the past clashes with the need to house large numbers of people.<sup>11</sup> As Shanghai focuses on developing its service economy to bolster its global city status, it must build housing for the new workers, from low-income migrant workers, to blue-collar and white-collar skilled

workers, and foreign workers. Shanghai today is the largest city by population in the world, and has been growing at an exceptionally fast rate of about 10% annually since the late 1980s.<sup>12</sup> At the same time, city officials are growing increasingly aware of the brand value in preserving the city's heritage buildings. In cities that have achieved a global status, such as New York, London, Paris, Tokyo (and perhaps also Hong Kong), there is a dynamic co-existence between economic modernity and state-of-the-art conservation of the remnants of the past. An obvious question arises: what is the use of historic buildings in the era of economic modernity? Responses to this dilemma have varied across the globe. Some have attempted experimental schemes for engaging local populations in historic conservation and site management. Others have simply pushed for mass evictions, often accompanied by police or gang brutality, 'legitimised' in the name of a weakly defined 'common good,' but practically oriented toward enriching real estate developers and local politicians.<sup>13</sup>

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

In arguably the most important doctrine of urbanism in the last century, *The Death and Life of Great American Cities*,<sup>14</sup> the late urbanist Jane Jacobs (1916-2006) attacks modern architecture, namely high-rise buildings and large-scale urban planning, for ignoring existing social conditions, advocating instead for the status quo of small-scaled and dense urban neighbourhoods that better provide the residents with a sense of community, security and sustainable form of economy built on social capital. Jacobs is the most important critic of the so-called 'urban renewal' regime that she claims renews nothing except the pay checks of the rich, responsible for bulldozing old neighbourhood buildings in place of tall high-rise buildings. She points out that it not only segregates residents from each other, thus diminishing social capital, but also destroys street life. Jacobs was keenly interested in the process by which over time people build up a sense of collective communal responsibility for the architecture, so that it comes to mean more than just physical accommodation, but also has socio-sentimental significance. Jacob's position therefore, is always grounded in her belief that any large-scale physical intervention program should be inspected scrupulously before official permission to proceed is granted. Hewing to this sensibility, she advocates small streets, shops, and local community spaces. For her, all of these are fundamental to people's 'social capital', that is collective benefits derived from the cooperation between individuals in the community.<sup>15</sup> Jacobs was also a leading activist, fighting for the rights of ordinary citizens. Her championing of the underprivileged remains widely accepted and admired, and her role as an activist accounted for her lack of interest in any conversation with the pro-growth planners.

Jacobs' portrayal of her neighbourhood, Greenwich Village in the lower west side of Manhattan in the 1960s, emphasised the positive attributes of life in a low-rise organically developed neighbourhood, especially the tightly-knit social relations. As the economist Edward Glaeser points out, however, Jacobs was insistent on preserving the neighbourhood to 'look and feel' the way it had been without any regard for changes in the residents' lifestyle, let alone the on-going demographic flux wrought by the trajectory of housing market and the wider economy.<sup>16</sup> There is no doubt that Jane Jacobs' ideas were brilliant, and she was right to offer a frank critique of capital-led modern architecture and planning. She believed that any massive physical

intervention (i.e., large scale urban planning) created the problem of housing unaffordability, leading to segregation and, ultimately, social problems. However, by advocating a strict adherence to the status quo, in her hope of maintaining the sense of community, Jacobs precluded the natural demographic cycles and evolving needs of a community. Demographically speaking, residents move in and out; family numbers naturally increase or decrease with each birth or death; and people move around as their needs and lifestyles change. All of these are individual factors that, over time, collectively alter the structure of the neighbourhood's population. In a similar way, buildings, edifices, and structures are built to last for a certain period of time, depending on the materials, construction technology, maintenance, and so on. Often, removing old, rundown, energy-inefficient and spatially inefficient buildings is more financially feasible, and more physically beneficial to the residents than keeping them, or trying to refurbish them to look as if nothing has changed. By advocating sentimentalism for a traditional lifestyle, Jacobs overlooked the fact that to resist change entirely is inimical to the natural and desirable development of a city. Glaeser disputes Jacobs at the very heart of her argument—economics:

Jacobs thought that preserving older, shorter structures would somehow keep prices affordable for budding entrepreneurs. *That's not how supply and demand works.* Preserving an older one-story building instead of replacing it with a forty-story building does not preserve affordability. Indeed, opposing new building is the surest way to make a popular area unaffordable. An increase in the supply of houses, or anything else, almost always drives prices down, while restricting the supply of real estate keeps prices high.<sup>17</sup>

This was precisely the reason why Greenwich Village, whose local municipality has continued to adhere strictly to Jacobs' ideas (to the point that they even named a street after her), is now one of Manhattan's most expensive real estate markets.<sup>18</sup> Contrary to what she had envisioned, the process of upper-middle class gentrification of the Village and its surrounding areas over the last three decades has created the least diversified neighbourhood in the entire City of New York. Is this what Jane Jacobs would have wanted?

Romanticisation is an issue even for architects and planners of public or community projects.<sup>19</sup> In architecture, selected memories of places serve both as

methodological characterisations, from which architects and planners seek to find similar qualities from places they study, and as models which they want their designs to follow. In other words, for generations of architects and planners reading Jacobs' writings, it is almost a moral obligation to begin a design project by looking at the community from a very specific sociological angle—the Jacobs' angle. Because her writings are influential, architects and planners would deliberately seek the characteristics she describes, and then begin the design and planning process from there. Hence, it seems to be that what is important for architects and planners are the 'impressions' of a place that they can take as a point of departure, without asking how Jane Jacobs herself arrived at her particular beliefs. Anyone with some knowledge of social studies can easily point out that her portrayal of her relationship with the site and her informants leaves out the sense of time. Greenwich Village in the 1960s is different from the Greenwich Village of today.

As we will outline in this essay, like Greenwich Village, the traditional Shanghainese alleyway houses of today are very different from what they were like a century ago, not only in terms of their contemporary usage, but also the population residing within them. This is despite the fact that there has been no shortage of literature, newspapers, magazines, exhibitions, and reminiscing about the romantic past of these alleyway houses. As foreign researchers in Shanghai, both of us have seen the media coverage, as well as brochures and pamphlets advertising 'traditional alleyway house tours' on a regular basis. In fact, Shanghai's tourism authority has created a pamphlet with the title 'Tour of *Shikumen* [a type of *lilong*] Lanes: Beautiful China—Classic Shanghai' in multiple languages for tourists visiting the city, providing information on four traditional Shanghainese neighbourhoods. The pamphlets detail their historic glory, such as when they were built and their original function, architectural style, and, most notably, 'traces of celebrity'—famous individuals of Shanghai who once resided there in the city's 1930s heyday. It seems to be the case that presenting artefacts of history is also a form of business, catering especially to foreign visitors and tourists. So, how should we understand the situation, and what should we do about this? In this article, we reject outright this so-called 'Jacobsian romanticisation' of an old neighbourhood, and instead advocate a middle way between Jacobs' and Glaeser's doctrines.

In Shanghai, the primary case study of our ethnographic research, we have found that many preservationists are following Jacobs in pursuing the regime of historic preservation in a similar way. For example, the preservation of Jing'An District in central Shanghai (once the limelight area of the former International Settlement) is only concerned with the maintenance of the preserved buildings' exteriors, but not the interiors where the livability of the city's residents could be observed and *measured*. When the Chinese Communist Party (CCP) troops marched into Shanghai to take over the city from the government of the Republic of China ruled by the Nationalist Party or the Guomindang (GMD) in 1949, most of the assets that once belonged to the upper-middleclass, elites, and foreigners, were confiscated and redistributed to the workers who followed the CCP doctrine. Some of these confiscated properties were grandiose villas, sophisticated houses, and beautifully decorated edifices—all testimony to the presence of the highest form of capitalism in 1930s and 40s Shanghai. Since the number of workers who needed houses exceeded the available slots, three to six workers' families (approximately ten to twenty members) then had to share a house that was once designed for a single family of three or four, over the next three decades until the end of the high communist era in 1978 and the beginning of the economic reform and opening up.<sup>21</sup>

## PRESERVATION AND ITS DISCONTENTS

During the Communist period before reform and opening up (1949-1978), to accommodate the large-scale redistribution of residents and housing, interior rooms were divided and sub-divided as families grew over the decades, to the point that the square footage per person had diminished to barely legal limits. With scarce housing resources, intensive use of existing buildings exacerbated the deterioration of the buildings. They included informal structures such as cooking stations or sheds that were added to the building by residents pressed for more working space, without any concern (nor technical knowledge) of the building's structural integrity, let alone concern for stylistic and aesthetic uniformity. The combined changes also undermine fire safety. Additionally, there are multiple problems as a result of the lack of regular maintenance: rainwater leaks through the roof and wall; careless wiring and punctured

## PATRIMÓNIO CULTURAL

walls to make way for electrical and telephone cables, and deteriorating wooden floors and structures, to name a few. They all contributed to shortening building lifespans at a hyperbolic speed. Many of these buildings are no longer structurally safe, nor sufficiently hygienic to serve as adequate accommodation for most residents.

Thankfully, the urban development process in Shanghai has slowed down during the first decade of the 21<sup>st</sup> century, owing to the combined efforts of local Shanghaiese architectural preservationists who have made their voice heard by the municipal government.<sup>22</sup> These preservationists have demanded that a selected number of edifices and neighbourhoods should be kept intact to prevent Shanghai from turning into another generic city with no historical significance, let alone unique urban characteristics. As mentioned earlier, the preservation program is only concerned with the maintenance of the façade, with only nominal concern for the condition of the interior. In many cases, we have found that the residential advocates support any historic preservation but do not necessarily live in the houses because of their dilapidated interiors, refurbishment of which falls outside the remit of the historic preservation

program. Instead, they rent their rooms to outside tenants, who would then renovate (though often just re-decorate) the apartment to fit the tenants' needs (or taste), and once the lease is over, the renovated room would then return to being as the asset of the original resident. This strategy may sound harmless on the surface, but if we look more carefully, it leads to a voluntary form of gentrification that maintains no sense of historic underpinning, let alone a sense of community belonging. In other words, a visitor may encounter a situation in which he or she is in a centrally located alleyway house neighbourhood, whose occupants are mainly expatriates and non-locals. The visitor may mistake this particular neighbourhood for an example of traditional Shanghaiese life, but the sense of history no longer exists, as there is no one to educate that visitor on the historical significance of the place. In Shanghai, where income disparity is wide, generally it is only expatriates or the upper middleclass wishing to claim a sense of 'cultural capital'<sup>23</sup> who can afford to live in a heritage structure. Frequently, they cosmetically redecorate the houses in a manner that attempts to capture their romanticised imaginings of erstwhile Shanghaiese lane life.<sup>24</sup>

Figure 4: *Shikumen* alley gossip: Residents gossip in the *shikumen* lanes of Siwen Lane compound, a key artery of community interaction and public household activity.



## CULTURAL HERITAGE

The original residents, on the other hand, have gradually given up their rights to be in the city in order to receive rent from these tenants. Having weighed the pros and cons, the residents see giving up their space for the privileged classes as a pragmatic way to sustain their life. This affects the whole sense of urbanity, as the city becomes more and more internationalised without any true sense of belonging to hold on to. If the central core of Shanghai, where sophisticated heritage edifices stand, is occupied only by expatriates and wealthy Chinese, what is the point then of being there? Many criticise the 'Disney Land' approach to preservation simply because it only preserves, in some extreme cases recreating the architectural façade, but not the social structure. We know that Disney Land is artificially created for entertainment. Most people who go to a renovated alleyway neighbourhood do not know about the history of the place apart from the apparent fact that they 'look old and different' from the high-rise buildings around it. In their defence, however, some visitors may not appreciate how the original residents really look—for instance, some elderly wandering in their pyjamas<sup>25</sup>—and may find both the presence and behaviour of the expats more agreeable as inhabitants. To achieve the organic approach—as opposed to the Disney Land approach—we believe that the new and the old can co-exist. The original residents are also happy to see the city grow and develop, and they want to be a part of it despite their age. So it is unfair to think that because they are old and likely poor, they shouldn't be living in the city centre. In fact, because of their long history with their neighbourhood, they care the most for the place. Going back to what Jane Jacobs used to say, the sense of belonging 'from within' is precisely what creates the sense of safety and community—not the security cameras and guides in pretentiously odd-looking uniforms hired to symbolise, in the most superficial way, some sense of history.

What we are seeing here, perhaps, is also a response to the solitary individualism brought about by the emergence of urbanism as a way of life.<sup>26</sup> This response is a desire to find community in the romanticisation of lane life. As the writer and urbanist Charles Montgomery reminds us, in the past organically grown cities had a different function. Public space drew people together to interact, transact business, to meet old friends and make new ones, and to learn from one another and from the surrounding built environment.<sup>27</sup> This was the essential function of an

organic city. Today, according to Montgomery, 'modern cities and affluent economies have created a particular kind of social deficit'.<sup>28</sup> Technology has privatised many of the iterative performances of daily life.<sup>29</sup> With a smartphone, and a computer, one can meet friends online, watch movies at home, find love online, and exchange goods and services, so that the humble street is no longer the theatre of the city.<sup>30</sup> Yet, research consistently reiterates an essential human need to be physically in the presence of other people. In his many observations of people's behaviour in public space, the urbanist Jan Gehl found that people congregated not around things, but around other people. 'What is most attractive, what attracts people to stop and linger and look, will invariably be other people. Activity in human life is the greatest attraction in cities'.<sup>31</sup> Historic laneways live through the interactions of their residents, the people who embody the stories of their district and their city. Their presence and history cannot be replaced by newly polished facades and kitsch advertising campaigns which ironically romanticise a past rendered all but sterile by forcing out its most essential ingredient—the people who embody the history of the laneway houses themselves.

## PRACTICAL STRATEGIES: AFFORDABILITY, DIVERSITY, AND LIVELIHOOD

So, in this essay, we propose a practical strategy by which both heritage and livelihood can co-exist—the middle way referred to earlier. Shanghai has many heritage buildings that could be put into better use. The prevailing trend to date has been to turn them into luxury retail shops to make up for the loss of profit should the building be torn down and replaced instead by high-rise buildings. In Shanghai, the high-end retail district known as Xintiandi (lit. 'The New Heaven and Earth') is the epitome of this trend. Once a traditional *lilong* neighbourhood in the former French Concession, the architect of the project envisioned the crisscrossing alleyways in the same fashion of the mountainous alleyways of Siena, when he was planning the revamping process. Eventually, through what the architect himself calls 'adaptive reuse,' the result is a hyper-luxury low-rise retail compound that is both nostalgic to the local residents, and unique to visitors in a city where a modern vision of high-rise buildings has dominated its urban redevelopment for decades.<sup>32</sup>

## PATRIMÓNIO CULTURAL

This approach, while refreshing and in some ways protective of the city's history, is problematic on many levels. First, the project only serves select groups of people, namely customers for high-end shops who can afford to buy brand name products, furthering the segregation between the upper middle class and the rest. It may be true that Xintiandi also attracts mass domestic tourists who, despite being unable to afford the products sold there at premium prices, can nevertheless enjoy the atmosphere. Yet aspirational tourism does not equate to the sense of belonging and community. While in theory the urban centre belongs to everyone, a project like Xintiandi encourages spatial segregation by killing affordability and scouring the area of the original community to be replaced by high-end retail and dining. Those who can afford to shop and/or eat here are also an itinerant group with no emotional investment in the area. Second, by way of what economists would call the 'network effect,' the popularity of an urban renewal project such as Xintiandi gives the impression to both the developers and the visitors alike that this is the 'only way' to revitalise traditional alleyway house neighbourhoods. In recent years, retail compounds such as Xintiandi have mushroomed all over Shanghai, as well as other parts of China, hoping to replicate the success of the heritage industry—or 'tradition-for-sale tourism', another epithet by which it is known. As recent studies show, the popularity of Xintiandi is partly due to its newness and uniqueness, but once replicas of it are widespread, the excitement seems to dissipate. As a consequence, many projects following the Xintiandi model have been facing economic difficulties. The re-financing process often involves inviting even more expensive retail businesses to open, therefore perpetuating further the impression, or indeed the reality, that this particular form of heritage tourism is reserved only for the upper middle class who could afford it.

As the use of heritage structures for high-end shopping is in decline, there is growing interest in local industry focussed on the experience of quotidian Shanghaiese life. For instance, the recent success stories of a handful of creative zones and neighbourhoods originate from the ways in which low-budget artists and creative entrepreneurs themselves make use of traditional alleyway houses.<sup>33</sup> The attraction of these zones and neighbourhoods, as we have observed, is rooted in the experience of actual everyday life, and the anti-corporatism sentiment associated with them. In a specific

*lilong* neighbourhood in central Shanghai where we have been conducting research,<sup>34</sup> most customers of small businesses there said that they prefer this neighbourhood to a reconstructed compound such as Xintiandi because it is not only more affordable, but also, in a broader sense, 'more real.' This neighbourhood has been undergoing a gradual diversification process thanks to its popularity. As word gets out (with the help of the internet), more and more creative entrepreneurs want to rent spaces in the neighbourhood. More and more original tenants are willing to sublet their rooms. As has been commonly expressed by the customers and the entrepreneurs alike, the uniqueness of a creative industry compound lies in the symbiosis between the private and the commercial residents. The particular 'architectural uniqueness' of the old buildings appeals more to renters and customers from outside than to the original residents. The notion of heritage is both a selling point of an almost dilapidated structure, but also the structural tie between the original residents and the renters since both parties are benefitting from it. Without intervention by the local government or real estate developers, residents in this case are the key actors in the active urban process resulting in both a change in demographic diversity as well as the creative use of heritage buildings. Although this neighbourhood may, on the surface, appear similar to Xintiandi as they both rely on the appeal of 'heritage architecture' to attract customers, the differences between the two places are twofold: first, the residents are not moving out and are remaining part of the lane life; and second, precisely because of their presence, the customers do not feel as though they are in another Disneyfied so-called adaptive architecture complex.

Despite our critique of Jacobs' romanticisation in *The Death and Life of Great American Cities*, here we turn again to her idea about what makes a 'great neighbourhood,' that is, 'eyes on the street,' and her pragmatic claim on economic activity and business. Jacobs' basic premise is that the city is 'full of strangers,' unlike a village, where the direct interpersonal social contacts amongst a homogenous population are not only still relevant, but also an essential feature of the village's livability.<sup>35</sup> In urban areas, on the other hand, certain interpersonal relationships are not handled directly by the parties involved, but mediated via an array of agentive means, such as law, regulations, urban social norms, and so on, which, most of the time, make the interaction much less straightforward. Once a conflict emerges,

the involved parties do not usually directly address the conflict themselves, but resort to other means. Because, by definition, the city is where many people attempt to live together under the mutual banner of civility, urbanites do not have to try to maintain all their contacts. Hence, in a city, the relationship among urban citizens is structurally a short-term one. For Jane Jacobs, the plausible way of dealing with this structural short-term relationship is to create the density and diversity that would, in turn, galvanise the sense of security—what she famously calls 'eyes on the street.' Whereas in the village, the actual interpersonal relationship is key to the livability, in the city it is the sense of 'we are all in this together,' therefore we must look out for each other, which is central to the sense of urban safety. Where would one like to walk? A vast, empty, and therefore lifeless pavement, or a lively and active street? Intrinsic to such a sense of security then are the activities performed in the public space. Montgomery and Gehl's extensive research pinpoints those attributes of cities that foster activity, community, and thus a sense of security.<sup>36</sup> The

'dispersed city,' as Montgomery labels it (or sprawl as it is commonly known), is now associated with social alienation, obesity, diminished trust, less activism and higher rates of depression. It is, in a word, misanthropic. Density, diversity and intelligent urban design are now widely recognised as key ingredients of a socially sustainable city. For example, Gehl found that people walk through streets with long uniform facades without stopping.<sup>37</sup> If however, the streetscape is broken down into smaller visual units, such as with varied facades, a variety of colours, more openings into smaller building units, and a greater mix of functions per block, then people will stop, congregate and walk more slowly. There are ways to bring out more of Jacobs' 'eyes on the street,' as long as heritage conservation and urban design in general is not overtaken by heavy-handed corporatism. As long as we forget the people in the heritage buildings and in the streets, the purpose of the city as a great public gathering place will continue to escape us.

Finally, in order to sustain such activities, Jacobs argues, business must play a role. This is the point where

Figure 5: *Shikumen* demolition: A *shikumen* house left standing amidst a mostly demolished *lilong* compound in a prime area near Xintiandi.



## PATRIMÓNIO CULTURAL

even mainstream economists would agree with Jacobs,<sup>38</sup> who is also an ardent critic of how corporate economic activities kill local economy; no matter how much we would like to preserve old buildings for the sake of maintaining the sense of history, those old buildings need to perform, in some way, economic functions that would not make them obsolete or burdensome. This is precisely where the idea of 'adaptive reuse' of heritage architecture comes into play.

## GROUP PRESERVATION, AND DIVERSIFICATION FROM WITHIN

As we have earlier pointed out, the Shanghai government regards historic preservation of select sites, including the traditional alleyway, as essential to the branding of a city with global ambitions. Yet, there is little consideration of how the existing residents of said 'historical monuments' fit into the overall architectural preservation of the sites. Hence, we are seeing more of an interest in architectural preservation, rather than a preservation of culture and a way of life. How did we arrive at such a conclusion? Do we feel there is recourse for the preservation of both architecture and community culture together in Shanghai? Or must one be sacrificed for the other? The answer lies in both the planning policy and the historic preservation program. First, you may wonder why designated historic structures are not clustered in groups but scattered around the city. That is because the Shanghai government handpicks select 'worthy' structures to preserve, which makes the 'unworthy' structures available for immediate bulldozing. Hence, you get many 'preserved historic sites' left in the middle of surrounding high-rise buildings, and the remaining residents, who are mostly older, find such encroachment to be daunting. They are used to shopping at cheap street markets but, due to the new urban development, find themselves surrounded by high-rises where fruits and vegetables in their modern supermarkets cost ten times more. The same applies to the social life the residents used to share with neighbours from nearby communities. Once the network of cross-community neighbours is gone, remaining residents are unable to maintain the sense of neighbourhood. After a time this may affect their sense of personhood, encouraging them to eventually move.

Second, there has been little to no effort on the government's part to maintain the sense of

community. The government's primary focus has been on revamping the facade of the edifices, but it seems to have no particular interest in the living conditions of the residents. For instance, an admirable amount of investment was made into renovating a number of lilong neighbourhoods to their original 1930s condition as part of the 'Better City, Better Life' campaign for the World Expo in 2010. The neighbourhoods have benefitted from this beautification campaign with new pavements, iron gates, brickwork, and so on. The living conditions of the residents, however, remain the same. Some residents have spent their own savings to upgrade their homes—these very small rooms that were given to them 20-30 years ago. But not everyone has the money. Yet while some residents may want to stay on in the community, they may also be tempted to follow previous residents who made good money by renting out their rooms. Others unable to benefit from the process, either due to their personal family situation or the undesirable condition of their homes, become increasingly antagonistic over the perceived unfairness.

These developments may somehow be diversifying the community but are also intensifying tensions among old residents, as well as between them and the newcomers. For instance, in the earlier-mentioned community where we have been conducting this research, there has been a dramatic change in the social structure of community, especially in past decades, as well as the lifestyles introduced by new residents drawn by the superficially good-looking facade. Previously, it would not have been an exaggeration to say that the 3,000 residents of this particular neighbourhood knew each other because most of the public amenities such as telephones, bathrooms, kitchens, and hot water boilers were shared. Today, residents only know their neighbours in their own branch lane. 'Because people are moving in and out very rapidly, most people here are now strangers to us,' said one of our key informants, who is also a key senior citizen in the community.

In addition, preservation should not be automatically embraced without casting a sceptical eye. Unlike Rome—which represents the pinnacle of preservation and whose architectural heritage was made of permanent building materials to withstand the test of time—most of the residential architecture in Shanghai, especially the traditional alleyway houses, were not built to last this long. Most of the buildings were put together quickly for economic reasons and were built

to last just a little under 50 years (some of them were even made of wood) but they have been used for more than twice the length of their life expectancy. We believe that there is a possibility for the preservation of both architecture and community culture together—the middle way. For instance, we believe that affordability is a by-product of diversity, an ingredient in almost all great cities. London, for instance, may generally be expensive, but those who know the city well know exactly where to buy good and cheap products. The same applies to Manhattan. The issue here is, even though Shanghai technically belongs to everyone, no one with income lower than that of the upper middle class would want to live in the city if it becomes too expensive. Not only that, the monotony of having just one class of residents in the city is the kiss of death for urban livability. For instance, if the only method of preservation is one that emphasises architecture at the expense of older residents who become displaced (even if they want to be displaced for the money) we will end up with a proto-upper middle class city that lacks diversity and community culture.

## CONCLUSION

In this essay, we contend that preservation of architecture alone is insufficient. Diversity is also a key ingredient. We do not believe that the winner-takes-all approach benefits the residents of the city. This also applies to the upper middleclass who will also benefit from it. We believe that if we create a livable environment for the residents, they will want to stick around to tell stories of their past to the younger generation and the newcomers to the city. Isn't that what preservation is all about? We have discussed at length the sense of safety—or the sense of security—in having neighbours looking out for each other. The sense of personal belonging and social cohesiveness comes from a well-defined neighbourhood and narrow, crowded, multi-use streets. All great cities share in common this sense of personal belonging and social cohesiveness, which, in a globalising world, can only be created within a community that is open to social change and diversity.

Finding the middle way between community and historic preservation means that cities must strike a balance between preserving their heritage, and being open to change. Destroying heritage destroys memory,

## CULTURAL HERITAGE

community, and a sense of place. Refusing to change can render the city a glamorous but stultifying museum. In finding the ideal balance, we must operate from the paradigm that places residents first. There is a limit to how many heritage buildings one can turn into expat bars, gimmicky restaurants, and luxury stores, which will be the case if preservation programs do not take into account the importance of both the affordability and diversity of the neighbourhood. In other words, how many times can we really go to Disney Land, and still enjoy it? We advocate the methods of 'group preservation' and 'diversification from within,' which would require efforts from both the local authorities and residents working together. To find the correct balance between preservation and change, both the local authorities and residents need to have a mutual understanding of both the bigger picture, and the ethnographic details of everyday life. Ultimately, what is a city but a collection of diverse individuals drawn together? As Montgomery poignantly reminds us: 'Most of all, it [a city] should enable us to build and strengthen the bonds between friends, families and strangers that give life meaning, bonds that represent the city's greatest achievement. ' In cities which strike this balance, there is a heightened sense of vitality as residents' participate in, what Jacobs herself would call, an intricate 'street ballet'—a pattern of observable comprehensive human activity, that nourishes our sense of belonging and common purpose. 

**Author's Note:** We would like to thank to Tess Johnston, a long-time resident of Shanghai who needs no introduction for a handful of classics in the study of Shanghai's pre-1949 Western-style architecture, is an institution. We would like to dedicate this article to our friend Tess, for her dedication in documenting Shanghai's architectural heritage for the past four decades. In addition, we would like to thank the following individuals, colleagues, and critics, who have helped shape and re-shape the ideas in this article, without whom this article would not have been possible: Kate Baker, Jeremy Cheval, Jeffrey M. Cody, Jeffrey Dobereiner, Magnus Fiskesjö, Harry den Hartog, Matthew Gutmann, Shenjing He, Michael Herzfeld, Roderick Hills, Edward Akintola Hubbard, Jie Li, Samuel Liang, Eriberto P. Lozada Jr., Michael Lestz, John Logan, Fangzhou Liao, Maria Montoya, Sofia Salgado, Alan Smart, Tianshu Pan, Philippe Peycam, Leo Pang, Xinyan Peng, Raymond Pun, Allison Rottman, Qin Shao, Lena Scheen, Jianfa Shen, and Jennifer Tarlin.

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## CULTURAL HERITAGE

## NOTES

- 1 For those who are interested in history of Shanghai heritage architecture, be sure to visit Sue Anne Tay's *Shanghai Street Stories* blog – one of the most acclaimed street 'ethnographic-styled' photography and photo essay blogs about lifestyle, architecture, heritage edifice, and Shanghai in general which has been featured in several international media. The British newspaper *The Guardian* has regarded 'the captivating characters and images of *Shanghai Street Stories*' as one of the best city blogs in the world, adding, 'Nobody knows cities better than the bloggers who write from the frontlines'. See *The Guardian* Cities and Sue Anne Tay, 'Blogger of the Week: Sue Anne Tay of Shanghai Street Stories: Sue Anne Tay in Shanghai', *The Guardian* (2014), <http://www.theguardian.com/cities/2014/apr/07/blogger-of-the-week-sue-anne-tay-of-shanghai-street-stories>.
- 2 The obvious parallel to be drawn between Shanghai and Macao is the presence of this western-styled heritage architecture in the rapidly changing urban fabric, driven by a service economy that requires cities to face the dilemma of preserving monuments of the past, while providing housing for large numbers of residents.
- 3 Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (New York: Vintage Books, 1961).
- 4 For discussions on the notion of Shanghai modernity and the city's skyline, see Peter G. Rowe and Seng Kuan, *Shanghai: Architecture and Urbanism for Modern China* (Munich: New York: Prestel, 2004); Non Arkaraprasertkul, 'Visualizing Shanghai: The Ascendancy of the Skylines', *East Asian Studies Journal* 12, no. 2 (2008); Brook Larmer, 'Shanghai Dreams: China's Global City Tries to Recapture the Glories of Its Past—This Time on Its Own Terms', *National Geographic* 2010. Macao, on the other hand, is a city with twenty UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation) World Heritage Sites, and a handful of the so-called (and highly contested category of) 'intangible cultural heritage'. With its local 'Macanese' cuisine, a combination of Portuguese, African, Indian and Chinese influences, and preserved Chinese traditions such as ancestral worship and rituals, Macao is a true cultural destination for those seeking more than the experience of economic modernity. Macao, however, has witnessed an alternative form of urbanisation different from that of Shanghai. Macao's massive landfill, bridge building, and large-scale urban development processes serves its entertainment industry. Known to many as the 'Las Vegas of the East', Macao's gambling industry, as well as the tourism industry supporting it, makes up about half of the city's revenue.
- 5 Linda Cooke Johnson, *Shanghai: From Market Town to Treaty Port, 1074-1858* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1995); Alan Balfour, *Shanghai*, ed. Shiling Zheng (London: Wiley-Academy, 2002); Marie-Claire Bergère, *Shanghai: China's Gateway to Modernity*, trans. Janet Lloyd (Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2009).
- 6 There are variations of this translation. In the classic study by Qian Guan, the author translates *li* as communities, and *long* as lanes: 'Simply put, lilong housing, is a type of lane-and-community based urban dwelling form', writes Guan. See Qian Guan, 'Lilong Housing, a Traditional Settlement Form' (M.Arch Thesis, McGill University, 1996).
- 7 Hanchao Lu, 'Away from Nanking Road: Small Stores and Neighborhood Life in Modern Shanghai', *Journal of Asian Studies* 54, no. 1 (1995); Louisa Lim, 'Shanghai Architecture Reflects City's Many Faces', *NPR News* (2006), <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=6601115>.
- 8 For the detailed history of the *lilong* see G. Byrne Bracken, *The Shanghai Alleyway House*, vol. 95, Routledge Contemporary China Series (New York: Routledge, 2013).
- 9 See Ruijue Peng, 'Towards a New Housing Approach: Analysis of Settlement Environment and Housing Policy in Shanghai, China' (M.S. Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1986).
- 10 See Jian Yang, 'Shikumen Pledged Extra Protection after Readers Offer City Suggestions', *Shanghai Daily*, August 25, 2014; Chehui Peh, 'Politicizing Heritage: The Intangibility of Shanghai's Shikumens' (National University of Singapore, 2014).
- 11 See Michael Herzfeld, 'Heritage and the Right to the City: When Securing the Past Creates Insecurity in the Present', *Heritage & Society* 8, no. 1 (2015).
- 12 World Population Review, 'Shanghai Population 2015' (2014).
- 13 See Michael Herzfeld, 'Spatial Clensing: Monumental Vacuity and the Idea of the West', *Journal of Material Culture* 11, no. 1/2 (2006); Hyun Bang Shin, 'The Right to the City and Critical Reflections on China's Property Rights Activism', *Antipode* (2013); Qin Shao, *Shanghai Gone: Domicide and Defiance in a Chinese Megacity*, State and Society in East Asia (2013).
- 14 Jacobs, *Death and Life*.
- 15 Merry I. White, *Coffee Life in Japan*, vol. 36, California Studies in Food and Culture (Berkeley: University of California Press, 2012), p. 138; Jacobs, *Death and Life*.
- 16 Edward L. Glaeser, *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier* (New York: Penguin Press, 2011).
- 17 Ibid., pp. 147-148
- 18 Erin Carlyle, 'New York Dominates 2014 List of America's Most Expensive Zip Codes', *ForbesLife* (2014), <http://www.forbes.com/sites/erincarlyle/2014/10/08/new-york-dominates-2014-list-of-americas-most-expensive-zip-codes/>.
- 19 See Non Arkaraprasertkul, 'Leaping Beyond Nostalgia: Shanghai's Urban Life Ethnography', *The Newsletter of the International Institute for Asian Studies* 55, no. Autumn/Winter (2010).
- 20 The main page of this pamphlet reads: '...Now, in urban area of Shanghai, there are still a number of representative *Shikumen* lanes, where you can enjoy the original flavour of *Shikumen* buildings and get to know the LIFE STYLE of people in traditional lanes. Maybe, you can meet some celebrities by chance'. From *Tour of Shikumen Lanes*, an undated pamphlet produced by Shanghai Tourism Authority.
- 21 Deborah Pellow, 'No Place to Live, No Place to Love: Coping in Shanghai', in *Urban Anthropology in China*, ed. Gregory Eliyu Guldin and Aidan Southall (Leiden, the Netherlands: Brill, 1993); Jie Li, *Shanghai Homes: Palimpsests of Private Life* (Columbia University Press, 2015); Paul Harley Hammond, 'Community Eclipse and Shanghai's Lilong' (University of Missouri-Columbia, 2006).
- 22 Yang, 'Shikumen Pledged.'
- 23 That said, in some cases, we also see how expatriate skilled workers try to blend in with the community. See Tom Doctoroff, 'Life in the 'Lilong': My Shanghai Lane House Adventure', *Huffington Post* (2009), [http://www.huffingtonpost.com/tom-doctoroff/life-in-the-lanes-my-shan\\_b\\_250547.html](http://www.huffingtonpost.com/tom-doctoroff/life-in-the-lanes-my-shan_b_250547.html); Non Arkaraprasertkul, 'Traditionalism as a Way of Life: The Sense of Home in a Shanghai Alleyway', *Harvard Asia Quarterly* 15, no. 3/4 (2013).
- 24 For case studies of this particular phenomenon, see 'Moral Global Storytelling: Reflections on Place and Space in Shanghai's Urban Neighborhoods', *Storytelling, Self, Society* 8, no. 3 (2012); 'Traditionalism'.
- 25 See Larmer, 'Shanghai Dreams'; Yubing Gao, 'The Pajama Game Closes in Shanghai', *The New York Times* (2010), [http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?_r=0).
- 26 Louis Wirth, 'Urbanism as a Way of Life', *American Journal of Sociology* 44, no. 1 (1938).
- 27 Many urbanists have written about this; some of the classic studies include Ray Oldenburg, *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and*

- How They Get You through the Day*, 1st ed. (New York: Paragon House, 1989); Peter G. Rowe, *Civic Realism* (Cambridge, MA: MIT Press, 1997); Edmund N. Bacon, *Design of Cities* (London: London: Thames & Hudson, 1967); Christopher Alexander, *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, ed. Sara Ishikawa, Murray Silverstein, and Structure Center for Environmental (New York: Oxford University Press, 1977).
- 28 Charles Montgomery, *Happy City: Transforming Our Lives through Urban Design*, First edition (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013), 158.
  - 29 See Sherry Turkle, *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other* (New York: Basic Books, 2011).
  - 30 See Erik Brynjolfsson and Andrew McAfee, *The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies*, ed. Andrew McAfee, First edition. ed. (W.W. Norton & Company, 2014).
  - 31 Montgomery, *Happy City*, p. 155.
  - 32 Greg Yager and Scott Kilbourn, 'Lessons from Shanghai Xintiandi: China's Retail Success Story', *Urban Land Asia* (2004); Fulong Wu and Shenjing He, 'Property-Led Redevelopment in Post-Reform China: A Case Study of Xintiandi Redevelopment Project in Shanghai', *Journal of Urban Affairs* 27, no. 1 (2005); see Xuefei Ren, 'Forward to the Past: Historical Preservation in Globalizing Shanghai', *City & Community* 7, no. 1 (2008).
  - 33 See Xuefei Ren and Meng Sun, 'Artistic Urbanization: Creative Industries and Creative Control in Beijing', *International Journal of Urban and Regional Research* 36, no. 3 (2012); Esther Hiu Kwan Yung, Edwin Hon Wan Chan, and Ying Xu, 'Sustainable Development and the Rehabilitation of a Historic Urban District—Social Sustainability

- in the Case of Tianzifang in Shanghai', *Sustainable Development* 22, no. 2 (2014).
- 34 See Non Arkaraprasertkul, 'Shanghai Urban Future: Urbanization, Heritage Industry, and the Political Economy of Urban Space', in *The 2014 Annual Meeting of the American Anthropological Association*, ed. Sean Mallin, Nicholas Lawrence Caverly, and Erik L. Harms (Washington D.C., 2014); 'Traditionalism'.
  - 35 In addition, owing to the nature of agrarian industry, the villagers cannot afford to be resentful toward one another for too long. In other words, villagers still need to look out for one another because they know that no one is going anywhere. Despite the fact that conflict resolution among villagers might seem brutal or uncivil to outsiders (e.g., physical fights), they resolve conflicts in a way that allows them to return to the status quo in the shortest possible time. Villagers cannot afford to sever relationships since they all rely on one another. In a way, we might say that the relationship in a village is structurally a long-term one. See Xiaotong Fei, Gary G. Hamilton, and Zheng Wang, *From the Soil, the Foundations of Chinese Society: A Translation of Fei Xiaotong's Xiangtu Zhongguo, with an Introduction and Epilogue* (Berkeley: University of California Press, 1992).
  - 36 Montgomery, *Happy City*.
  - 37 Ibid.
  - 38 E.g., Richard L. Florida, *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life* (New York: Basic Books, 2002); Glaeser, *Triumph*.
  - 39 Yang, 'Shikumen Pledged'.
  - 40 Bergère, *Shanghai*.
  - 41 Montgomery, *Happy City*, p. 42.

## BIBLIOGRAPHY

- Alexander, Christopher. *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, edited by Sara Ishikawa, Murray Silverstein and Structure Center for Environmental New York: Oxford University Press, 1977.
- Arkaraprasertkul, Non. 'Leaping Beyond Nostalgia: Shanghai's Urban Life Ethnography'. *The Newsletter of the International Institute for Asian Studies* 55, no. Autumn/Winter (2010), pp. 28-29.
- . 'Moral Global Storytelling: Reflections on Place and Space in Shanghai's Urban Neighborhoods'. *Storytelling, Self, Society* 8, no. 3 (2012/09/01 2012), pp. 167-179.
- . 'Shanghai Urban Future: Urbanization, Heritage Industry, and the Political Economy of Urban Space'. In *The 2014 Annual Meeting of the American Anthropological Association*, edited by Sean Mallin, Nicholas Lawrence Caverly and Erik L. Harms. Washington D.C., 2014.
- . 'Traditionalism as a Way of Life: The Sense of Home in a Shanghai Alleyway'. *Harvard Asia Quarterly* 15, no. 3/4 (2013), pp. 15-25.
- . 'Visualizing Shanghai: The Ascendancy of the Skylines'. *East Asian Studies Journal* 12, no. 2 (2008), pp. 1-39.
- Bacon, Edmund N. *Design of Cities*. London: Thames & Hudson, 1967.
- Balfour, Alan. *Shanghai*. edited by Shiling Zheng London: Wiley-Academy, 2002.
- Bergère, Marie-Claire. *Shanghai: China's Gateway to Modernity*. Translated by Janet Lloyd. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2009.
- Bracken, G. Byrne. *The Shanghai Alleyway House*. Routledge Contemporary China Series. Vol. 95. New York: Routledge, 2013.
- Brynjolfsson, Erik, and Andrew McAfee. *The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies*. New York: W.W. Norton & Company, 2014.
- Carlyle, Erin. 'New York Dominates 2014 List of America's Most Expensive Zip Codes'. *ForbesLife* (2014). Published electronically September 10, 2014. <http://www.forbes.com/sites/erincarlyle/2014/10/08/new-york-dominates-2014-list-of-americas-most-expensive-zip-codes/>.
- Doctoroff, Tom. 'Life in the "Lilong": My Shanghai Lane House Adventure'. *Huffington Post* (2009). Published electronically September 3, 2009. [http://www.huffingtonpost.com/tom-doctoroff/life-in-the-lanes-my-shan\\_b\\_250547.html](http://www.huffingtonpost.com/tom-doctoroff/life-in-the-lanes-my-shan_b_250547.html).
- Esposito, Adèle, Joshua Chan, Ian Dull, Giulia Di Pietro, Sara Guagnini, Abby Hsian-huan Huang, Isaura van Den Berg, and Rita Wittek. 'Heritage Beyond the Boundaries: A Manifesto'. *The Newsletter of the International Institute for Asian Studies* 69 (2014), pp. 22-23.
- Fei, Xiaotong, Gary G. Hamilton, and Zheng Wang. *From the Soil, the Foundations of Chinese Society: A Translation of*

## PATRIMÓNIO CULTURAL

## ABSTRACTS

- Fei Xiaotong's *Xiangtu Zhongguo, with an Introduction and Epilogue*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- Florida, Richard L. *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. New York, NY: Basic Books, 2002.
- Gao, Yubing. 'The Pajama Game Closes in Shanghai'. *The New York Times* (2010). Published electronically May 16, 2010. [http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?_r=0).
- Glaeser, Edward L. *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier*. New York: Penguin Press, 2011.
- Guan, Qian. 'Lilong Housing, a Traditional Settlement Form'. M.Arch Thesis, McGill University, 1996.
- Hammond, Paul Harley. 'Community Eclipse and Shanghai's Lilong'. University of Missouri-Columbia, 2006.
- Herzfeld, Michael. 'Heritage and the Right to the City: When Securing the Past Creates Insecurity in the Present'. *Heritage & Society* 8, no. 1 (2015): 3-23.
- . 'Spatial Clensing: Monumental Vacuity and the Idea of the West'. *Journal of Material Culture* 11, no. 1/2 (2006), pp. 127-149.
- Jacobs, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Vintage Books, 1961.
- Johnson, Linda Cooke. *Shanghai: From Market Town to Treaty Port, 1074-1858*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.
- Larmer, Brook. 'Shanghai Dreams: China's Global City Tries to Recapture the Glories of Its Past—This Time on Its Own Terms'. *National Geographic*, 2010, pp. 124-141.
- Li, Jie. *Shanghai Homes: Palimpsests of Private Life*. Columbia University Press, 2015.
- Liang, Samuel Y. 'Where the Courtyard Meets the Street: Spatial Culture of the Li Neighborhoods, Shanghai, 1870-1900'. *Journal of the Society of Architectural Historians* 67, no. 4 (2008), pp. 482-503.
- Lim, Louisa. 'Shanghai Architecture Reflects City's Many Faces'. *NPR News* (2006). Published electronically December 11, 2006. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=6601115>.
- Lu, Hanchao. 'Away from Nanking Road: Small Stores and Neighborhood Life in Modern Shanghai'. *Journal of Asian Studies* 54, no. 1 (1995), pp. 93-123.
- Montgomery, Charles. *Happy City: Transforming Our Lives through Urban Design*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.
- Morris, D. Louise. *Community or Commodity: A Study of Lilong Housing in Shanghai*. Vancouver: Centre for Human Settlements, School of Community and Regional Planning, University of British Columbia, 1994. M.A. Thesis, University of British Columbia. Centre for Human Settlements, Asian Urban Research Network.
- Oldenburg, Ray. *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and How They Get You through the Day*. 1<sup>st</sup> ed. New York: Paragon House, 1989.
- Peh, Chehui. 'Politicizing Heritage: The Intangibility of Shanghai's Shikumens'. National University of Singapore, 2014.
- Pellow, Deborah. 'No Place to Live, No Place to Love: Coping in Shanghai'. In *Urban Anthropology in China*, edited by Gregory Eliyu Guldin and Aidan Southall. Leiden, the Netherlands: Brill, 1993, pp. 396-424.
- Peng, Ruijue. 'Towards a New Housing Approach: Analysis of Settlement Environment and Housing Policy in Shanghai, China'. M.S. Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1986.
- Ren, Xuefei. 'Forward to the Past: Historical Preservation in Globalizing Shanghai'. *City & Community* 7, no. 1 (2008), pp. 23-43.
- and Meng Sun. 'Artistic Urbanization: Creative Industries and Creative Control in Beijing'. *International Journal of Urban and Regional Research* 36, no. 3 (2012), pp. 504-521.
- Rowe, Peter G. *Civic Realism*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- and Seng Kuan. *Shanghai: Architecture and Urbanism for Modern China*. Munich; New York: Prestel, 2004.
- Shao, Qin. *Shanghai Gone: Domicide and Defiance in a Chinese Megacity*. State & Society in East Asia Series. London: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.
- Shin, Hyun Bang. 'The Right to the City and Critical Reflections on China's Property Rights Activism'. *Antipode* (2013): n/a-n/a.
- The Guardian Cities, and Sue Anne Tay. 'Blogger of the Week: Sue Anne Tay of Shanghai Street Stories: Sue Anne Tay in Shanghai'. *The Guardian* (2014). Published electronically April 7, 2014. <http://www.theguardian.com/cities/2014/apr/07/blogger-of-the-week-sue-anne-tay-of-shanghai-street-stories>.
- Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.
- White, Merry I. *Coffee Life in Japan*. California Studies in Food and Culture, Vol. 36, Berkeley: University of California Press, 2012.
- Wirth, Louis. 'Urbanism as a Way of Life'. *American Journal of Sociology* 44, no. 1 (1938), pp. 1-24.
- World Population Review. 'Shanghai Population 2015' (2014).
- Wu, Fulong, and Shenjing He. 'Property-Led Redevelopment in Post-Reform China: A Case Study of Xintiandi Redevelopment Project in Shanghai'. *Journal of Urban Affairs* 27, no. 1 (2005).
- Yager, Greg, and Scott Kilbourn. 'Lessons from Shanghai Xintiandi: China's Retail Success Story'. *Urban Land Asia*, 2004, pp. 34-37.
- Yang, Jian. 'Shikumen Pledged Extra Protection after Readers Offer City Suggestions'. *Shanghai Daily*, August 25, 2014 2013, A4.
- Yung, Esther Hiu Kwan, Edwin Hon Wan Chan, and Ying Xu. 'Sustainable Development and the Rehabilitation of a Historic Urban District—Social Sustainability in the Case of Tianzifang in Shanghai'. *Sustainable Development* 22, no. 2 (2014), pp. 95-112.

## RESUMOS

**Património de Macau: Um Estudo das Tradições e do ADN Cultural da Cidade**

Macau, a cidade ocidental mais antiga na Ásia, reconhecida pela UNESCO como Património da Humanidade, foi uma cidade desenvolvida pelos Portugueses numa península vazia nos mares do Sul da China.

Este estudo analisa os principais factores na evolução urbana de Macau, particularmente as tipologias portuguesas de edifícios, praças, ruas e ambientes que constituem parte do ADN cultural de Macau, que originaram a sua forte identidade cultural que sobreviveu por cinco séculos num ambiente predominante Chinês. Quais são os principais paradigmas, tipologias, códigos e tradições que construíram a cultura e a cidade ao longo dos séculos e quais os factores cruciais para a sua preservação futura, correcta interpretação e desenvolvimento futuro. A primeira parte desta pesquisa concentra-se em elementos históricos, como a formação da sociedade medieval portuguesa que se reflecte no carácter da cidade. A segunda parte analisa e identifica tipologias urbanas e arquitectónicas do património da cidade como elementos-chave para uma abordagem eficaz em projecto de reabilitação urbano-arquitectónica, necessária para proteger e manter vivas as heranças e tradições que lutam para sobreviver contra as muitas ameaças dos estilos da globalização, camuflados como autênticos ou intervenções minimalistas. São "minimalista" devido à falta de componentes da tradição local que formaram a língua vernácula. Como o conceito de autenticidade só pode ser ligado ao conceito de "autor" como entidade individual ou resultante da tradição colectiva, a identificação do estilo contemporâneo e internacional como "autêntico" só pode trazer desastre ao apagar a memória, tradição e cultura que construiu ao longo dos séculos a identidade cultural única da cidade, enraizada em tradições chinesas e portuguesas.

Este estudo também mostra as ameaças ao património cultural sino-português com a importação de novos paradigmas urbanos de altamente densa Hong Kong e dos casinos mega-shoppings de Las Vegas. [Autor: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6-27]

**A Arqueologia Urbana: Uma Abordagem para Macau**

Durante a administração Portuguesa – em Coloane com a colaboração de entidades de Hong Kong, com o Projecto Global de Recuperação das Ruínas de São Paulo e resultante do Projecto do Museu de Macau na Fortaleza do Monte e sua ligação ao Colégio de São Paulo; depois de 1999, na RAEM, em Coloane e ainda na zona Nascente do Colégio de São Paulo. O desenvolvimento urbano da cidade, sua relação com a arqueologia e a pressão imobiliária. A necessidade de uma legislação preventiva, de salvaguarda e de valorização do património arqueológico. A criação de uma carta arqueológica num modelo adequado ao território, visando o registo e salvaguarda dos vestígios patrimoniais que testemunhem a ocupação humana, do passado à actualidade. Esse registo como forma de transmissão do legado cultural às gerações futuras, fundamental para a construção da memória comum, da identidade colectiva – da "Gente de Macau". A transformação de Macau numa cidade destino de turismo cultural e não só sinónimo de jogo, devido ao seu legado patrimonial arqueológico, histórico e arquitectónico e de simbiose cultural e social únicas. A metodologia para a criação de uma carta arqueológica, desde a compilação das anteriores campanhas, passando pela aquisição de fontes ainda dispersas, até à criação de um zonamento e hierarquização de áreas de potencial arqueológico. A inevitável conclusão de que importa investir na definição e promoção da "auto-estima" na identidade Macaense como forma de garantir a valorização do nosso

património material e imaterial. A proposta de criação de uma equipa multidisciplinar num departamento dinâmico e pro-activo, com um modelo de gestão próprio responsável pela comunicação entre as diversas entidades responsáveis pelo ordenamento do território e pela promoção de um plano de gestão territorial integrado, capaz de garantir a manutenção da classificação d'O Centro Histórico de Macau como Património Mundial. [Autora: Filomena Vicente, pp. 28-44]

**O Poder do Fraco na Construção do Lugar: Acupunctura e Outras Terapias para Macau**

A globalização, o crescimento urbano acelerado, o aumento da mobilidade e da conectividade virtual, e a resultante redução da atenção ao ambiente físico põem em risco o nosso relacionamento com pessoas e lugares que costumavam ser importantes para nós. Como resultado, perdemos-nos no processo de adaptação ao ambiente urbano, sentindo-nos cada vez mais desenraizados, e tentamos a sua adaptação ao invés, levantando o problema da ligação entre a construção do lugar e a conservação do património. Este fenómeno é particularmente agudo no Delta do Rio das Pérolas, que abriga a mais rápida e extensa urbanização contínua do mundo. Além disso, a população urbana da região está confinada a apenas 10 por cento do seu território, tornando a ocupação extremamente densa. Este crescimento rápido e desigual é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade chinesa e põe em causa os modos tradicionais de planeamento de cidades, gerando a necessidade urgente de estratégias alternativas. Assumindo que a construção do lugar tem uma forte base afectiva, este artigo estuda o afecto na experiência do espaço público para identificar as qualidades arquitectónicas que mais contribuem para a ligação ao lugar. A pesquisa combina noções de arquitectura, fenomenologia, psicologia e neurociências a fim de investigar

## RESUMOS

os processos associados à percepção e codificação de pistas espaciais que induzem a ligação ao lugar e uma melhor utilização do espaço público. A hipótese de trabalho parte das noções de ‘arquitetura fraca’ e ‘acupuntura urbana’ como meios para facilitar a ligação ao lugar, poupando recursos. A análise é baseada no estudo de caso de uma intervenção em Hong Kong e alguns outros exemplos de Taipé e Macau. [Autor: Diogo Teixeira, pp. 45-71]

### Arquitetura em Divagação: Manuel Vicente em Macau

É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de Manuel Vicente seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando uma narrativa interrompida.

Mesmo que MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridez genética de Macau lhe assentou como uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense. Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida.

Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau. De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios “ocidentais”, uma linguagem já local. Nestes últimos desenhos de MV, o “ocidente” é já uma referência

distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação.

[Autor: Jorge Figueira, pp. 72-83]

### Activismo e Projecto no Contexto de Macau: Sobrepondo Valores à Intenção em Arquitectura

As primeiras incursões no Oriente por parte de intelectuais modernos europeus no início do século xx, desde Hermann Hesse, Bruno Taut, Pierre Jeanneret entre outros, desde a Índia até ao Japão, tiveram um impacto significativo em determinados desenvolvimentos da arquitectura modernista. O facto de ter havido uma mudança de paradigma desde o Neoclássico, juntamente com a crença na democratização da tecnologia e a estética industrial, e a sua expansão, através dos impérios coloniais, levou a um novo sistema simbólico de expressão em arquitectura.

É à luz de todos estes eventos que a Escola Portuguesa de Macau (também conhecida como Escola Pedro Nolasco ou Escola Comercial), concebida pelo mestre português Raúl Chorão Ramalho é um edifício signficante. Contém todas estas questões culturais e civilizacionais no seu estado primitivo e relaciona-se com elas de forma criativa. Reflecte o conflito do discurso do século xx, tentando reinventar um lugar para a arquitectura através do manuseamento da luz, planta livre, orientação, ventilação natural, proporção e submissão a um sistema total de ordem e universalismo.

O edifício está em risco de demolição desde 2003. Num pequeno artigo que publiquei na revista da Associação de Arquitectos – Arquitectura Macau – em 2007, que intitulei “Jornada a Este”, em referência ao romance mitológico, onde procurei exprimir o que o edifício representa para Macau e para a historiografia da arquitectura do Movimento Moderno e a sua transmigração, nomeadamente do efeito fenomenológico de termos este artefacto modernista, produzido pela *inteligência* portuguesa e implantado em solo chinês. No artigo propõe-se narrar o meu envolvimento na protecção deste monumento moderno de significado

transnacional e cultural, durante um período de dez anos, num processo de Activismo e Projecto, começando com a publicação de artigos, a elaboração de abaixo-assinados e o projecto que desenhámos para o interior de um dos pátios da escola, inserido no complexo Modernista, que culminou com a atribuição do prémio UNESCO para Inovação em contextos históricos, em 2012, e de como esta série de acções construíram a defesa de uma causa pública de protecção do edifício. [Autor: Rui Leão, pp. 84-91]

### Macau: 9 Entrevistas e o Contexto *eXistenZ* da Incerteza

Num mundo onde a tecnologia, o espectáculo e o excesso parecem eclipsar antigos conceitos da arquitetura, do indivíduo e da sociedade, quais são as características actuais de Macau enquanto cidade? Se existe algum consenso, é o de que o que está a acontecer em, e a Macau, interessa, porque este nível de transformação nunca foi visto ou tentado antes. E, se nisso existe uma espécie de beleza terrível, em termos de escala e alcance, ninguém sabe ao certo como tudo acabará e que impacto terá sobre o futuro dos cidadãos de Macau. *Macau: O Contexto Existente da Incerteza* fornece uma visão abrangente das mudanças sociais, territoriais e culturais que assolaram Macau nas últimas décadas. Este ensaio reúne excertos de 9 entrevistas realizadas entre Junho de 2013 e Novembro de 2014. Trata essencialmente de arquitectura e de arquitectos, remete para as memórias, as experiências, as fronteiras e os trânsitos daqueles que habitam Macau. O título deste ensaio pretende aludir ao contexto de incerteza que paira sobre o futuro de Macau mas também à mistura de estilos, na fantasia desenfreada, no exotismo e na ousadia que caracterizam o tecido urbano do território. A relevância do projecto passa por analisar o tempo da nossa condição contemporânea, lançando a partir de Macau, olhares reflexivos acerca dos desafios que a vida urbana moderna em Macau supõe. [Autor: Tiago Saldanha Quadros, pp. 92-103]

### Das Casas de Câmara e Cadeia ao Leal Senado de Macau: Um Percurso de ReciproCidades

Este artigo tem como objectivo a análise das tipologias arquitectónicas dos paços concelhios no decorrer dos séculos xiv a xviii, e identifica os traços comuns dos edifícios que, em Portugal, desempenhavam tarefas ligadas à gestão municipal, destacando os modelos utilizados na gestão de territórios cuja dimensão e distanciamento iam introduzindo uma crescente complexidade no sistema administrativo. Mais tarde, no período do Renascimento e no contexto de uma sociedade mais complexa, culta e exigente, ao edifício dos Paços do Concelho vai juntar-se uma Praça, que se torna um elemento importante no modelo do controlo territorial e na gestão da “Imagem do Poder”, pois era relevante que os dirigentes locais – os vereadores – avistassem a multidão que os escutava e nesse mesmo acto fossem vistos como representações do poder.

Assim, iremos abordar a questão das Praças ou Largos Municipais que, em conjunto com os edifícios camarários, maximizavam a simbologia do poder local, passando a ser incluídas de forma “disciplinada” nos novos planeamentos urbanos do século xvii, com especial relevo no caso do Brasil, em que passaram a ser pilares da sociedade local.

Por último iremos analisar o caso do Edifício do Leal Senado e Praça do mesmo nome, em Macau, que ilustram de forma evidente os conceitos adoptados em Portugal e nas antigas colónias, demonstrando um “dispositivo” local de gestão territorial que, ainda hoje, passados 500 anos, encontra eco e justificação. [Autora: Maria José de Freitas, pp. 104-123]

### O Património Industrial de Macau (até 1999). Estudo das Fábricas de Panchões

Remontando à dinastia Han (206 a.C.– 220 d.C.), os panchões são um elemento central da cultura, religião tradicional e quotidiano na China. Macau não foge a essa tradição, assumindo-se como um dos

polos históricos da produção deste artefacto da milenar arte da pirotecnia oriental. O conceito é chinês, mas o termo é de matriz de Macau, onde assume particularidades, não apenas na produção, fábricas e técnicas, mas também no *branding*, comércio e uso. Neologismo do termo chinês *bianpao* (“cartucho de pólvora revestido de papel”), ou *pau-tcheong*, surge no patuá macaense como *panchá*, fogueite usado nas festividades, particularmente no Ano Novo Chinês. Mas não apenas no Ano Novo Lunar – o ruído da explosão serve para afastar um monstro, Nian, que mata gentes e gados nesses dias festivos, ou para acordar o dragão benfazejo), mas em todo o ano, em festivais ou simples idas aos templos de Macau, ao contrário da China continental, onde é só usado nas épocas festivas. Muitas foram as fábricas e marcas que se instalaram no território desde fins de Oitocentos até fins do século xx, com destaque para a Iec Long, na Taipá. [Autor: Vítor Teixeira, pp. 124-135]

### Vida e Morte das Casas de Vielas de Xangai: Repensar Comunidade e Preservação Histórica

A partir do final do século xix e até ao primeiro semestre da era comunista de Mao, a maioria dos residentes em Xangai vivia em casas tradicionais de vielas chamadas *lilong* (lit. “bairros de ruelas” de Macau ) ou *longtang* (lit. “pátio de vizinhança”). Em Xangai, estas casas eram essencialmente réplicas das casas geminadas das cidades europeias, de construção económica e espacialmente eficientes, que as potências estrangeiras em Xangai estabeleceram como tipo dominante de residência nas áreas de concessão durante o período de semi-colonização da cidade (1842-1949). Com o advento das reformas económicas e consequente abertura no início de 1980, as *lilong* deixaram de ser considerados a forma mais económica de habitação e, por isso, têm sido arrasadas a um ritmo vertiginoso. Em Xangai, onde novos prédios estão a ser construídos, para servir uma das maiores metrópoles do mundo, as *lilong* são cada vez mais encaradas como estruturas obsoletas; portanto, a maior

## ABSTRACTS

parte tem sido votada à ruína por falta de manutenção. A história da arquitectura de Xangai está imbuída da história de múltiplas representações estilísticas ocidentais. Embora sejam cada vez mais raras as casas *lilong* em bom estado na cidade, o esforço dos conservacionistas locais tem ajudado a manter algumas delas intactas como “monumentos do passado”. No entanto, a fim de as posicionar no presente económico, têm sido gradualmente remodeladas (ou em alguns casos, reconstruídas) para servir uma série de novos efeitos, por exemplo, como empresas comerciais e de varejo. Partindo do caso de Xangai, com o qual ambos os autores, pesquisadores e urbanistas, estão familiarizados enquanto residentes de longa duração, iremos abordar a preservação histórica orientada em torno da ideia de meios de subsistência e economia local liderada pelo *magnum opus* clássico sobre estudos urbanos de Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1961). Além disso, discutiremos ideias de urbanistas contemporâneos como Charles Montgomery e Edward Glaeser na forma como o património arquitectónico e desenho urbano podem desempenhar um papel sério na melhoria não só das características urbanas, mas também da qualidade de vida dos habitantes da cidade. Duas ideias fundamentais – “preservação em grupo” e “diversificação do meio” – estarão no centro da nossa análise, juntamente com métodos práticos de implementação além Xangai. [Autores: Non Arkaraprasertkul e Matthew Williams, pp. 136-150]

## RESUMOS

## ABSTRACTS

## ABSTRACTS

**Macao Heritage: A Survey of the City's Traditions and Cultural DNA**

The old urban settlement of Macao, the oldest western city in Asia, recognised by UNESCO as a part of World Heritage, was a city developed by the Portuguese on an empty peninsula in the South China Sea.

This study analyses the main factors, particularly Portuguese urban patterns, buildings, squares, streets and environments that embody the cultural DNA of Macao and which helped the city to develop a robust cultural identity and survive for centuries in a strong Chinese environment. What are the key paradigms, patterns, codes and traditions that built that culture, and the crucial factors for its future preservation, correct interpretation and future development? The first part of this research focuses on historical elements like the forging of the Portuguese medieval society that contributed to the character of the city. The second part analyses and identifies urban and architectural typologies of the city heritage as key elements for an effective rehabilitation design approach, necessary for protecting and keeping alive our heritage and traditions that are struggling to survive against the many threats of the globalisation styles camouflaged as authentic or minimalist interventions. They are 'minimalist' due to the lack of local tradition components that formed the vernacular language. As authenticity can only be linked to the individual author or collective tradition, the identification of contemporary and international style as authentic can only bring disaster by erasing the memory, tradition and culture that built for centuries the unique cultural identity of the city rooted in Portuguese and Chinese traditions. This study also shows the threats to the Portuguese Chinese heritage with the importation of new urban paradigms from high density Hong Kong and the casinos' mega malls from Las Vegas.

[Author: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6-27]

**The Urban Archaeology: An Approach to Macao**

During the Portuguese administration, this was accomplished in Coloane with the collaboration of the Hong Kong authorities; in Macao, it was done through the Global Project Recovery of the St Paul's Ruins and as a result of the Macao Museum Project at Mount Fortress and its connection to St Paul's College; and after 1999, as RAEM, also in Coloane as well as in the East Zone of St Paul's College.

Taking into consideration the city's urban development, its relationship with archaeology and the strong real estate pressure, there is a need for a preventive law, and the necessity for the safeguarding and enhancement of the archaeological heritage.

The creation of Macao's global archaeological map with a customised model of the territory, will seek the identification and protection of heritage remains that bear witness to human occupation from the past to the present. This system as a means of transmission of cultural heritage to future generations is vital to the construction of the city's collective memory and identity—the 'Macao people'.

Its archaeological, historical and architectural heritage legacy as well as its unique forms of social and cultural symbiosis, help transform Macao into a cultural tourism destination city and not only as a gaming mecca. We will work towards the creation of an archaeological global map, with the help of the compilations acquired in previous campaigns and also through the gathering of information still dispersed throughout the city. This will lead to a zoning demarcation and hierarchy of archaeological potential areas. The inevitable conclusion then is that we must invest in and promote the 'self-esteem' in the Macanese identity, in order to guarantee the value of our tangible and intangible heritage.

The aim is to establish a multidisciplinary team in a dynamic and pro-active department with an individual

management model responsible for the communication between the several entities in charge of spatial planning. The goal is also to promote an integrated land management plan, capable of guaranteeing the classification of The Historic Centre of Macao World Heritage Site.

[Author: Filomena Vicente, pp. 28-44]

**The Power of the Weak in the Construction of Place: Acupuncture and Other Therapies for Macao**

Globalisation, fast urban growth, increased mobility and virtual connectivity, and the resulting decreased attention to the physical environment, jeopardise our relationship with people and places that used to be important to us. As a result, we get lost in the process of adaptation to the urban environment, feeling increasingly uprooted, and try its adaptation instead, raising the problem of the link between place-making and heritage conservation. This phenomenon is particularly acute in the Pearl River Delta (PRD), home to the fastest and largest extension of continuous urbanisation in the world. Furthermore, the region's urban population is confined to barely ten per cent of its territory, making it extremely dense. This fast and uneven growth is one of the greatest challenges faced by Chinese society and calls into question traditional modes of planning cities, raising the urgent need of alternative strategies. Assuming that the construction of place has a strong affective foundation, this paper studies affect in the experience of space to identify the architectural qualities that contribute most to place attachment. The research combines insights from architecture, phenomenology, psychology, and neuroscience; in order to investigate the processes associated with perception and encoding of spatial cues that induce place attachment and enhanced use of public space. The working hypothesis departs from the notions of 'weak architecture' and 'urban acupuncture', as means to facilitate the construction of place while saving resources. The analysis

is based on the case study of an intervention in Hong Kong and some other examples from Taipei and Macao.

[Author: Diogo Teixeira, pp. 45-71]

**Architecture in Digression: Manuel Vicente in Macao**

Is it possible, as an architect, to digress? Perhaps a key for the reading of Manuel Vicente's work is that of a digression sculpted in countless buildings which keep on resuming an interrupted narrative. Even though MV was not interested in a project of 'fusion', the truth is that the genetic hybridity of Macao fitted him like a second skin. Maybe even more than that. Although not conceptually sought or forced, this encounter happened. And it is outside a 'western' framework that MV's work can be understood. His last projects are already much appropriated by an affiliation we have to describe as Macanese.

Even without the purpose of a conceptual opportunism, MV's interstitial architecture lives from the interstitial logic of Macao, that is, from the meanders of a dense fabric which is intended to densify and intensify. At a certain point, maybe it fantasises with the idea of a spectral architecture that merely potentiates life.

What happens today is that Macao is taking over those structures: either erasing them, or eclipsing their notoriety or, despite everything, keeping them working. MV's works are little inhabited machines which are being swallowed by or integrated with the permanently mutating body of Macao.

In any case, the Areia Preta Fire Station seems to me to be a project of an Asian architect, with small 'western' episodes, an already local language. In these last drawings of MV, the 'west' is already a distant reference, almost bookish, and Macao the definitive body of digression. [Author: Jorge Figueira, pp. 72-83]

**Design Activism in the Context of Macao: Adding Layers to Architectural Intent**

The first incursions into the East by modern European intellectuals at the beginning of the 20<sup>th</sup> century,

from India to Japan, had a significant impact on certain developments of Modernist Architecture. The fact that there was a paradigm shift from the Neoclassical, joined by a belief in the democratisation of technology and industrial aesthetics, and its expansion through colonial empires, pushed for a new symbolic system of expression in architecture.

It is in the light of all these events that the Portuguese School of Macao, designed by the Portuguese Master Raúl Chorão Ramalho, is a significant building. It contains all these cultural and civilisational question marks in its formal roots, and deals with them creatively. It reflects this conflict of discourse in the 20<sup>th</sup> century, trying to re-invent a place for architecture through the management of light, open space, orientation, natural ventilation, proportion, and submission to a total system of order and universalism. The building has been under threat since 2003. In the small article which I wrote in our Association's journal—*Arquitetura Macau*—in 2007, which I entitled 'Journey to the East', in reference to the mythological romance, I tried to talk not so much about why I personally appreciated the building, but what I thought it meant to Macao and to the historiography of Modernism and its cultural transmigration: the phenomenological effect of having this modernist artefact coming out of the Portuguese *intelligenza* and erected directly on Chinese ground.

This article narrates my involvement with the protection of this Modernist monument of trans-cultural and trans-national significance throughout a ten-year period, in a process of Design Activism, starting with the publication of articles by myself and others, the elaboration of petitions and our small design of a reading room inserted inside the Modernist complex, which culminated in the award from UNESCO for New Design in Heritage Context (Jury Commendation) in 2012, and how all of these actions built a public case in defense of the building's preservation. [Author: Rui Leão, pp. 84-91]

**Macao: 9 Interviews and the eXistenZ Context of Uncertainty**

In a world where technology, spectacle and excess seem to eclipse former concepts of architecture, the individual and society, what might be the current characteristics of Macao as a city? If there is any consensus it is in the notion that what is happening to and in Macao matters, because this level of transformation has never been seen or attempted before. And while it has a kind of terrible beauty in its scale and scope, no one is quite sure how it will ultimately impact on the future of Macao citizens. *Macao: The Existing Context of Uncertainty* provides a comprehensive overview of the social, territorial and cultural changes that have swept through Macao over the last decades.

This essay unites excerpts from nine interviews with architects, researchers and university professors conducted between June 2013 and November 2014. Dealing essentially with architecture, it is about the memories, experiences, boundaries and movements of those who inhabit Macao. The paper's title is an allusion to the context of uncertainty that hovers over Macao's future, but also to the mixture of styles that exist in the unbridled fantasy, exoticism and boldness that characterise the urban fabric of the Territory. The essay's relevance is in its analysis of the contemporary condition of our times, and in its directing, from the point of view of Macao, an inward gaze at the challenges that Macao's modern urban life presents.

[Author: Tiago Saldanha Quadros, pp. 92-103]

**From Chamber House and Jail to Macao's City Hall: A Reciprocal Path**

This article aims to analyse the architectural typologies of municipality buildings, from the 14<sup>th</sup> through to the 18<sup>th</sup> century, in order to identify the common traits of the structures developed in Portugal, which involved similar tasks of land management, emphasising the models used in the management of the territories whose size

## RESUMOS

and distance were introducing an increasing complexity in the system. Later on, in the Renaissance period, in the context of a more demanding, cultural and complex social behaviour, an important element of territorial control model was attached and the town hall building was linked to a public square. This became an important element in the management of the 'Image of Power' as it was relevant that local officials—councilors—were the first sight of the listening crowd, and in the act were seen as symbols of authority.

We will also address the issue of squares or municipal squares, to complement the local government exercise, together with the City Council buildings, that maximise the symbolism of local government, becoming included in a 'disciplined' manner in the new urban planning of the 14<sup>th</sup> century, notably in the case of Brazil, and considered structures of the local society.

Finally we will examine the case of the Leal Senado Building and square of the same name, located in Macao, illustrating in an obvious manner the concepts adopted in Portugal and in the former colonies, demonstrating a 'device' of local land management that even today, after 500 years, is echoed and justified.

[Author: Maria José de Freitas, pp. 104-123]

### The Industrial Heritage of Macao (before 1999). A Case Study of Firecracker Factories

Dating from the Han Dynasty (206a.C. - 220 AD), firecrackers have been a central element of culture, traditional religion and daily life in China. Macao is no exception to this tradition, being one of the historic centres of production of this artefact of the ancient oriental art of pyrotechnics. The concept is Chinese, but the term is from the Macao matrix, with some particularities in production, factories and techniques, but also in branding, trade and use. Neologism of the Chinese term *bianpao* ('powder cartridge coated by paper') or 'pau-tcheong', appears in Macanese *Patuá* as *panchão*, a rocket used in the festivities, particularly in the Chinese New Year.

The noise of the explosion serves to ward off a monster, Nian, which kills people and cattle during these festive days, or to wake the good dragon throughout the year, at festivals or simple visits to temples in Macao. Many factories and brands have been established in the territory from the end of the 19<sup>th</sup> century until the late 20<sup>th</sup> century, with emphasis on Iec Long, Taipa.

[Author: Vítor Teixeira, pp. 124-135]

### The Death and Life of Shanghai's Alleyway Houses: Re-thinking Community and Historic Preservation

From the late 19<sup>th</sup> century to the first half of the high communist era under Mao, most of the residents in Shanghai lived in alleyway houses called *lilong* (lit. Macao 'neighbourhood lanes') or *longtang* (or lit. 'living hall').

In Shanghai, these houses were essentially replicas of the economically-built and spatially efficient row houses in European cities, which the foreign powers spearheaded in Shanghai as the dominant forms of residence in the concession areas during the city's quasi-colonisation period (1842-1949). With the advent of the economic reforms and the opening-up of the early 1980s, the *lilong* houses were no longer regarded as the most economical form of housing, and have therefore been razed to the ground at a breakneck pace. In Shanghai, where new buildings are being constructed to serve one of the world's largest metropolises, the *lilong* houses are being seen more and more as outdated structures; therefore, most of them have been left in ruin due to a lack of maintenance. The history of Shanghai's architecture is imbued with the history of multiple western stylistic representations. Although it has become rarer to see complete *lilong* houses in the city, the effort of local building conservationists has helped to keep some of them intact as 'monuments of the past'. However, in order to give them a place in the economic present, they have been gradually refurbished (or in some cases, rebuilt) to serve a series of new purposes, namely as commercial and retail businesses.

Through the case of Shanghai, with which both authors are acquainted as long-term residents, researchers, and urbanists, we will develop an approach to historic preservation that is oriented around the idea of livelihood and local economy spearheaded in Jane Jacobs' 1961 classic magnum opus in urban studies, *The Death and Life of Great American Cities*. In addition, we will discuss ideas from contemporary urbanists such as Charles Montgomery and Edward Glaeser in how heritage architecture and urban design might play a critical role in improving not only the urban characteristics, but also the quality of life of the people living in the city. Two main ideas—'group preservation' and 'diversification from within'—will be central to our analysis, along with practical methods for implementation beyond Shanghai. [Authors: Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams, pp. 136-150]

郵票  
Selo

中國 澳門  
塔石廣場  
文化局大樓  
澳門特別行政區政府文化局  
《文化雜誌》編輯部

INSTITUTO CULTURAL do Governo  
da Região Administrativa Especial de Macau  
**Revista de Cultura**  
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural  
Macao, China

# RC

**Boletim de Assinatura**  
Subscription Form  
**Aquisição de Publicações**  
Back Issue Order

- Desejo fazer uma assinatura anual (4 números) da RC Edição Internacional a partir do n.º \_\_\_\_\_
- I would like to subscribe to RC International Edition (4 issues) starting from No. \_\_\_\_\_
- Desejo adquirir o(s) seguinte(s) número(s) \_\_\_\_\_ da RC Edição Internacional
- I would like to buy No(s) \_\_\_\_\_ of RC International Edition
- Desejo adquirir o(s) seguinte(s) número(s) \_\_\_\_\_ da RC Edição Portuguesa e/ou \_\_\_\_\_ da Edição Inglesa
- I would like to buy RC back issue(s) No(s) \_\_\_\_\_ of the Portuguese Edition and/or No(s) \_\_\_\_\_ of the English Edition

Nome / Name

Endereço / Address

Tel.

e-mail

**Forma de Pagamento**  
Payment

- Junto envio o saque bancário em nome de **Fundo de Cultura** n.º \_\_\_\_\_ no valor de MOP / US\$ \_\_\_\_\_
  - Enclosed please find bank draft no. \_\_\_\_\_ payable to **Fundo de Cultura** for the amount of MOP / US\$ \_\_\_\_\_
- Endereçar a / Send to**  
Revista de Cultura – Instituto Cultural do Governo da RAEM  
Edifício do Instituto Cultural – Praça do Tap Seac – Macau, China
- Cartão de Crédito / Credit Card
    - Visa
    - Master

Nome do portador do cartão / Cardholder's name

N.º do cartão / Credit card no.

Validade (mês/ano) / Expiry date (m/y)

Por favor, indique os 3 últimos algarismos constantes da zona reservada para a assinatura na parte posterior do cartão



Please write the last 3 digits of the number printed on the signature strip at the back of your credit card



Eu, \_\_\_\_\_, autorizo o Instituto Cultural do Governo da RAEM a debitar o meu Cartão de Crédito no montante de \_\_\_\_\_ pela aquisição da(s) publicação(ões) referida(s).

Data

Assinatura do titular do cartão

I, \_\_\_\_\_ hereby authorize the Instituto Cultural do Governo da RAEM to debit my account stated as above, for the amount of \_\_\_\_\_ in order to buy the above-mentioned publication(s)

Date

Signature of cardholder

**50%** de desconto do preço de capa na compra de 4 exemplares.  
discount off cover price when buying 4 issues.

*Números anteriores Edição Internacional*

# Revista de Cultura

*Back issues International Edition*



**N.º 37 Janeiro/January 2011**

Portugal e China:  
Duas Revoluções, Dois Centenários - II  
*Portugal and China:  
Two Revolutions, Two Centenaries - II*



**N.º 38 Abril/April 2011**

Macau: Artes e Letras - I  
*Macao: Arts & Letters - I*

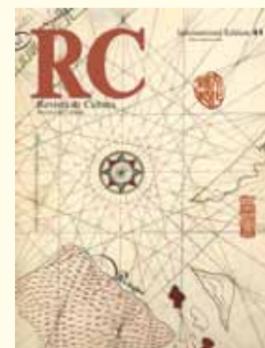


**N.º 39 Julho/July 2011**

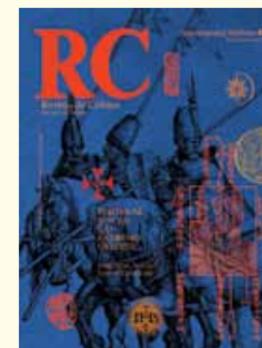
Macau Artes e Letras - II  
*Macao Arts & Letters - II*



**N.º 40 Outubro/October 2011**



**N.º 41 Janeiro/January 2013**

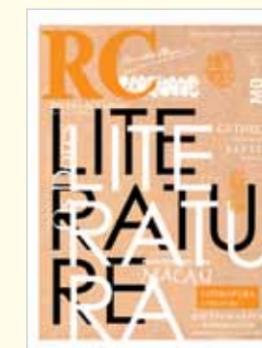


**N.º 42 Abril/April 2013**

Portugal, Macau e o Extremo Oriente  
*Portugal, Macao and the Far East*

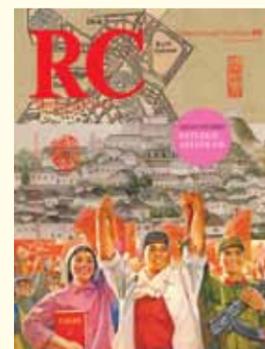


**N.º 43 Julho/July 2013**



**N.º 44 Outubro/October 2013**

Literatura  
*Literature*



**N.º 45 Janeiro/January 2014**

Estudos Asiáticos  
*Asian Studies*



**N.º 46 Abril/April 2014**



**N.º 47 Julho/July 2014**



**N.º 48 Outubro/October 2014**

Para encomendar qualquer destes exemplares ou para fazer uma assinatura, preencha e envie s.f.f. o formulário destacável da página anterior. Para saber da disponibilidade dos números das séries anteriores (edição portuguesa e edição inglesa) bem como da edição chinesa, queira contactar-nos: [rci@icm.gov.mo](mailto:rci@icm.gov.mo)

To buy any of these issues or to subscribe, please fill in and mail the form on the opposite page. Please contact us at: [rci@icm.gov.mo](mailto:rci@icm.gov.mo) concerning previous series in English and Portuguese, or the current Chinese series.